

O Orfanato da Srta Peregrine para Crianças Peculiares

Ransom Riggs



LeYa

— O ORFANATO DA
SRTA. PEREGRINE
— PARA —
crianças peculiares
— RANSOM RIGGS —

Ficha Técnica

Copy right © 2011 by Ransom Riggs

Tradução para a Língua Portuguesa © 2012, LeYa Editora Ltda, Edmundo Barreiro e

Marcia Blasques

Título original: *Miss Peregrine's Home for Peculiar Children* Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/2/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Publicado a primeira vez em inglês pela Quirk Books, Filadélfia, Pensilvânia.

Este livro foi negociado pela Ute Körner Literary Agent, S.L., Barcelona
www.uklitag.com.

Preparação de texto: Bruna Gomes

Revisão: Márcia Duarte, Vivian Miwa Matsushita, Thais Sayão e Iraci Miyuki Kishi e Alessandra Miranda de Sá

Adaptação de projeto gráfico: S4 Editorial e Vivian Oliveira *Adaptação da capa original:* Vivian Oliveira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP) (Central Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riggs, Ransom

O orfanato da sra. Peregrine para crianças peculiares / Ransom Riggs;
Tradução de Edmundo Barreiro e Marcia Blasques. – 2. ed. – São Paulo:
Leya, 2015.

ISBN 9788544102862

Título original: *Miss Peregrine's Home for Peculiar Children.*

1. Literatura am ericana 2. Ficção am ericana I. Título II. Barreiro, Edmundo III.

Marcia Blasques

15-0789 CDD 823

Índice para catálogo sistem ático

1. Ficção: Literatura am ericana

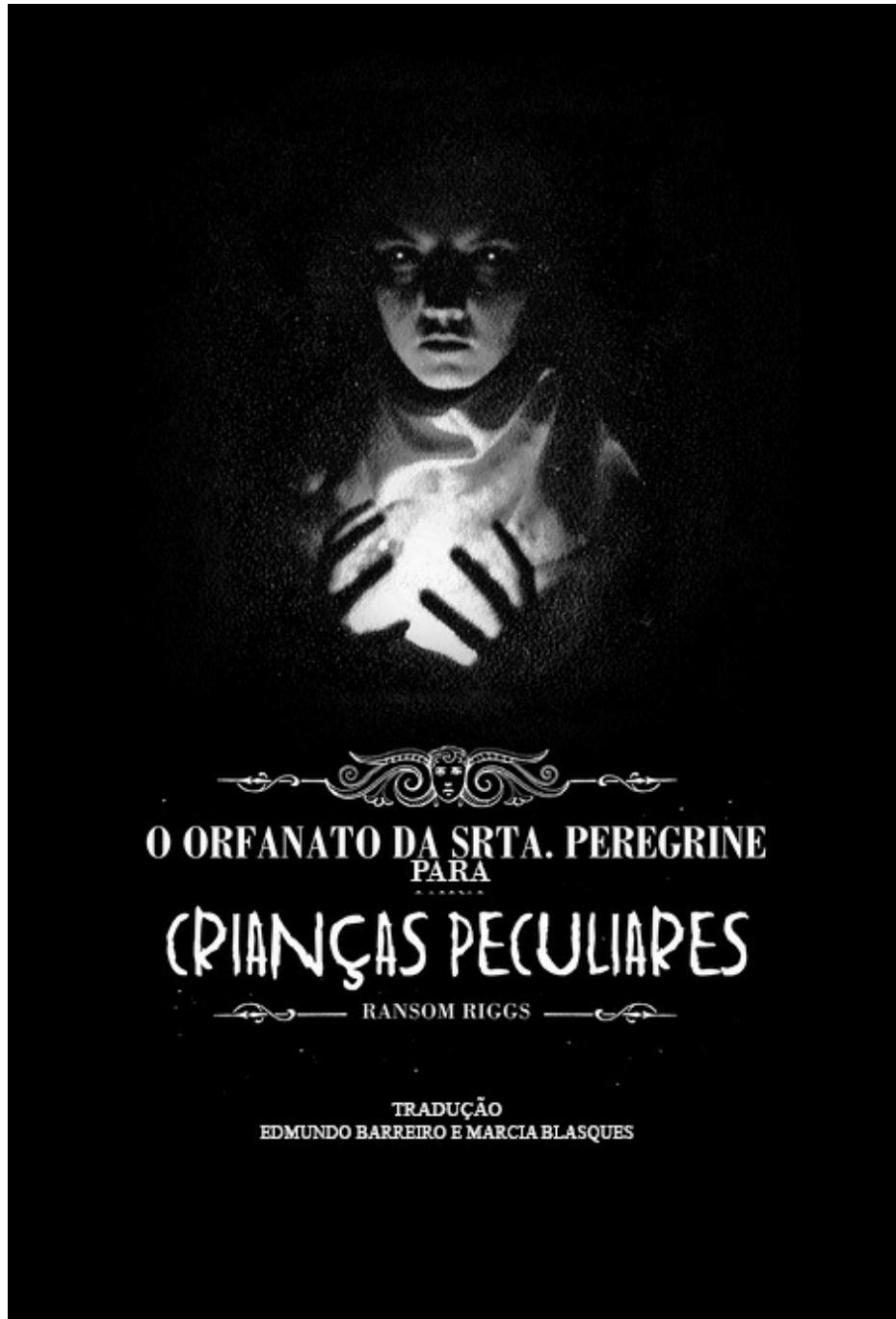
Todos os direitos reservados à

LEYA EDITORA LTDA.

Av. Angélica, 2318 – 13º andar

01228-200 – Consolação – São Paulo – SP

www.leya.com.br



NEM O SONO, NEM A MORTE;

VIVE QUEM PARECE MORTO.

A CASA EM QUE NASCESTE,

AMIGOS DE TUA PRIMAVERA,

VELHO E MOÇA,
A LABUTA DIÁRIA E SEU PAGAMENTO,
ESTÃO TODOS DESAPARECENDO,
FUGINDO PARA FÁBULAS,
NÃO PODEM SER DETIDOS.

Ralph Waldo Emerson

PRÓLOGO

E u tinha acabado de aceitar que minha vida seria apenas comum quando coisas extraordinárias com eçaram a acontecer com igo. A prim eira delas foi um choque terrível e, assim com o qualquer coisa que m uda você para sempre, dividiu m inha vida em duas partes. Antes e depois. Com o m uitíssimas das coisas extraordinárias que viriam , ela envolveu m eu avô, Abraham Portman.

Na m inha infância, vovô Portman era a pessoa m ais fascinante que eu conhecia. Ele tinha crescido em um orfanato, lutado em guerras, cruzado oceanos a bordo de navios a vapor e desertos a cavalo. Foi artista de circo, sabia tudo sobre armas, defesa pessoal e sobrevivência na selva, e falava pelo m enos três línguas além do inglês. Tudo parecia absurdamente exótico para um a criança que nunca saíra da Flórida, e, sem pre que o via, eu im plorava que m e contasse m ais de suas histórias. Ele sem pre m e atendia e as contava com o se fossem segredos que só pudessem ser confiados a m im .

Quando fiz seis anos, decidi que a única m aneira de ter pelo m enos m etade da excitação da vida de m eu avô seria m e tornar explorador. Ele m e encorajava passando tardes ao m eu lado debruçado sobre m apas-m úndi, planejando expedições m aginárias com trilhas m arcadas por alfinetes vermelhos e m e contando sobre os lugares fantásticos que um dia eu iria descobrir. Em casa, m ostrava m inhas am bições desfilando com um tubo de papelão que servia de telescópio e gritando “Terra à vista!” e “Preparar um grupo de desembarque!”, até que m eus pais m e expulsassem para o

quintal. Acho que estavam preocupados que m eu avô m e contam inasse com algum delírio incurável do qual j am ais iria m e recuperar — que essas fantasias de algum a form a estivessem m e infectando contra am bições m ais práticas —, por isso um dia m inha m ãe sentou com igo e m e explicou que eu não podia m e tornar um explorador, porque tudo no m undo j á havia sido descoberto. Isso m e deixou triste, e depois com raiva. Eu tinha nascido no século errado, e m e senti traído.

Pior ainda foi quando m e dei conta de que as m elhores histórias do vovô Portm an não tinham a m ais rem ota possibilidade de ser verdadeiras. As histórias m ais exageradas sem pre eram sobre sua infância, sobre com o nascera na Polônia e com cinco anos de idade fora m andado para um orfanato no País de Gales. Perguntei a ele m uitas vezes e de diversas m aneiras por que ele teve de se separar dos pais, e sua resposta era sem pre a m esm a: porque os m onstros estavam atrás dele. A Polônia sim plesm ente estava infestada deles.

— Que *tipo* de m onstros? — eu perguntava, com os olhos arregalados. Isso se transform ou num a espécie de brincadeira entre nós.

— Daqueles terríveis e corcundas, com pele podre e olhos negros —

respondia ele. — E cam inhavam assim ! — Então ele vinha para cim a de m im com passos pesados e m eio trôpegos, com o um antigo m onstro de cinem a, até eu com eçar a correr, rindo.

Toda vez que ele os descrevia, acrescentava algum novo detalhe assustador: fediam com o lixo podre; eram invisíveis, exceto por suas som bras; tinham tentáculos retorcidos escondidos na boca que podiam se projetar em um instante e puxar você para dentro de suas m andíbulas poderosas. Não dem orou m uito para eu com eçar a ter problem as para dorm ir: m inha im aginação hiperativa transform ava o chiado de pneus sobre o asfalto m olhado em respiração ofegante do lado de fora de m inha janela, ou as som bras sob a porta em tentáculos cinzentos e retorcidos. Eu tinha m edo dos m onstros, m as ficava em polgado em im aginar m eu avô lutando contra eles e sobrevivendo para contar a história.

Ainda mais fantásticas eram suas histórias sobre o orfanato em que viveu no País de Gales. Era um lugar encantado, contava ele, projetado para manter as crianças protegidas dos monstros, em uma ilha onde o sol brilhava todos os dias e ninguém jamais adoecia ou morria. Todos viviam juntos em uma casa grande protegida por uma ave velha e sábia, pelo menos era isso que dizia a história. À

m medida que crescia, comecei a ter minhas desconfianças.

— Que tipo de ave? — perguntei a ele certa tarde, quando tinha sete anos, encarando-o com ceticismo sobre a mesma de jogos na qual ele estava me deixando ganhar no Monopoly.

— Um falcão grande, que fumava cachimbo — disse ele, folheando seu mingauado maço de dinheiro azul e laranja.

— Você deve achar que eu sou muito burro, vovô.

— Eu nunca pensaria isso de você, Yakob. Mas, se não acredita em mim, é problema seu. — Eu sabia que o havia ofendido porque o sotaque polonês do qual ele nunca conseguiu se livrar totalmente tinha saído de seu esconderijo, então não virava *non*, e problema virava *prroblema*.

Sentindo-me culpado, perguntei:

— Mas por que os monstros queriam matar você?

— Porque não eram os com as outras pessoas. Eram os peculiares.

— Peculiares com o?

— Ah, de várias maneiras — disse naturalmente, com o se estivesse discutindo a previsão do tempo. — Havia uma garota que podia voar, um menino que tinha abelhas vivendo dentro dele, um irmão e uma irmã que podiam erguer facilmente pedras enormes.

Era difícil saber se ele estava falando sério. Por outro lado, meu avô não era um piadista. E franziu o cenho ao ler a desconfiança em meu rosto.

— Tudo bem , você não precisa acreditar só porque estou dizendo. Tenho fotos. — Ele afastou a cadeira dobrável e entrou em casa, deixando-m e sozinho na varanda fresca e protegida por tela. Um m inuto depois, voltou com um a velha caixa de charutos nas m âos. Inclinei-m e para a frente quando ele se sentou e pegou quatro fotos am assadas e am areladas.

A prim eira era um a fotografia desfocada do que pareciam roupas sem gente dentro. Ou isso, ou a pessoa não tinha cabeça.

— Claro que ele tem cabeça! — disse m eu avô, sorrindo. — Só que você não podevê-la.

— Por que não? Ele é invisível?

— Nossa, olha só esse cérebro! — Ergueu as sobrancelhas com o se eu o tivesse surpreendido com m eus poderes de dedução. — O nom e dele era Millard.

Um garoto engraçado. De vez em quando ele dizia: “Ei, Abe, sei o que você fez hoj e”, e ele dizia aonde eu tinha ido, o que tinha com ido, se tinha enfiado o dedo no nariz quando achava que ninguém estava vendo... Às vezes ele seguia as pessoas, tão silencioso com o um cam undongo, sem roupas para não ser visto, e ficava só olhando! — Ele sacudiu a cabeça. — Im pressionante, não é?

Ele m e passou outra foto.

— Então? O que está vendo? — perguntou após m e dar alguns instantes para observá-la.

— Um a garotinha?

— E?

— Ela está usando um a coroa.

Ele tocou a parte de baixo da foto.

— E os pés dela?

Olhei aquela fotografia mais de perto. Os pés da menina não tocavam o chão. Mas ela não estava pulando, parecia estar flutuando. Fiquei de queixo caído.

— Ela está voando!

— Quase — disse ele. — Está levitando. Só que não conseguia se controlar muito bem, então tinham os de amarrá-la com um a corda para im pedir que saísse voando.

Meus olhos estavam grudados naquele rosto Moreno de boneca.

— É de verdade?

— Claro que é — retrucou com rispidez e tom ou a foto de mim, substituindo-a por outra, esta de um menino erguendo um a rocha. — Victor e sua irmã não eram muito espertos — disse ele. — Mas, rapaz, com o eram fortes!

— Ele não parece forte — disse eu, enquanto avaliava os braços magros do garoto.

— Acredite em mim, ele era. Um a vez estavam os pescando e encalham os perto da praia. Ele levantou o barco inteiro e o tirou de lá. E eu estava dentro!

Mas a foto mais estranha era a última. Vovô Portman entregou-a a mim e dem orei para entender o que era: a parte de trás de um a cabeça com um rosto desenhado nela.

Fiquei olhando fixamente para a última foto enquanto o vovô explicava:

— Ele tinha duas bocas, está vendo? Um a na frente e outra atrás. Por isso ficou tão grande e tão gordo.

— Mas é de mentira! — disse eu. — O rosto está só pintado.

— Claro, a *pintura* é falsa. Era para um número de circo. Mas estou dizendo a você, ele tinha duas bocas. Não acredita em mim?

Refleti sobre aquilo, olhando para as fotos e depois para mim eu avô, fitando seu rosto tão sincero e franco. Que motivo teria ele para mim entir?

— Eu acredito em você.

E acreditava mesmo, pelo menos durante alguns anos, apesar de fazer isso principalmente por conta própria, do mesmo jeito que outros meninos da minha idade queriam acreditar no Papai Noel. Agarraram-nos a nossos contos de fadas até que o preço por acreditar neles se torna alto demais, com o aconteceu comigo no segundo ano durante o intervalo, quando Robbie Jensen puxou minhas calças para baixo diante das meninas dizendo que eu acreditava em fadas. Acho que ele fez aquilo só porque eu repetia na escola as histórias de meu avô; mesmo assim, naquele momento humilhante, senti, com um nó no estômago, que o apelido de Fadinha iria me assombrar por anos, e, com ou sem razão, fiquei com raiva dele por isso.

Vovô Portman foi me buscar na escola naquela mesma tarde, com o costume de fazer quando meus pais estavam trabalhando. Subi no banco do carona de seu velho Pontiac e declarei que não acreditava mais em seus contos de fadas.

— Que contos de fadas? — disse ele, observando-me por trás dos óculos.

— Você sabe. As histórias. Sobre as crianças e os monstros.

Ele pareceu confuso.

— Quem falou alguma coisa sobre fadas?

Contei a ele que um a história inventada e um conto de fadas eram a mesma coisa, que contos de fadas eram para bebês que me olhavam as calças, e que sabia que suas histórias e fotografias eram falsas. Eu esperava que ele ficasse com raiva ou comecasse uma discussão, mas em vez disso ele disse apenas “Tudo bem”, engatou a primeira no Pontiac, pisou no acelerador e nós arrancamos os com o carro. E isso foi o fim de tudo.

Acho que ele percebeu que esse momento estava chegando. Um dia eu iria crescer e isso acabaria acontecendo, mas ele parou de falar no assunto tão

rapidamente que me deu a sensação de que sem pre tinha me entendido para mim.

Não podia entender por que ele havia inventado tudo aquilo, por que me enganara, querendo me fazer acreditar que coisas extraordinárias eram possíveis quando não eram. Só alguns anos mais tarde finalmente me meu pai me explicou. O

vovô tinha contado a ele algum dessas histórias quando ele era criança, e elas não eram exatamente inteiras, mas versões exageradas da realidade, porque, na verdade, a história da infância do vovô Portman não tivera nada de conto de fadas, mas sim de história de terror.

Meu avô foi o único membro de sua família que escapou da Polônia antes do começo da Segunda Guerra. Ele tinha doze anos quando seus pais o entregaram nos braços de estranhos e enviaram o filho caçula em um trem para a Inglaterra sem nada além de uma mala e a roupa do corpo. Era uma passagem só de ida. Ele nunca mais veria a mãe, nem os irmãos mais velhos, nem os primos, nem as tias e os tios. Todos eles estariam mortos antes de seu décimo sexto aniversário, assassinados por monstros dos quais ele escapara por tão pouco. Mas não eram os mesmos o tipo de monstro com tentáculos e pele podre, com o qual a mente de um menino de sete anos podia lidar. Eram monstros com rosto humano, em uniformes impecáveis e que guardavam em fileiras cerradas, tão desocupados que não se percebia o que eram até ser tarde demais.

Da mesma forma que os monstros, a história da ilha encantada também bem era

a verdade disfarçada. Em contraste com os horrores da Europa Continental, o orfanato que recebera meu avô devia parecer um paraíso, e assim ele transformou suas histórias: um paraíso seguro, de verões sem fim e anjos da guarda e crianças mágicas que, é claro, não podiam voar *de verdade* nem ficar invisíveis ou erguer pedras. A peculiaridade que as fazia ser caçadas era apenas o fato de serem judeus. Eram órfãos de guerra, levados até aquela ilhotinha por um amaré de sangue. O que os tornava fabulosos não era o fato de terem poderes milagrosos. Escapar dos guetos e das câmaras de gás já era algo milagroso por si só.

Depois disso parei de pedir a mim eu avô que me contasse histórias, e acho que no fundo ele ficou aliviado. Um ar de mistério passou a envolver os detalhes dos primeiros anos de sua vida. Eu não tocava no assunto. Ele havia passado pelo inferno e tinha direito a seus segredos. Senti vergonha de ter inveja de sua vida, levando em conta o preço que ele pagara por isso, e tentei me convencer da sorte que tinha pela vida segura e nem um pouco extraordinária que eu nada fizera para merecer.

Então, alguns anos mais tarde, quando eu tinha quinze anos, ocorreu algo extraordinário e terrível, e a partir daí tudo se dividiu apenas em Antes e Depois.









CAPÍTULO UM

Passei a última noite do Antes construindo uma réplica do edifício Empire State em escala 1/10.000, com caixas de fraldas geriátricas. Era algo bonito, de verdade, com um metro e meio na base e mais alto que as prateleiras; em balagens grandes com o alicerces, meias para o terraço panorâmico e pequenas em pilhas metaculosamente para formar sua espiral icônica. Ficou quase perfeito, não fosse por um detalhe crucial.

— Você usou SuperSeca — disse Shelley, avaliando minha habilidade com expressão fechada e cética. — A promessa é da Segura e Seca. — Shelley era a gerente da loja, e os membros curvados e a expressão severa faziam parte de seu uniforme tanto quanto as camisas polo azuis que todos tinham de usar.

— Achei que você tinha dito SuperSeca — disse eu, porque ela tinha feito isso.

— Segura e Seca — ela insistiu, balançando a cabeça com pesar, com o membro torre fosse um cavalo de corridas aleijado e ela, a portadora de uma pistola com cabo de madeira. Houve um silêncio breve mas estranho, durante o qual ela continuou a sacudir a cabeça e o olhar de mim para a torre e da torre para mim, enquanto eu a encarava sem expressão, com o membro não fizesse ideia do que ela, agressiva e passivamente, sugeria.

— Ahhhhh! — exclamei por fim. — Você quer, então, que eu faça tudo de novo?

— É que você usou a SuperSeca — respondeu.

— Tudo bem. Vou comendar agora mesmo. — E com o bico do meu tênis preto do uniforme tirei uma única caixa da base da torre para, no instante seguinte, toda aquela magnífica estrutura desmoronar em cascata ao nosso redor, um verdadeiro *tsunami* de fraldas que se espalhou pelo chão, rolando entre as pernas dos clientes assustados. Uma das embalagens deslizou para tão longe que chegou até a porta automática, que se abriu e deixou entrar um ar lufada do calor de agosto.

O rosto de Shelley ficou da cor de um amônia adura. Ela devia ter medido muito no ato, mas eu sabia que não teria tanta sorte assim. Estava

tentando ser dem itido do Sm art Aid desde o com eço do verão, m as isso se revelou praticam ente im possível. Eu chegava tarde, sem pre, e com as desculpas m ais esfarrapadas; com etia erros grosseiros na hora de dar o troco; e guardava as m ercadarias nas prateleiras erradas, em pilhando loções entre os laxantes e m isturando anticoncepcionais com xam pu de bebê. Raras vezes eu m e dediquei com tanto afinco a um propósito, m as, por m ais incom petente que eu fingisse ser,

Shelley teim ava em m e m anter na folha de pagam ento.

Deixe-m e explicar m elhor m inha afirm ação anterior: era praticam ente im possível que *me* dem itissem do Sm art Aid. Qualquer outro funcionário teria ido para o olho da rua por um a única de infração m enor. Foi m inha prim eira lição de política. Há três Sm art Aid em Englewood, a pequena e sonolenta cidade onde m oro, 27 no condado de Sarasota e 115 em toda a Flórida, espalhados por todo o estado com o um a doença incurável. O m otivo por eu não conseguir ser dem itido é que m eus tios eram donos de toda a rede. O m otivo que m e im pedia de pedir dem issão é que trabalhar no Sm art Aid com o prim eiro em prego era um a longa e sagrada tradição fam iliar. Tudo o que consegui com m inha cam panha de autossabotagem foi um conflito com Shelley que eu não podia vencer e o ressentim ento de m eus colegas de trabalho, que, convenham os, ficariam ressentidos com igo de qualquer j eito, porque, independentem ente de quantas pilhas de produtos eu derrubasse ou de quantos trocos de cliente errasse, um dia eu iria herdar um a parte considerável da em presa, e eles não.

Cam inhando com dificuldade entre as fraldas, Shelley se aproxim ou, enfiou o dedo em m eu peito e estava prestes a dizer algo m uito sério, tenho certeza, quando o sistem a de alto-falantes a interrom peu.

— Jacob, cham ada na linha dois; Jacob, linha dois.

Ela m e encarou enquanto eu m e afastava, deixando seu rosto de rom â em m eio às ruínas de m inha torre.

Na sala dos funcionários, um lugar úmido e sem janelas, encontrei a assistente de farmácia, Linda, comendo um sanduíche de pão de formão sem casca diante do brilho vivo da máquina de refrigerante. Ela indicou com a cabeça o telefone preso à parede.

— Na linha dois, é para você. Não sei quem é, mas parece *surtado*.

Peguei o fone que pendia do aparelho.

— Yakob? É você?

— Oi, vovô Portman.

— Yakob, graças a Deus! Preciso da minha chave. Onde está minha chave?

— Ele parecia nervoso, sem fôlego.

— Que chave?

— Pare de brincadeira! — repreendeu-me. — Você sabe que chave.

— Você provavelmente guardou em outro lugar.

— Seu pai fez isso com você — disse ele. — Pode me contar, ele não precisa saber.

— Ninguém fez nada comigo. — Tentei me mudar de assunto. — Você tomou seu remédio de manhã?

— Eles estão vindo atrás de mim, entendeu? Não sei com o que encontraram depois de todos esses anos, mas conseguiram, e o que eu devo fazer? Lutar contra eles com uma porcaria de faca de pão?

Não era a primeira vez que eu ouvia falar assim. Meu avô estava ficando velho e, para dizer a verdade, comia a ficar senil. No início, os sinais de seu declínio mental eram sutis, com o esquecer de fazer comidas ou chamar minha mãe pelo nome e de minha tia. Mas ao longo do verão a memória que o meu inava tomar um rum o cruel: as histórias fantásticas que inventara sobre sua vida durante a guerra — os monstros, a ilha encantada —

tornaram -se com pleta e opressivam ente reais para ele, que estava especialm ente agitado nas últim as sem anas. Meus pais tem iam que ele se tornasse um perigo para si próprio e consideravam seriam ente a ideia de m andá-lo para um asilo. Mas, por algum m otivo, eu era o único que recebia dele esses telefonem as apocalípticos.

Com o sem pre, fiz o possível para acalm á-lo.

— Você está em segurança. Está tudo bem . Vou levar um vídeo para a gente ver m ais tarde, o que acha?

— Não! Fique onde está! Aqui não é seguro!

— Os m onstros não estão atrás de você. Você m atou todos eles na guerra, lem bra? — Eu m e virei para ficar de frente para a parede, tentando esconder de Linda a m inha parte daquela conversa bizarra. Ela m e lançava olhares curiosos enquanto fingia ler um a revista de m oda.

— Não todos — respondeu. — Não, não, não. Eu m atei m uitos, é verdade, m as sem pre havia m ais. — Eu podia ouvi-lo andando pela casa, abrindo gavetas, batendo nas coisas. Estava com pletam ente surtado. — Mas fique longe daqui, está m e ouvindo? Vou ficar bem , é só cortar a língua deles e furá-los bem nos olhos! Se ao m enos eu conseguisse achar aquela m aldita *CHAVE*!

A chave em questão abria a porta de um arm ário na garagem do vovô Portm an. Lá dentro havia um a pilha de revólveres e facas suficientes para arm ar um a pequena m ilícia. Não seria exagero dizer que m eu avô era louco por arm as.

Ele as colecionou por m ais da m etade de sua vida, ia a feiras de arm as em outros estados, fazia longas viagens de caça e, nos dom ingos de sol, arrastava a fam ília à força até estandes de tiro com rifle, de m odo que todos aprendessem a atirar.

Ele am ava tanto suas arm as que às vezes chegava a dorm ir com elas. Meu pai tinha um a velha foto para provar: o vovô Portm an cochilando com um a pistola na m ão.

Quando perguntei a m eu pai por que m eu avô era tão louco por arm as, ele disse que isso às vezes acontecia com ex-com batentes e pessoas subm etidas a experiências traum áticas. Acho que depois de tudo pelo que vovô tinha passado, ele nunca se sentia realm ente seguro em lugar nenhum , nem m esm o em casa. A ironia era que, agora que os delírios e a paranoia estavam com eçando a acabar com sua sanidade, isso era verdade: ele não estava seguro em casa, não com todas aquelas arm as por perto. Foi por isso que m eu pai pegou a chave e a guardou.

Repeti a m entira de não saber onde ela estava. Ouvi m ais xingam entos e ruídos enquanto vovô Portm an andava pela casa procurando por ela.



— Drogas! — disse por fim . — Seu pai pode ficar com a chave se isso é tão importante para ele. E tam bém pode ficar com o m eu cadáver.

Desliguei o telefone com o m áximo de educação que consegui e liguei para m eu pai em seguida.

— O vovô está surtando — contei.

— Ele tomou ou os remédios hoje?

— Ele não quis me dizer, mas parece que não.

Ouvi meu pai dar um suspiro.

— Será que você pode dar um a passada lá para ver se ele está bem? Não posso sair agora do trabalho. — Meu pai era voluntário em meu período no resgate de aves: ajudava a recuperar pelicanos que haviam engolido anzóis e garças-brancas atropeladas por carros. Era um ornitólogo amador e desejava escrever profissionalmente sobre a natureza, tendo um a pilha de manuscritos não publicados para prová-lo, o que só é um em prego de verdade se por acaso você for casado com uma mulher cuja família seja dona de 115 drogarias.

Claro, meu em prego também não era dos meus reais e era fácil escapar sem prever que me dava vontade. Eu disse que podia ir.

— Obrigado, Jake. Prometo que vamos resolver logo toda essa situação do vovô, está bem?

Toda essa situação do vovô... .

— Você quer dizer botá-lo em um asilo? — observei com frieza. — Passar o problema para outra pessoa?

— Sua mãe e eu ainda não decidimos.

— É claro que já.

— Jacob...

— Eu posso cuidar dele, pai. Sério.

— Talvez agora você consiga, mas ele só vai piorar.

— Está bem, com o quiser.

Desliguei o telefone, liguei para mim eu amigo Ricky e pedi um a carona. Dez minutos depois ouvi a buzina rouca e inconfundível de seu velho Crown Victoria no estacionamento. Quando estava de saída, dei a mim a notícia para Shelley : sua torre de Segura e Seca teria de esperar até o dia seguinte.

— Em urgência de família — disse eu.

— Está bem — retrucou ela.

Quando saí, o fim de tarde estava quente e muito úmido, e encontrei Ricky fumando sentado sobre o capô todo amassado de seu carro. Algo em suas botas sujas de lama ressecada, o medo com o fumo açaia de seus lábios em espiral e os reflexos do sol poente em seus cabelos verdes me faziam lembrar de um *punk*, um Jam es Dean caipira. Ele era todas essas coisas, uma polinização cruzada entre subculturas, possível apenas no sul da Flórida.

Ele me viu e saltou do capô.

— Já foi demitido? — berrou do fundo do estacionamento.

— Pssst! — fiz para silenciá-lo enquanto corria em sua direção. — Eles não sabem de mim eu plano.

Ricky me deu um soco no ombro com a intenção de me animar, mas quase tirou meu braço do lugar.

— Não se preocupe, Edu Especial. Sempre há outro dia.

Ele me chamava de Edu Especial porque eu estava em uma das turmas especiais para bons alunos, que eram, falando tecnicamente, parte do currículo de educação especial de nossa escola — uma sutileza de nome enclatura que Ricky achava extremamente engraçada. Assim era nossa amizade: porções equivalentes de irritação e cooperação. A porção de cooperação era um acordo comercial de escambos de inteligência por músculos, estabelecido quando eu o ajudei a passar de ano em inglês e ele me ajudou a não ser extermínado pelos sociopatas cheios de anfetamina que povoavam os corredores de nossa escola. O

fato de ele deixar m eus pais um pouco desconfortáveis era um bônus. Na m inha opinião, ele era m eu m elhor am igo — o que é um m odo m enos patético de dizer que era m eu único am igo.

Ricky deu um chute na porta do carona do Crown Victoria, seu m odo de abri-la, e eu entrei. O Victoria era m aravilhoso, um a peça de arte popular involuntária digna de um m useu. Ricky o com prara no depósito de lixo da cidade por um vidro cheio de m oedas de 25 centavos — pelo m enos era o que ele contava —, um *pedigree* que nem a floresta de árvores de papelão purificadoras de ar pendurada no retrovisor conseguia m ascarar. Os bancos estavam cobertos de fita adesiva prateada para que as m olas rebeldes do estofado não espotassem nosso traseiro. O m elhor de tudo era o exterior, um a paisagem lunar enferruj ada form ada por sulcos e am assados, resultado de um plano para ganhar um a grana extra para a gasolina: deixar que bêbados saídos de festas e bares batessem no carro com um taco de golfe por um dólar a tacada. A única regra, que não tinha sido cum prida com m uito rigor, era que você não podia m irar em nada feito de vidro.

O m otor engasgou e depois pegou em m eio a um a nuvem de fum aça azulada. Depois de sair do estacionam ento, quando passávam os pelos pequenos *shoppings* espalhados à beira da estrada no cam inho para a casa do vovô Portm an, com ecei a m e preocupar com o que poderíam os encontrar quando chegássem os lá. Os piores cenários incluíam m eu avô correndo pelado na rua com um rifle de caça nas m ãos, a boca espum ando no gram ado em frente à casa, ou escondido à espera de visitantes inesperados, com um obj eto pesado nas m ãos. Tudo era possível, e o fato de que essa seria a prim eira im pressão de Ricky de um hom em sobre quem eu sem pre falava com reverênci a m e deixou ainda m ais nervoso.

O céu tom ava a cor de um hem atom a recente quando chegam os ao condom ínio do m eu avô, um labirinto confuso de becos sem saída interligados, cham ados coletivam ente de Circle Village. Param os na guarita do vigia para nos anunciar, m as o velho roncava e o portão estava aberto, com o costum ava acontecer; então, em vez de acordá-lo, sim plesm ente entram os. Meu telefone tocou anunciando um a m ensagem do m eu pai, em que perguntava com o estavam as coisas, e, no curto espaço de tem po que levei para responder, Ricky conseguiu se perder. Quando contei a ele que não tinha a m enor ideia de onde

estávam os, ele reclam ou e fez um a sucessão de retornos, cantando pneus, enquanto cuspia longe, pela j anela, a gosm a do tabaco que m ascava, e eu exam inava a vizinhança em busca de um ponto de referência conhecido. Não era fácil porque, apesar de eu ter visitado m eu avô inúm eras vezes desde pequeno, as casas eram todas iguais: caixotes de um só andar com variações m ínim as, decorados com esquadrias de alum ínio ou m adeira escura, ou com colunatas de gesso na fachada que pareciam quase propositadam ente delirantes.

As placas de sinalização, m etade das quais estava gasta pela exposição ao sol, não aj udavam m uito. Os únicos pontos de referência de verdade eram ornam entos de j ardil bizarros e coloridos, dos quais Circle Village era um verdadeiro m useu a céu aberto.

Finalm ente reconheci um a caixa de correio carregada pela figura de um m ordom o forj ada em m etal — apesar da expressão perm anentem ente esnobe, a figura parecia chorar lágrim as de ferrugem — e gritei para Ricky entrar à esquerda. O Victoria cantou pneu e fui j ogado contra a porta do carona; Ricky deve ter achado que o im pacto havia soltado algum a coisa no m eu cérebro, porque depois disso com ecei a gritar praticam ente sem pensar todas as indicações do cam inho até a casa do m eu avô.

— À direita na orgia de flam ingos! Esquerda no telhado cheio de Papais Noéis m ultirraciais! Passe direto pelos querubins fazendo xixi!

Quando, por fim , viram os depois dos querubins, Ricky reduziu a m archa e, desconfiado, observou atento a quadra da casa do m eu avô. Não havia um a luz acesa sequer nas varandas, nem o brilho de um a TV por trás de algum a j anela, tam pouco os carros grandes nas garagens. Todos os vizinhos tinham fugido para o norte, a fim de escapar do castigo do calor do verão, deixando para trás anões de j ardil em gram ados descuidados e persianas à prova de furacão bem fechadas, o que dava às casas a aparênciа de abrigos antibom bas.

— A últim a à esquerda — disse eu. Ricky pisou no acelerador e o carro seguiu engasgando até o fim da rua. Na altura da quarta ou quinta casa de j anelas escuras, passam os por um senhor que regava o j ardil . Era careca com o um ovo e estava ali, de pé, m olhando a gram a na altura de seus

tornozelos, de roupão de banho e chinelos. A casa às suas costas estava escura e toda fechada, com o as outras. Virei-m e para observá-lo quando o Victoria passou, e ele pareceu retribuir o olhar, apesar de não poder ter feito isso. Percebi, com um pequeno choque, que seus olhos eram todos de um branco perfeitam ente leitoso. *Que estranho. O vovô Portman nunca comentou que um de seus vizinhos era cego.*

A rua term inava num a cerca de pinheirinhos, e Ricky fez um a curva brusca à esquerda para entrar na garagem da casa do m eu avô. Ele desligou o carro, saiu e abriu m inha porta com um chute, e cam inham os com passos silenciosos pela gram a seca até a varanda.

Toquei a cam painha e esperei. Ouvim os o latido distante de um cão, um som solitário naquela noite extrem am ente úm ida e quente. Com o ninguém atendeu, bati à porta, pensando que talvez a cam painha estivesse com defeito.

Ricky tentava m atar os pernilongos que tinham com eçado a nos cercar.

— Talvez ele tenha saído — disse Ricky com um sorriso. — Um encontro animado.

— Vai, pode rir — disse eu. — Ele tem m ais chances de se dar bem do que nós, em qualquer noite da sem ana. Este lugar está cheio de viúvas bem bonitas.

— Brinquei apenas para acalm ar m eus nervos. O silêncio estava m e deixando ansioso.

Peguei um a cópia da chave no esconderij o dos arbustos.

— Espere por m im aqui — disse eu.

— Nem pensar. Por quê?

— Porque você tem dois m etros de altura e cabelos verdes, e m eu avô não conhece você, está paranoico e tem um m onte de arm as.

Ricky deu de om bros e enfiou outro pedaço de tabaco na boca, depois se largou num a cadeira do j ardim . Abri a porta da frente e entrei.

Mesm o na penum bra percebi que a casa estava um desastre. Parecia ter sido saqueada por ladrões. Estantes de livros e arm ários tinham sido esvaziados, os livros e bibelôs que os enchiham estavam espalhados pelo chão. As alm ofadas do sofá tinham sido arrancadas, e as cadeiras estavam viradas de ponta-cabeça.

Na cozinha, as portas do *freezer* e da geladeira estavam abertas, e seu conteúdo, j ogado no chão, derretia em poças grudentas sobre o linóleo.

Fiquei arrasado. Talvez m eus pais tivessem razão e não fosse m ais seguro para m eu avô continuar a m orar sozinho. Cham ei por ele, m as não ouvi nenhum a resposta.

Percorri todos os aposentos, um a um , acendendo as luzes e procurando em qualquer lugar onde um velho paranoico pudesse pensar em se esconder de m onstros: atrás de m óveis, no sótão de teto baixo onde era necessário se arrastar, sob a bancada de trabalho na garagem . Cheguei a pensar em conferir o arm ário de arm as, apesar de, obviam ente, estar trancado. Mas vi a fechadura m arcada por um em aranhado de arranhões, indicando um a tentativa desesperada de arrom bam ento. Na varanda, vasos de sam am baias m alcuidadas pendurados no teto balançavam , enquanto eu, de j oelhos sobre o chão coberto de gram a sintética, espiava sob cadeiras de vim e, com m edo do que poderia descobrir.

Então vi o brilho de um a luz no quintal dos fundos.

Saí correndo pela porta de tela e encontrei um a lanterna abandonada sobre a gram a, com o facho de luz apontado para a m ata que cercava o quintal de m eu avô — um a floresta baixa e densa, com diversos tipos de palm eiras de alturas variadas, que se estendia por quase dois quilôm etros entre Circle Village e o condom ínio seguinte, Century Woods. Segundo um a lenda local, a m ata estava cheia de cobras, guaxinins e j avalis selvagens. Im aginei m eu avô lá fora, perdido, surtado e só de roupão, e fui tom ado por um a sensação sinistra. Quase toda sem ana havia um a notícia sobre algum

cidadão idoso que caía nas águas de um a represa e era devorado por j acarés. A pior situação possível não era difícil de im aginar.

Gritei por Ricky e, num instante, ele surgiu do outro lado da casa e im ediatam ente percebeu algo que eu não havia notado: um corte longo e feio na porta de tela. Ele soltou um assobio.

— É um corte e tanto — disse ele. — Pode ter sido feito por um porco selvagem . Ou talvez um lince. Você devia ver as garras desses bichos.

Perto dali, ouvimos o som de um latido selvagem . Nós dois levamos um susto e trocamos os olhares nervosos.

— Ou um cachorro — disse eu. Com eçou, então, um a reação em cadeia entre os cães de toda a vizinhança, e logo ouvíam os latidos vindos de todas as direções.

— Pode ser — concordou Ricky, balançando a cabeça. — Eu tenho um a calibre 22 no porta-m alas. Espere aí — disse, e saiu para buscá-la.

Os latidos cessaram e em seu lugar surgiu um coral de insetos noturnos, um zum bido que me pareceu muito estranho. O suor escorria por meu rosto e descia pelo pescoço. Agora estava escuro, mas a brisa tinha parado e de alguma forma parecia fazer mais calor do que durante o dia.

Peguei a lanterna na grama e dei um passo adiante na direção das árvores.

Meu avô estava lá, em algum lugar, eu tinha certeza disso, mas onde? Não sabia seguir uma trilha na mata, nem Ricky, mas esm o com todo seu ar de homem do campo. Mas de alguma maneira algo parecia guiar-me, um a aceleração no peito, um m urm úrio no ar denso... De repente, não consegui mais ficar esperando por algum som . Entrei correndo na mata, com o um cão de caça que farejou uma trilha invisível.

É difícil correr num a floresta da Flórida, onde cada metro quadrado não ocupado por árvores é tomado por palmárias baixas e emaranhados de cipós e trepadeiras, mas segui em frente, caminhando pelo nome de meu avô e apontando a lanterna para todos os lados. Vislumbrava um reflexo branco a

distância e corri direto para lá, porém ao me aproximar vi que era apenas um a bola de futebol desbotada e murcha que eu tinha perdido anos antes, sem digerida pelas plantas.

Estava pronto para desistir e voltar até onde Ricky estava quando percebi um a faixa estreita de me ato recém -pisado. Parei e iluminei a área com a lanterna. Em vários pontos as folhas estavam respingadas com algo escuro. Senti um nó na garganta. Preparado para o pior, com medo a seguir a trilha de arbustos pisoteados. Quanto mais eu avançava, mais apertado ficava o nó em mim eu estômago, com o se me eu corpo soubesse o que estava à frente e tentasse me alertar para evitá-lo.

Quando encontrei meu avô, tive certeza de que estava morto. Tinha o rosto virado para baixo e estava esparramado num a área coberta por ervas rasteiras, as pernas estendidas e afastadas, e um braço cruelmente retorcido sob o corpo, com o se tivesse caído de um a grande altura. Sua camisa estava ensopada de sangue, as calças rasgadas e tinha apenas um sapato. Permaneci imóvel por alguns instantes, só olhando, vendo o facho frio e tremulo da luz da lanterna iluminar seu corpo. Quando consegui voltar a respirar, disse seu nome, mas ele não se moveu.

Mesmo sem forças, ajudei-me e ao seu lado e apertei a palma da mão contra suas costas. O sangue que em papava a camisa ainda estava quente. E, mesmo muito fraca, consegui sentir sua respiração.

Segurei-o cuidadosamente com os braços e o virei de costas. Estava vivo, mas por um fio. Tinha os olhos vidrados e o rosto encovado e branco com o papel.

Então vi os cortes em sua barriga e quase desmaiiei. Eram largos e profundos, e estavam sujos de terra; no lugar onde se encontrava, o sangue formava uma lama. Fechei bem os olhos e puxei os farrapos de sua camisa sobre as feridas.

Ouvi Ricky chamar do quintal.

— ESTOU AQUI! — gritei, e talvez devesse ter dito algo com o *perigo* ou *sangue*, mas não consegui pronunciar as palavras. Tudo em que podia

pensar era que avôs deviam m orrer em cam as, em lugares brancos e tranquilos, com o zum bido suave de m áquinas, não j ogados em um a superfície fedorenta e lam acenta, cobertos de form igas e com a m ão trêm ula agarrando um abridor de cartas de m etal.

Um abridor de cartas. Foi tudo o que achara para se defender. Eu o retirei de seus dedos, e ele tentou inutilm ente agarrar o ar, então tom ei sua m ão e a segurei. Minha m ão com as unhas roídas entrelaçou-se com a dele, pálida e com um a teia de veias púrpuras.

— Tenho de tirá-lo daqui — disse a ele, passando um braço sob suas costas e outro sob as pernas enquanto com eçava a erguê-lo, m as ele gem eu e ficou rígido, e parei porque não conseguiavê-lo sofrer. Não podia deixá-lo ali, e não havia nada a fazer além de esperar. Com ecei, então, a lim par a terra sobre seus braços, o rosto e os ralos cabelos brancos, e nesse m om ento vi seus lábios se m overem .

Eu m al conseguia ouvir sua voz, m ais baixa do que um sussurro. Debrucei-m e sobre ele e aproxim ei o ouvido de seus lábios. Ele dizia palavras sem sentido, entrando e saindo do estado de lucidez, falando ora inglês, ora polonês.

— Não estou entendendo — m urm urei. Repeti o nom e dele até que seu olhar pareceu se fixar em m im . Então ele respirou fundo e disse baixinho, m as com toda a clareza:

— Vá para a ilha, Yakob. Aqui não é seguro.

Era a velha paranoia. Apertei sua m ão e garanti que estava tudo certo e que ele ficaria bem . Era a segunda vez no dia que eu m entia para ele.

Perguntei o que havia acontecido, que anim al o havia ferido, m as ele não m e ouvia.

— Vá para a ilha — repetiu. — Lá você estará em segurança. Prom eta.

— Eu vou. Prom eto. — O que m ais eu poderia dizer?

— Achei que eu podia proteger você. Devia ter lhe contado há muito tempo... — Sua linha de raciocínio se perdeu. Podia ver sua vida se esvaindo.

— Contado o quê? — perguntei, segurando as lágrimas.

— Não há tempos — sussurrou. Depois ergueu a cabeça do chão, tremendo com o esforço, e respirou em meu ouvido: — Encontre a Ave. Na fenda. Do outro lado do túmulo do homem velho. Três de setembro de 1940. — Concordei com a cabeça, mas ele percebeu que eu não tinha entendido. Com suas últimas forças, ele acrescentou: — Emerson... a carta. Conte a eles o que aconteceu, Yakob.

Depois disso, deitou-se outra vez, cansado e agonizante. Deixei escapar um soluço. Disse a meu avô que o amoava. E então ele pareceu desaparecer dentro de si mesmo, o olhar viajando além de mim, direto para o céu.

No instante seguinte, Ricky apareceu do meio do meu ato. Viu o velho jogado em meus braços e deu um passo para trás.

— Ah, cara, meu Deus, ah, meu Deus, ah, *Deus* — disse, esfregando as mãos no rosto. Enquanto ele balbuciava algo sobre tentar me dirigir o pulso e chamárm

a polícia, e se eu tinha visto alguma coisa na minha ata, fui tomado pela minha estranha das sensações. Soltei o corpo de meu avô e me levantei, cada terminação nervosa vibrando com um instinto que eu não sabia que tinha. Havia algo na minha ata, eu podia sentir.

Não havia lua e nenhum movimento no meu atagal além do nosso; me esmoreci, de algum modo, eu soube exatamente quando erguer a lanterna e para onde apontá-la, e por um instante, naquele estreito facho de luz, vi o rosto que parecia transplantado direto dos pesadelos da minha infância. Ele me olhava com olhos que nadavam em líquido escuro, trincheiras peludas de carne negra com o carvão penduradas sobre sua estrutura encurvada. Sua boca enorme abriu-se de modo grotesco e liberou uma massa de línguas com pridas com o enguias. Gritei, e então ele se encolheu e desapareceu, sacudindo os arbustos e chamando a atenção de Ricky. Ele ergueu a calibre 22 e atirou — *pop-pop-pop-pop* —, perguntando que diabos era aquilo. Ele

não tinha visto nada, e eu não conseguia articular nenhum a palavra, congelado no lugar onde m e encontrava, a luz cada vez m ais fraca da lanterna trem eluzindo na m ata vazia. Devo ter apagado, porque Ricky dizia “Jacob, Jake! Ei, Ed, você está bêbado ou quê?”, e isso foi a últim a coisa de que m e lem bro.

CAPÍTULO DOIS

P assei os meses seguintes à morte de meu avô entrando e saindo de um purgatório de salas de espera e escritórios bege, onde era analisado e entrevistado, em conversas particulares assentindo quando se dirigiam a m im , repetindo-m e as m esm as palavras, obj eto de m il olhares piedosos e expressões sérias de preocupação. Meus parentes m e tratavam com o se eu fosse um a frágil herança de fam ília que pudesse se quebrar. Tinham m edo de brigar ou m esm o dem onstrar irritação diante de m im , tem endo que eu desm oronasse.

Fui tom ado por pesadelos que m e faziam acordar de noite aos gritos, tão sinistros que cheguei a usar um protetor bucal para que os dentes não rangessem até ficarem em pedacinhos enquanto dorm ia. Não podia fechar os olhos sem ver aquilo, o horror da boca cheia de tentáculos na floresta. Eu estava convencido de que aquilo havia m atado m eu avô e logo viria atrás de m im . Às vezes, essa sensação nauseante de pânico m e tom ava por inteiro, tal com o naquela noite, e de repente eu tinha certeza de que perto dali, escondido em um em aranhado escuro de árvores, atrás do carro ao lado num estacionam ento, nos fundos da garagem onde eu guardava a bicicleta, ele estava à m inha espera.

Minha solução foi parar de sair de casa. Durante sem anas não m e arrisquei sequer a ir até a entrada da garagem pegar o j ornal de m anhã. Dorm ia em um a pilha de cobertores no chão da lavanderia, o único côm odo da casa sem j anelas e com um a porta que trancava por dentro. Foi lá que passei o dia do enterro de m eu avô, sentado em cim a da secadora com m eu *laptop*, tentando m e distrair com j ogos *on-line*.

Eu m e culpava pelo que havia acontecido. *Se tivesse acreditado nele só por um segundo...* Repetia essa ladainha o tem po inteiro. Mas eu não tinha acreditado nele, nem qualquer outra pessoa, e agora eu sabia com o ele devia

ter se sentido, porque ninguém tam pouco acreditava em m im . Minha versão dos fatos soava perfeitam ente racional até eu ser forçado a dizer as palavras em voz alta, e então tudo parecia loucura, especialm ente no dia em que precisei contá-la para o policial que veio à nossa casa. Disse a ele tudo o que tinha acontecido naquela noite, até sobre a criatura, enquanto ele perm anecia sentado, balançando a cabeça, do outro lado da m esa da cozinha, sem escrever nada em seu caderno espiral. Quando term inei, tudo o que ele disse foi “Muito bem , obrigado”, e se virou para m eus pais perguntando se j á havia conversado “com alguém ”, com o se eu não fosse entender o que aquilo significava. Disse a ele que tinha outra declaração a fazer, m ostrei m eu dedo m édio e fui em bora.

Meus pais gritaram com igo pela prim eira vez em sem anas. Aquele velho e conhecido som . Berrei coisas bem feias em resposta. Que eles estavam felizes com a m orte do vovô Portm an. Que eu era o único que realm ente o am ava.

Então o policial e m eus pais conversaram na entrada da garagem durante um tem po, e o tira foi em bora em sua viatura, só para voltar um a hora depois com um hom em que se apresentou com o um artista de retratos falados. Ele trouxera um bloco e m e pediu que descrevesse novam ente a criatura. E enquanto eu fazia isso, ele ia desenhando, parando de vez em quando para esclarecer algum detalhe.

— Você disse quantos olhos?

— Dois.

— Entendi — disse ele, com o se m onstros fossem algo perfeitam ente norm al para um artista de retratos falados da polícia desenhar.

Estava bem claro que era um a tentativa de m e acalm ar, o que ficou explícito quando o artista, ao term inar, tentou m e dar o desenho.

— O senhor não vai precisar disso para seus arquivos, ou algo assim ? — perguntei.

Ele arregalou os olhos e encarou o policial, que também estava com as sobrancelhas erguidas.

— Claro — disse ele. — Onde estou com a cabeça?

Foi um insulto total.

Mesmo eu melhor e único amigo, Ricky, não acreditava em mim, e ele tinha estado lá, pelo amor de Deus. Ele jurou de pés juntos não ter visto criatura nenhum aí na mata naquela noite — apesar de eu ter apontado minha lanterna direto para ela —, e foi exatamente isso o que contou aos tiras. Mas ele tinha ouvido latidos. Nós dois tínhamos. Por isso não foi uma grande surpresa quando a polícia concluiu que um animal selvagem havia atado meu avô.

Aparentemente, tinham sido avistados em algum outro lugar e haviam morrido um animal que andava por Century Woods na semana anterior. E tudo à noite, veja bem.

— Que é exatamente quando fica mais difícil ver as criaturas! — disse eu, mas Ricky apenas sacudiu a cabeça e murmurou algo sobre eu precisar de um

“neurologista”.

— Você quer dizer psiquiatra — respondi. — E muito obrigado. É ótimo ter amigos para dar apoio nessas horas. — Estavam sentados no terraço da minha casa observando o pôr do sol sobre o golfo. Ricky, enrolado com o animal aí em uma cadeira Adirondack exorbitantemente cara que meus pais haviam trazido de uma viagem a American Country, as pernas dobradas sob o corpo e os braços cruzados com força, fumando um cigarro atrás do outro, com uma espécie de determinação cruel. Ele sempre parecia vagamente desconfortável em minha casa, mas eu podia dizer, pelo jeito que seus olhos desviavam de mim cada vez que se voltavam em minha direção, que agora não era a riqueza de meus pais que o deixava inquieto, e sim eu.

— Ache o que quiser, só estou sendo honesto com você — disse ele. —

Continue falando sobre monstros e eles vão mandá-lo para longe. Aí você realmente será um Edu Especial.

— Não me chame assim.

Ricky atirou para longe o cigarro aceso e deu uma cusparada por cima da grade de proteção.

— Você estava fumando e me escondendo tabaco ao mesmo tempo? — perguntei.

— Quem é você, meu Deus?

— E eu *tengo cara* de quem chupa caminhoneiros em troca de vales-refeição?

Ricky era especialista em piadas de meu Deus, mas esta pareceu me exercer com ele, que se levantou e me empurrou com tanta força que quase caí do telhado.

Mandei-o embora aos gritos, mas ele já estava de saída.

Só tornei a vê-lo meses depois. Que grande amigo.



No fim , m eus pais m e levaram para ver um m édico de loucos, um hom em tranquilo, de pele cor de oliva, dr. Golan. Não reclam ei. Sabia que precisava de aj uda.

Achei que eu seria um caso difícil, m as dr. Golan fez um trabalho surpreendentem ente rápido comigo. O m odo calm o e sem afetação com o ele explicava as coisas era quase hipnótico, e em duas sessões j á havia m e

convencido de que a criatura não passava de um produto da minha im-
aginação em ebulação; que o trauma da morte do meu avô me fizera ver
algo que não estava realmente ali. E, para comer e carregar, tinham sido as histórias
do vovô Portman que haviam plantado a criatura em minha mente,
explicou dr. Golan, por isso fazia sentido que, ao olhado ali com seu corpo
em meus braços, no momento do pior choque da minha juventude, eu
tivesse invocado o próprio bicho-papão criado por meu avô.

Eu tinha de reconhecer que fazia certo sentido. Havia até um nome para
isso: reação aguda ao estresse pós-traumático.

— Não vejo nada de bonito nesse nome — disse minha mãe quando ouviu
meu diagnóstico novinho em folha. Mas sua ironia não me incomodou.
Quase qualquer coisa soava melhor que *maluco*.

Porém, o fato de não acreditar muito que os meus sonhos fossem reais não
significava que eu estivesse melhor. Ainda tinha pesadelos. Estava agitado e
paranóico, e interagia tanto com as pessoas que meus pais contrataram
um professor particular para que eu só tivesse de ir à escola se quisesse. E
também bem

— finalmente — me deixaram largar o empréstimo no Smart Aid. “Sentir-me
e melhor” tornou-se meu novo empréstimo.

Logo decidi que queria ser demolidor desse também . Assim que a pequena
questão de minha loucura tem porária foi resolvida, a função do dr. Golan
parecia consistir principalmente em prescrever meus medicamentos. Ainda tem
pesadelos?

Tenho uma coisa para isso. Ataque de pânico no ônibus escolar? Isso aqui
deve resolver. Não consegue dormir? Vamos aumentar a dose. Todos
aqueles com primidos estavam me deixando gordo e idiota, e eu ainda me sentia péssimo, dormindo só três ou quatro horas por noite. Por isso comecei a me entregar para dr.

Golan. Fingia estar bem quando qualquer pessoa que olhasse para mim
podia ver as olheiras e a facilidade com que eu me assustava com barulhos
repentinos, com o meu gato nervoso. Em uma semana inventei um diário de

sonhos inteiro, fazendo com que eles parecessem tranquilos e sim ples, com o deviam ser os de um a pessoa norm al. Um dos sonhos era sobre ir ao dentista. Em outro eu voava.

Em duas noites seguidas, contei a ele, sonhei que estava nu na escola. Então ele m e interrom peu.

— E as criaturas?

Dei de om bros.

— Nem sinal delas. Acho que isso significa que estou m elhorando, hein?

Dr. Golan tam borilou com a caneta na m esa por um instante, depois escreveu algum a coisa.

— Espero que você não estej a m e dizendo o que acha que quero ouvir.

— Claro que não — disse eu, enquanto m eu olhar passava pelos diplom as em oldurados em sua parede, todos atestando a qualificação do dr. Golan em várias ram ificações da psicologia, incluindo, tenho certeza, com o saber quando um adolescente com estresse agudo está m entindo.

— Vam os falar sério por um m inuto. — Ele largou a caneta. — Você está m e dizendo que não teve o sonho nem *uma* vez esta sem ana?

Sem pre fui um péssim o m entiroso. Em vez de m e hum ilhar, cedi.

— Bem — m urm urei —, talvez um a.

A verdade é que eu tivera o sonho *todas* as noites daquela sem ana. Com pequenas variações, era sem pre algo m ais ou m enos assim : estou encolhido no canto do quarto do m eu avô, a doentia luz cor de âm bar do crepúsculo penetra pela janela e ilum ina um a espingarda de ar com prim ido de plástico perto da porta. No lugar da cam a ergue-se um a m áquina dessas de vender produtos, enorm e e reluzente, cheia não de doces, m as de fileiras de facas m ilitares afiadas e Glocks carregadas com balas dundum . Meu avô está parado em frente a ela em um velho uniform e do exército britânico e a alim enta com notas de dólar, m as é preciso m uitias delas para

com prar um a pistola e nosso tem po está se esgotando. Finalmente vem os um a calibre 45 de aparência sinistra m over-se na direção do vidro, m as, antes de cair, fica presa. Ele xinga em iídiche, chuta a m áquia, agacha-se ao seu lado e enfia a m ão dentro dela para tentar pegar a arm a, m as seu braço fica preso. É então que eles chegam , as línguas negras com pridas deslizando pelo lado externo das vidraças à procura de um a entrada.

Aponto a espingarda de ar com prim ido para eles e aperto o gatilho, m as nada acontece. Enquanto isso, vovô Portm an está gritando com o um louco: *Encontre o pássaro! Encontre a fenda! Yakob, por que você não entende, seu maldito y utzi idiota? ,* e então as j anelas se estilhaçam e cai um a chuva de vidro, as línguas negras nos alcançam , e geralmente é aí que eu acordo num a poça de suor, o coração num a corrida com obstáculos e um nó de m arinheiro no estôm ago.

Apesar de o sonho ser sem pre o m esm o e de nós j á o term os repassado centenas de vezes, dr. Golan ainda m e fazia descrevê-lo em cada sessão. Era com o se tornasse a interrogar m eu subconsciente em busca de algum a pista que pudesse ter perdido pela enésim a vez.

— E, no sonho, o que o seu avô está dizendo?

— A m esm a coisa de sem pre — respondi. — Sobre a ave, a fenda e o túm ulo.

— Suas últim as palavras.

Assenti com a cabeça.

Dr. Golan entrelaçou os dedos das m ãos e as levou ao queixo, o retrato perfeito de um psiquiatra em reflexão.

— Algum a ideia nova sobre o que elas podem significar?

— Tenho — disse eu. — Merda nenhum a!

— Ah, vam os lá. Não está falando sério.

Queria agir com o se não m e im portasse com as últim as palavras, m as eu m e im portava. Elas m e consum iam quase tanto quanto os pesadelos. Sentia que devia a m eu avô não desconsiderar a últim a coisa que ele havia dito a um a única pessoa no m undo com o se fosse um delírio sem sentido, e dr. Golan estava convencido de que entendê-las poderia aj udar a livrar-m e de m eus sonhos terríveis. Por isso, tentei.

Parte do que vovô Portm an dissera fazia sentido, com o aquilo sobre querer que eu fosse à ilha. Ele estava preocupado que os m onstros viesssem atrás de m im e achava que a ilha era o único lugar onde eu podia escapar deles, com o ele tinha feito quando criança. Depois disso, ele dissera: “Eu devia ter contado a você”, m as com o não havia tem po para contar o que quer que ele devesse ter m e contado, m e perguntei se ele não teria feito o m áxim o possível e deixado pistas de um a trilha que m e levasse a alguém que pudesse m e contar, alguém que conhecesse seu segredo. Percebi que todas as coisas que soavam enigm áticas sobre a fenda, o túm ulo e a carta eram pistas.

Durante algum tem po pensei que a “fenda” pudesse ser um beco ou um a passagem em Circle Village, um a vizinhança repleta de trilhas, ruelas e becos sem saída, e que “Em erson” pudesse ser alguém para quem m eu avô havia escrito cartas. Um velho com panheiro da guerra com o qual ele m antivera contato, ou algo assim . Talvez esse Em erson vivesse em Circle Village, em um a de suas ruelas, perto de um cem itério, e um a das cartas que ele guardava fosse datada de 3 de setem bro de 1940, e era essa a que eu precisava ler. Sabia que parecia loucura, m as coisas m ais loucas se revelaram verdadeiras, e então, depois de m e deparar com vários becos sem saída *on-line*, fui até o centro com unitário de Circle Village, onde os velhos se reuniam para j ogar bocha e discutir suas últim as cirurgias, para perguntar onde ficava o cem itério e se alguém conhecia algum sr. Em erson. Eles olharam para m im com o se eu tivesse um a segunda cabeça crescendo no pescoço, surpresos por um adolescente se dirigir a eles. Não havia cem itério em Circle Village e ninguém nas redondezas se cham ava Em erson nem havia nada que rem otam ente lhes rem etesse a qualquer fenda. Foi um furo n’água total.

Mesm o assim , dr. Golan não m e perm itiu desistir. Ele sugeriu que eu procurasse em Ralph Waldo Em erson, um antigo poeta supostam ente fam

oso.

— Emerson escreveu um a bela quantidade de cartas — disse ele. — Talvez seu avô estivesse se referindo a isso.

Parecia um tiro no escuro, mas, só para tirar dr. Golan do meu pé em relação a isso, pedi a meu pai que me deixasse na biblioteca certa tarde para que eu pudesse conferir essas informações, e logo descobri que Ralph Waldo Emerson tinha, sim, escrito muitas cartas que haviam sido reunidas e publicadas em livros. Por cerca de três minutos fiquei realmente animado, com o se estivesse perto de mim a descoberta importante, mas logo duas coisas ficaram evidentes: primeiro, que Ralph Waldo Emerson tinha vivido e morrido no século XIX, portanto não podia ter escrito nenhuma carta datada de 3 de setembro de 1940; segundo, que seu estilo era tão denso e arcaico que não poderia ter despertado o meu menor interesse em meu avô, para quem o inglês era uma segunda língua, e que não era exatamente um leitor com pulsivo, exceto, talvez,

nos casos de insônia. Eu mesmo o descobri as qualidades soníferas de Emerson da pior maneira possível: peguei no sono e caí de cara no livro, babando em cima de um ensaio chamado *Autoconfiança*, aí tive o sonho da máquina de vender produtos pela sexta vez na mesma hora. Acordei gritando e fui correndo desesperado da biblioteca, sem parar de xingar dr. Golan e suas teorias estúpidas.

A gota d'água veio alguns dias depois, quando minha família resolveu que era hora de vender a casa do vovô Portman. Antes, porém, de permitir que os interessados visitassem a casa, o lugar precisava de uma limpeza, e aconselhou o dr. Golan, que achou ser bom para mim “confrontar a cena de meu trauma”, fui convocado para ajudar meu pai e tia Susie a revolver a bagunça. Quando chegaram os à casa do vovô, de tempos em tempos meu pai me chamava de lado para se assegurar de que eu estava bem. Surpreendentemente, eu parecia estar, apesar dos pedaços de fita da polícia pendurados na cerca viva e na tela da varanda, agitando-se ao vento; essas coisas — e a caçamba de entulho alugada que estava no meio-fio esperando para engolir o que restara da vida de meu avô

— me deixaram triste, não assustado.

Quando ficou claro que eu não estava prestes a babar em um surto nervoso, com eçam os a trabalhar, adentrando cabisbaixos a casa, armados com sacos de lixo, esvaziando prateleiras, armários e vãos atulhados, descobrindo figuras geométricas de poeira sob objetos que não eram m ovidos havia anos.

Construímos no chão pirâmides de coisas que podiam ser reutilizadas ou recuperadas e outras pirâmides de coisas destinadas ao depósito de lixo. Minha tia e meu pai não eram pessoas sentimentais, e a pilha do lixão era sempre a maior.

Eu fazia muita pressão para guardar certas coisas, com o maior pilha de quase dois metros de revistas *National Geographic* danificadas pela água que ameaçava desmoronar num canto da garagem — quantas tardes eu tinha passado folheando aquelas revistas, me imergindo entre os homens selvagens e cobertos de lama da Nova Guiné ou descobrindo um castelo no alto de um precipício no reino do Butão? —, mas eu sempre perdia. Também não consegui guardar a coleção de camisas de boliche antigas do meu avô (“Elas são uma vergonha”, argumentou meu pai), ou o conteúdo de seu grande armário de armas, ainda trancado. (“Está brincando, não é? Espero que esteja.”)

Finalmente confrontei meu pai e disse que ele estava sendo insensível.

Minha tia me encorajou a sair de cena e nos deixou sozinhos no estúdio, onde reviravam os meus armários de registros financeiros.

— Só estou sendo prático — retrucou meu pai em um tom desocupado.

— É isso o que acontece quando as pessoas me orrem, Jacob.

— É mesmo? E quando você me orrer? Devo queimar todos os seus velhos manuscritos?

Ele enrubesceu. Não devia ter dito aquilo; me encionar suas gavetas cheias de projetos de livros inacabados foi sem dúvida um golpe baixo. Mas, em vez de gritar comigo, ele ficou quieto.

— Hoj e eu o trouxe porque achei que você estava m aduro o bastante para lidar com isso — disse ele. — Acho que m e enganei.

— Com certeza. Você acha que se livrar das coisas do vovô vai m e fazer esquecê-lo. Mas não vai.

Ele j ogou as m ãos para o alto.

— Sabe de um a coisa? Cansei de brigar por causa disso. Pode guardar o que quiser. — Ele j ogou um a pilha de folhas am areladas aos m eus pés. — Aqui está um relatório de deduções detalhado do ano em que Kennedy m orreu. Você pode m andar em oldurar.

Chutei os papéis para longe e saí dali, batendo a porta às m inhas costas, e fui para a sala de estar, esperando que m eu pai saísse e se desculpasse. Quando ouvi o ronco da m áquina de picotar papel, soube que ele não ia fazer isso, então atravessei a casa a passos largos e m e tranquei no quarto. Ele cheirava a m ofo, couro de sapato e a colônia levem ente acre de m eu avô. Apoiei-m e na parede e m eus olhos seguiram um a trilha gasta no tapete entre a porta e a cam a, onde um retângulo de sol m ostrava a ponta de um a caixa que se proj etava debaixo da colcha da cam a. Fui até lá e m e abaixei para ver. Era um a caixa de charutos velha, coberta de poeira, que parecia ter sido deixada ali para que eu a encontrasse.

Lá dentro havia fotos que eu conhecia m uito bem : o m enino invisível, a garota que levitava, o m enino que erguia rochas, o hom em com um rosto pintado na parte de trás da cabeça. Elas estavam gastas e esfarelando — e tam bém eram m enores do que eu m e lem brava —, e olhando para elas naquele instante, quase um adulto, fiquei chocado ao perceber com o eram evidentem ente falsas. Um queim adinho aqui, um truque ali — era tudo de que você precisava para fazer a cabeça do “m enino invisível” desaparecer. A rocha gigante erguida por aquele garoto suspeito de tão m agro podia facilmente ser feita de gesso ou espuma. Mas essas eram observações sutis demais para um m enino de seis anos, especialm ente alguém que queria acreditar naquilo.

Por baixo dessas fotos havia cinco outras que vovô Portm an nunca havia m e m ostrado. Eu m e perguntei por que, até que observei com m ais atenção.

Tinham sido m anipuladas de m odo tão óbvio que até um m enino teria percebido o que eram : havia um a transposição ridícula de um a m enina “presa” num a garrafa; outra criança levitando, suspensa por algo na soleira escura da porta às suas costas; e um cachorro com a cara de um m enino colada grosseiramente sobre ele. E, com o se essas imagens não fossem bizarras o suficiente, as outras duas pareciam saídas de pesadelos de David Lynch: um a m ostrava um a m enina contorcionista, triste, dobrada para trás de m odo assustador; a outra trazia gêm eos de aparência esquisita, vestidos com as fantasias m ais estranhas que eu j á havia visto. Até m eu avô, que tinha enchido m inha cabeça com histórias de m onstros com tentáculos no lugar da língua, era sábio o bastante para perceber que im agens com o essas provocariam pesadelos em crianças.

As fotos m e fizeram lem brar de com o m e senti no dia em que m e dei conta de que as histórias de m eu avô não eram reais. Aj oelhado no chão de seu quarto, eu m e senti traído novamente. A verdade agora parecia óvia: suas últimas palavras tinham sido apenas m ais um truque de m ágico, com o as fotos, e seu último ato tinha sido contar inar-m e com pesadelos e delírios paranoicos que levariam anos de terapia e várias caixas de remédios aniquiladores de m etabolism o para desaparecer.

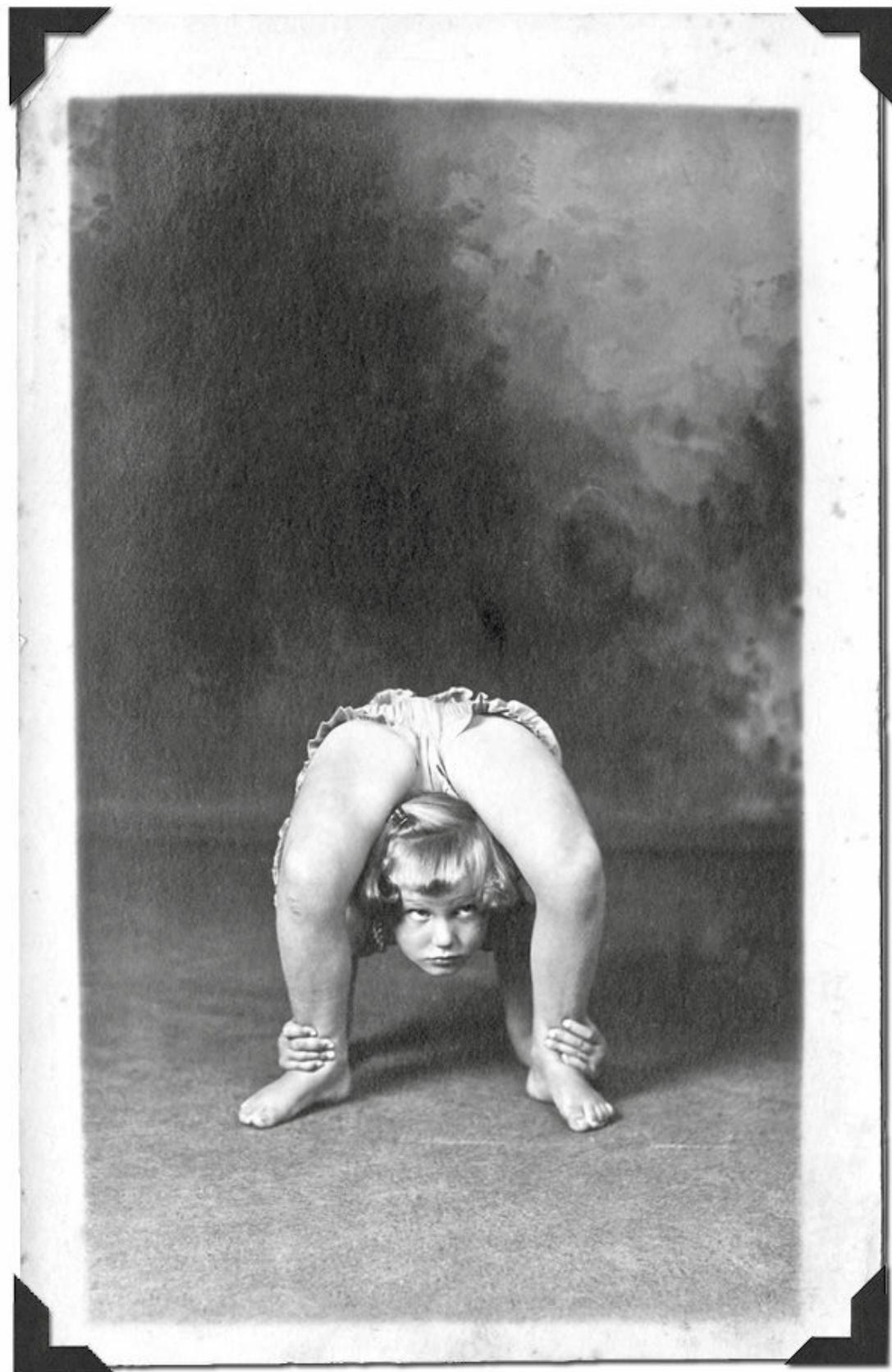
Guardei as fotos na caixa e a levei até a sala, onde m eu pai e tia Susie esvaziavam um a gaveta cheia de cupons, guardados e presos com clipes, m as nunca usados, em um saco de lixo de cinquenta litros.

Ofereci a caixa. Eles não perguntaram o que ela continha.











— Então é isso? — disse dr. Golan. — A morte dele não significou nada?

Ele estava deitado no divã, observando um aquário que ficava no canto, seu único prisioneiro dourado nadando em círculos preguiçosos.

— A menos que o senhor tenha uma ideia melhor — disse eu. — Algum grande teoria sobre o que tudo isso significa e que ele estava escondendo de mim.

Do contrário...

— O quê?

— Do contrário, isso é apenas perda de tempo.

Ele deu um suspiro e beliscou a ponte do nariz com o se tentasse se livrar de um a dor de cabeça.

— O significado das últimas palavras de seu avô não é uma conclusão à qual eu devo chegar — disse ele. — É o que você acha que mim porta.

— Isso é bobagem psicanalítica — reagi. — O que mim porta não é o que eu acho, e sim o que é verdade! Mas creio que nunca vam os saber, então o que mim porta? Só continue a mim e encher de drogas e mim ande a conta.

Eu queria que ele ficasse com raiva, que discutisse, insistisse que eu estava errado, mas em vez disso ele ficou sentado com uma expressão enigmática, tam borilando no braço da poltrona com a caneta.

— Parece que você está desistindo — disse ele após um instante. — Estou desapontado. Você não mim e parece uma pessoa que desista das coisas.

— Deve ser porque o senhor não mim e conhece mim muito bem — retruquei.

Eu não podia estar menos no clima de festa. Soube que estava prestes a entrar em um momento em que meus pais começaram a soltar pistas nadas sutis sobre com o fim de semana seguinte seria chato e sem nada

interessante, quando todos sabiam os muito bem que eu faria dezesseis anos. Im plorei a eles que não fizessem festa nesse ano, porque, entre outras razões, eu não podia pensar em um a única pessoa que gostaria de convidar. Mas eles estavam preocupados porque eu passava muito tempo sozinho e se agarraram à noção de que se socializar teria efeito terapêutico. “Choques elétricos também bem”, disse eu, masinha não detestava deixar passar mesmo o enorme dos pretextos para um a com em oração — um a vez ela recebeu convidados para o aniversário de nossa cacatua —, em parte porque adorava exibir nossa casa, conduzir os convidados de aposento a aposento excessivamente obiliados, a taca de vinho na mão, glorificando a genialidade do arquiteto e contando histórias de guerra sobre a construção. (“Levou meses para trazer esses candelabros da Itália.”) Tínhamos acabado de voltar da minha desastrosa sessão com dr. Golan.

Entrei atrás do meu pai na sala de estar, escura a ponto de causar suspeitas, enquanto ele me virava coisas com o “Que vergonha a gente não ter planejado

nada para o seu aniversário” e “Ah, bem, podem os fazer isso no ano que vem”, quando todas as luzes se acenderam de repente para revelar serpentinas, bexigas e um sortimento variado de tias, tios e primos com os quais eu raramente falava

— qualquer um que minha mãe tivesse conseguido convencer a com parecer —, além de Ricky, que fiquei surpreso ao ver parado perto da poncheira, parecendo deslocado em um a jaqueta de couro com enfeites metálicos. Depois que todos finalizaram os gritos de parabéns, e de eu fingir estar realmente surpreso, minha mãe passou o braço ao redor do meu ombro e sussurrou:

— Tudo bem quanto a isso aqui?

Eu estava aborrecido e cansado, e só queria jogar *Warspire III: o chamado* antes de ir para a cama com a TV ligada, mas o que podia fazer? Mandar todo mundo embora para casa? Eu disse que estava tudo bem, e ela sorriu, com o sorriso agradecesse.

— Quem quer ver a últim a novidade da casa? — cantarolou ela, servindo-se de Chardonnay antes de m archar com um a trupe de parentes obedientes escada acim a.

Ricky e eu nos saudam os com um aceno de cabeça de lados opostos da sala, concordando tacitam ente em tolerar a presença um do outro por um a ou duas horas. Não nos falávam os desde o dia em que ele tinha m e em purrado do telhado, m as nós dois com preendíam os a im portância de m anter a ilusão de que tinhiam os am igos. Eu estava prestes a ir falar com ele quando m eu tio Bobby m e segurou pelo cotovelo e m e puxou para um canto. Bobby era um suj eito grande e barrigudo que dirigia um carro grande e m orava em um a casa grande, e eventualm ente sucum biria devido a um grande ataque cardíaco resultante de todo o *foie gras* e super-ham búrgueres m onstruosos com os quais encheria o cólon ao longo dos anos, deixando tudo para m eus prim os m aconheiros e sua esposa pequena e quieta. Ele e m eu tio Les eram copresidentes da Sm art Aid e sem pre faziam isso — puxar as pessoas a um canto para conversas conspiratórias, *sotto voce*, com o se estivessem tram ando um assassinato da m áfia em vez de elogiando a anfitriã por seu guacam ole.

— Então, sua m ãe m e disse que você está com eçando a superar o... ah...
toda essa situação do seu avô.

Ninguém sabia com o cham ar aquilo. A m inha situação.

— Reação aguda a estresse pós-traum ático — disse eu.
— O quê?
— Foi isso o que eu tive. Tenho. Sei lá.

— Que bom ! É m esm o bom saber. — Fez um aceno com a m ão com o se afastasse de lado toda essa situação desagradável. — Sua m ãe e eu estávam os pensando. O que você acha de vir para Tam pa nesse verão, para ver com o funciona o negócio da fam ília, aprender a dar ordens com igo por um tem po lá na sede? A m enos que você goste de arrum ar prateleiras! — Ele riu tão alto que dei um passo involuntário para trás. — Você podia até ficar lá em casa, pescar um pouco de cam arupim com igo e seus prim os nos fins de

sem ana. — Ele passou cinco longos m inutos descrevendo seu iate novo, entrando em detalhes elaborados, quase licenciosos, com o se aquilo bastasse para fechar o acordo, e quando term inou deu um sorriso e estendeu a m ão para que eu a apertasse. — E

então, o que acha Jake-Fera?

Acho que aquilo tinha o obj etivo de ser um a oferta irrecusável, m as eu preferia passar o verão em um cam po de trabalhos forçados na Sibéria a viver com m eu tio e seus filhos m im ados. Em relação a trabalhar na sede da Sm art Aid, sabia que isso provavelm ente seria inevitável, m as tinha contado com pelo m enos m ais alguns verões de liberdade e quatro anos de faculdade antes de ter de entrar naquela gaiola de ouro. Hesitei enquanto tentava pensar em um a saída.

Em vez disso, o que eu disse foi:

— Não sei se m eu psiquiatra vai achar isso um a boa ideia agora.

As sobrancelhas peludas dele se uniram . Ele balançou a cabeça vagam ente e disse:

— Ah, bem , claro, não podem os forçar a barra, não é? Certo, m eu querido?

— Ele saiu andando sem esperar resposta, fingindo ver outra pessoa do outro lado da sala, cuj o cotovelo ele precisava agarrar.

Minha m ãe anunciou que era hora de abrir os presentes. Ela sem pre insistia que eu fizesse isso na frente de todo m undo, o que para m im é um problem a porque, com o j á devo ter m encionado antes, não sou um bom m entiroso.

Tam bém significa que não sou bom em fingir gratidão por presentes reaproveitados, com o CDs de versões *country* de m úsica natalina ou assinaturas de revistas de pesca e vida selvagem — tio Les conviveu durante anos com a ilusão de que eu sou um tipo que gosta de atividades na natureza —, m as em nom e do decoro forcei um sorriso e ergui bem alto cada cacareco que desem brulhei para que todos vissem , até que a pilha de presentes que restava sobre a m esa de centro se reduziu a apenas três.

Peguei prim eiro o m enor deles. Dentro encontrei a chave do enorm e sedã de quatro anos de m eus pais. Eles estavam com prando um novo, explicou m inha m ãe, então eu herdaria o antigo. Meu prim eiro carro! Todo m undo fez *ooohs* e *aaaahs*, m as senti o rosto esquentar. Era exibição dem ais aceitar um presente tão caro na frente de Ricky, cuj o carro custara m enos que a m esada que eu recebia aos doze anos. Parecia que m eus pais estavam sem pre ressaltando a im portância do dinheiro para m im , m as eu não m e im portava, m esm o. De qualquer j eito, é fácil dizer que não liga para dinheiro quando se tem m uito.

O presente seguinte foi a câm era digital que eu passara o verão inteiro im plorando aos m eus pais.

— Uau — disse eu, enquanto testava seu peso em m inha m ão. — É m uito legal!

— Estou com eçando a escrever um livro novo sobre pássaros — disse m eu pai. — Achei que você podia tirar as fotos.

— Um livro novo! — exclam ou m inha m ãe. — Que ideia fenom enal, Frank! Ei, o que aconteceu com aquele últim o livro no qual estava trabalhando?

— Era evidente que ela bebera algum as taças de vinho.

— Ainda estou fazendo algum as correções — disse ele em voz baixa.

— *Sei* — respondeu ela. Pude ouvir o riso de tio Bobby em algum lugar.

— Então! — disse eu em voz alta enquanto pegava o últim o presente. —

Este é da tia Susie.

— Na verdade — disse ela enquanto eu rasgava o papel de presente —, é do seu avô.

Parei no m eio do rasgo e a sala m ergulhou num silêncio m ortal. As pessoas olhavam para tia Susie com o se ela tivesse invocado algum espírito

m aligno. O

queixo de m eu pai se retesou e m inha m ãe tom ou um grande gole de vinho.

— Abra, que você vai ver — disse tia Susie.

Rasguei o resto do papel de presente e encontrei um livro de capa dura antigo, com as páginas cheias de orelhas e sem sobrecapa. Era um volum e das *Obras selecionadas de Ralph Waldo Emerson*. Olhei para ele fixam ente com o se quisesse ler através da capa, incapaz de com preender com o o livro chegara às m inhas m ãos, que agora trem iam . Ninguém além do dr. Golan sabia das últim as palavras de m eu avô, e m eu psiquiatra prom etera várias vezes que, a m enos que eu am eaçasse beber soda cáustica ou dar um salto- m ortal do alto da Ponte Sunshine Sky way, tudo o que conversávam os em seu consultório seria m antido sob o m ais estrito sigilo.

Olhei para m inha tia, um a pergunta que eu não sabia com o fazer estam pada no rosto. Ela conseguiu dar um tím ido sorriso e com entou:

— Encontrei na escrivaninha de seu avô quando estavam os lim pando a casa. Ele escreveu o seu nom e na folha de rosto. Acho que queria que você ficasse com o livro.

Deus abençoe tia Susie. Ela, no fim das contas, tinha um coração.

— Legal, eu não sabia que seu avô gostava de ler — disse m inha m ãe, tentando anim ar o clim a. — É m uita consideração sua.

— É — disse m eu pai entre dentes cerrados. — Obrigado, Susan.

Abri o livro. Havia, realm ente, um a anotação feita com a letra trêm ula de m eu avô na folha de rosto.

Quando m e levantei para sair dali, com m edo de com eçar a chorar na frente de todo m undo, algo deslizou do m eio das páginas e caiu no chão.

Eu m e abaixei para pegar. Era um a carta.

Emerson. A carta.

Senti o sangue se esvair de m eu rosto. Minha m ãe inclinou-se em m inha direção e num m urm úrio tenso perguntou se eu precisava de um gole d'água, o que na língua da m inha m ãe significava *segura a onda, as pessoas estão olhando*.

— Eu m e sinto um pouco, hum ... — disse eu, e então, com a m ão na barriga, corri para o quarto.

Obras selecionadas
de RALPH WALDO
EMERSON

— *E* —

Editado e com introdução
de Clifton Durrell, Ph. D.

*Para Jacob Magalhães Portman,
e todos os mundos que
ele ainda tem de descobrir*

ANTHEM BOOKS • NEW YORK

A carta estava escrita à mão num a folha de papel fino e sem pautas, num a letra cheia de arabescos, tão enfeitada que parecia um exercício de caligrafia, a força da tinta negra oscilante com o a de um a velha caneta-tinteiro. A carta dizia:

Meu caríssimo Abe,

Espero que este bilhete o encontre em segurança e com boa saúde. Faz tanto tempo desde a última vez que você nos mandou notícias! Mas estou escrevendo não para repreendê-lo, mas sim para informá-lo de que ainda pensamos muito em você e rezamos por seu bem-estar. Nosso bravo e belo Abe!

Quanto à vida na ilha, pouca coisa mudou. Mas com tranquilidade e com ordem é como preferimos as coisas! Eu me pergunto se nós o reconheceríamos após tantos anos, mas tenho certeza de que você iria nos reconhecer — quero dizer, os poucos remanescentes. Significaria muito receber um retrato recente seu, se tiver um para nos mandar. Inclui uma foto minha, sem divida antiga, apesar de parecer que foi tirada ontem!

E sente muitas saudades suas. Por que não escreve para ela?

Com respeito e admiração,

Alma LeFay Peregrine, Diretora Escolar



Com o prom etido, a rem etente anexara um a velha foto. Segurei-a sob a luz do abaj ur de m inha escrivaninha para tentar ler algum detalhe no rosto, quase um a silhueta, da m ulher, m as não havia nada para encontrar. Era m uito estranho, e ainda assim ela nada tinha a ver com as fotos do m eu avô. Ali não havia truques. Era só um a m ulher, um a m ulher fum ando cachim

bo. Parecia o cachim bo de Sherlock Holm es, curvado e descendo de seus lábios. Meus olhos sem pre voltavam para ele.

Será que era isso que m eu avô queria que eu encontrasse? É, só pode ser — não as cartas de Em erson, m as *uma* carta guardada dentro do livro de Em erson.

Mas quem era essa diretora escolar, essa Alm a Peregrine? Estudei o envelope em busca do endereço do rem etente, m as encontrei apenas um carim bo desbotado que dizia *Cairnholm Is., Cymru, UK*.

Era na Grã-Bretanha. Eu sabia, de estudar atlas quando criança, que *Cymru* significava País de Gales. *Cairnholm Is.* tinha de ser a ilha m encionada pela srta.

Peregrine na carta, onde ela m orava. Seria a m esm a ilha onde m eu avô vivera quando garoto?

Nove m eses antes ele m e dissera para “encontrar a ave”. Nove anos atrás ele j urara que o orfanato onde vivera era protegido por um a — “um a ave que fum ava cachim bo”. Aos sete anos eu tinha entendido isso literalmente, m as a diretora na foto fum ava um cachim bo, e seu nome era Peregrine, com o o falcão-peregrino. Será que a ave que m eu avô queria que eu achasse era, na verdade, a m esm a m ulher que o havia resgatado, a diretora do orfanato? Talvez ela ainda estivesse na ilha após todos esses anos, m uito velhinha, m as viva sob os cuidados de m uitos enfermeiros, crianças que haviam crescido, m as nunca tinham ido em bora.

Pela prim eira vez as palavras de m eu avô com eçaram a fazer um estranho sentido. Ele queria que eu fosse à ilha e encontrasse essa m ulher, essa diretora idosa. Se alguém conhecia os segredos de sua juventude, seria ela. Mas o carim bo no envelope tinha quinze anos. Seria possível que ela ainda estivesse viva? Fiz rápidas contas de cabeça: se ela administrava um orfanato em 1930 e tivesse, digam os, 25 anos na época, então hoje teria m ais de 95 anos. Era possível; havia pessoas m ais velhas que isso em Englewood que ainda m oravam sozinhas e dirigiam , e, m esm o que a srta. Peregrine tivesse m orrido durante esses quinze anos desde que enviara carta,

talvez ainda houvesse pessoas em Cairnholm que poderiam me ajudar, que tinham conhecido vovô Portman quando criança e guardassem a chave para seus segredos.

Nós, escrevera ela, os poucos remanescentes.

Com o você pode imaginar, convencer meus pais a mim e deixar passar parte de mim eu verão num aílhota na costa do País de Gales não foi tarefa fácil. Eles, especialmente minha mãe, tinham muitas razões convincentes contra essa

“péssima ideia”, incluindo o fato de que eu devia passar o verão com tio Bobby para aprender a admistrá-lo durante o período das drogas, além de que não tinha ninguém para mim acolher, já que nenhum dos meus pais queria ir, e eu, sem dúvida, não podia viajar sozinho. Não tinha como refutar esses argumentos, e meus motivos para querer fazer a viagem — *acho que é meu dever fazê-la* —

não eram algo que eu podia explicar sem parecer ainda mais maluco do que eles já temiam que eu fosse. Com certeza, se contasse a mim eus pais sobre as últimas palavras do vovô Portman, ou sobre a carta ou a foto, eles me mandariam para internar. Os únicos argumentos que pareciam saudáveis a favor da viagem foram coisas como “quero conhecer melhor a história da família” e o nunca convincente “Chad Kramer e Josh Bell vão para a Europa este verão, por que eu não posso ir?”. Eu os mencionava sempre que podia, tentando não parecer desesperado (certa vez, apelidei para “não é que vocês não tenham dinheiro”, uma tática da qual me arrependi na mesma hora), mas basicamente parecia que não ia rolar.

Então várias coisas aconteceram para ajudar muito meu caso. Primeiro, tio Bobby ficou com medo de que eu passasse o verão com ele — acho que ninguém quer um maluco em casa, certo? De repente minha agenda ficou bem aberta. Em seguida, meu pai soube que a ilha Cairnholm é um *habitat* de aves superimportante e que metade da população de certo pássaro que o deixa com tesão ornitológico total vive lá. Ele começou a falar muito desse

hipotético livro novo sobre aves, e sem pre que o assunto surgia eu fazia o m áxim o para encoraj á-lo e dem onstrar interesse. Mas o fator m ais im portante foi dr. Golan.

Depois de um a quantidade surpreendentem ente m ínim a de persuasão de m inha parte, ele chocou a todos não apenas por concordar com a ideia, m as por incentivar com veem ência que m eus pais m e deixassem ir.

— Isso pode ser im portante — disse ele para m inha m ãe, certa tarde após um a sessão. — É um lugar que foi tão m itificado pelo avô que um a visita só pode servir para desm itificá-lo. Ele vai ver que é apenas um a ilha norm al e sem m agia com o qualquer outro lugar, e as fantasias de seu avô, por consequênci, vão perder força. Pode ser um m odo bastante eficaz de com bater fantasia com realidade.

— Mas eu achava que ele j á não acreditava m ais nesse negócio — disse m inha m ãe, virando-se para m im . — Acredita, Jake?

— Não — assegurei.

— Não, conscientem ente ele não acredita — disse dr. Golan —, m as é o *in* consciente que está causando todos os problem as dele nesse m om ento. Os sonhos, a ansiedade.

— E o senhor acha m esm o que ir até lá pode aj udar? — perguntou m inha m ãe, com expressão desconfiada ao encará-lo, com o se estivesse se preparando para a verdade nua e crua. Quando o assunto era coisas que eu deveria ou não estar fazendo, a palavra do dr. Golan era lei.

— Acho — respondeu ele.

Foi o bastante.

Depois daquilo, as peças se encaixaram com velocidade im pressionante. As passagens de avião foram com pradas, os horários m arcados e todos os preparativos feitos. Meu pai e eu iríam os passar três sem anas na ilha em j unho.

Provavelmente seria tem tempo demais, mas meu pai alegou que precisava de pelo menos esse período para fazer um estudo das colônias de aves do lugar. Achei que também não fosse fazer objeções — três semanas inteiras! —, mas, quanto mais nossa viagem se aproximava, mais animada ela parecia.

— Meus dois homens — ela dizia, sorrindo — vão partir em uma grande aventura!

Achei esse entusiasmo um tanto tocante, na verdade — até a tarde em que a escutei conversando pelo telefone com uma amiga, confessando o quanto estava aliviada por “ter sua vida de volta” por três semanas e não ter “duas crianças necessitadas com quem se preocupar”.

Também amo você, quis dizer com o sarcasmom mais doloroso que pudesse reunir, mas ela não tinha me visto e mantive silêncio. Eu a amo, é claro, mas em grande parte porque amar a mim é obrigatório, não porque ela fosse alguém que eu achasse que gostaria muito se conhecesse andando na rua. O que ela não faria, de qualquer maneira; andar é para pessoas pobres.

Durante a jornada de três semanas entre o fim das aulas e o início de nossa viagem, fiz o possível para descobrir se a srta. Almá LeFay Peregrine ainda residia no mundo dos vivos, mas as buscas na internet não deram em nada.

Supondo que ela ainda fosse viva, eu tinha esperança de falar com ela por telefone e pelo menos avisá-la de minha chegada, mas logo descobri que praticamente ninguém em Cairnholm sequer tinha telefone. Encontrei apenas um número para toda a ilha, e foi para esse que liguei.

A ligação demorou quase um minuto para ser completada, com muitos chiados e ruídos, silêncio, depois muitos chiados, de forma que eu senti cada quilômetro da enorme distância que a ligação percorria. Por fim ouvi aquele estranho sinal de chamada europeu — *vap-vap... vap-vap* — e um homem que para mim só podia estar drogado atendeu ao telefone.

— Buraco do pau! — berrou. Havia uma quantidade absurda de barulho no fundo, aquela espécie de burburinho abafado que se espera ouvir no auge de uma festa muito louca de faculdade. Tentei me identificar, mas não acho que ele conseguia me ouvir.

— Buraco do pau! — tornou a berrar. — Quem é agora? — Mas, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele afastou o telefone do rosto para gritar com algum a outra pessoa. — Mandei calar a boca, seu bando de filhos da m ãe, estou no...

E então a linha caiu. Fiquei sentado com o fone colado ao ouvido, intrigado por um bom tem po, depois desliguei. Não m e dei ao trabalho de tornar a ligar. Se o único telefone de Cairnholm fosse o de algum antro de perdição cham ado

“Buraco do pau”, o que isso prenunciava para o resto da ilha? Será que eu passaria m inha prim eira viagem à Europa tentando fugir de m aníacos bêbados e

observando pássaros esvaziando as tripas em praias rochosas? Talvez. Mas se isso significasse que eu finalm ente conseguia dar descanso para os m istérios de m eu avô e voltar à m inha vida sem graça, qualquer coisa que eu tivesse de suportar valeria a pena.

CAPÍTULO TRÊS

A neblina se fechou em torno de nós com o se fosse um a venda. Quando o capitão anunciou que estavam os quase chegando, no início achei que ele estivesse de brincadeira; tudo o que eu conseguia ver do convés, que não parava de se m exer, era um a infinita cortina cinzenta. Agarrei a am urada e encarei fixam ente as ondas verdes, contem plando os peixes que logo poderiam estar com endo m eu café da m anhã, enquanto m eu pai perm anecia de pé, trem endo do m eu lado em m anga de cam isa. Estava m ais frio e úm ido do que j am ais im aginei que j unho pudesse ser. Eu esperava, pelo m eu bem e pelo dele, que as 36 horas de sofrim ento enfrentadas bravam ente por nós para chegar até ali — três aviões, duas conexões, cochilos em estações de trem im undas e agora essa viagem de barca que em brulhava m eu estôm ago — valessem a pena. Então m eu pai exclam ou:

— Vej a! — E eu levantei a cabeça para avistar um a enorm e m ontanha rochosa em ergir da tela em branco à nossa frente.

Era a ilha de m eu avô. Agigantando-se cinzenta, envolta pela névoa, guardada por um m ilhão de pássaros que não paravam de piar, ela parecia um a fortaleza antiga construída por gigantes. Enquanto eu erguia os olhos para seus penhascos escarpados, cuj os cum es desapareciam em um recife de nuvens fantasm agóricas, a ideia de que esse era um lugar m ágico não parecia tão ridícula.

Meu enj oo pareceu desaparecer. Meu pai saiu correndo pela balsa com o um a criança no Natal, os olhos colados nos pássaros que voavam em círculos acim a de nós.

— Jacob, olhe só! — gritou, apontando para um bando de pontos voadores.

— Pardelas!

— Que legal, pai!

Conform e nos aproxim ávam os dos penhascos, com ecei a notar form as estranhas escondidas sob a água. Um tripulante que passava m e viu debruçado sobre a am urada para observá-las e disse:

— Nunca viu um naufrágio antes, hein?

Eu m e virei para ele.

— Sério?

— Toda esta ilha é um cem itério de navios — respondeu ele. — É com o os velhos capitães costum avam dizer: “Da ponta de Twixt Hartland à baía de Cairnholm é um cem itério de m aruj os, sej a de dia, sej a de noite!”.

Nesse instante passam os por um navio naufragado tão próxim o da superfície, a silhueta de sua carcaça esverdeada tão nítida que parecia prestes a se erguer da água com o um zum bi de sua cova rasa.

— Viu aquele? — perguntou enquanto apontava para o navio. — Foi afundado por um subm arino, foi sim .

— Havia subm arinos por aqui?

— Aos m ontes. Todo o m ar da Irlanda estava infestado de subm arinos alem ães. Aposto que você teria m etade de um a m arinha nas m ãos se pudesse tirar do fundo do m ar todos os navios que eles torpedearam . — Ele ergueu um a sobrancelha para m im de m odo teatral, depois se afastou, rindo.

Quando eu com eçava a m e perguntar se íam os precisar de equipamento de alpinism o para entrar na ilha, seus penhascos íngrem es passaram a declinar suavem ente para nos encontrar. Contornam os um cabo e entram os em um a baía rochosa em form a de m eia-lua, e a distância vi um a pequena enseada cheia de barcos de pesca coloridos e, além dela, um a cidade localizada em um a verde enseada de terra. Um a colcha de retalhos de cam pos pontilhados de carneiros se espalhava pelas colinas que se elevavam ao longe até se j untar a um a serra alta, onde um a parede de nuvens parecia form ar um parapeito de algodão. Era dram ático e belo, diferente de qualquer outro lugar que eu j á tinha visto. Senti um pouco da em oção de nossa aventura enquanto o barco entrava na baía, com o se avistasse terra onde m apas antigos registravam apenas traços de um azul indistinto.

A balsa atracou, pegam os nossa bagagem e desem barcam os na cidadezinha. Após um a inspeção m ais cuidadosa, concluí que ela não era, com o tantas outras coisas, tão bonita de perto quanto parecia a certa distância. Casinhas caiadas de branco, estranhas, exceto pelas parabólicas que brotavam de seus telhados, enfileiravam -se ao longo de ruas de terra enlam eadas. Com o Cairnholm era m uito distante e sem im portância para j ustificar o custo de levar cabos de energia do continente, fedorentos geradores a diesel zum biam em cada esquina com o vespas raivas, harm onizando-se com o ronco dos tratores, os únicos veículos a transitar na ilha. Nos lim ites da cidade, casinhas de aspecto desgastado erguiam -se abandonadas e sem teto, provas de um a população que encolhia. As crianças eram atraídas para longe das tradições seculares de pesca e trabalho no campo por oportunidades m ais glam orosas no continente.

Arrastam os nossas coisas pela cidade em busca de um lugar cham ado Arco do Padre, onde m eu pai havia reservado um quarto. Im aginei um a igrej a antiga convertida em pensão, nada elegante, apenas um lugar para dorm ir

quando não estivéssem os observando aves ou seguindo pistas. Perguntam os sobre o caminho a alguns m oradores locais, m as recebem os de volta apenas olhares confusos.

— Eles falam inglês, certo? — m eu pai perguntou a si m esm o em voz alta.

Quando m inha m ão com eçava a doer devido ao peso absurdo da m inha m ala, chegam os a um a igreja. Acham os que tinham os encontrado nossas acomodações, até que entram os e vim os que ela tinha, sim , sido convertida, m as em um pequeno m useu lúgubre, não em pensão.

Encontram os um curador provavelmente de m eio período em um aposento cheio de redes de pesca e lâminas de tosquiador carneiros penduradas nas paredes.

O rosto dele se ilum inou quando nos viu, depois tornou a se fechar quando se deu

conta de que estavam os apenas perdidos.

— Im agino que estejam procurando o *Buraco do Padre* — disse ele. — São os únicos quartos para alugar na ilha.

Ele com eçou a nos explicar o caminho com um sotaque cantado, que achei tremendamente divertido. Adorava ouvir os galeses falarem , m esm o que m etade do que diziam fosse incomprehensível. Meu pai o agradeceu e virou-se para ir em bora, m as o hom em m ostrara-se tão prestativo que pensei em outra pergunta para fazer a ele — onde ficava o velho orfanato?

— O velho o quê? — disse ele, olhando-m e de um jeito esquisito.

Por um momento terrível temi que estivéssem os na ilha errada ou, ainda pior, que o orfanato fosse apenas m ais um a das invenções de m eu avô.

— Um lar para crianças refugiadas? — disse eu. — Durante a guerra? Um a casa grande?

O hom em m ordeu os lábios e m e olhou desconfiado, com o se estivesse decidindo se deveria ajudar ou lavar as m ãos para tudo aquilo. Mas ele

ficou com pena de mim .

— Não sei nada sobre refugiados — disse ele. — Mas acho que conheço esse lugar de que você está falando. Fica longe, lá do outro lado da ilha, depois da charneca pantanosa e da mata, mas eu não pensaria em perambular por lá sozinho se fosse você. Afaste-se de mim aí da trilha e nunca mais vão ouvir falar de você. Não tem nada além de mata, lama e bosta de carneiro para mim pedir-lo de cair de um precipício sobre rochas pontiagudas.

— É bom saber disso — disse meu pai, olhando para mim . — Prometa que não vai lá sozinho.

— Está bem , está bem .

— Mas por que você está interessado nisso? — perguntou o homem . — Não é exatamente um ponto turístico.

— Apenas um projeto de genealogia — disse meu pai, hesitando perto da porta. — Meu pai passou alguns anos lá quando criança. — Sabia que ele estava se esforçando para evitar qualquer menção a psiquiatras ou avós mortos, e ele tornou a agradecer ao homem e rapidamente me conduziu para fora.

Seguindo as indicações do curador, refizemos os nossos passos até chegarmos a uma estátua em pedra negra de aspecto assustador, um monumento chamado Mulher à Espera, em homenagem aos oradores da ilha perdidos no mar. A estátua tinha uma expressão patética, ali parada com os braços estendidos na direção da enseada, a muitas quadras de distância, mas também na direção do Buraco do Padre, que era logo do outro lado da rua. Bem, não sou nenhum especialista em hotéis, mas apenas um olhar para o letreiro me arcado pelo tempo do Buraco do Padre me dizia que nossa estada não seria exatamente uma experiência quatro-estrelas, com chocolate de menta nos travesseiros com cortesia. Na fachada, lia-se em letras gigantes: **VINHOS, CERVEJAS E**

AGUARDENTES. Abaixo disso, em letras maiores, *Boa comida*. Na parte de baixo, escrito à mão, sem dúvida posteriormente: *Quartos para alugar*, apesar de o “s” ter desaparecido, deixando apenas um único *Quarto*.

Quando nos dirigíam os com as m alas para a porta, e m eu pai reclam ava de vigaristas e propaganda enganosa, dei um a espiada na Mulher à Espera às nossas costas e m e

perguntei se ela não estava apenas esperando que alguém lhe servisse um a bebida.

Esprem em os nossas m alas pela porta e param os, os olhos piscando na escuridão súbita de um *pub* de teto baixo: j anelas pequenas e chum badas perm itiam a entrada de luz suficiente apenas para encontrar a serpentina de cervej a sem tropeçar nas m esas e cadeiras no cam inho. As próprias m esas, gastas e bam bas, aparentem ente teriam m ais serventia com o lenha. O bar não estava tão cheio; sabe-se lá a hora da m anhã que era, com hom ens em estados variados de intoxicação silenciosa, de cabeça baixa com o se rezassem diante de copinhos com um líquido âm bar.

— Vocês vieram por causa do quarto — disse um hom em saindo de trás do bar para nos apertar a m ão. — Eu sou Kev, e essa é a nossa turm a. Digam olá, turm a.

— Olá — eles m urm uraram , acenando com suas bebidas.

Seguim os Kev por um a escadinha estreita até um grupo de quartos —

plural! — que podiam , com caridade, ser descritos com o sim ples. Havia dois quartos, o m aior dos quais ficou com m eu pai; um terceiro aposento funcionava com o cozinha, sala de j antar e de estar, o que significava ter um a m esa, um sofá roído por traças e um fogão elétrico. O banheiro funcionava “a m aior parte do tem po”, segundo Kev.

— Mas, se ele ficar estranho, sem pre há o Velho Fiel. — E ele desviou nossa atenção para um banheiro quím ico no beco dos fundos, convenientemente visível da j anela do m eu quarto.

— Ah, e vocês vão precisar disto — disse ele, pegando dois lam piões a querosene em um arm ário. — Os geradores param de funcionar às dez, pois é m uito caro trazer com bustível até aqui, então ou você dorm e cedo, ou aprende a gostar de velas e querosene! — Ele sorriu. — Espero que não seja m edieval dem ais para vocês.

Garantim os a Kev que estava tudo bem com banheiros externos e querosene. Na verdade, parecia divertido — um pouco de aventura, sim , senhor

—, e em seguida ele nos levou lá para baixo, para a últim a parte de nosso tour.

— Vocês são bem -vindos para fazer as refeições aqui — disse ele. — E im agino que vão fazer, pois não há outro lugar para com er. Se precisar telefonar, tem os um a cabine telefônica ali no canto. Algum as vezes tem um pouco de fila, j á que quase não tem os sinal de celular aqui, e você está olhando para o único telefone fixo da ilha. Está bem , tem os tudo... a única com ida, a única cam a, o único telefone! — E ele se inclinou para trás e riu, um a gargalhada longa e ruidosa.

O único telefone na ilha. Olhei na direção dele — havia um a cabine telefônica num dos cantos, aquele tipo com um a porta que você podia fechar se quisesse privacidade, com o aquelas que se vê nos film es antigos — e então percebi com um crescente horror que essa era a orgia grega, essa era a festa de fraternidade furiosa para a qual eu havia ligado quando telefonei para a ilha há algum as sem anas. *Esse era o Buraco do Pau.*

Kev deu as chaves dos nossos quartos para m eu pai.

— Qualquer pergunta — disse —, vocês sabem onde m e encontrar.

— Tenho um a pergunta — falei. — O que é um buraco do pau... quer dizer, padre?

Os hom ens no bar caíram na gargalhada.

— Ora, é um buraco para padres, claro! — disse um deles, o que fez com que os outros rissem ainda m ais.

Kev cam inhou sobre um trecho irregular do piso de tábuas perto da lareira, onde um cachorro noj ento dorm ia.

— Bem aqui — disse ele, batendo com o sapato no que parecia ser um a porta no chão. — Séculos atrás, quando o sim ples fato de ser católico bastava para o enforcarem num a árvore, m uitos clérigos vinham para cá em busca de refúgio. Quando o bando de capangas da rainha Elizabeth vinha atrás deles, nós os aj udávam os a se esconder em lugarezinhos confortáveis com o este, um buraco do padre.

Pelo m odo com o falou, parecia até que ele conhecia pessoalm ente esses ilhéus havia tanto tem po m ortos.

— Bem confortável! — disse um dos clientes do bar. — Aposto que era quente e apertado com o um a torradeira lá em baixo!

— Sem pre vou preferir esse calor e conforto a ser enforcado por assassinos de padres! — com entou outro.

— Aqui, aqui! — disse o prim eiro hom em . — A Cairnholm , que seja a sem pre nossa rocha de refúgio!

— A Cairnholm ! — repetiram os outros, e todos brindaram j untos.

Exaustos e sofrendo com a diferença de fuso horário, fom os dorm ir cedo — m elhor, fom os para a cam a e ficam os deitados com o travesseiro sobre a cabeça para abafar a cacofonia de batidas que ecoava através do piso, que em certo ponto ficou tão alta, a ponto de eu ter certeza de que a com em oração tinha invadido m eu quarto. Então deve ter dado dez horas, porque de repente os geradores que roncavam lá fora engasgaram e m orreram , assim com o a m úsica que vinha lá de baixo e a luz da rua que entrava pela janela e caía direto nos m eus olhos, e logo m e vi envolto por um a escuridão silenciosa e aconchegante, apenas o m urm úrio de ondas distantes m e lem brando de onde eu estava.

Pela prim eira vez em m eses m ergulhei em um sono pesado e sem pesadelos. Em vez disso, sonhei com m eu avô quando m enino, com a prim eira noite dele aqui, um estranho em terra estranha, sob um teto estranho, devendo a vida a pessoas que falavam um a língua estranha. Quando acordei,

com o sol entrando alegrem ente pela m inha j anela, eu m e dei conta de que não tinha sido apenas a vida de m eu avô que a srta. Peregrine salvava, m as a m inha tam bém e a de m eu pai. Hoj e, com algum a sorte, eu finalm ente poderia agradecer a ela.

Desci apressadam ente as escadas e encontrei m eu pai j á sentado à m esa, bebendo café e lim pando seus binóculos caros. Enquanto eu m e sentava, Kev surgiu com dois pratos cheios de um a carne m isteriosa e torradas fritas.

— Não sabia que era possível fritar torradas — observei, ao que Kev respondeu que não conhecia nenhum a com ida que não ficasse m elhor frita.

Meu pai e eu discutim os os planos do dia durante o café. Íam os fazer um a espécie de exploração, para nos fam iliarizarm os com o am biente da ilha.

Prim eiro, íam os avaliar os m elhores pontos de observação de aves, depois íam os encontrar o orfanato. Devorei com pressa m inha com ida, ansioso para com eçar.

Bem fortificados com gordura, saím os do *pub* e cruzam os a cidade a pé, desviando de tratores e gritando um para o outro acim a do ruído dos geradores, até que as ruas deram lugar a cam pos e o barulho desapareceu às nossas costas.

Fazia um dia revigorante, com céu tem pestuoso. O sol se escondia atrás de m assas gigantescas de nuvens apenas para ressurgir m om entos m ais tarde e colorir as colinas com raios de luz espetaculares, e eu m e sentia energizado e esperançoso. Estávam os nos dirigindo a um a praia rochosa onde, da balsa, m eu pai avistara m uitias aves. Eu não tinha, porém , certeza de com o chegariam os lá

— a ilha lem brava ligeiram ente a form a de um anfiteatro, com colinas que desciam suavem ente até a borda de perigosos penhascos escarpados à beira-m ar

—, m as, nesse lugar específico, a borda do penhasco tinha sido circundada e havia um a trilha que levava a um a pequena faixa de areia nas m argens.

Tom am os o cam inho que descia até a praia, onde o que parecia ser um a civilização inteira de pássaros batia asas, gritava e pescava em poças deixadas pela m aré baixa. Observei os olhos de m eu pai se arregalarem .

— Fascinante! — m urm urou ele, arranhando um pedaço de guano petrificado com a ponta de sua caneta. — Vou precisar de algum tem po aqui, tudo bem ?

Eu j á vira aquela expressão em seu rosto antes e sabia exatam ente o que “algum tem po” significava: horas.

— Então eu vou achar a casa sozinho — disse eu.

— Não, sozinho não. Você prom eteu.

— Vou procurar alguém que possa m e levar.

— Quem ?

— Kev deve conhecer alguém .

Meu pai olhou para o m ar, onde um grande e enferruj ado farol erguia-se sobre um m onte de rochas em pilhadas não m uito longe da costa.

— Você sabe qual seria a resposta se sua m ãe estivesse aqui — disse ele.

Meus pais tinham teorias diferentes sobre a quantidade de proteção paterna necessária para m im . Mam ãe era m ais severa, sem pre no controle, m as m eu pai era m ais relaxado. Ele achava im portante que eu com etesse m eus próprios erros de vez em quando. Além disso, se m e deixasse ir, estaria livre para brincar com guano o dia inteiro.

— Está bem — disse ele. — Mas não se esqueça de deixar no *pub* o númer o do telefone de quem quer que vá com você.

— Pai, ninguém aqui tem telefone.

Ele deu um suspiro.

— Está bem , desde que seja de confiança.

Kev tinha saído para resolver alguma coisa, e com o chamar um de seus fregueses bêbados para mim e acompanhar era o mesmo que procurar encrença, fui até o estabelecimento seguinte fazer minha pergunta a alguém que, pelo menos, tivesse um emprego remunerado — na porta, estava escrito *PEIXEIRO*

—, só para mim e ver encolhido de medo diante de um gigante barbado com um avental sujo de sangue. O gigante parou de decapitar peixes e olhou para mim , com o cutelo respingante na mão, e eu já urei nunca mais ter preconceito contra alcoólatras.

— Mas pra quê? — rosnou o peixeiro quando contei a ele aonde queria ir. —

Lá não tem nada além de pântanos e um tem por aqui.

Expliquei sobre meu avô e o orfanato. Ele virou-se para observar um garoto meias ou menos da minha idade que estava arrumando peixes num a gaveta do *freezer*, depois debruçou sobre o balcão para lançar um olhar desconfiado para meus sapatos.

— Acho que Dylan não está muito ocupado e pode levá-lo até lá — disse ele. — Mas você vai precisar de sapatos apropriados. Não é legal ir de tênis, eles vão ser sugados em um segundo pela lama.

— Sério? — disse eu. — Tem certeza?

— Dylan, pegue um par de botas de borracha para nosso amigo aqui!

O garoto resmungou e fez uma cena para fechar a porta lentamente o *freezer* e limpou as mãos antes de se arrastar até uma parede de prateleiras cheias de produtos.

— Por acaso tem os boas botas assim em oferta — disse o peixeiro. —

Com pre um a e leve a outra gráris! — Ele soltou um a gargalhada e bateu com o cutelo num salmão. A cabeça do peixe voou do balcão sujo de sangue para aterrissar perfeitamente num pequeno balde de guilhotina.

Pesquei do bolso o dinheiro para em urgências que m eu pai tinha me dado, pensando que um a pequena extorsão era um preço baixo a pagar para encontrar a mulher que eu cruzara o Atlântico para conhecer.

Saí da loja atrás de Dylan calçando um par de botas de borracha tão grandes que m eus tênis cabiam dentro delas, e tão pesadas que era difícil acomodar o ritmo de m eu guia m alhum orado.

— Você estuda aqui na ilha? — perguntei a ele, apressando-me para alcançá-lo. Eu estava realmente curioso: com o que seria a vida ali para uma pessoa da minha idade? Ele me ouviu meu nome e de uma cidade no continente.

— Quanto tem de tempo: uma hora para ir e outra para voltar, de balsa?

— É.

E foi tudo. Ele respondeu a outras tentativas de conversa com meus entusiasmos ainda, então finalmente desisti e apenas o segui. Saindo da cidade, encontramos os-nos com um amigo dele, um garoto mais velho, que vestia um agasalho esportivo amarelo-brilhante e correntes de ouro falso no pescoço —

uma figura que não pareceria mais deslocada em Cairnholm nem se estivesse vestida de astronauta. Ele cumprimentou Dylan batendo seu punho no dele e se

apresentou com o Vermelho.

— Vermelho? — disse eu, sentindo que isso exigia mais perguntas.

— É o nome artístico dele — explicou Dylan.

— Somos a dupla de rap mais sinistra do País de Gales — disse Vermelho. —

Sou o MC Verm e esse é o Esturjão Cirurgião, vulgo MC Dirty Dylan, vulgo MC

Dirty Business, o melhor *human beat-box* de Cairnholm. Quer me ostrar a esse americano com o a gente me anda bem, Dylan?

Dylan pareceu sem graça.

— Agora?

— Manda ver um a batida pesada, irmão!

Dylan revirou os olhos, mas fez o que lhe foi pedido. No início achei que ele estivesse engasgando com a própria língua, mas havia um ritmo em seus pigarros balbuciados — *pu-pu-ca, pu-pu-ca* —, sobre o qual Vermelho e eu ouvimos cantar *rap*.

— O Buraco do Padre é um lugar imundo/ Seu pai vai sem pre lá porque é um vagabundo/ A minha rimaria é boa porque sou muito sinistro/ E o ritmo do Dylan é coisa de ministro!

Dylan parou.

— Isso não faz o menor sentido. E vagabundo é o seu pai.

— Ah, merda, Dirty Dylan, deixa o ritmo rolar! — Vermelho e eu ouvimos a fazer ele mesmo o *beat-box* e uma até razoável dança de robô, deixando marcas de tênis no cascalho. — Pega o microfone, D!

Dylan parecia envergonhado, mas me esmoreci assim com eu ouvindo a marcar o ritmo.

— Conheci a Sharon, uma menina de primiera/ Gostava da minha roupa, ela achava bem maneira/ Dei bom dia a ela, com o doutor Who/ Quando fiz esta rimaria, eu vi um urubu.

Vermelho sacudiu a cabeça.

— Um urubu?

— Eu não estava preparado.

Eles se viraram para mim e perguntaram o que eu tinha achado. Levando em conta que nem mesmo eles tinham gostado do rap um do outro, eu não tinha certeza do que dizer.

— Acho que minha praia é mais minha música com cantores e guitarras, essas coisas.

Verm fez um aceno de mão desdenhoso.

— Ele não saberia diferenciar um a boa rim a nem que ela o acertasse no meio das pernas — resmungou ele.

Dylan gargalhou e trocaram um a série de com plexos apertos-de-mão-acenos-toques de vários estágios.

— Podem os ir agora? — perguntei.

Depois disso, os garotos ficaram ali enrolando e durante algum tempo ignoraram, na esperança de que eu fosse embora, mas, com o não fui, Dylan deu um suspiro e disse que era melhor a gente resolver logo aquilo. De repente estavam os novamente a caminho, dessa vez com a companhia de Verm. Eu ia atrás deles e tentava imaginar o que diria à sra. Peregrine quando a encontrasse.

Esperava ser apresentado a uma a senhora galesa educada e beber chá na sala,

conversando bobagens até que parecesse adequado dar a mão à notícia. *Sou o neto de Abraham Portman*, eu diria. *Desculpe por ter de lhe dar a notícia, mas ele não está mais entre nós*. Então, quando ela terminasse de enxugar as lágrimas em silêncio, eu a encheria de perguntas.

Segui os garotos galeses por um a trilha que fez um a curva no meio de um pasto de ovelhas atentas antes de subir por um a ladeira íngreme e até o topo da colina. Lá no alto havia uma nuvem de neblina que baixava rapidamente, tão densa que pareciam estar entrando em outro mundo. Era algo verdadeiramente bíblico: um a neblina que parecia um produto de Deus, em um de seus pequenos acessos de fúria, para amaldiçoar os egípcios. Quando

com eçam os a descer do outro lado, ela pareceu ficar ainda m ais densa. O sol esvaneceu-se em um a película branca e pálida. A um idade se agarrava a tudo, escorrendo pela m inha pele e m olhando m inhas roupas. A tem peratura caiu. Por um instante perdi Dy lan e Verm e em m eio ao nevoeiro, e então a trilha ficou plana e deparei com eles parados à m inha espera.

— Ô am ericano! — cham ou Dy lan. — Por aqui!

Segui, obediente. Deixam os a trilha e prosseguim os por entre um capinzal enlam eado, onde ovelhas nos encaravam com grandes olhos úm idos, a lã m olhada e o rabo pendurado. De repente, surgiu um a casinha no m eio da névoa.

Estava com todas as j anelas e portas fechadas com tábuas.

— Vocês têm certeza de que é essa? — perguntei. — Parece tão vazia.

— Vazia? De j eito nenhum , tem um *monte* de m erda lá dentro — retrucou Verm e.

— Vá lá — disse Dy lan. — Dá um a olhada.

Eu tinha a sensação de que era algum a arm ação, m as m esm o assim fui até a porta e bati. Estava destrancada e se abriu um pouquinho quando a toquei.

Estava escuro dem ais para ver o que havia lá dentro, então dei um passo à frente

— e, para m inha surpresa, *caí* — no que parecia um chão de terra, m as que, logo percebi, era na verdade um oceano de excrem ento que batia na altura das canelas. Aquela casa desabitada, tão inocente quando vista de fora, era na verdade um estábulo de ovelhas im provisado. Quase literalm ente um m onte de m erda.

— Ah, m eu Deus! — gritei com noj o.

As gargalhadas explodiram do lado de fora. Voltei pela porta antes que o fedor m e fizesse desm aiar e encontrei os garotos se dobrando de tanto rir.

— Vocês são uns babacas — disse eu, enquanto batia os pés no chão com força, para tentar limpar a sujeira das botas.

— Por quê? — perguntou Vermelho. — *Dissemos* que tinha um monte de merda lá!

Encarei Dylan com firmeza.

— Você vai me mostrar a casa ou não?

— Ele está falando sério — disse Vermelho, enxugando as lágrimas.

— É claro que estou falando sério!

O sorriso de Dylan se apagou.

— Achei que você estivesse zoando.

— O quê?

— Brincando com a gente.

— Bem, eu não estava.

Os garotos trocaram um olhar desconfortável. Dylan sussurrou algo para Vermelho. Vermelho sussurrou algo em resposta. Por fim Dylan se virou e apontou para a trilha.

— Se queremos ir lá ver — disse ele —, siga em frente, atravesse a charneca e a mata. É um lugar grande e velho. Você não tem com errar.

— Mas que droga! Era para vocês irem até lá comigo!

Vermelho desviou o olhar e disse:

— A gente só vai até aqui.

— Por quê?

— Porque sim — disse Dy lan. E eles se viraram e com eçaram a voltar pelo cam inho por onde viem os, rapidam ente desaparecendo na neblina.

Avaliei m inhas opções. Podia colocar o rabo entre as pernas, seguir aqueles dois caras que tinham m e atorm entado e voltar para a cidade derrotado, ou ir em frente por conta própria e m entir para m eu pai sobre isso.

Não era um a escolha lá m uito difícil.

A charneca pantanosa se estendia nevoeiro adentro dos dois lados da trilha, apenas capim am arronzado, lam a e água cor de chá até onde a vista alcançava, com pletam ente plana, com a exceção de pilhas de pedras que surgiam de vez em quando. Term inava de repente em um a floresta de árvores esquálidas, com galhos que se erguiam com o as cerdas m olhadas de pincéis, e por algum tem po a trilha perdeu-se tanto em m eio a troncos caídos e tapetes de hera que segui-la foi um a questão de fé. Eu m e perguntei com o um a pessoa idosa com o a srtta.

Peregrine podia passar por um a trilha de obstáculos com o aquela. *Devem entregar lá tudo o que ela precisa*, pensei, apesar de a trilha ter o aspecto de não ver um a pegada havia m eses, senão anos.

Passei por cim a de um tronco gigantesco e escorregadio por causa do m usgo, e a trilha fez um a curva acentuada. De repente, as árvores se afastaram quase com o um a cortina e lá estava ela, envolta na neblina, assom ando no alto de um a colina coberta de hera. Com preendi no ato por que os garotos tinham se recusado a vir.

Meu avô a havia descrito cem vezes, m as em suas histórias a casa era sem pre um lugar claro e feliz — grande e bagunçado, sim , m as cheio de luz e risos. O que havia diante de m im não era um refúgio de m onstros, m as o próprio m onstro, encarando-m e com um a fom e inexpressiva do alto de seu posto.

Árvores saíam de j anelas quebradas e raízes de trepadeiras escabrosas corroíam as paredes com o se fossem anticorpos atacando um vírus — era com o se a própria natureza tivesse declarado guerra contra o lugar —, m as

a casa parecia im possível de exterminar, m antendo-se de pé resolutamente, apesar da incorreção de seus ângulos e dos recortes irregulares de céu visíveis através de

partes do telhado desmoronado.

Tentei m e convencer de que ainda era possível que alguém vivesse ali, m esm o naquele estado. Essas coisas não eram raras de onde eu vinha — um a casa caindo aos pedaços nos limites da cidade, com cortinas permanentemente fechadas, que se revelava ser a casa de algum velho recluso que sobrevivia de m acarrão instantâneo e unhas dos pés desde tempos imemoriais, apesar de ninguém se dar conta disso até que um corretor de imóveis ou um recenseador extremamente amedrontado bicoso abrisse caminho, entrasse e encontrasse a pobre alma voltando ao pó em cima de um sofá vagabundo. As pessoas ficam velhas demais para cuidar de um lugar, a família abandona por algum motivo... é triste, m as acontece. O que significava que, gostando ou não, eu teria de bater à porta. Reuni toda a escassa coragem que tinha e avancei com dificuldade em meio ao mato pela altura da cintura até a varanda, onde havia apenas lajeiras quebradas e madeira podre, e lá espiei por um momento anela rachada em forma de teia. Tudo o que consegui ver através do vidro sujo foram as silhuetas de m óveis, então bati à porta e dei um passo para trás, a fim de aguardar em meio a um silêncio assustador, apalpando a carta da srta. Peregrine em meu bolso. Eu a trouxera comigo caso precisasse provar quem era, mas após um minuto, depois dois, parecia cada vez menos provável que eu fosse precisar dela.

Saí para o quintal e dei a volta na casa em busca de outra entrada, enquanto tentava avaliar o tamanho do lugar, mas ele parecia não ter limites, com o se de cada canto da casa em que eu virasse brotasse novas sacadas, pequenas torres e chaminés. Então cheguei aos fundos e vi um a oportunidade: um a soleira sem porta, coberta de trepadeiras, profunda e negra: um a boca aberta, só esperando para me engolir. Só de olhar para ela minha pele se arrepiou. Precisava fazer força até para me mover os pés parados ali. Mas eu não tinha vindo do outro lado do mundo para sair correndo e gritando ao ver uma casa assustadora. Pensei em todos os horrores que o vovô Portman encarara na vida e o motivo de eu estar ali, e senti minha determinação ganhar força. Se havia alguém a encontrar lá

dentro, eu encontraria. Subi os degraus, cruzei o umbral e penetrei a escuridão.

Assim que entrei, parei em um vestíbulo escuro com o umbral aberto e encarei paralisado o que para todos os efeitos pareciam ser peles penduradas em ganchos, mas após um momento delicado, no qual imaginei um canibal louco saltando das trevas com uma faca, decidido a justificar meu medo acionando à sua coleção, percebi serem apenas casacos, trapos apodrecidos e esverdeados pelo tempo. Suspirei aliviado. Tinha explorado só dois metros da casa e já estava quase suando a cueca. *Segura a onda*, disse para mim mesmo. Respirei fundo e fui em frente, o coração batendo forte.

Cada aposento era um desastre pior que o outro. Jornais esparramados em pilhas; brinquedos espalhados, prova da existência de crianças que haviam partido havia muito tempo, já aziam jocosamente e cobertos por uma camada de

poeira. O mofo rastejante deixara as paredes próximas às janelas negras e peludas. As lareiras estavam sufocadas por trepadeiras que desciam do telhado e com elas se espalhavam pelo chão com o se fossem tentáculos alienígenas. A cozinha parecia uma experiência científica mal sucedida — prateleiras inteiras de conservas tinham explodido após umas sessenta estações no estoque, deixando grandes manchas de aspecto maligno nas paredes —, e havia tanto gesso caído do teto da sala de jantar que por um instante pensei que tinha nevado lá dentro.

No fim de um corredor desprovido de luz testei meu peso em uma escada caindo aos pedaços, deixando marcas de bota na camada de poeira. Os degraus gemiam, com o se despertassem de um sono muito longo. Se havia alguém no segundo andar, devia estar lá fazia muito tempo.

Finalmente cheguei a dois aposentos com paredes em ruínas, nos quais havia crescido uma pequena floresta de arbustos e diminutas árvores retorcidas.

Parei diante de um a brisa repentina e m e perguntei o que poderia ter causado tam anho estrago, com eçando a ter a sensação de que algo horrível acontecera ali. Não conseguia encaixar as histórias idílicas de m eu avô naquela casa de pesadelo, nem a ideia de que ele encontrara refúgio naquele lugar im pregnado com a sensação de desastre. Restava m ais a explorar, m as de repente aquilo m e pareceu perda de tem po. Era im possível que alguém ainda pudesse viver ali, nem m esm o o m ais m isantropo dos reclusos. Deixei a casa sentindo que estava m ais longe que nunca da verdade.

CAPÍTULO Q UATRO

E u rastejava, tropeçava e caía pelo caminho. Parecia um cego no meio daquela floresta e da neblina. Então em ergi outra vez no m undo de sol e luz e m e surpreendi ao ver o sol se pondo e a luz se averm elhando. De algum m odo, todo o dia tinha escapado de m im .

Meu pai estava à m inha espera no *pub*, com um a cervej a preta com o a noite e o *laptop* aberto na m esa à sua frente. Eu m e sentei e peguei sua cervej a antes que ele tivesse a oportunidade de tirar os olhos do que estava digitando.

— Ai, m eu Deus! — reclam ei, engolindo um gole grande. — O que é isso, óleo de m otor ferm entado?

— Quase — disse ele, rindo, e a tom ou de volta. — Não é igual às cervej as am ericanas. Não que você saiba com o é o gosto delas, certo?

— Claro que não — disse eu com um a piscadela, apesar de ser verdade.

Meu pai gostava de acreditar que eu era popular e aventureiro tal com o ele era na m inha idade, um m ito que sem pre m e pareceu m ais fácil apenas perpetuar.

Fui subm etido a um breve interrogatório sobre com o eu tinha chegado até a casa e quem m e levara até lá, m as, com o o tipo m ais fácil de m entira é aquela em que você pode om itir coisas em vez de inventá-las, eu passei no teste com louvor. Só esqueci, convenientem ente, de m encionar que Verm e e Dy lan m e enrolaram e m e fizeram chafurdar em excrem ento de ovelhas

e depois tiraram o corpo fora a um quilômetro do nosso destino. Meu pai pareceu satisfeito por eu já ter conhecido alguns garotos da minha idade. Acho que também bem deixei de mencionar o fato de que eles me odiavam.

— E aí, com o estava a casa? — perguntou.

— Em ruínas.

Ele pareceu chateado.

— Acho que faz tem po demais que seu avô me orou lá, hein?

— É — respondi. — Ele, e qualquer outra pessoa.

Ele fechou o *laptop*, um sinal incontestável de que eu estava prestes a receber toda a sua atenção.

— Veja o que ficou desapontado — disse ele.

— Bem, não viajei milhares de quilômetros atrás de uma casa assustadora em ruínas.

— E o que vai fazer?

— Procurar pessoas para conversar. Alguém vai saber o que aconteceu com as crianças que viviam ali. Imagine que alguns deles ainda estejam vivos, se não aqui, no continente. Em um asilo, ou algo assim.

— Claro. É uma ideia — disse ele. Mas não parecia muito convencido. Ele fez uma pausa estranha e depois prosseguiu: — Você acha que está com medo de com preender melhor quem era seu avô, depois de chegar aqui?

Pensei um pouco.

— Não sei. Acho que sim. É só uma ilha, sabe?

Ele assentiu.

— Exatamente.

— E você?

— Eu? — Ele deu de om bros. — Desisti de tentar entendê-lo há m uito tem po.

— Isso é triste. Não estava interessado?

— Claro que estava. Mas, depois de algum tem po, perdi o interesse.

— Por quê?

— Quando alguém não o deixa entrar, você acaba parando de bater.

Entende o que quero dizer?

Ele raram ente falava assim . Talvez fosse a cervej a, ou por estarm os tão longe de casa, ou talvez ele tivesse decidido que finalm ente eu tinha idade o bastante para escutar essas coisas. Fosse o que fosse, eu não queria que ele parasse; continuei a incitá-lo.

— Mas ele era seu pai. Com o pôde desistir?

— Não fui eu que desisti! — disse ele, levantando um pouco a voz, depois baixou o olhar, envergonhado, enquanto girava a cervej a no copo. — É só que...

na verdade, acho que seu avô não sabia ser pai, m as sentia que tinha de sê-lo de qualquer j eito, porque nenhum de seus irm ãos sobreviveu à guerra. Então ele lidava com isso se ausentando m uito, em viagens de pescaria, de negócios, o que fosse. E, m esm o quando ele *estava* por perto, era com o se não estivesse.

— Isso tem a ver com aquele Halloween? — perguntei.

— Do que está falando?

— Você sabe... da foto.

Era um a história antiga, m ais ou m enos assim : era Halloween. Meu pai tinha quatro ou cinco anos e nunca tinha saído para pedir doces, e vovô Portm an prom etera levá-lo quando saísse do trabalho. Minha avó havia com prado um a fantasia incrível de coelho rosa para m eu pai, e ele a vestiu, sentou-se na entrada da garagem e esperou m eu avô das cinco da tarde até o anoitecer. Minha avó ficou com tanta raiva que tirou um a foto do m eu pai chorando na rua para m ostrar a m eu avô que grande babaca ele era. É desnecessário dizer que a foto desde então virou um obj eto lendário entre os m em bros da fam ília, e um a grande vergonha para m eu pai.

— Foi m uito m ais que apenas um Halloween — disse m eu pai com am argura. Com eçava a ficar em otivo. — Sério, Jake, você foi m ais próxim o dele do que eu j am ais fui. Não sei, sim plesm ente havia algum a coisa não dita entre nós, sabe?

Não sabia com o responder. Será que ele estava com ciúm e de m im ?

— Por que está m e contando isso? — perguntei.

— Porque você é m eu filho e não quero que se m achueque.

— Me m achucar com o?

Ele dem orou alguns segundos para responder. Lá fora as nuvens se m oviam e os últim os raios de luz do dia proj etavam nossas som bras contra a parede. Senti um nó no estôm ago, com o quando seus pais estão prestes a lhe contar que vão se separar, m as você j á sabe antes que eles abram a boca.

— Nunca procurei saber m uito m ais coisas com seu avô porque tinha m edo do que poderia descobrir — disse ele por fim .

— Está falando da guerra?

— Não... seu avô m antinha esses segredos porque eram dolorosos. Eu entendia isso. Estou falando das viagens, de ele ficar sozinho o tem po todo. O que ele estava realm ente fazendo? Acho, eu e sua tia achávam os, que havia outra m ulher. Talvez m ais de um a.



JUN • 56

Deixei aquela informação pairar sobre nós por um instante. Meu rosto comecou a formigar de medo estranho.

— De que você está falando? — perguntei.

— Certa vez encontraram os um a carta — prosseguiu ele. — Era de um a mulher cujo nome não conhecíamos, endereçada ao papai: *Amo você, sinto sua falta, quando vai voltar?*, esse tipo de coisa. Clichês, no estilo batom no colarinho.

Nunca vou me esquecer disso.

Senti um a pontada quente de vergonha, com o se, de algum medo, ele estivesse descrevendo um crime em mim. E ainda assim não conseguia acreditar com plenamente. Não vindo do vovô Portman.

— Rasgam os a carta e a jogam os na privada. Nunca mais encontram os outros. Acho que depois disso ele ficou mais cuidadoso.

Eu não sabia o que dizer. Não conseguia encarar meu pai.

— Desculpe, Jake. Deve ser duro ouvir isso. Sei quanto você o idolatrava.

Ele estendeu o braço para apertar meu irmão, mas eu me esquivei, afastei a cadeira e me levantei.

— Eu não *idolatro* ninguém .

— Está bem . Eu só... não queria que você se surpreendesse, só isso.

Peguei meu casaco e joguei por cima do irmão.

— O que está fazendo? — perguntou ele. — O jantar já está chegando.

— Você está enganado em relação a ele — disse eu. — E vou provar isso.

Ele deu um suspiro. Um suspiro do tipo deixa pra lá.

— Tudo bem . Espero que você consiga.

Sai do Buraco do Padre batendo a porta e caminha sem nenhum rumo particular em mente. Às vezes tudo o que você precisa fazer é cruzar um a porta.

Era verdade, claro, o que meu pai dissera: eu idolatrava meu avô. Havia coisas sobre ele que eu precisava que fossem verdadeiras, e o fato de ele ser adúltero não era uma delas. Quando eu era pequeno, as histórias fantásticas do vovô Portman significavam que era possível viver uma vida mágica. E, mesmo depois que parei de acreditar nele, ainda havia algo mágico sobre meu avô: ter superado todos os horrores que ele superou, ter visto o pior da humanidade e ter a vida desfigurada por causa disso, e sair de toda essa situação com a pessoa honrada e boa e corajosa que eu sabia que ele tinha sido — isso era mágico. Por isso eu não podia acreditar que ele fosse um m

entiroso, um traidor e m au pai, porque, se vovô Portm an não fosse bom e honrado, eu tinha certeza de que ninguém m ais poderia sê-lo.

As portas do m useu estavam abertas e suas luzes acesas, m as não parecia haver ninguém lá dentro. Eu tinha ido até lá em busca do curador, supondo que

ele soubesse algum a coisa sobre a história da ilha e de seu povo, na esperança de que pudesse lançar algum a luz sobre a casa vazia e a localização de seus antigos m oradores. Achei que ele tivesse saído apenas por um m inuto — não havia exatam ente um a m ultidão aglom erada na porta —, por isso entrei e com ecei a andar pelo santuário, conferindo a exposição do m useu para m atar tem po.

Os obj etos em exibição estavam arrum ados em arm ários grandes e abertos na frente, alinhados contra as paredes no espaço antes ocupado por bancos de igrej a. A m aioria era com pletam ente entediante: tudo sobre a vida em um a vila de pescadores tradicional e os m istérios ancestrais da criação de animais, m as um a das seções se destacava do resto. Estava em lugar de honra na frente da sala, em um m ostruário elegante localizado sobre o que antes tinha sido o altar.

Ficava atrás de um a corda que pulei e de um pequeno aviso que não m e dei ao trabalho de ler. Com o o m ostruário tinha laterais de m adeira envernizada e tam pa de acrílico, só era possívelvê-lo de cim a.

Olhei o interior e acho que engasguei de verdade — e por um segundo de pânico pensei: *monstro!* —, porque de repente e sem esperar eu tinha m e deparado cara a cara com um cadáver. Seu corpo encolhido tinha um a sem elhança inacreditável com as criaturas que assom bravam m eus sonhos, assim com o a cor da carne, que parecia algo que fora assado num espeto até ficar negro e reluzente. Mas, quando o cadáver não ganhou vida nem m arcou para sem pre m inha m ente quebrando o vidro e tentando alcançar m inha j ugular, m eu pânico inicial esm oreceu. Era apenas um a peça de m useu, apesar de ser um a peça excessivam ente m órbida.

— Vej o que você conheceu o nosso velho! — chamou um a voz atrás de mim. Virei-me para ver o curador caminhando em minha direção. — Você reagiu muito bem. Já vi homens crescidos desmaiarem no ato! — Ele sorriu e estendeu o braço para apertar minha mão. — Martin Pagett. Acho que não me lembro do seu nome daquele outro dia.

— Jacob Portman — respondi. — Então é isso, a vítima do assassinato mais famosa do País de Gales?

— Hah! Bem, ele também poderia ser isso, apesar de nunca ter pensado nele dessa forma. É o nosso maior orador mais antigo, mais conhecido nos círculos arqueológicos com o homem de Cairnholm, apesar de ser apenas O Velho para nós. Tem mais de 2.700 anos, para ser exato, mas tinha apenas dezesseis ao meu orrer. Na verdade, ele é um velho bem jovem.

— Dois mil e setecentos? — disse eu, observando os traços estranhamente delicados do rosto do rapaz moreno, de algum modo perfeitamente preservados. —

Mas ele parece tão...

— É isso que acontece quando você passa seus anos dourados em um lugar onde não há oxigênio nem bactérias, como os pântanos de nossas charnecas. Lá embaixo é uma fonte de juventude permanente, desde que você já esteja aqui, é claro.

— Foi lá que o encontrou, na charneca?

Ele riu.

— Eu, não! Cortadores de turfa o encontraram perto do *cairn*, o grande arco de pedras lá na charneca, nos anos 1970. Ele tinha o aspecto tão fresco que acharam que talvez houvesse um assassino à solta em Cairnholm, até que os policiais viram o arco da Idade da Pedra em sua mão e o laço de corda de cabelo humano em torno de seu pescoço. Não se fazem mais coisas assim.

— Então ele foi... um sacrifício humano?

— Exatamente isso. Um a com binação de estrangulamento, afogamento, estripação e um golpe na cabeça. Um tanto exagerado, não?

— Acho que sim .

Martin soltou um a gargalhada.

— Ele acha que sim !

— Está bem , é mesmo o exagero.

— Claro que é. Mas a coisa mais fascinante, pelo menos para nós, homens modernos, é que ele encarou sua morte de boa vontade, até com avidez. Seu povo acreditava que as charnecas pantanosas, e nossas charnecas em particular, eram entradas para o mundo dos deuses e por isso o lugar perfeito para oferecer seu presente mais precioso. Eles mesmo os.

— Isso é loucura — disse eu.

— Acredito que sim . Apesar de achar que estamos nos matando agora de tantas maneiras, que tudo vai parecer loucura também para as pessoas no futuro.

E, em relação a portas para o outro mundo, a charneca não é uma escolha ruim .

Não é exatamente água nem exatamente terra; é um lugar intermedio. — Ele se debruçou sobre o mostroário estudando a figura lá dentro. — Não é bonito?

Olhei para o corpo novamente, estrangulado, dilacerado e afogado e, de algum modo, transformado em algo imortal no processo.

— Eu não acho — respondi.

Martin ergueu-se e começou a falar em tom grandiloquente:

— Venha e contem pra mim em alcatrão! Negro, ele repousa, o rosto suave da cor da fuligem , os membros com os veios de carvão, pés que são tocos

de árvores ornados com uvas esm agadas! — Ele estendeu os braços abertos com o um ator de teatro canastrão e com eçou a andar em volta do m ostruário. —

Venha e testem unhe a arte cruel dos ferim entos dele! Linhas decorativas e sinuosas desenhadas à faca; cérebro e ossos expostos por ferim entos de pedras; a corda ainda escavando seu pescoço. Prim eiro fruto cortado e descartado...

buscador do Paraíso... um velho preso na j uventude... chego a am ar você!
Ele fez um a reverênci teatral e eu aplaudi.

— Uau! — disse eu. — Você escreveu isso?

— Você m e pegou! — respondeu ele, com um sorriso tím ido. — Brinco com um ou outro verso de vez em quando, m as é só um passatem po. De qualquer m odo, obrigado pela gentileza.

Eu m e perguntava o que aquele hom em estranho e bem -educado estaria fazendo em Cairnholm , com suas calças de pregas e seus poem as am adores, parecendo m ais um gerente de banco do que alguém que vivia em um a ilha desoladora com apenas um telefone e sem ruas asfaltadas.

— Agora eu adoraria lhe m ostrar o resto da m inha coleção — disse ele, acom panhando-m e até a porta —, m as infelizm ente é hora de fechar. Se quiser voltar de m anhã...

— Na verdade, eu tinha esperança de que você pudesse m e aj udar — eu falei, detendo-o antes que ele m e enxotasse. — É sobre a casa que m encionei esta m anhã. Eu fui vê-la.

— Ora — exclam ou ele. — Achei que tinha assustado você. Com o anda nossa m ansão assom brada atualm ente? Ainda de pé?

Assegurei-lhe que sim , depois fui direto ao ponto.

— As pessoas que m oravam lá... Sabe o que aconteceu com elas?

— Todas m ortas — respondeu. — Aconteceu há m uito tem po.

Eu estava surpreso — em bora provavelm ente não devesse estar. A srta.

Peregrine era velha. Pessoas velhas m orrem . Mas aquilo não significava que m inha busca tivesse acabado.

— Estou à procura de alguém que possa ter vivido lá quando criança tam bém , não só a diretora.

— Todos m ortos — repetiu ele. — Ninguém vive lá desde a guerra.

Precisei de um m om ento para processar isso.

— O que quer dizer? Que guerra?

— Quando falam os em “guerra” por aqui, garoto, só podem os estar falando de um a delas, a segunda. Se não m e engano, eles foram atingidos por um ataque aéreo alem ão.

— Não — disse eu. — Não pode ser verdade.

— Havia um a bateria antiaérea posicionada na extrem idade m ais distante da ilha, depois da floresta onde fica a casa. Por isso, naqueles dias, Cairnholm era um alvo m ilitar legítim o. Não que de algum m odo ser legítim o significasse m uito para os alem ães, você sabe. Enfim , um a das bom bas errou seu alvo e, bem ... —

Ele sacudiu a cabeça. — Muito azar.

— Não pode ser verdade — insisti, com eçando a ter dúvidas.

— Por que você não se senta e m e deixa preparar um pouco de chá? —

disse ele. — Parece um pouco perturbado.

— Só estou m e sentindo um pouco desorientado.

Ele me conduziu até um a cadeira em seu escritório e foi preparar um a xícara de chá para mim. Tentei organizar meus pensamentos.
Bombardeada. Isso certamente explicava aqueles quartos sem paredes. Mas e a carta da sra.

Peregrine, com carimbo de Cairnholm, enviada havia apenas quinze anos?
Não fazia nenhum sentido.

Martin voltou e me entregou um a caneca.

— Tem um pouquinho de Penderyn aí dentro — disse ele. — Sabe, receita secreta. Vai fazer você melhorar bem rápido.

Agradeci e tomei um gole, percebendo tarde demais que o ingrediente secreto era uísque fortíssimo. Senti como se fosse napalm descendo pelo meu esôfago.

— É mesmo estimulante — admiti, o rosto ficando vermelho.

Ele franziu o cenho.

— Acho que eu devia chamar seu pai — disse ele.

— Não, não, vou ficar bem. Mas, se há mais alguma coisa que possa me contar sobre o ataque, eu ficaria agradecido.

Martin sentou-se em um a cadeira à minha frente.

— Quando você me perguntou aquilo, fiquei curioso... Você diz que seu avô viveu aqui. Ele nunca mencionou isso?

— Tam bém fiquei intrigado com essa história — respondi. — Acho que deve ter sido depois da época dele. Isso aconteceu no início ou no fim da guerra?

— Tenho vergonha de admitir que também não sei. Mas, se estiver muito interessado, posso apresentá-lo a alguém que sabe: meu tio Oggie. Ele tem

anos e m orou aqui a vida inteira. Ainda está totalm ente lúcido. — Martin olhou de relance para seu relógio. — Se conseguirm os pegá-lo antes que com ece *Father Ted*, seu program a de TV favorito, tenho certeza de que ele vai adorar contar a você tudo o que queira saber.

Dez m inutos m ais tarde, Martin e eu nos acom odam os num sofá entre pilhas de roupas e de revistas na sala de Oggie, que tinha m ontos de livros, caixas de sapatos velhas e lâm padas suficientes para ilum inar as Cavernas de Carlsbad —

todas, à exceção de um a, queim adas. Viver em um a ilha rem ota, eu com eçava a m e dar conta, transform ava as pessoas em catadores de lixo. Oggie sentou-se de frente para nós, usando um blazer puído com calças de pij am a, com o se esperasse com panhia, m as um a com panhia que não m ercia vê-lo com calças, e, enquanto falava, balançava-se sem parar em um a poltrona estofada coberta por um plástico. Ele parecia feliz só por ter um a plateia, e, depois de falar bastante sobre o clim a e a política do País de Gales e da situação lam entável da juventude de hoj e, Martin finalm ente conseguiu conduzi-lo ao ataque e às crianças do orfanato.

— Claro que m e lem bro deles. Um grupo bem estranho de pessoas. Nós os víam os na cidade de vez em quando, as crianças e, às vezes, a m ulher que cuidava delas, com prando leite, rem édios e outras coisas. Você dizia bom - dia e eles desviavam o olhar. Eram m uito retraídos, eram sim , os daquela casa grande.

E, em bora ninguém soubesse ao certo, havia m uitos com entários sobre o que acontecia por lá.

— Que tipo de com entários? — provoquei.

— Um m onte de bobagem . Com o eu disse, ninguém sabia. Só posso dizer que não era o tipo habitual de crianças órfãs, não com o as do Orfanato Barnardo, que você vê quando aparecem na cidade para desfiles e coisas assim , e sem pre têm tem po para conversar. Não, essa turm a era diferente.

Alguns não sabiam nem falar inglês direito. Ou, para ser bem honesto, não falavam inglês de maneira nenhuma.

— Porque na verdade não eram órfãos — disse eu. — Eram refugiados de outros países. Polônia, Áustria, Tchecoslováquia...

— Agora é isso o que eles eram? — disse Oggie, erguendo um sobrancelha para mim. — Engraçado, nunca tinha ouvido isso. — Ele pareceu ofendido, com o se eu o houvesse insultado fingindo saber mais sobre sua ilha do que ele. O

balanço da poltrona se acelerou, ficando mais agressivo. Se fosse esse o tipo de recepção que meu avô e as outras crianças tinham recebido em Cairnholm,

pensei, não era surpresa que tivessem se mantido reservados.

Martin pigarreou.

— E então, com o foi o bom bardeio?

— Ah, calma, calma. Sim, sim, os malditos alemães, quem poderia esquecer-los?

Ele me ergulhou em uma longa descrição de como era a vida na ilha sob a ameaça de ataques aéreos alemães: o grito das sirenes; as pessoas correndo de repente em busca de abrigo; o fiscal de ataques aéreos que ia de casa em casa à noite para garantir que as venezianas estivessem fechadas e as luzes das ruas, apagadas, e assim eliminar alvos fáceis para os pilotos. Isso se tornou rotina — a sirene, a correria, as pessoas encolhidas em casas escuradas —, mas, após meses de aviões passando por ali rumo a alvos no continente, os meus oradores da ilha começaram a achar que estavam imunes. E então foram atingidos.

— O barulho das bombas era terrível — disse Oggie. — Era com o se gigantes andassem pela ilha, e parecia não termos nunca. Eles nos arrasaram, apesar de ninguém na cidade ter sido morto, graças a Deus. Não posso dizer o mesmo dos rapazes nos canhões, apesar de eles terem feito tudo o que podiam, nem das pobres almas do orfanato. Um a única bom ba-

foi o bastante. Deram suas vidas pela Grã-Bretanha, todos eles. De onde quer que fossem , que Deus os abençoe por isso.

— O senhor se lem bra de quando aconteceu? — perguntei. — No início da guerra ou no fim ?

— Posso lhe dizer o dia exato. Foi em 3 de setem bro de 1940.

O ar pareceu escapar da sala. Eu m e lem brei do rosto pálido de m eu avô, seus lábios m al se m ovendo, m urm urando exatam ente essas palavras.
Três de setembro de 1940.

— O senhor tem certeza disso? — gaguej ei. — Que foi *nesse dia*?

— Eu não cheguei a lutar — disse ele. — Novo dem ais; fiquei por um ano.

Aquela noite foi toda a m inha guerra. Por isso, sim , tenho certeza.

Eu m e senti paralisado, com o se estivesse longe dali. Era estranho dem ais.

Será que alguém estava brincando com igo? Um a piada esquisita e sem graça?

— E não houve nenhum sobrevivente? — Martin perguntou.

O velho pensou por um instante, o olhar fixo no teto. Depois, assentiu com a cabeça.

— Agora que você falou nisso, eu acho que houve. Só um . Um rapaz, não m uito m ais velho do que você. — Ele parou de se balançar enquanto se recordava daquilo. — Chegou andando à cidade na m anhã seguinte, sem nem um arranhão. Não parecia nem um pouco perturbado, considerando que tinha acabado de ver todos os seus am igos terem um destino que não m erreciam . Foi um a coisa m uito estranha.

— Provavelm ente estava em choque.

— Não seria surpresa nenhum a — retrucou Oggie. — Ele só abriu a boca para perguntar a m eu pai quando saía o próxim o barco para o continente.

Disse que queria ir direto se alistar e mandar os malditos monstros que tinham aniquilado seu povo.

A história de Oggie era tão mala que o vovô Portmanteau costumava contar, e mesmo assim não havia razão para duvidar dele.

— Eu o conhecia — disse eu por fim. O homem olhou para mim. — Era meu avô.

— Benza Deus! — disse Oggie.

Eu me desculpei e me levantei. Martin, percebendo meu mal-estar, ofereceu para me acomodar até o pub, mas recusei. Precisava ficar sozinho com meus pensamentos.

— Então venha me ver assim que puder — disse ele, e prometei que iria.

Peguei o caminho mais longo de volta, o que passava pelas luzes tremeluzentes da baía e seu ar salgado e pesado com a fumaça das chaminés de um a centena de lareiras. Caminhei até a extremidade de um cais e observei a lua se erguer acima da água, me aguçando em meu avô naquela manhã terrível, parado exatamente onde eu estava, paralisado pelo choque, à espera de um barco que o levasse para longe de todas as mortes que presenciara, rumo à guerra e mais morte. Porque não havia como escapar dos monstros, nem mesmo nessa ilha, que no mapa não era maior que um grão de areia, protegida por montanhas enevoadas, rochas escarpadas e mares violentos. Em lugar nenhum. Essa era a terrível verdade da qual meu avô tentara me proteger.

Então ouvi, a distância, os geradores engasgarem e pararem de funcionar.

De repente, todas as luzes à margem da baía e nas janelas das casas atrás de mim brilharam com mais força antes de se apagarem, com o supernova em minha natureza.

Cam inhei de volta sob a luz do luar. Encontrei m eu pai no *pub*, na m esm a m esa, com um prato de carne com m olho pela m etade congelando-se em gordura à sua frente.

— Olhe quem está de volta — disse ele, enquanto eu sentava. — Guardei o j antar pra você.

— Estou sem fom e — disse eu, e contei o que tinha descoberto sobre vovô Portm an.

Ele pareceu m ais nervoso do que surpreso.

— Não acredito que ele nunca tenha m encionado isso — disse m eu pai. —

Nem um a vez.

Podia entender a raiva dele. Um a coisa era um avô om itir algo assim de um neto, outra bem diferente era um pai escondê-la do filho, e por tanto tem po.

Tentei conduzir as coisas em um a direção m ais positiva para m eu avô.

— É incrível, não é? Todas as coisas por que ele passou...

Meu pai assentiu.

— Acho que nunca vam os saber toda a verdade sobre isso.

— Vovô Portm an sabia m esm o guardar um segredo, não é?

— Você deve estar brincando. O hom em parecia guardar suas em oções num a caixa-forte!

— Eu m e pergunto, porém , se isso não explica m uita coisa — arrisquei. —

Por que agia de m odo tão distante quando você era pequeno... — Meu pai m e lançou um olhar sério e eu soube que tinha pouco tem po para explicar o que queria dizer, ou corria o risco de ultrapassar m eus lim ites. — Ele já havia perdido a fam ília duas vezes — disse eu. — Um a vez na Polônia, e a outra, aqui, sua fam ília adotiva. Então, quando você e tia Susie chegaram ...

- Um a vez bom bardeado, duas vezes mais reservado?
- Estou falando sério. Não acha que isso pode significar que, no fim das contas, ele não estava traindo a vovó?
- Não sei, Jake. Acho que não acredito que as coisas sejam assim tão simples. — Ele deu um suspiro e seu hálito embaçou o interior do copo de cerveja. — Só sei o que tudo isso realmente explica: por que você e o vovô eram tão chegados.
- Com o assim?
- Demorou cinquenta anos para ele superar seu medo de ter uma família. Você chegou na hora certa.

Eu não soube o que responder. Com o dizer para o próprio pai: *Sinto muito por seu pai não tê-lo amado o suficiente?* Resolvi dizer apenas boa-noite e fui para a cama.

Passei quase a noite inteira me revirando na cama. Não conseguia parar de pensar nas cartas, naquela que meu pai e minha tia Susie encontraram quando eram crianças, dessa “outra mulher”, e na outra, que eu tinha encontrado um mês atrás, enviada por um a tal de srta. Peregrine. A ideia que não me deixava dormir era esta: *e se elas fossem a mesma mulher?*

O carimbo postal da carta da srta. Peregrine tinha quinze anos, mas tudo o que eu descobrira indicava que ela tinha sido pulverizada na estratosfera em 1940. Na minha cabeça, isso deixava duas explicações possíveis para a carta que eu encontrara: ou meu avô tinha se correspondido com uma pessoa morta — o que parecia bastante improvável — ou a pessoa que escrevera a carta não era, na verdade, a srta. Peregrine, mas alguém que usava a identidade dela para esconder a própria.

Por que você disfarçaria sua identidade em uma carta? Porque tem algo a esconder. Porque você é a outra.

E se a única coisa que eu descobriria sobre m eu avô nessa viagem fosse o fato de ele ter sido um adúltero m entiroso? Será que em seu últim o suspiro ele havia tentado m e contar sobre a m orte de sua fam ília adotiva, ou adm itir um sim ples caso extraconj ugal que durara décadas? Talvez as duas coisas, e a verdade era que, quando j ovem , ele e sua fam ília se separaram tantas vezes que ele não sabia m ais com o m anter um a, ou lhe ser fiel.

Mas eram apenas suposições. Eu não sabia a verdade, e não havia ninguém a quem perguntar. Qualquer um que pudesse ter a resposta estava m orto havia m uito tem po. Em m enos de 24 horas toda a viagem perdeu o sentido.

Caí em um sono agitado. Então, ao am anhecer, despertei com o barulho de algum a coisa em m eu quarto. Quando rolei para ver o que era, levantei-m e rapidamente da cam a. Havia um a ave enorm e pousada na côm oda, encarando-m e. Tinha um a cabeça reluzente, coberta de penas cinza, e garras que faziam barulho sobre o tam po de m adeira da côm oda enquanto ela andava de um lado para o outro na beirada, com o se quisesse m e ver m elhor. Eu a encarei com um olhar duro em resposta, perguntando-m e se aquilo podia ser um sonho.

Cham ei m eu pai e, ao som de m inha voz, a ave se lançou da côm oda.

Joguei m eu braço sobre o rosto, rolei para o lado, e, quando olhei outra vez, ela tinha desaparecido pela m inha j anela aberta.

Meu pai entrou cam baleante, os olhos em baçados.

— O que está acontecendo?

Mostrei a ele as m arcas de garras na côm oda e um a pena que aterrissara no chão.

— Meu Deus, que estranho — disse ele, exam inando-a na m ão. —

Peregrinos raram ente chegam tão perto de hum anos.

Achei que talvez não tivesse ouvido bem o que ele dissera.

— Você disse *peregrino* s?

Ele levantou a pena.

— Um falcão-peregrino — disse ele. — São criaturas m aravilhosas... as aves m ais velozes da Terra. São criaturas que m udam de form a, tornando o corpo aerodinâm ico no ar.

O nom e era apenas um a coincidênci a esquisita, claro, m as m e deixou com um a sensação estranha e m isteriosa, da qual não conseguia m e livrar, com o se algo m uito bizarro estivesse acontecendo.

Durante o café da m anhã, com ecei a m e perguntar se não tinha desistido com m uita facilidade. Em bora fosse verdade que não havia niguém vivo com quem eu pudesse conversar sobre m eu avô, ainda havia a casa, e grande parte dela estava inexplorada. Eu poderia passar sem anas exam inando todo o lixo que havia lá. Se as respostas sobre m eu avô, um dia, tivessem estado ali, na form a de m ais cartas, talvez, ou de um álb um de retratos, ou ainda um diário, elas provavelm ente

tinham

se

queim ado

ou

apodrecido

décadas

atrás.

Provavelm ente. Mas, se eu deixasse a ilha sem ter certeza, nunca iria m e perdoar.

E foi assim que alguém extrem am ente suscetível a pesadelos, terrores noturnos, arrepios, ataques de pânico e a ver coisas que na verdade não estão

ali se convenceu a fazer um a últim a excursão à casa abandonada onde um a dúzia ou m ais de crianças tinham encontrado seu derradeiro fim .

CAPÍTULO CINCO

Era uma manhã quase perfeita. Deixar o *pub* foi como entrar em uma dessas fotos retocadas demais que vêm com o papel de parede em com putadores novos: ruas com casinhas cam pestres artisticam ente decrépitas estendendo-se ao longe, que cediam espaço para cam pos verdes costurados por m eandros de m uros de pedras, toda a cena encim ada por nuvens brancas em rápido m ovim ento. Mas, além disso tudo, acim a das casas, de plantações e ovelhas trêm ulas com o algodão-doce ao vento, eu podia ver a distância línguas de neblina densa descendo as colinas, lugar onde este m undo term inava e o próximo com eçava, frio, úm ido e sem sol.

Estava caminhando no alto das colinas quando com eçou a chover. Com o era de esperar, eu tinha esquecido as botas de borracha, e a trilha era um a faixa de lama que se aprofundava rapidam ente. Mas ficar um pouco m olhado parecia absurdam ente preferível a subir aquele m orro duas vezes na m esm a m anhã, por isso baixei a cabeça contra a chuva que caía e segui em frente com dificuldade.

Logo passei pelo barracão, com silhuetas indistintas de carneiros encolhidos lá dentro para se proteger do frio, e depois pela charneca envolta em névoa, silenciosa e fantasm agórica. Pensei no m orador de 2.700 anos do Museu de Cairnholt e m e perguntei quantos outros com o ele estes cam pos guardavam , ocultos, presos em sua m orte; quantos m ais tinham desistido de suas vidas ali, à procura do paraíso.

Quando cheguei ao orfanato, o que tinha com eçado com o um a chuvinha havia se transformado em tem poral, o céu derram ando um a torrente que chegava a doer. Não havia tempo para vadear pelo quintal selvagem e refletir sobre sua aparência m aléfica — o m odo com o as soleiras sem portas pareceram m e engolir quando entrei, as tábuas do piso do vestíbulo m arcadas pela chuva, m acias e roucas sob m eus pés. Parei, torci a camisa e sacudi a cabeça para secar os cabelos. Quando estavam tão secos quanto fosse possível — o que não era m uito —, com ecei a procurar. O quê, eu

não tinha certeza. Um a caixa de cartas? O nome de mim eu avô rabiscado em um a parede? Tudo parecia muito improvável.

Caminhava por ali levantando tapetes de jardins velhos, espiando em baixo de molas e cadeiras, e imaginei que iria encontrar algum a cena horrível — um em aranhado de esqueletos vestidos em trapos enegrecidos pelo fogo —, mas tudo o que encontrei foram aposentos que estavam mais para exterior do que o interior da casa, sua personalidade eliminada pela idade, pelo vento e pelas camadas de terra. O andar térreo era um caso perdido. Voltei para a escadaria,

sabendo que dessa vez eu teria de usá-la. A única questão era: para cima ou para baixo? Um ponto contra subir eram suas opções limitadas para uma fuga rápida

— de invasores ou fantasmas, ou o que quer que minhas mente ansiosa pudesse inventar —, além de me atirar de um a janela do andar de cima. Lá em baixo havia o mesmo problema, com o agravante de ser escuro, e eu não tinha uma lanterna. Por isso subi.

Os degraus protestaram contra meu peso com uma sinfonia de rangidos e estalos, mas eles se mantiveram firmes, e o que descobri lá em cima — pelo menos em comparação com o térreo bom bardeado — era com o um a cápsula do tempo. Dispostos ao longo de um corredor com papel de parede listrado descascando, os quartos estavam em um estado surpreendentemente bom .

Apesar de um ou dois terem sido tomados por bolor onde uma janela quebrada deixara entrar a chuva, o restante estava cheio de coisas que pareciam apenas uma ou duas camadas de poeira de serem consideradas novas: uma camisa mal ofada já jogada descuidadamente sobre as costas de uma cadeira, meias espalhadas sobre uma mesma de cabeceira — tudo com o as crianças haviam deixado, com o se o tempo tivesse parado na noite em que eles meorreram .

Fui de aposento a aposento, examinando o conteúdo com o um arqueólogo.

Havia brinquedos de madeira mofando em um a caixa, lápis de cor no parapeito de um janelão, suas cores esmorecidas pela luz de dez mil tardes; um a casa de bonecas com bonecas dentro, condenadas em um a prisão enfeitada. Em um a biblioteca modesta, o avanço da idade em penas as prateleiras e as transformaram em sorrisos estranhos. Passei o dedo pelas lombadas gastas dos livros, com o se considerasse pegar um deles para ler. Havia clássicos com o *Peter Pan* e *O jardim secreto*, histórias escritas por autores esquecidos pela História, livros didáticos de latim e grego. No canto, havia algum as carteiras agrupadas.

Aquela era a sala de aula das crianças, eu me dei conta, e a sra. Peregrine tinha sido professora delas.

Tentei abrir um par de portas pesadas, girando a maçaneta de um lado para o outro, mas elas estavam em perradas, então me afastei, corri e as golpeei com o meu bro. Elas se abriram com um rangido rouco e agudo, e eu caí de cara no quarto ao lado. Enquanto me levantava, olhando ao redor, me dei conta de que ele só podia ter pertencido à sra. Peregrine. Parecia um quarto no castelo da Bela Adormecida, com velas cobertas por teias de aranhas em candelabros nas paredes, um a penteadreira com espelho repleta de frascos de cristal e um a gigante caminha de carvalho. Imaginei a última vez em que ela estivera ali, saindo de baixo das cobertas no meio da noite ao ouvir o som agudo de um a siren de ataque aéreo, reunindo as crianças, todas zonzas, e pegando casacos e meias áscaras de gás enquanto desciam as escadas.

Perguntei a mim mesmo se eu ouviu os aviões chegando?

Com medo e senti estranho. Imaginei estar sendo observado; imaginei que as crianças ainda estavam ali, preservadas com o Garoto do Pântano, dentro daquelas paredes. Podia sentir-las me espiando através de frestas e buracos na madeira.

Segui até o próximo quarto. Pela janelão entrava um a luz fraca. Pétalas de papel de parede azul-clarinho pendiam na direção de duas camas pequenas, ainda arrumadas com lençóis em poeirados. De alguma maneira eu soube que

aquele tinha sido o quarto de m eu avô. *Por que ele me mandou para cá? O que queria que eu visse?*

Notei algo em baixo de um a das cam as e m e aj oelhei para ver. Era um a m ala velha.

É sua? Era isso que você levava no trem na última vez em que viu sua mãe e seu pai, quando sua primeira vida chegava ao fim.

Eu a tirei dali, m exendo em suas gastas correias de couro. Ela se abriu facilmente, m as, exceto por um a fam ília de besouros m ortos, estava vazia.

Tam bém m e senti vazio, e estranham ente pesado, com o se o planeta estivesse girando rápido dem ais, tornando a gravidade m ais forte, puxando-m e para o chão. Subitam ente exausto, eu m e sentei na cam a — *talvez a cama dele*

— e, por razões que não sei bem explicar, estiquei-m e sobre os lençóis im undos e fiquei olhando para o teto.

Sobre o que pensava deitado aqui à noite? Também tinha pesadelos?

Com ecei a chorar.

Quando seus pais morreram, você soube? Você os sentiu partir?

Chorei com m ais força. Eu não queria, m as não consegui evitar.

Não consegui evitar, por isso pensei em todas as coisas ruins e as alim entei até estar chorando com tanta força que arfava sem fôlego entre soluços. Pensei em com o m eus bisavós tinham m orrido de fom e. Pensei em seus corpos enfraquecidos j ogados em incineradores porque pessoas que eles não conheciam os odiavam . Pensei em com o as crianças que viviam naquela casa tinham sido queim adas e m andadas para o ar em pedaços porque um piloto que não dava a m ínim a im portância tinha apertado um botão. Pensei sobre com o a fam ília de m eu avô tinha sido tirada dele e com o, por causa disso, m eu pai crescera sentindo que não tinha um pai, e agora eu estava com estresse agudo e pesadelos, e sentado sozinho e chorando em um a casa

caindo aos pedaços, m olhando a cam isa com lágrim as quentes e estúpidas. Tudo por causa de um a ferida de setenta anos que, de algum a form a, tinha sido transm itida para m im com o um a herança venenosa, e de m onstros que eu não podia enfrentar porque j á estavam todos m ortos, im possíveis de m atar ou castigar — estavam além de qualquer tipo de aj uste de contas. Pelo m enos m eu avô tinha sido capaz de se alistar no exército e com batê-los. O que eu podia fazer?

Quando parei de chorar, m inha cabeça latej ava. Fechei os olhos e os apertei com os nós dos dedos para que parassem de doer, nem que por apenas um instante, e quando finalm ente liberei a pressão e tornei a abri-los um a m udança aparentem ente m ilagrosa ocorrera no quarto: havia um raio de sol solitário brilhando através da janela. Eu m e levantei e fui até o vidro rachado, constatando que lá fora chovia e fazia sol ao m esm o tem po, um a pequena bizarrice m eteorológica que ninguém parece concordar qual a m elhor form a de denom iná-la. Minha m ãe, não estou brincando, cham a isso de “lágrim as de órfãos”. Então eu m e lem brei de que Ricky dizia que aquilo era “o diabo batendo na m ulher” e com ecei a rir, sentindo-m e um pouco m elhor.

Na faixa de sol que rapidam ente se esvaía e atravessava o quarto, percebi algo que não havia notado antes. Era um baú, ou pelo m enos a ponta de um , que se proj etava de sob a segunda cam a. Fui até lá e m e aj oelhei à sua frente, depois puxei a coberta da cam a que escondia a m aior parte dele.

Era um baú grande, fechado com um cadeado gigante e enferruj ado. Ele não podia de j eito nenhum estar vazio. Não se tranca um baú vazio. *Abra-me!*, parecia gritar, enfeitiçando-m e. *Estou cheio de segredos!*

Eu o agarrei pelas laterais e o puxei. Ele não se m exeu. Puxei outra vez, com m ais força, m as ele não cedeu nem um centím etro. Não tinha certeza de se era apenas pesado ou se gerações de um idade e poeira acum uladas de algum m odo o haviam grudado ao chão. Fiquei de pé e o chutei algum as vezes, o que pareceu lhe dar m ovim ento, então consegui arrastá-lo, puxando um lado de cada vez, com o se faz para m over um fogão ou um a geladeira, até que ele saiu todo de baixo da cam a, deixando pelo chão um a trilha de m arcas em form a de parêntesis. Puxei com força o cadeado, e,

apesar da grossa camada de ferrugem , pareceu sólido com o rocha. Por um instante pensei em procurar a chave pela casa — ela devia estar lá em algum lugar —, mas eu poderia facilmente perder horas procurando, e o aspecto bem deteriorado do cadeado me fez achar que a chave nem funcionaria. Minha única opção era arrombar-lo.

Procurei ao redor por algo que pudesse fazer o serviço e encontrei um a cadeira quebrada em um dos outros quartos. Arranquei um a perna e voltei para arrebentar o cadeado. Ergui a perna acima da cabeça, com o um carrasco, e bati várias vezes com toda a minha força até que a própria perna quebrou e fiquei só com um toco cheio de farrapos.

Explorai o quarto em busca de algo mais forte e logo vi um a barra de ferro da cam a solta. Depois de alguns chutes vigorosos, ela caiu no chão. Enfiei um a ponta no cadeado e puxei a outra para trás. Nada aconteceu.

Eu me pendurei nela com todo o meu peso sobre um dos pés, tirando o outro do chão com o se fizesse um a alavanca. O baú rangeu um pouco, e foi só.

Com elei a ficar com raiva. Chutei o baú e puxei a barra de metal com toda a força que me restava. As veias de meu pescoço se incharam enquanto eu gritava *Abre, baú maldito! Abre, baú desgraçado!* , porque finalmente me minha frustração e raiva tinham um objetivo: e, se eu não tinha conseguido fazer com que meu avô me orto revelasse seus segredos, ia arrancar esses mesmos segredos daquele baú velho. Então a barra escorregou e eu caí no chão sem fôlego.

Fiquei ali parado, olhando para o teto enquanto recuperava o ar. As lágrimas dos órfãos tinham cessado e agora era apenas a chuva do lado de fora, mais forte do que nunca. Pensei em voltar à cidade para buscar um a me arreta ou um a serra, mas isso só resultaria em perguntas que eu não queria responder.

Foi quando tive um a ideia brilhante. Se pudesse encontrar um modo de quebrar o baú, não teria nem de me preocupar com o cadeado. E o que poderia ser mais forte do que eu e meus músculos superiores subdesenvolvidos para lutar com um baú, usando ferramentas improvisadas? *Gravidade*. Eu estava, afinal de contas, no segundo andar da

casa. Não achei que conseguiria levantar o baú alto o suficiente para joga-lo por um a janela, mas a balaustrada no alto da escada, feita para evitar que pessoas caíssem e morressem, havia muito tempo tinha desmoronado. Tudo o que eu precisava fazer era arrastar o baú pelo corredor e

em purrás-lo lá para baixo! Se seu conteúdo sobreviveria ao impacto, era outra questão, mas pelo menos eu descobriria o que havia lá dentro, de um jeito ou de outro.

Eu me agachei atrás do baú e com ele a em purrás-lo na direção do corredor. Após alguns centímetros, seus pés de metal penetraram no chão e acionei ele me pacou. Sem me deter, dei a volta e fui até o outro lado, agarrei o cadeado com as duas mãos e puxei com força, e para minha grande surpresa ele se moveu quase um metro de uma vez. Não era um metal especialmente glamoroso de trabalhar, agachado daquele jeito e com o traseiro para o alto, forçado a repetir o movimento diversas vezes. E cada arrastada no baú era uma panhada de um ruído de metal na madeira capaz de arrebentar os tímpanos, mas em pouco tempo consegui tirá-lo do quarto, centímetro a centímetro, passando de porta em porta, até as escadas. Eu me perdi nos ecos daquele trabalho cadenciado, e logo estava coberto por uma virilha camada de suor.

Finalmente cheguei ao topo da escada e, com um gesto final e nada delicado, puxei o baú até lá. Agora ele deslizava com facilidade e com apenas alguns puxões ficou precariamente equilibrado na extremidade ponta do degrau; um último em purrãozinho seria o bastante para me andá-lo lá para baixo. Mas eu queria vê-lo se espatifar — minha recomendação por todo aquele trabalho —, por isso me levantei e me arrastei com cuidado até a beirada, de onde conseguia avistar o chão no espaço somente lá em baixo. Prendendo a respiração, dei com o pé um último toquinho no baú.

Ele hesitou por um instante, oscilante à beira de seu fim, mas depois me ergulhou com decisão para a frente e caiu, virando seguidamente de ponta-cabeça num a bela coreografia em câmera lenta. Então ouviu-se um barulho tremendo, que ecoou e pareceu fazer a casa inteira estremecer, e uma nuvem de poeira me atingiu vindoa de baixo. Recuei um pouco no corredor, tossindo enquanto a nuvem se dissipava. Um minuto depois voltei e olhei lá para baixo, onde o baú havia caído, e vi não a pilha de madeira

despedaçada que eu esperava com tanto carinho, mas um buraco irregular nas tábuas do piso no formato de um baú. Ele tinha caído direto no porão.

Desci pelas escadas e me deitei de bruços na extremidade do buraco no chão com o se me inclinasse para um orifício feito no gelo. Cinco metros abaixo, em meio à poeira e à escuridão difusas, vi o que restara do baú. Ele tinha se espatifado com o um ovo gigante, os pedaços todos misturados em meio a uma pilha aleatória de entulho e tábuas quebradas do piso.

Espalhados por toda a parte havia o que pareciam ser pedaços de papel. Tinha, finalmente, encontrado uma pilha de cartas!

Apertando os olhos, consegui vislumbrar algumas inscritas sobre os papéis — rostos e corpos —, e me dei conta de que não eram cartas, mas fotografias. Dezenas delas. Fiquei em polgado, mas logo desanimei, porque um pensamento terrível me ocorreu.

Preciso ir lá embaixo.

O porão era um labirinto com um bento de ambientes tão escuros que faria pouca diferença se os tivesse explorado com os olhos vendados. Desci um lance barulhento de escadas e parei por um momento quando cheguei ao fim, torcendo para que meus olhos conseguissem se adaptar, mas era o tipo de escuridão à qual não era possível nenhum tipo de adaptação. Eu também bem esperava me acostumar com o cheiro, porque fedia lá embaixo, um odor estranho, acre, com o interior do armário de produtos químicos de um laboratório escolar, mas não tive essa sorte. Então comecei a andar devagar, arrastando os pés lentamente, a gola da camisa levantada por cima do nariz e as mãos estendidas à frente, e torci para que tudo desse certo.

Tropecei e quase caí. Alguma coisa de vidro saiu rolando e chacoalhando pelo chão invisível. O fedor só parecia piorar.

Comentei a imaginar coisas espreitando na escuridão diante de mim. Nada de monstros e fantasmas — e se tivesse outro buraco no chão? Jamais encontrariam meu corpo.

Mas percebi, num a grande sacada de gênio, que se ligasse um a tela branca de algum m enu do celular que eu tinha no bolso, m esm o estando a vinte quilôm etros da barrinha de sinal m ais próximo, eu teria um a lanterna fraca.

Apontei o aparelho para a frente. A luz m al penetrou a escuridão. Então apontei para o chão, onde só vi fragm entos de piso e cocô de rato. Apontei para o lado e vislum brei um leve reflexo.

Dei um passo na direção do brilho e girei m eu telefone ao redor, e do m eio da escuridão surgiu um a parede com prateleiras repletas de potes de vidro. Eram de todas as form as e tam anhos, cobertos de poeira e cheios de coisas gelatinosas suspensas num líquido nebuloso. Pensei na cozinha e nos vidros em pedaços de frutas e legumes que havia encontrado lá. Talvez a temperatura fosse m ais estável no subsolo e por isso aqueles tinhama sobrevivido à explosão.

Aproxim ei-m e ainda m ais e olhei com m ais atenção, percebendo que não eram frutas e legumes afinal de contas, m as sim órgãos. Cérebros. Corações.

Pulmões. Olhos. Todos conservados em algum a espécie de form ol caseiro, o que explicava aquele fedor terrível. Dei um grito e m e afastei deles indo para o escuro, enojado e intrigado ao m esm o tempo. Que espécie de lugar era aquele?

Aqueles vidros eram algo que se esperaria encontrar no porão de um a escola de m edicina picareta, não num a casa cheia de crianças. Se não fosse pelas coisas m aravilhosas que m eu avô contara sobre aquele lugar, eu desconfiaria de que a srta. Peregrine acolhia crianças apenas para roubar os órgãos delas.

Eu m e recuperei um pouco e ergui os olhos para ver outra luz à m inha frente, não um reflexo do m eu telefone, m as um fraco trem eluzir de luz do dia.

Devia vir do buraco que eu fizera. Avancei, respirando através da gola levantada da camisa e tentando m e m anter afastado das paredes e das

outras surpresas aterrorizantes que podiam me aguardar, até que a luz me conduziu a um a porta e um a saleta com partes do teto desmoronadas.

A luz do dia entrava pelo buraco e caía sobre um monte de tábuas de piso despedaçadas e vidro quebrado do qual se erguiam colunas de densa poeira rosada. Tam bém havia pedaços de carpete rasgado espalhados com o se fossem nacos de carne-seca. Por baixo do entulho ouvi o barulho de patinhas correndo,

algum roedor adaptado à escuridão que sobrevivera à imprevisão de seu mundo.

No meio daquilo tudo estava o baú destroçado, em posição de destaque acima de lascas de madeira e tábuas cheias de pregos enferrujados. Eu me ajeitei e comecei a tentar resgatar o que conseguia daquela pilha. Senti como se trabalhasse num resgate, salvando rostos dos destroços, limpeando vidro e madeira podre, e, apesar de parte de mim querer sair correndo — não havia como dizer se ou quando o resto do chão podia desmoronar na minha cabeça —, não conseguia parar de olhar para as fotografias.

Numa primeira impressão, pareciam o tipo de retrato que se encontrava em qualquer álbum de família antigo: havia fotos de gente dando cambalhotas na praia e sorrindo na varanda diante do quintal, paisagens da ilha e muitas crianças, posando sozinhas e em duplas, retratos formais e informais tirados diante de painéis colocados ao fundo, os retratados segurando bonecas de olhos inexpressivos, com o se estivessem se preparando para fotos glamourosas em algum *shopping center* apavorante da virada do século. Mas o que achei realmente assustador não foram as bonecas zumbis ou os cortes de cabelo estranhos das crianças, ou ainda como pareciam não sorrir nunca: quanto mais examinava as fotos, mais famílias me pareciam. Elas compartilhavam o mesmo ar de pesadelo das velhas fotos de meu avô, especialmente as que ele guardara escondidas no fundo de sua caixa de charutos, com o se de alguma maneira todas viessem do mesmo lote.

Havia, por exemplo, uma foto de duas meninas posando em frente a um fundo mal pintado de um a paisagem oceânica. Nada de muito estranho em especial. O que incomodava era como estavam posando. As duas estavam

de costas para a câm era. Por que você se daria ao trabalho de tirar um retrato —

naquela época as fotografias eram um a coisa cara — para na hora virar as costas para a câm era? Estava quase certo de acabar achando naqueles destroços outra foto das duas garotas, agora de frente, revelando esqueletos sorridentes no lugar de rostos.

Outras fotos pareciam m anipuladas de um j eito bem sim ilar a algum as de m eu avô. Em um a delas, um a garota sozinha num cem itério olhava para um lago e via-se o reflexo de *duas* garotas. Ela m e lem brava a foto do vovô Portm an da garota “presa” num a garrafa, m as, qualquer que fosse a técnica de laboratório que tivesse sido usada, o resultado era m uito tosco. Havia outra de um rapaz perturbadoram ente calm o cuj a parte superior do tronco parecia coberta por um enxam e de abelhas. Aquilo seria bem fácil de forj ar, não? Com o aquela foto de m eu avô do garoto erguendo um a rocha. Pedras falsas, abelhas falsas.

Apesar dessa conclusão, os pelos da m inha nuca com eçaram a se arrepiar quando m e lem brei de algo que vovô Portm an dissera sobre um m enino que m orava com ele ali na m esm a época, um m enino que tinha abelhas e vespas vivendo dentro dele. Vovô dizia que *algumas saíam voando quando ele abria a boca, mas nunca picavam, a menos que ele quisesse.*

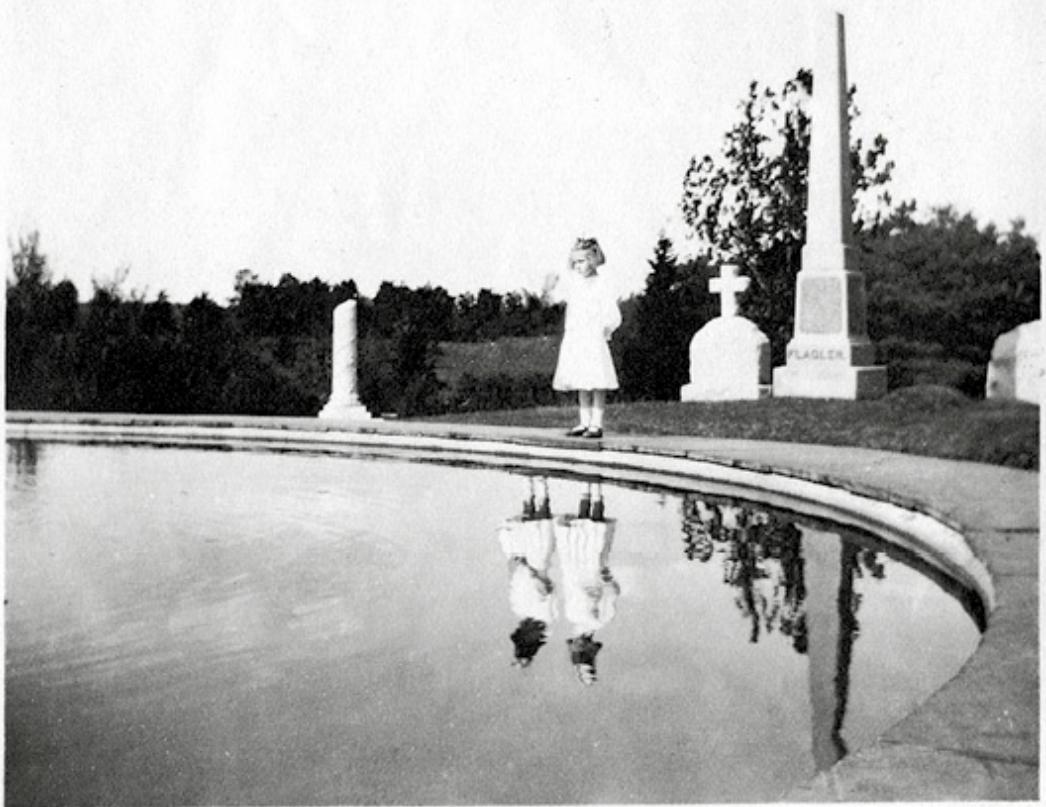
Eu só podia pensar em um a explicação. As fotos de m eu avô tinham vindo daquele m esm o baú que j azia espatifado à m inha frente. Mas eu não tinha certeza, até que encontrei um a foto de dois garotos esquisitos fantasiados, com colarinhos desm anchados, que pareciam alim entar um ao outro com um a espiral

de fita. Eu não sabia exatam ente o que eles eram , além de com bustível para pesadelos bizarros. O que poderiam ser? Dançarinos sadom asoquistas? Mas não havia dúvida de que vovô Portm an tinha um retrato daqueles dois garotos. Eu o vira em sua caixa de charutos m enos de dois m eses atrás.

Não podia ser coincidência, o que significava que as fotos que m eu avô havia m e m ostrado — que ele j urava serem de crianças que conhecera naquela casa — *tinham mesmo vindo dali.* Mas será que isso queria dizer

que, apesar das desconfianças que eu tinha, mesmo com oito anos de idade, as fotos eram autênticas? E as histórias fantásticas que as acompanhavam? Qualquer uma delas ser verdadeira, *literalmente* verdadeira, era algo que parecia impossível. Mesmo assim, parado ali, na penumbra em poeirada do porão daquela casa morta que parecia tão cheia de fantasmas, *quem sabe...*









De repente houve um estrondo de algum lugar na casa em cim a de m im , e m e assustei tanto que todas as fotografias caíram da m inha m ão.

É só a casa assentando, disse para m im m esm o — ou desabando! Mas, quando m e abaixei para recolher as fotos, o estrondo veio novam ente e, em um instante, a luz que brilhava fracam ente pelo buraco no chão desapareceu, e m e peguei engatinhando no breu.

Ouvi passos acim a de m im , depois vozes, e m e esforcei para reconhecer um a delas. Não ousei m e m exer, com m edo de que o m enor dos m ovim entos deflagrasse um a avalanche barulhenta de destroços em toda a m inha volta. Sabia que m eu m edo era irracional; provavelm ente eram apenas aqueles estúpidos garotos *rappers* tentando m e pregar outra peça, m as m eu coração batia a uns cem quilôm etros por hora, e algum instinto anim al profundo m e m andou ficar em silêncio. Então esperei.

Congelado num a estranha posição acocorada, m inhas pernas com eçaram a ficar dorm entes. No m aior silêncio possível, passei a m udar m eu peso de um pé para o outro, tentando fazer o sangue voltar a circular. Um pequeno pedaço de algum a coisa se soltou e desceu rolando a pilha, fazendo um barulho que parecia enorm e no silêncio. As vozes se reduziram a sussurros. Um a tábua do piso rangeu bem acim a de m im e um a pequena chuva de gesso caiu em m inha cabeça.

Quem quer que estivesse lá em cim a sabia exatam ente onde eu estava.

Prendi a respiração.

Então ouvi um a voz de m enina dizer baixinho:

— Abe? É você?

Achei que estivesse sonhando. Queria responder, m as estava tão com pletam ente paralisado que parecia preso. Esperei que a garota falasse outra vez, m as por um longo instante se ouvia apenas o som da chuva caindo sobre o telhado, com o m ilhares de dedos tam borilando em algum lugar ao longe. Então um a lanterna surgiu reluzente lá em cim a, e estiquei o pescoço para ver m eia dúzia de garotos aj oelhados em volta das m andíbulas recortadas na superfície em ruínas, olhando para baixo.

De algum modo, eu os reconheci, mas não sabia de onde eram, com o se fossem rostos de um sonho de que não nos lembraram os direitos. Onde será que eu os vi antes? E com os eles sabiam o nome e do meu avô?

Então eu entendi. As roupas deles eram estranhas mesmo para o País de Gales. Tinham rostos sérios e pálidos. Os retratos espalhados no chão ao meu redor olhavam para mim como se eu fosse o motivo que os garotos lá em cima. De repente, com prenhei.

Eu os vi nas fotografias.

Abri a boca para falar, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, um deles, uma menina, se levantou para mim e ver melhor. Ela trazia nas mãos um a luz tremeluzente, que não era uma lanterna ou uma vela, parecendo mais um a bola de puro fogo, protegida por nada além da pele. Eu havia visto seu retrato cinco minutos antes, e ela tinha mais ou menos a mesma aparência que agora; tinha até

a mesma a luz estranha aninhada entre as mãos.

Sou Jacob, quis dizer. Estive procurando por você. Mas fiquei de boca aberta e tudo o que pude fazer foi encará-la.

A expressão da garota tornou-se aborrecida. Meu aspecto era horrível, meu olhado de chuva e coberto de poeira, agachado sobre um monte de destroços com o o último sobrevivente de algum cataclismo. O que quer que ela e os outros garotos estivessem esperando encontrar dentro daquele buraco no chão, não era aquilo.

Um momento circulou entre eles, que se levantaram e foram embora. O momento repentino destravou alguma coisa em mim, e reencontrei minha voz, gritando para que esperassem, mas eles já pisoteavam as tábuas do assoalho na direção da porta. Saí correndo por cima dos destroços, tropeçando às cegas pela escuridão do porão até a escada, mas quando cheguei lá em cima, onde a luz do dia, desaparecida, de algum modo havia voltado, eles tinham sumido da casa.

Saí de lá e desci correndo os degraus arruinados até o gramado, aos gritos de *Esperem!* e *Parem!*, mas eles haviam desaparecido. Ofegante, examinei o quintal e a floresta enquanto praguejava.

De repente, ouvi um estalo vindo do meio das árvores. Caminhei naquela direção para espiar, e através de uma tela de galhos vislumbrando um movimento indefinido, a barra de um vestido branco. Era ela. Entrei correndo na floresta, atrás dela, que se virou, olhou para mim e depois saiu correndo pela trilha.

Eu saltava por cima de troncos caídos e me abaixava para passar sob galhos em uma velocidade assustadora, perseguindo-a até que minhas pernas começaram a queimar. Ela continuava tentando mim e despistar, trocando sempre parar a trilha pelo meio da floresta, onde não havia caminho. Finalmente a minha termínou e saímos na charneca aberta. Vi ali minha chance. Agora não havia mais lugar onde ela pudesse se esconder. Para alcançá-la, eu só precisava aumentar a velocidade, e, com o meu estava de tênis e jeans, e ela de vestido, não seria páreo para mim. Mas, quando eu começava a me aproximar, ela mudou de direção de repente e entrou no terreno pantanoso. Não tive alternativa exceto segui-la.



Correr ficou im possível. Não dava para confiar no solo. Ele m e faltava a toda hora, e eu m e via afundando até o j oelho na lam a m ole e profunda da charneca, que encharcava m inhas calças e sugava m inhas pernas de m odo obsceno. A m enina, entretanto, parecia saber exatam ente onde pisar, e foi

se afastando de mim até desaparecer em meio à neblina, deixando apenas suas pegadas com o rastro.

Depois que ela me despistou,achei que as pegadas me levariam de volta à trilha, mas elas apenas se em brenhavam cada vez mais na charneca. Quando o nevoeiro se fechou às minhas costas e eu não conseguia mais ver a trilha, comentei e perguntar se eu seria capaz de encontrar a saída. Tentei chamá-la:

— *Meu nome é Jacob Portman! Sou neto de Abe! Não vou machucar você!*

— Mas a neblina e a lama pareciam engolir miminha voz.

Então surgiu um a pilha de pedras à miminha frente. Parecia um grande iglu cinza, mas na verdade era um *cairn*, um a das tum bas neolíticas que deram nome a Cairnholm, que se erguia da lama sobre um pequeno tufo de grama. As pegadas da garota conduziam diretamente até lá.

O *cairn* era um pouco maior que eu, longo e estreito, com uma abertura retangular em um dos lados, com o um a porta. Subindo da lama acal para a superfície relativamente sólida que o cercava, percebi que era na verdade a entrada para um túnel que passava pelo interior do *cairn*. Havia linhas entrelaçadas e espirais gravadas nas paredes, hieróglifos antigos cujo significado tinha se perdido no tempo. *Aqui jaz o Garoto do Pântano*, pensei. Ou, mais provavelmente: *Vós, que entrais aqui, deixai toda a esperança...*

Mas entrei, porque era para lá que seguiam as pegadas da garota. Dentro, o túnel do *cairn* era úmido, estreito e profundamente escuro, e tão apertado que eu só conseguia me mover para a frente em uma espécie de passo de caranguejo dado por um corcunda. Fiquei grato, de repente, pelo fato de espaços apertados não serem uma das muitas coisas que me apavoravam.

Imaginando a menina assustada e tremendo em algum lugar adiante, conversava com ela à medida que avançava, fazendo o possível para lhe assegurar de que eu não queria fazer nenhum mal. Minhas palavras voltavam fortes até mim em um eco desorientador. E, justamente quando minhas coxas começavam a latejar devido à postura bizarra que eu tinha sido forçado a adotar, o túnel se abriu em uma câmara, escura com o breu, mas grande o bastante para que eu conseguisse ficar de pé e esticar os braços para os dois lados sem tocar em uma parede.

Peguei meu celular e mais uma vez o usei com a lanterna. Não precisei de muito tempo para avaliar o local. Era uma câmara pequena e simples, de paredes de pedra, mas ou menos do tamanho do meu quarto, e estava completamente vazia. Não havia nenhuma garota ali para ser achada.

Estava ali parado tentando descobrir com o ela tinha conseguido escapar quando pensei em um a coisa, algo tão óbvio que me senti um idiota por ter demorado tanto para perceber aquilo. Nunca houve nenhum a garota. Eu a im aginara, e o resto deles também . Meu cérebro os havia invocado no momento exato em que eu olhava para as fotografias. E a escuridão repentina e inexplicável que precedera sua chegada? Será que eu tinha apagado?

De qualquer modo, era impossível. Aqueles garotos tinham medo orrido havia muitos anos. Mesmo o que não tivessem , era ridículo acreditar que ainda teriam o mesmo o aspecto de quando as fotos foram tiradas. Mas tudo aconteceu tão rapidamente que não tive tempo de parar e me perguntar se eu podia estar perseguindo um a alucinação.

Ri, porque já podia prever a explicação do dr. Golan: *Aquela casa é um local tão carregado de emoções para você que só o fato de entrar lá desencadeou uma reação de estresse.* É, ele era um babaca com todo aquele papo psicológico. O

que não significa que estivesse errado.

Eu me virei para voltar, humilhado. Em vez de andar com o mesmo caranguejo, abandonei o que restava da minha dignidade e fui engatinhando, sobre as mãos e os joelhos, na direção da luz difusa que vinha da entrada do túnel. Quando ergui os olhos, percebi que já virara aquela imagem antes: no meu de Martin, em uma fotografia do lugar onde tinham descoberto o Garoto do Pântano. Era desconcertante pensar que em certa época as pessoas acreditavam que aquele devia ser um portal para o paraíso, e acreditavam com tal convicção que um garoto da minha idade estava disposto a abrir mão de sua vida para chegar lá. Que triste e estúpido desperdício.



Decidi então que queria ir para casa. Não me importava com as fotos no porão, e estava cansado de charadas, mistérios e últimas palavras. Ceder à obsessão de mim eu avô por tudo aquilo só havia piorado meu estado, não melhorado. Era hora de deixar para lá.

Eu me livrei do túnel apertado do *cairn* e saí para o exterior só para ser cegado pela luz. Protegi os olhos e vi por um a fresta entre os dedos um mundo que eu mal reconheci: a mesa esmaga charneca, a mesa esmaga trilha, tudo era o mesmo ou de antes, mas pela primeira vez desde a minha inha chegada eu estava banhado pela luz amarela e estimulante do sol, o céu de um azul glacê, sem qualquer vestígio, em lugar nenhum, da neblina esquisita que passara a definir aquela parte da ilha para mim. Tam bém estava quente, mas mais para os dias de auge do verão do que para os de seu princípio, com sua brisa fresca. *Como o tempo muda rápido por aqui!*

Caminhava com dificuldade até a trilha, tentando ignorar a sensação da lama da charneca se esfregando contra a pele dentro de minhas meias, e tomava o rumo da cidade. Estranhamente, a trilha em si não tinha nenhum alicerce, com o solo houvesse secado em apenas alguns minutos, mas tinha sido coberta por um bom bardeio de moitas de bosta de animais maiores que laranjas, de modo que eu não conseguia andar em linha reta por mais que alguns poucos segundos sem ter de desviar de um. Com esse a ficar preocupado: com o eu não tinha percebido aquilo antes? Será que tinha passado toda a manhã em uma espécie de névoa psicótica? Será que estava nesse meio de um a agora?

Não tirei os olhos daquele tabuleiro de xadrez de cocô até chegar ao alto da colina e comêr a descer rumo à cidade. Foi nesse momento que descobri de onde vinha toda aquela sujeira. No mesmo lugar da estradinha de cascalho onde pela manhã passava um batalhão de tratores arrastando carros cheios de peixe e placas de turfa para cima e para baixo da baía, agora os mesmos carros estavam sendo puxados por cavalos e mulas. O barulho ritmado de cascos substituiria o rugido de motores.

Também não havia o zumbido permanente dos geradores a diesel. Será que a cidade tinha ficado sem combustível nas poucas horas em que eu me ausentara? E onde os meus oradores da ilha tinham me antido escondidos todos aqueles grandes animais?

Mais um a coisa: por que todos eles estavam m e *olhando*? Todo m undo com quem eu cruzava m e encarava de olhos arregalados, parando o que quer que estivesse fazendo para m e ver passar. *Devo parecer tão louco quanto estou me sentindo*, coberto de lam a da cintura para baixo e de gesso da cintura para cim a, por isso baixei a cabeça e andei o m ais rápido que pude na direção do *pub*, onde ao m enos eu podia m e esconder no anonimato de sua penum bra até a chegada do m eu pai para o alm oço. Resolvi que, quando ele chegasse, eu lhe diria na hora que queria voltar para casa o m ais rápido possível. Se ele hesitasse, eu adm itiria que estava tendo alucinações, e com certeza partiríam os na prim eira barca.

Dentro do Buraco havia o m esm o grupo de hom ens em briagados debruçados sobre copos grandes cheios de espum a, as m esm as m esas surradas e

a decoração cafona que eu tinha com eçado a considerar m inha casa-longe-de-casa. Mas, quando m e dirigia às escadas, ouvi um a voz desconhecida gritar:

— Aonde você pensa que vai?

Eu m e virei, j á com um pé no prim eiro degrau, para ver o balconista m e olhar de cim a a baixo. Só que não era Kev. Era um suj eito m al-encarado e de cara redonda que eu não reconheci. Ele vestia um avental de balconista e tinha um a “m onocelha” peluda e um bigode que pareciam taturanas e deixavam seu rosto listrado.

Eu podia ter dito: *Vou lá em cima fazer as malas, e, se meu pai não quiser me levar para casa, vou fingir que estou tendo um ataque*. Mas em vez disso respondi:

— Para o m eu quarto. — Isso falado de um j eito que m ais parecia um a pergunta que a afirm ação de um fato.

— É m esm o? — disse ele, pousando o copo que estava enchendo. — Isso aqui, por acaso, parece um hotel para você?

Madeiras rangeram quando os fregueses viraram de seus bancos para m e olhar. Exam inei rapidamente o rosto deles. Nenhum era fam iliar.

Estou tendo um surto psicótico. Neste momento. É essa a sensação de um surto desses. Só que eu não tinha sintoma nenhum. Não via raios de luz, minhas mãos não suavam, nem nada assim. Era mais com o se o mundo inteiro tivesse enlouquecido, não eu.

Disse ao *barman* que obviamente havia algum engano.

— Meu pai e eu estávamos nos quartos do andar de cima — falei. — Olhe, tenho a chave — e a peguei do bolso com a prova.

— Deixa eu ver isso — disse ele, inclinando-se sobre o balcão para apanhá-la da minha mão. Ergueu-a contra a luz fraca, olhando com o se fosse uma joia.

— Essa chave não é nossa — resmungou, mas guardou-a no próprio bolso.

— Agora me diga o que realmente quer lá em cima. E, desta vez, não me intente!

Senti o rosto enrubescer. Nunca havia sido chamado de entiroso por um adulto que não fosse meu parente antes.

— Já disse para você. Alugam os esses quartos! Pergunte para Kev se não acredita em mim!

— Não conheço nenhum Kev e não gosto de historinhas — disse ele friamente. — Não há quartos para alugar por aqui e o único que vive lá em cima sou eu!

Olhei ao redor esperando que alguém abrisse um sorriso e me deixasse entrar na brincadeira. Mas o rosto dos homens parecia de pedra.

— Ele é americano — observou um homem que ostentava uma barba prodigiosa. Talvez do exército.

— Bobagem — resmungou outro. — Olhem para ele, é praticamente um feto!

— Mas e a capa de chuva dele? — disse o barbudo, estendendo a mão para beliscar a manga do meu casaco. — Deve ter dado um trabalhão para encontrar um desses num a loja. Exército... deve ser.

— Olhem — disse eu. — Não estou no exército e não estou querendo armar nada aqui! Só quero encontrar meu pai, pegar minhas coisas e...

— Americano o cacete! — berrou um sujeito gordo, desgrudando toda sua circunferência de um banco para se colocar entre mim e a porta, para onde eu estava lentamente recuando. — O sotaque dele parece falso, para mim. Aposto que é um espião alemão.

— Eu não sou espião — retruquei sem força. — Só estou perdido.

— Vamos resolver isso — disse ele com uma gargalhada. — Acho que a gente deve arrancar a verdade dele à moda antiga... com um a corda.

Gritos de concordância. Não sabia se eles estavam falando sério ou só me pregavam uma peça, mas eu não estava muito interessado em ficar ali para descobrir. Um resquício de instinto conseguiu se fazer presente através da confusão de meu cérebro: *corra!* Seria muito mais fácil tentar descobrir o que estava acontecendo sem um bar cheio de bêbados me ameaçando. Claro, sair correndo ia convencê-los de minha culpa, mas eu não me importava.

Tentei dar a volta no homem gordo.

Ele tentou me agarrar, mas a lentidão e bebedeira não são páreo para velocidade e um medo desgraçado. Fingi que ia para a esquerda, então fintei e fiz a volta nele pela direita. Ele soltou um urro de raiva enquanto os outros homens se descolavam de seus bancos para se lançar atrás de mim, mas consegui escapar entre os dedos deles e saí correndo pela porta, para a tarde ensolarada.

Desci a rua correndo, deixando marcas profundas no cascalho. As vozes furiosas comecaram a desaparecer às minhas costas. Resolvi virar de medo

brusco na prim eira esquina, para escapar do cam po de visão deles. Cortei cam inho por um quintal lam acento onde galinhas cacarej antes desviaram do m eu cam inho e depois segui por um terreno aberto, onde as m ulheres que faziam fila para bom bear água de um poço antigo olharam para m im quando passei voando. Um pensam ento que não tive tem po de aprofundar surgiu na m inha cabeça: *Ei, onde foi parar a Mulher à Espera?* Mas então cheguei a um m uro baixo e tive de m e concentrar para saltar por cim a dele — *apoie a mão, levante o pé e dê impulso* —, aterrissando em um a trilha cheia de arbustos, quase sendo atropelado por um a carroça que vinha com pressa. O cocheiro gritou algo ofensivo sobre m inha m ãe enquanto o lom bo do cavalo roçava m eu peito e ele deixava m arcas de cascos e de rodas a poucos centím etros de m eus dedos dos pés.

Eu não tinha a m ínim a ideia do que estava acontecendo com igo. Só com preendia duas coisas: que m uito provavelm ente estava em pleno processo de enlouquecim ento e que precisava m e afastar das pessoas até que pudesse com preender o que estava acontecendo. Para alcançar esse obj etivo, saí correndo por um beco que seguia por trás de duas ruelas de cabanas, onde parecia haver m uitos lugares para eu m e esconder se precisasse, e alcancei os lim ites da cidade. Reduzi a velocidade para um a cam inhada em ritm o acelerado, na esperança de que um garoto am ericano enlam eado e desgrenhado que não corresse cham asse m enos atenção.

O fato de cada barulhinho ou pequeno m ovim ento m e assustar não ajudava em nada m inha tentativa de agir com naturalidade. Cum prim entei com a cabeça e um aceno de m ão um a m ulher que pendurava roupa no varal, m as, com o todo o resto das pessoas, ela apenas olhou fixam ente para m im . Apertei o passo.

Ouvi um ruído estranho atrás de m im , m e agachei e entrei num banheiro externo pelo qual passava. Enquanto esperava ali, agachado atrás da porta sem iaberta, m eus olhos exam inaram os rabiscos nas paredes.

Dooley é um veado que transa com carneiros.

O quê? Que falta de romance!

Por fim , um cachorro passou, seguido por um bando de filhotes de latido agudo. Soltei a respiração e com ecei a relaxar um pouco. Depois, esforçando-m e para m anter a calm a, saí outra vez para o beco.

Algo m e agarrou de im ediato pelos cabelos. Antes m esm o que eu tivesse a chance de gritar, um a m ão veio de trás e apertou algo afiado contra m inha garganta.

— Se gritar, corto você — disse um a voz.

Mantendo a lâm ina em m eu pescoço, a pessoa que m e atacava m e em purrou contra a parede do banheiro e fez a volta para m e olhar de frente, e para m inha enorm e surpresa não era um dos hom ens do *pub*. Era a garota. Ela usava um vestido branco sim ples e tinha um a expressão severa no rosto extrem am ente belo, m esm o quando ela parecia pensar seriam ente em arrancar a m inha traqueia.

— O que é você? — sussurrou ela.

— Eu... hã... eu sou am ericano — gaguej ei, sem m uita certeza do que ela m e perguntava. — Eu m e cham o Jacob.

Ela apertou a faca com m ais força contra a m inha garganta, e sua m ão com eçou a trem er. Ela estava com m edo, e isso significava que era perigosa.

— O que estava fazendo na casa? — perguntou. — Por que você está m e perseguindo?

— Eu só queria falar com você! — respondi. — Não m e m ate.

Ela m e olhou fixam ente, de cara am arrada.

— Falar comigo sobre o quê?

— Sobre a casa e sobre as pessoas que m oraram lá.

— Quem o m andou aqui?

— Meu avô. O nom e dele era Abraham Portm an.

Ela ficou de queixo caído.

— Isso é m entira! — exclam ou ela, os olhos flam ej antes. — Acha que não sei quem você é? Não nasci ontem ! Abra os olhos, deixe-m e ver seus olhos!

— Eu sou m esm o neto dele! Estes são m eus olhos! — Abri-os o m áxim o que pude. Ela ficou na ponta dos pés e olhou fixam ente dentro deles, então bateu o pé e gritou: — Não, seus olhos *verdadeiros*! Esses falsos não m e enganam m ais que sua m entira ridícula sobre Abe!

— Não é m entira, e esses *são* m eus olhos! — Ela apertava m inha traqueia com tanta força que senti dificuldade para respirar. Agradeci pelo fato de a faca estar cega, ou sem dúvida ela teria tirado sangue. — Olhe, não sou quem quer que você ache que eu sou — resm unguei. — Posso provar.

A m ão dela relaxou um pouco.

— Então prove, ou vou regar a gram a com seu sangue!

— Tenho um a coisa bem aqui — disse, e enfiei a m ão no casaco.

Ela deu um pulo para trás e gritou para que eu parasse, erguendo sua lâm ina até que ela ficasse trêm ula no ar, entre m eus olhos.

— É só um a carta! — berrei. — Calm a!

Ela baixou a lâm ina de volta à m inha garganta e eu saquei lentam ente a carta e a foto da srta. Peregrine de m eu casaco, estendendo-os para que ela visse.

— A carta é parte da razão que m e trouxe até aqui — expliquei. — Foi m eu avô quem m e deu. É da Ave, é assim que vocês cham am sua diretora, não é?

— Isso não prova nada! — disse ela, apesar de m al ter olhado para a carta.

— Diga-m e apenas um a coisa. Com o você sabe tanto sobre nós?

— Eu já falei, mas eu avô...

Ela arrancou a carta das minhas mãos.

— Não quero ouvir mais nem um a palavra dessa bobagem! —

Aparentemente, eu tinha tocado em um ponto sensível. Ela ficou quieta por um instante, a expressão retorcida de frustração, com o se estivesse decidindo a melhor maneira de se livrar do meu corpo após cumprir suas outras ameaças.

Mas, antes que ela pudesse encontrar uma solução, vieram sons da outra ponta do beco. Nós nos viramos para ver os homens do *pub* correndo em nossa direção, armados com porretes de madeira e ferramentas de fazenda.

— O que é isso? — perguntou ela. — O que você fez?

— Você não é a única pessoa que quer me matar!

Ela tirou a faca da minha garganta, mas a manteve ao lado do meu corpo, e depois me agarrou pela gola da camisa.

— Agora você é meu prisioneiro — anunciou ela. — E virá comigo.

Não discuti. Não sabia se minhas chances eram melhores nas mãos dessa garota desequilibrada ou nas do bando de bêbados com porretes que se aproximava espumando de raiva, mas pelo menos com ela eu achava que tinha a possibilidade de conseguir algumas respostas.

Ela me empurrou, e nós saímos correndo e pegamos um beco adjacente. A meio caminho do fim, ela desviou rapidamente para o lado e me puxou junto, e amarramos nos agachamos embaixo de um varal cheio de lençóis e pulamos por cima de uma cerca de galinheiro que dava no quintal de um casebre.

— Aqui — me terminei ela e, olhando ao redor para se assegurar de que não havíam sido vistos, me empurrou por uma porta para dentro de um barracão atulhado que cheirava a fumaça de turfa.

Não havia ninguém lá dentro, apenas um cachorro velho que dormia em cima de um sofá. Ele abriu um olho, sem dar muita importância ao que via, e voltou a dormir. Corremos os olhos até um lugar que dava para a rua e nos apertam os contra a parede ao seu lado. Ficamos ali parados à escuta, a garota também o cuidado de me anter um dos meus braços e a faca encostada em mim.

Um momento se passou. A voz dos homens pareceu sumir e então voltar outra vez; era difícil dizer onde estavam. Meus olhos percorreram o pequeno aposento.

Ele parecia excessivamente rústico, mesmo para Cairnholm. Havia uma pilha

de cestos artesanais apoiada num canto. Um a poltrona forrada com aniagem diante de um grande fogão de ferro a carvão. Um calendário pendurado na parede em frente e, apesar de estar escuro demais para conseguir ler de onde estavam os, só o fato de olhar para ele despertou a centelha de um pensamento bizarro.

— Em que ano estavam os? — perguntei à garota.

Ela me mordendo calar a boca.

— Estou falando sério — sussurrei.

Ela me olhou com estranheza por um instante.

— Não sei o que você está armado, mas vá e veja você mesmo. — E me empurrou na direção do calendário.

A metade superior era uma foto em preto e branco de uma cena tropical: garotas de corpo inteiro, com franjas, sorridentes e usando roupas de banho de aspecto antigo em uma praia. Abaixo dela, havia as seguintes palavras: *Setembro de 1940*. Os dois primeiros dias do mês tinham sido riscados.

Uma dormência esquisita e distante tomou conta de mim. Considerei todas as coisas estranhas que eu tinha visto naquela manhã — a mudança estranha e repentina do tempo, a ilha que eu achava conhecer, agora

povoada por pessoas estranhas; com o o estilo de tudo ao m eu redor parecia antigo, m as as coisas propriam ente ditas eram novas. Tudo podia ser explicado pelo calendário na parede.

Três de setem bro de 1940. Mas como?

E então m e lem brei de um a das últim as coisas que m eu avô m e disse: *Do outro lado da tumba do homem velho*. Isso era algo que eu nunca conseguira entender. Durante um tem po eu m e perguntei se ele estava se referindo a fantasm as — com o todas as crianças que ele conhecera estavam m ortas, eu teria de ir ao outro lado do túm ulo para encontrá-las —, m as era poético dem ais. Meu avô era um hom em de m ente prática, não alguém que utilizava m etáforas e segundas palavras. Ele tinha m e dado instruções claras e diretas que sim plesm ente não tivera tem po de explicar: “o velho”, eu m e dei conta, era o que os habitantes locais cham avam de Garoto do Pântano, e seu túm ulo era o *cairn*. Mais cedo, naquele dia, eu havia entrado lá e saído em um lugar diferente: setem bro de 1940.

Tudo isso passou pela m inha cabeça durante o instante que levou para o aposento virar de cabeça para baixo e m eus j oelhos cederem sob m eu corpo, e tudo desaparecer em um a escuridão pulsante e aveludada.

Acordei no chão, com as m ãos am arradas ao fogão de ferro. A garota cam inhava, inquieta, e parecia estar envolta em um a conversa anim ada consigo m esm a. Mantive os olhos fechados por quase todo o tem po e escutei.

— Ele *deve* ser um acólito — dizia ela. — Por que m ais estaria xeretando a casa com o se fosse um ladrão?

— Eu não tenho a m enor ideia — disse outra pessoa. — E parece que ele tam bém não. — Então, afinal de contas, ela não conversava sozinha, ainda que, do lugar onde eu estava deitado, não conseguisse ver o rapaz que tinha falado. —

Você disse que ele nem percebeu que estava em um a fenda do tem po?

— Vej a por si m esm o — disse ela, gesticulando em m inha direção. — Você pode im aginar qualquer parente de Abe não saber de nada com o esse aí?

— E você pode im aginar um acólito? — disse o rapaz.

Virei levem ente a cabeça para exam inar o lugar, m as m esm o assim não o vi.

— Posso im aginar um acólito *fingindo* isso — retrucou a garota.

O cachorro, agora acordado, proxim ou-se trotando e lam beu m eu rosto.

Apertei bem os olhos e tentei ignorá-lo, m as o banho de língua que ele m e deu foi tão m elado que acabei tendo de m e levantar só para escapar dele.

— Ora, vej a quem está de pé! — disse a garota. Ela bateu palm as em um aplauso sarcástico. — Foi um a atuação e tanto a sua m ais cedo. Gostei especialm ente do desm aio. Tenho certeza de que o teatro perdeu um grande ator quando, em vez disso, você decidiu se dedicar ao assassinato e ao canibalism o.

Abri a boca para defender m inha inocênci a e parei quando percebi um a xícara flutuando em m inha direção.

— Tom e um pouco d'água — disse o rapaz. — Não querem os que você m orra antes de levá-lo para ver a diretora, não é?

A voz dele parecia surgir do ar. Quando fui pegar a xícara, m eu dedinho esbarrou em algo invisível e eu quase a deixei cair.

— Ele é desaj eitado — disse o rapaz.

— Você é invisível — retruquei.

— Você tem razão. Millard Nullings, às suas ordens.

— Não diga seu nom e a ele! — gritou a garota.

— E essa é Em m a — prosseguiu ele. — Ela é um pouco paranoica, o que, tenho certeza, você j á percebeu.

Em m a ficou olhando para ele, ou para o espaço que eu im aginava ser ocupado por ele, m as não disse nada. A xícara trem eu na m inha m ão. Iniciei outra tentativa atabalhoada de m e explicar, m as fui interrom pido por vozes raivas vindas do lado de fora da j anela.

— Silêncio! — sussurrou Em m a. Os passos de Millard foram até a j anela, e as persianas se abriram um centím etro.

— O que está acontecendo? — perguntou ela.

— Eles estão vasculhando as casas — respondeu ele. — Não podem os ficar aqui por m uito m ais tem po.

— Bem , tam bém não podem os sair!

— Acho que talvez a gente possa — disse ele. — Mas, só para garantir, deixe-m e consultar m eu livro.

As persianas se fecharam outra vez e eu vi um caderninho com capa de couro erguer-se de um a m esa e se abrir em pleno ar. Millard cantarolava enquanto o folheava. Um m inuto m ais tarde ele fechou o caderno num golpe.

— Com o eu desconfiava! — disse ele. — Só precisam os esperar um m inuto, m ais ou m enos, e aí poderem os sair direto pela porta.

— Você está louco? — disse Em m a. — Logo terem os cinco suj eitos em cim a de nós com tij olos e porretes!

— Não se form os m enos interessantes do que o que está prestes a acontecer

— respondeu ele. — Eu lhe garanto que essa será a m elhor oportunidade que terem os em horas.

Ele não falou m ais nada. Fui desam arrado do fogão e conduzido até a porta, onde nos agacham os e ficam os à espera. Então, lá de fora, veio um barulho

ainda mais alto do que os gritos dos homens: motores. Dúzias, pelo som que faziam .

— Ah, Millard, isso é brilhante! — disse Emma.

Ele torceu o nariz.

— E você disse que meus estudos eram um aperfeiçoamento.

Emma pôs a mão na maçaneta e depois se virou para mim .

— Segure meu braço. Não corra. Ajudarei com o se nada tivesse acontecido. —

Ela guardou a faca, mas me garantiu que, se eu tentasse fugir, tornaria a vê-la um instante antes de ser morto por ela.

— Com o posso saber que você não vai fazer isso de qualquer jeito? —

perguntei.

Ela pensou por um instante.

— Não pode — retrucou. E então em purrou e abriu a porta.

A rua lá fora estava cheia de gente, não só os homens do pub, que imediatamente no fim do quarteirão, mas com mercantes, mulheres e cocheiros de rosto fechado que haviam parado o que faziam para ficar no meio da estrada e esticar o pescoço na direção do céu, onde lá em cima, não muito longe, um esquadrão de caças nazistas roncava em perfeita formação. Eu tinha visto fotos de aviões com o aqueles no meuuseu de Martin, em uma vitrine intitulada *Cairnholm sitiada*. Com o devia ser desesperador ver de repente, no meio de uma tarde que seria comum, surgirem no céu máquinas de morte inimigas que podiam fazer chover fogo sobre você a qualquer momento.

Atravessam os a rua tão despreocupadamente quanto conseguem os, com Emma segurando meu braço com uma pressão mortal. Quase conseguem

os chegar à ruela do outro lado antes que alguém finalmente nos visse. Ouvi um grito, nos viram os e vim os um hom em partir em nossa direção.

Com eçam os a correr. A ruela era estreita e com estábulos de am bos os lados. Tínham os percorrido m etade dela quando ouvi Millard dizer:

— Vou ficar para trás e fazê-los tropeçar! Me encontrem atrás do *pub* em exatam ente cinco m inutos e m eio!

Os passos deles foram desaparecendo às nossas costas e, quando chegam os ao fim do beco, Em m a m e deteve, olham os para trás e vim os um a corda se desenrolar sozinha e flutuar acim a do cascalho na altura do tornozelo. Ela se esticou j usto no m om ento em que a turba a alcançou. Eles caíram de cara na

lam a, um sobre o outro, um a pilha em aranhada de m em bros se m exendo.

Em m a soltou um grito de com em oração, e eu tive quase certeza de ouvir o riso de Millard.



Continuam os a correr. Eu não sabia por que Em m a concordara em encontrar Millard no Buraco do Padre, já que ficava na direção da baía, e não da casa, mas, com o eu tam pouco podia explicar com o Millard sabia exatamente quando aqueles aviões iam passar voando, não me dei ao trabalho de perguntar.

Porém , fiquei ainda mais atônito quando, em vez de darm os a volta no *pub* escondidos, todas as nossas esperanças de passar despercebidos se esvaíram com Em m a m e em purrando direto pela porta da frente.

Não havia ninguém lá dentro além do *barman*. Eu me virei e escondi o rosto.

— *Barman!* — disse Em m a. — A que horas vocês começam a servir cerveja aqui? Estou com m ais sede que um a m aldit a sereia!

Ele riu.

— Não tem os o hábito de servir garotinhas — disse ele.

— Não im porta! — gritou ela, dando um tapa no balcão. — Sirva-m e um a dose quádrupla do seu m elhor uísque forte de barril, e nada desse m ij o aguado que você costum a vender aqui!

Com ecei a ter a sensação de que ela estava apenas de brincadeira, pregando um a peça, digam os assim , tentando dar um a força para Millard e seu truque da corda no beco.

O *barman* debruçou-se sobre o balcão para se aproximar dela.

— Então você quer algum a coisa forte, não é? — disse ele com um sorriso m eio sem -vergonha. — Só não pode contar para sua m ãe nem para seu pai, ou o padre e o policial vêm atrás de m im . — Ele pegou um a garrafa com algum a coisa escura e de aspecto sinistro e com eçou a servir um copo cheio para ela. —

E seu amigo aí? — disse ele. — Im agino que já deve estar bêbado com o um frade.

Eu fingia estudar a lareira.

— Ele é tímido, hein? — disse o *barman*. — De onde ele é?

— Ele diz que é do futuro — respondeu Em m a —, m as eu acho que é só um com pleto m aluco.

O rosto do *barman* assumiu uma expressão estranha.

— Ele diz o quê? — exclamou, encarando-o, e deve ter finalmente reconhecido, pois largou a garrafa de uísque e com ele couve a caminhada na minha direção.

Eu estava prestes a fugir correndo, mas, antes que o *barman* conseguisse sair de trás do balcão, ele me tinha virado a garrafa e derramado a bebida no arrom por toda parte. Então ela fez algo impressionante. Bateu com a mão no balcão ensopado de álcool e, em uma fração de segundo, uma parede de chamas de meia altura ergueu-se por toda a sua extensão.

O *barman* berrou e com ele couve a bater na parede de chamas com um pano.

— Por aqui, prisioneiro! — disse ele, segurando meu braço e me puxando na direção da lareira. — Agora me dê uma ajuda! Segure e puxe!

Ela se abaixou e me estendeu os dedos em uma fenda que corria pelo chão.

Enfiei meus dedos ao lado dela e juntos levantaramos um pequeno pedaço do piso, revelando um buraco maior ou menos da largura dos meus ombros: o buraco do padre. Enquanto a fumaça enchia o salão e o *barman* lutava para apagar as chamas, nós desemos um atrás do outro e desaparecemos.

O buraco do padre era pouco maior que um poço de cerca de um metro e meio que levava a um túnel no qual só era possível engatinhar. A escuridão lá embaixo era total, mas o lugar logo se encheu de uma suave luz alaranjada.

Em seguida acendi uma tocha com a mão, uma pequena bola de fogo que parecia pairar sobre a sua palma. Fiquei parado olhando aquilo, esquecido de todo o resto.

— Anda! — reclamou ela, dando-me um empurrão. — Tem uma saída lá na frente.

Fui rastejando adiante até que o túnel chegou ao fim. Em seguida tirei de sua frente, sentei-me no chão e chutou a parede. Ela se abriu para a luz do

dia.

— Aí estão vocês — ouvi a voz de Millard dizer enquanto saíam os rastejando em um beco. — Você não resiste a um espetáculo, hein?

— Não sei do que você está falando — respondeu Em m a, apesar de eu perceber que ela estava satisfeita consigo m esm a.

Millard nos conduziu até um a carroça puxada por um cavalo que parecia estar à nossa espera. Subim os na parte de trás e nos escondem os em baixo de um a lona. No que pareceu m eia fração de segundo, um hom em se aproximou e subiu no cavalo, sacudiu as rédeas e partim os trotando.

Seguim os em silêncio durante algum tem po. Eu sentia, pelo cam inho tomado pela carroça e pela m udança no barulho à nossa volta, que estavam os saindo da cidade.

Finalmente reuni coragem para fazer um a pergunta.

— Com o você sabia da carroça? E dos aviões? Você é vidente ou algum a coisa assim ?

Em m a riu com desprezo.

— Longe disso — disse ela.

— Porque tudo aconteceu ontem — respondeu Millard —, e anteontem .

Não é assim que as coisas funcionam na sua fenda?

— Minha o quê?

— Ele não é *de* nenhum a fenda no tem po — disse Em m a em voz baixa.

—

Ele é um m aldito acólito.

— Acho que não. Um acólito nunca deixaria que você o agarrasse com vida.

— Vej am bem — m urm urei. — Não sou o que quer que seja a isso que estão dizendo. Eu sou o Jacob.

— A gente logo vai resolver isso — retrucou ela. — Agora fique quieto. — E

então ela esticou o braço e levantou um pouquinho a lona, revelando um a faixa azul de céu agitado.

CAPÍTULO SEIS

Quando as últimas casinhas tinham desaparecido às nossas costas, saltamos da carroça em silêncio, subim os a colina a pé e descem os na direção da floresta do outro lado. Em m a cam inhava a m eu lado, em silêncio e reflexiva, sem nunca soltar m eu braço. Do outro lado, Millard cantarolava para si m esm o e, satisfeito, chutava pedras pelo cam inho. Eu estava nervoso, intrigado e, ao m esm o tem po, m eio zonzo e em polgado, com o estôm ago dando voltas. Parte de m im achava que algo m uito im portante estava prestes a acontecer. A outra parte esperava acordar a qualquer m om ento, sair deste sonho febril, deste episódio de estresse ou do que quer que fosse, despertando com o rosto em um a poça de baba em um a m esa na copa da Sm art Aid e pensando: *Bem, isso foi estranho*, e então voltar ao entediante e velho negócio de ser eu m esm o.

Mas não acordei. Apenas continuam os a cam inhar — a m enina que fazia fogo com as m ãos, o garoto invisível e eu — até a floresta, onde a trilha era tão larga e clara quanto qualquer trilha em um parque nacional, e então chegam os a um am plo gram ado cheio de flores e m arcado por longos canteiros bem cuidados.

Tínham os chegado à casa. Olhei para ela, boquiaberto, não porque fosse horrível, m as porque era linda. Não havia um a telha fora do lugar nem um a j anela rachada. Pequenas torres e cham inés que haviam despencado em ângulos lânguidos na casa de que eu m e lem brava agora apontavam cheias de confiança para o céu. A floresta que parecia devorá-la agora se detinha a um a distância respeitosa.

Fui conduzido por um caminho de lajotas de pedra antes oculto pelo mato e subi um recém-pintado lance de escadas até a varanda. Em m a não parecia m aí m e ver com o a ameaça inicial, m as, antes de entrar, ainda assim ela amarrou m inhas mãos às costas com um pedaço de corda, acho que apenas em prol das aparências. Ela estava fazendo o papel do caçador que voltava para casa, e eu era sua presa capturada. Ela endireitou as costas e estava prestes a entrar comigo quando Millard a deteve.

— Os sapatos dele estão cobertos de sujeira — disse ele. — Ele não pode deixar um a trilha de lama por aí, a Ave vai ter um ataque.

Então, enquanto meus captores aguardavam, tirei os sapatos, depois as meias, tam bém sujas de lama, e, quando Em m a ia entrar comigo, Millard sugeriu que eu enrolasse as pernas do m eu jeans para que não se arrastassem no carpete; fiz isso tam bém, e depois Em m a m e agarrou pelo nó da corda com impaciência e me arrastou porta adentro.

Seguim os por um corredor que eu m e lembrava estar praticamente intransponível, repleto de m óveis quebrados; passam os pela escada de verniz reluzente, de onde rostos curiosos me espiavam através dos vãos na balaustrada, e cruzam os a sala de jantar, onde não havia qualquer sinal de nevasca de gesso, e sim um a m esa com prida, intacta, cercada de cadeiras. Era a m esm a casa que eu havia explorado, mas tudo ali havia sido restaurado à perfeição. Onde eu m e lembrava haver um a pátina de bolor esverdeado havia papel de parede, lama branca de madeira e tintas de cores alegres. Havia vasos com arranjos de flores. Pilhas de madeira apodrecida e tecidos esfarrapados tinham se reconstruído em sofás elegantes e poltronas com detalhes dourados, e a luz do sol entrava por janelas altas que antes estavam tão cobertas de sujeira que pareciam pintadas de preto.

Por fim chegam os a um a saleta com vista para os fundos da casa.

— Segure-o aí enquanto eu aviso a diretora — disse Em m a para Millard, e eu senti a mão dele sobre o meu ombro. Quando ela saiu, ele me largou.

— Você não tem medo de que eu com a seu cérebro ou algo assim, não é?

— Não me esmoe — respondeu Millard.

Virei-me na direção da janela e olhei lá para fora, me aravilhado. O quintal estava cheio de crianças; quase todas elas eu reconheci das fotografias amareladas. Algumas descansavam à sombra de árvores frondosas, enquanto outras jogavam bola e corriam atrás umas das outras em meia a canteiros de flores que explodiam em cores. Era exatamente o paraíso que meu avô me descrevera em suas histórias. Essa era a ilha encantada; essas eram as crianças mágicas. Se eu estava sonhando, não queria mais acordar. Pelo menos, não por um bom tempo.

Lá no gramado, alguém chutou uma bola com força demais e ela voou, ficando presa em um arbusto podado na forma de um animal gigante. Havia, enfileirados, vários daqueles animais feitos de plantas, criaturas fantásticas tão altas quanto a casa, meontando guarda contra a floresta — entre elas um grifo alado, um centauro em pinando e golpeando o ar com seus cascos de folha e um a sereia que saía de um pedaço de madeira ondulada. Dois adolescentes foram atrás da bola e correram até a base do centauro, seguidos por uma garota mais nova. Eu a reconheci no ato com o nome “menina que levitava” das fotos de meu avô, só que agora não estava levitando. Ela andava devagar, cada passo uma tarefa árdua. Com o excesso de gravidade a ancorasse ao chão.

Quando alcançou os garotos, ela levantou os braços e eles amarraram uma corda à sua cintura. Então ela saiu cuidadosamente de seus sapatos, um pé de cada vez, e quando ficou livre deles começou a flutuar no ar com um balão. Era impressionante. Ela elevou-se até esticar a corda que a prendia pela cintura e ficou ali, pairando, ancorada pelos dois garotos, a três metros do chão.

A menina disse algo, os garotos assentiram e começaram a me over a corda.

Ela lentamente pairou pela lateral do centauro e, quando chegou ao nível de seu peito, enfiou os braços no arbusto para pegar a bola perdida, mas não conseguiu alcançá-la. Olhou para baixo e sacudiu a cabeça, e os garotos a puxaram de volta ao chão, onde ela tornou a calçar os pesados sapatos e desamarrou a corda.

— Está gostando do show? — perguntou Millard, e eu assenti com a cabeça, em silêncio. — Há vários meios bem mais fáceis de recuperar aquela bola

disse. — Mas eles perceberam que têm um a plateia.

Lá fora, um a segunda m enina se aproxim ava do centauro. Ela devia ter cerca de dezoito anos e tinha um aspecto selvagem , os cabelos a m eio cam inho de se transform arem em *dreadlocks*. Ela se agachou e segurou a cauda com prida e cheia de folhas do arbusto esculpido e a envolveu em seu braço, m antendo os olhos fechados com o se estivesse se concentrando. No instante seguinte, vi a m ão do centauro se m exer. Fiquei olhando fixam ente através do vidro para aquele pedaço de vegetação, pensando que devia ter sido o vento, m as então cada um de seus dedos se m oveu, um depois do outro, com o se a sensibilidade lentam ente retornasse a eles, e depois todo o seu enorm e braço enfiou-se no próprio peito, tirou de lá a bola e a entregou nas m ãos dos m eninos, que vibravam . Quando o j ogo recom eçou, a garota de cabelos selvagens soltou a cauda do centauro e ele ficou novam ente im óvel.

Millard tam bém observava a cena, e sua respiração em baçava o vidro perto de m im . Virei-m e para ele tom ado de surpresa.

— Não quero ser rude, m as o que *são* essas pessoas? — perguntei.

— Nós som os peculiares — respondeu, soando um pouco intrigado. — Você não é?

— Não sei. Acho que não.

— É um a pena.

— Por que você o soltou? — perguntou um a voz às nossas costas, e eu m e virei para ver Em m a parada à porta. — Ah, deixa pra lá — disse ela, aproxim ando-se para agarrar o nó que m e prendia. — Vam os lá. A diretora vai vê-lo agora.

Continuam os nosso passeio pela casa, passando por m ais olhos curiosos que nos espiavam por frestas de portas e de trás de sofás, até chegar a um a

saleta de estar ensolarada, onde sobre um tapete persa elaborado, sentada em um a cadeira de espaldar alto, estava um a senhora distinta, que tricotava. Toda vestida de preto, com os cabelos presos em um coque perfeitam ente redondo no topo da cabeça e usando luvas de renda e um a blusa de gola alta bem aj ustada no pescoço, tão fastidiosam ente lim pa e arrum ada quanto a própria casa, eu adivinharia quem era no ato, m esm o que não m e lem brasse da foto encontrada no baú que destruí.

Aquela era a srta. Peregrine.

Em m a m e guiou até o tapete, pigarreou para cham ar atenção, e a cadênciа firm e das agulhas da srta. Peregrine se deteve.



— Boa tarde — disse a senhora, enquanto se levantava. — Você deve ser Jacob.

Em m a olhou boquiaberta para ela.

— Com o sabe o no...

— Eu sou a diretora Peregrine — disse ela, levantando um dedo para silenciar Em m a. — Ou se preferir, com o não está atualmente sob a provisão de m eus cuidados, srta. Peregrine. É um prazer finalmente conhecê-lo.

A srta. Peregrine estendeu a m ão enluvada em m inha direção, e então, com o não a apertei, percebeu a corda que amarrava m eus pulsos.

— Senhorita Bloom — exclamou. — O que significa isso? Isso são m odos de se tratar um hóspede? Solte-o imediatamente!

— Mas, diretora, ele é um bisbilhoteiro e um m entiroso, e eu não sei m ais o quê! — Em m a m e lançou um olhar cheio de desconfiança e m urm urou algo no ouvido da srta. Peregrine.

— Ora, senhorita Bloom ! — disse a srta. Peregrine, soltando um a sonora gargalhada. — Que grande bobagem ! Se esse garoto fosse um acólito, você já seria picadinho na panela dele. Se não consegue ver que esse é o neto de Abraham Portman só de olhar em seu rosto, você deve ser cega!

Senti um rubor de alívio; talvez eu não tivesse de m e explicar no fim das contas. Ela estava m e esperando!

Em m a tentou protestar, m as a srta. Peregrine fez com que se calasse apenas com um olhar sério.

— Ah, está bem — suspirou Em m a. — Mas não digam que eu não avisei.

— E, com alguns puxões no nó, a corda caiu de m inhas m ãos.

— Peço que perdoe a senhorita Bloom — disse a srta. Peregrine enquanto eu esfregava os pulsos doloridos. — Ela adora fazer um drama.

— Percebi.

Em m a fez um a cara feia.

— Se ele é quem diz ser, então por que ele *num* sabe nada sobre as fendas de tem po, nem m esm o em que ano ele está? Vá em frente, pergunte a ele!

— “Por que ele *não* sabe” — corrigiu a srta. Peregrine. — E a única pessoa que vou subm eter a perguntas é você, am anhã à tarde, sobre a correta pronúncia das palavras!

Em m a ficou resm ungando.

— Agora, se não se im porta — disse a srta. Peregrine —, preciso ter um a conversa em particular com o senhor Portm an.

Em m a sabia que não adiantava discutir e, de cabeça baixa, foi até a porta, m as antes de sair virou-se para m e lançar um últim o olhar sobre o om bro. Havia em seu rosto um a expressão que eu ainda não vira nela antes: preocupação.

— Você tam bém , senhor Nulings — exclam ou em voz alta a srta.

Peregrine. — Pessoas educadas não ficam ouvindo escondidas a conversa dos outros!

— Eu só esperei para perguntar se gostariam de um pouco de chá — disse

Millard, que desconfiei ser um pouco puxa-saco.

— Não querem os, obrigada — respondeu lacônica a srta. Peregrine. Ouvi os pés descalços de Millard soarem no chão de m adeira e se afastarem , e a porta se fechar quando saiu.

— Eu devia lhe pedir que se sentasse — disse a srta. Peregrine, fazendo um gesto para um a poltrona estofada atrás de m im . — Mas você parece estar incrustado de suj eira. — Então m e aj oelhei no chão, m e sentindo com o um peregrino em busca de conselho diante de um oráculo onisciente.

— Você já está na ilha faz alguns dias — disse a srta. Peregrine. — Por que demorou tanto para nos fazer um a visita?

— Não sabia que vocês estavam aqui — respondi. — Com o sabia que *eu* estava?

— Eu o tenho observado — disse ela. — Você também já me viu, mas talvez não tenha percebido. Eu estava em minha forma alternativa. — Ela levou a mão à cabeça e puxou uma pena grande e cinzenta dos cabelos. — É muito melhor assumir a forma de uma ave para observar hum anos — explicou.

Meu queixo caiu.

— Era a *senhora* no meu quarto hoje de manhã? O gavião?

— O falcão — corrigiu. — Um peregrino, é claro.

— Então é verdade! — disse eu. — Você é mesmo um a Ave!

— É um apelido que eu tolerei, mas não incentivo — respondeu ela. — De qualquer modo, voltem os olhos à minha pergunta — prosseguiu a srta. Peregrine. — O

que na face da terra você estava procurando naquela deprimente ruína de casa?

— A senhora — respondi, e os olhos dela se arregalaram um pouco. — Não sabia com o encontrá-la. Só descobri ontem que vocês estavam todos... — Então parei e percebi com o iria soar estranho o que estava prestes a dizer.
— Não sabia que vocês estavam mortos — concluí o pensamento.

Ela me lançou um leve sorriso.

— Meu Deus. Seu avô não lhe contou *nada* sobre os velhos amigos dele?

— Algumas coisas. Mas por muito tempo achei que eram apenas contos de fadas.

— Entendo — retrucou ela.

— Espero que isso não a ofenda.

— De jeito nenhum. Na verdade, geralmente é assim que preferem os que as pessoas pensem sobre nós, pois isso ajuda a manter afastados os visitantes indesejáveis. Hoje em dia cada vez menos gente acredita nessas coisas, fadas, duendes e toda essa bobagem, por isso as pessoas comuns não fazem mais muita força para nos descobrir. Isso torna nossa vida muito mais fácil. Histórias de fantasmas e casas velhas assustadoras também foram muito úteis para nós, apesar de não, aparentemente, no seu caso. — Ela abriu um sorriso. — Um coração de leão deve ser uma característica de sua família.

— É, acho que sim — disse eu com um riso nervoso, sentindo-me prestes a desmaiá-la a qualquer momento.

— De qualquer modo, em relação a *este* lugar — disse ela, fazendo um gesto grandioso ao seu redor —, quando era criança, você acreditou que seu avô estava “delirando”, com o que dizem por aí? Contando a você um mês de

muitas mentiras, é isso?

— Não exatamente *mentiras*, mas...

— Ficções, cascatas, inverdades, falsidades, seja lá a terminologia que você prefira. Quando percebeu que Abraham estava lhe contando a verdade?

— Bem — disse eu, encarando o labirinto de padrões entrelaçados tecidos no tapete —, para ser honesto, acho que só estou me dando conta disso agora.

A sra. Peregrine, que estava tão animada, pareceu surpresa um pouco.

— Nossa — disse ela. — Entendo. — E depois fechou a cara, com o se, no breve silêncio que caiu entre nós, ela houve intuído algo terrível que eu viera lhe dizer. E mesmo assim eu ainda tinha de encontrar uma maneira de exprimir isso em palavras.

— Acho que m eu avô queria m e explicar tudo — disse eu. — Mas ele esperou dem ais. Então, em vez disso, ele m e m andou aqui para encontrá-los. —

Saquei a carta am arrotada do casaco e a entreguei à srta. Peregrine. — Isto é da senhora. Foi o que m e trouxe aqui.

Ela a alisou com cuidado sobre o braço de sua poltrona e depois a ergueu para ler, m ovendo os lábios enquanto o fazia.

— Que tristeza! — disse ela ao term inar. — O m odo com o eu praticam ente im ploro a ele por um a resposta. — Ela sacudiu a cabeça, m elancólica por um instante. — Sem pre estivem os desesperados por notícias de Abe. Certa vez perguntei a ele se queria m e m atar de preocupação, pelo m odo com o insistia em viver lá fora, com o m undo daquele j eito. Ele podia ser extrem am ente teim oso!

Ela dobrou a carta e a guardou de volta no envelope. Ficou séria, com o se houvesse um a nuvem negra pairando sobre ela.

— Ele m orreu, não é?

Assenti com a cabeça, hesitante. E contei a ela o que havia acontecido, ou seja, contei a história aceita oficialm ente pela polícia e na qual eu, após m uita terapia, tam bém com eçara a acreditar. Para segurar o choro enquanto a contava, dei a ela apenas as linhas gerais: ele m orava nos arredores quase rurais da cidade; tinhiam os passado por um a seca, e a m ata estava cheia de animais fam intos e desesperados. Ele estava no lugar errado na hora errada.

— Ele não devia estar m orando sozinho — expliquei. — Mas, com o a senhora disse, ele era teim oso.

— Tem ia isso — disse ela. — Eu o avisei para não partir. — Ela apertou as m âos que seguravam as agulhas de tricô em seu colo, com o se pensasse em quem iria apunhalar com elas. — E depois fazer o pobre do neto nos trazer essas notícias terríveis.

Eu podia entender sua raiva. Tam bém tinha passado por isso. Tentei confortá-la, recitando todas as m eias verdades que m eus pais e dr. Golan

tinham m e contado nos m eus m om entos m ais depressivos no outono anterior.

— Era sua hora de partir. Ele estava com 86 anos. Era solitário. Minha avó m orreu há m uitos anos. E sua m ente não estava m ais tão lúcida; ele sem pre esquecia coisas, se confundia... foi por isso, para com eçar, que ele foi até a m ata.

A srita. Peregrine assentiu com tristeza.

— Ele se deixou envelhecer.

— De certa form a, ele teve sorte. Não dem orou m uito, nem houve grande sofrim ento. Ele não passou m eses no hospital ligado a m áquinas. — Era ridículo, é claro; sua m orte fora desnecessária, obscena, m as acho que dizer isso fez com que nós dois nos sentíssem os um pouco m elhor.

A srita. Peregrine pôs o tricô de lado, se levantou e foi até a janela com passos pesados. Seu andar era rígido e estranho, e eu percebi que um a de suas pernas era m enor que a outra.

Ela olhou para o quintal lá fora, para as crianças que brincavam ali.

— As crianças não devem saber disso — disse ela. — Pelo m enos não agora. Isso só serviria para deixá-las nervosas.

— Está bem . Com o preferir.

Ela ficou parada diante da vidraça por um tem po, com os om bros trêm ulos.

Quando finalm ente se virou para m e encarar outra vez, estava recom posta e concentrada.

— Bem , senhor Portman — disse ela, bruscam ente —, acho que você foi devidam ente interrogado. Agora deve ter suas próprias perguntas.

— Só um as m il — respondi.

Ela tirou um relógio do bolso e o consultou.

— Tem os algum tem po antes da hora do j antar. Espero que seja suficiente para respondê-las.

A sra. Peregrine fez uma pausa e ergueu a cabeça. De repente, foi até a porta da sala de estar e a abriu num átimo para encontrar Emilia agachada do outro lado, o rosto vermelho e os arcados de lágrimas. Ela tinha ouvido tudo.

— Senhorita Bloom! — ralhou a diretora. — Estava escutando atrás da porta?

Emilia levantou-se com dificuldade e soltou um soluço.

— Gente educada não escuta conversas que não lhe dizem respeito... —

Mas Emilia já tinha saído correndo dali, e a sra. Peregrine parou na metade do que dizia, com um suspiro de frustração. — Isso foi lastimável — disse ela. —

Acho que ela tem sentimentos especiais por seu avô.

— Percebi. Por quê? Eles eram...?

— Quando Abraham foi embora daqui para lutar na guerra, ele nos deixou muito tristes, mas em especial a senhorita Bloom. Sim, eles se gostavam, eram queridinhos, com os namorados.

Compreendi a entender por que Emilia relutara tanto em acreditar em mim.

Isso significava, muito provavelmente, que eu estava ali para dar alguma notícia muito ruim sobre Abe.

A sra. Peregrine bateu palmas com o se quebrasse um feitiço.

— Ora — disse ela —, o que se há de fazer?

Saí da sala e a segui até a escada. A srta. Peregrine subiu com resolução am arga, segurando a balaustrada com as duas m ãos para galgar os degraus, um a um , recusando qualquer aj uda. Quando chegam os ao andar de cim a, ela m e conduziu pelo corredor até a biblioteca. Ela agora se parecia com um a sala de aula de verdade, com as carteiras enfileiradas, um quadro-negro na parede e os livros lim pos e organizados nas prateleiras. A srta. Peregrine apontou para um a carteira e disse:

— Sente-se.

Então m e encolhi à carteira. Ela tom ou seu lugar à frente da sala e m e encarou.

— Perm ita-m e fazer esta breve apresentação. Acho que você vai encontrar nela a resposta para a m aioria de suas perguntas.

— Está bem .

— A com posição da espécie hum ana é infinitam ente m ais diversa do que a m aioria dos hum anos suspeita — com eçou a srta. Peregrine. — A verdadeira taxonom ia do *Homo sapiens* é um segredo conhecido por poucos, e você agora será um deles. Para com eçar, há um a dicotom ia sim ples: existem os *coerfolc*, a grande m assa de pessoas com uns que form am a num erosa hum anidade, e há o ram o oculto, os *cripto-sapiens*, se preferir, que são cham ados de *syndrigast*, ou

“espírito peculiar”, na linguagem venerável de m eus ancestrais. Com o sem dúvida você j á deve ter percebido, aqui nós som os desse últim o tipo.

Balancei a cabeça com o se tivesse com preendido, m esm o que não estivesse entendendo m ais nada. Torcendo para reduzir um pouco a velocidade da explicação, fiz um a pergunta.

— Mas por que as pessoas não sabem nada sobre vocês? Vocês são... aqui... os únicos?

— Há peculiares em todo o m undo — disse ela —, apesar de nosso contingente ser m uito m enor hoje e do que j á foi. Os que restaram vivem

escondidos, com o nós. — Ela baixou o tom para um a voz doce e entristecida. —

Houve tem po em que podíam os nos m isturar abertam ente com as pessoas com uns. Em alguns lugares do m undo éram os vistos com o xam ãs e m ísticos, e nos consultavam em m om entos difíceis. Algum as culturas m antêm relações harm oniosas com nossa gente, apesar de isso ocorrer apenas em lugares onde nem o m undo m oderno nem as grandes religiões conseguiram penetrar, com o a ilha da m agia negra de Am bry m , nas Novas Hébridas. Mas a m aior parte do m undo há m uito tem po virou-se contra nós. Os m uçulm anos nos expulsaram . Os j udeus nunca nos entenderam . Os cristãos nos queim aram com o bruxos. Até os pagãos de Gales e da Irlanda acabaram chegando à conclusão de que éram os todos fadas e fantasm as, form as m utantes do m al.

— Então por que vocês... sei lá... não fundaram seu próprio país em algum lugar? Por que não saem para viver a vida de vocês?

— Se tudo fosse tão sim ples assim — disse ela. — Os traços peculiares costum am pular um a geração, ou dez. Crianças peculiares nem sem pre, tam pouco norm alm ente, têm filhos peculiares. Im agine, em um m undo com tanto m edo das diferenças, com o isso não seria um a am eaça para todos os peculiares?

— Porque pais norm ais iam surtar se seus filhos com eçassem , digam os, a flutuar?

— Isso m esm o. Os filhos peculiares de pais norm ais geralm ente sofrem abusos e são rej eitados dos m odos m ais horríveis que se pode im aginar. Não faz m uitos séculos que os pais de crianças peculiares sim plesm ente aceitavam que seus verdadeiros filhos tinham sido trocados por fadas, por crianças encantadas e m alignas, sem falar que eram com pletam ente fictícias, o que, em tem pos difíceis, era considerado perm issão para abandonar a pobre criança, ou então

m atá-la.

— Meu Deus, isso é horrível!

— É mesmo. Era preciso fazer alguma coisa, por isso pessoas com o eu criam os lugares onde juntas peculiares pudessem viver longe das pessoas comuns. Enclaves isolados no tempo e no espaço com oeste, do qual sou extremamente orgulhosa.

— Gente com o tempo?

— Nós peculiares somos abençoados com habilidades que as pessoas comuns não têm, tão infinitas em suas combinações e variedades quanto outras na pigmentação da pele ou no arranjo de traços faciais. Dito isso, há habilidades em comum, como ler pensamentos, e outras mais raras, tal qual a forma com o tempo manipulo o tempo.

— Tem tempo? — disse eu. — Achei que se transformasse em pássaro...

— É bom que saiba, e essa é a chave de minhas habilidades, que apenas aves podem manipular o tempo. Portanto, todos os manipuladores devem ser capazes de assumir a forma de um ave.

Ela disse isso com tamanha seriedade, de modo tão direto, que demorei um segundo para processar a informação.

— Aves? São viajantes do tempo?

Senti um sorriso idiota se espalhar por meu rosto.

A srta. Peregrine assentiu com sobriedade.

— A maioria, entretanto, só viaja no tempo de vez em quando, por acidente.

Nós, que podemos manipular os caminhos de tempo conscientemente, e não só para nós mesmos, mas para outras pessoas, somos conhecidos como *ymbrynes*.

Criam os fendas de tempo nas quais pessoas peculiares podem viver indefinidamente.

— Um a fenda? — disse eu, recordando a ordem de m eu avô: “*Encontre a Ave na fenda*”. — É isso o que é este lugar?

— É. Apesar de você conhecê-lo com o o dia 3 de setem bro de 1940.

Debrucei-m e sobre a carteira para m e approxim ar dela.

— Não estou entendendo... é apenas um dia? Ele se repete?

— Sem pre, apesar de term os um a experiência contínua dele. Do contrário não teríam os m em órias dos últim os, ah... setenta anos que vivem os aqui.

— É im pressionante — disse eu.

— Claro, estavam os aqui em Cairnholm durante um a década ou m ais, antes de 3 de setem bro de 1940, fisicam ente isolados, graças à geografia singular da ilha, m as só depois do dia 3 é que passam os a precisar, tam bém , de isolam ento tem poral.

— Por que isso?

— Porque, do contrário, todos teríam os sido m ortos.

— Pelas bom bas?

— Sem dúvida.

Meu olhar fixou-se na superfície da velha carteira. Tudo com eçava a fazer sentido, apesar de só um pouco.

— Há outras fendas além desta aqui?

— Muitas — disse ela. — E quase todas as *ymbrynes* que cuidam delas são am igas m inhas. Deixe-m e ver: tem a senhorita Gannett na Irlanda, em j unho de 1770; a senhorita Nightj ar em Swansea, em 3 de abril de 1901; a senhorita Avocet e a senhorita Bunting j untas em Derby shire, no dia de São Swithin, em 1867; a senhorita Treecreeper, não m e lem bro exatam ente

onde; e, claro, a querida senhorita Finch. Tenho um a ótim a foto dela em algum lugar.[1](#)

A srt. Peregrine lutou para tirar um enorm e álbum de retratos da estante e o pousou diante de m im sobre a carteira, debruçando-se sobre m eu om bro enquanto virava as páginas endurecidas, à procura de certa foto, m as parando para olhar outras, os suspiros m arcados por saudade e nostalgia. À m edida que passavam , reconheci fotos do baú destroçado no porão e tam bém da caixa de charutos de m eu avô. A srt. Peregrine tinha j untado todas. Era estranho pensar que ela m ostrara essas m esm as fotos ao m eu avô tantos anos atrás, quando ele tinha a m inha idade — talvez bem ali naquele m esm o aposento, na m esm a escrivaninha —, e agora as m ostrava para m im , com o se de algum m odo eu tivesse entrado no passado dele.

Por fim ela chegou à foto de um a m ulher de aspecto diáfano com um a ave pequena e encolhida pousada na m ão, e disse:

— Esta é a senhorita Finch e sua tia, a senhorita Finch. — A m ulher e a ave pareciam estar se com unicando.

— Com o conseguia diferenciá-las? — perguntei.

— A senhorita Finch m ais velha preferia m anter a form a de ave na m aior parte do tem po, o que não fazia m uita diferença. Ela não era m esm o de m uita conversa.

A srt. Peregrine virou m ais algum as páginas, dessa vez parando em um retrato de um grupo de m ulheres e crianças desanim adas reunidas em torno de um a lua de papel.

— Ah, sim ! — disse ela. — Eu quase m e esqueci desta. — Ela retirou com cuidado a foto presa por cantoneiras e a ergueu com reverênci. — A m ulher na frente, aqui, é a senhorita Avocet. Ela é o m ais próxim o da realeza que nós peculiares tem os. Eles tentaram por cinquenta anos elegê-la líder do conselho de *Ymbrynes*, m as a senhorita Avocet nunca ia desistir de dar aulas na academ ia que ela e a senhorita Bunting fundaram . Hoj e não há sequer um a *ymbryne* digna de suas asas que não tenha passado pela tutela da

senhorita Avocet em algum momento. Eu, entre elas! Na verdade, se olhar de perto, é possível que reconheça a garotinha de óculos.

Apertei os olhos. O rosto que ela apontava estava escuro e um pouco borrado.

— É a senhora?

— Fui uma das mais novas alunas aceitas pela senhorita Avocet — disse com orgulho.

— E os garotos na foto? — perguntei. — Eles parecem ainda mais jovens que a senhora.

A expressão da sra. Peregrine se fechou.

— Você se refere a meus irmãos desencaminhados. Em vez de nos separarem, eles vieram para a academia comigo. Mim adorava com o meu a dupla de

pequenos príncipes, é o que eram. Acho que foi isso que os estragou.

— Eles não eram *ymbrynes*?

— Ah, *não*! — retrucou com raiva. — Só *mujeres* nascem *ymbrynes*, e graças aos céus por isso! Os machos não têm a severidade de temeramente exigida de pessoas com responsabilidades tão sérias. Nós *ymbrynes* temos de vasculhar o interior em busca de jovens peculiares em necessidade, mantendo-nos afastadas de quem possa nos fazer mal e mantendo nossos protegidos alinhados, vestidos, escondidos e imregnados com a doutrina de nosso povo... E, não fosse o bastante, também devem nos assegurar de que nossas fendas no tempo sejam reiniciadas todos os dias com o relógio.

— O que aconteceria se isso não fosse feito?

Ela ergueu a mão trêmula até a testa e cambaleou para trás, fingindo horror.

— Catástrofe, cataclism o, desastre! Não ouso nem pensar nisso. Felizm ente o m ecanism o que reinicia as fendas é sim ples: um de nós deve cruzar o portal de entrada quando necessário. Isso o m antém aberto, sabe? O ponto de entrada é m ais ou m enos com o um buraco em m assa fresca; se você não enfiar um dedo nele de vez em quando, ele pode se fechar sozinho. E, se não houver entrada ou saída, se não houver um a válvula de escape para as pressões naturalm ente resultantes em um sistem a tem poral fechado... — Ela fez um gesto de *puf!* com as m âos, com o se fingisse a explosão de um a bom binha. — Bem , a coisa toda se torna instável.

Ela debruçou-se outra vez sobre o álbum e o folheou.

— Por falar nisso, devo ter um a foto de... sim , aqui está. Isto é o que eu cham o de um ponto de entrada! — Ela sacou outra foto do álbum e a ergueu. —

Esta é a senhorita Finch e um de seus tutelados na m agnífica entrada da fenda da senhorita Finch, um a parte raram ente usada do m etrô de Londres. Quando a fenda é reiniciada, o túnel se enche com um brilho fabuloso. Sem pre achei que o nosso era bem m odesto, em com paração — disse ela com um a ponta de invej a.

— Só para ter certeza de que entendi — disse eu. — Se hoj e é 3 de setem bro de 1940, então am anhã é... também 3 de setem bro?

— Bem , por algum as das 24 horas da fenda, é dia 2, m as, *simplificando*, é dia 3, sim .

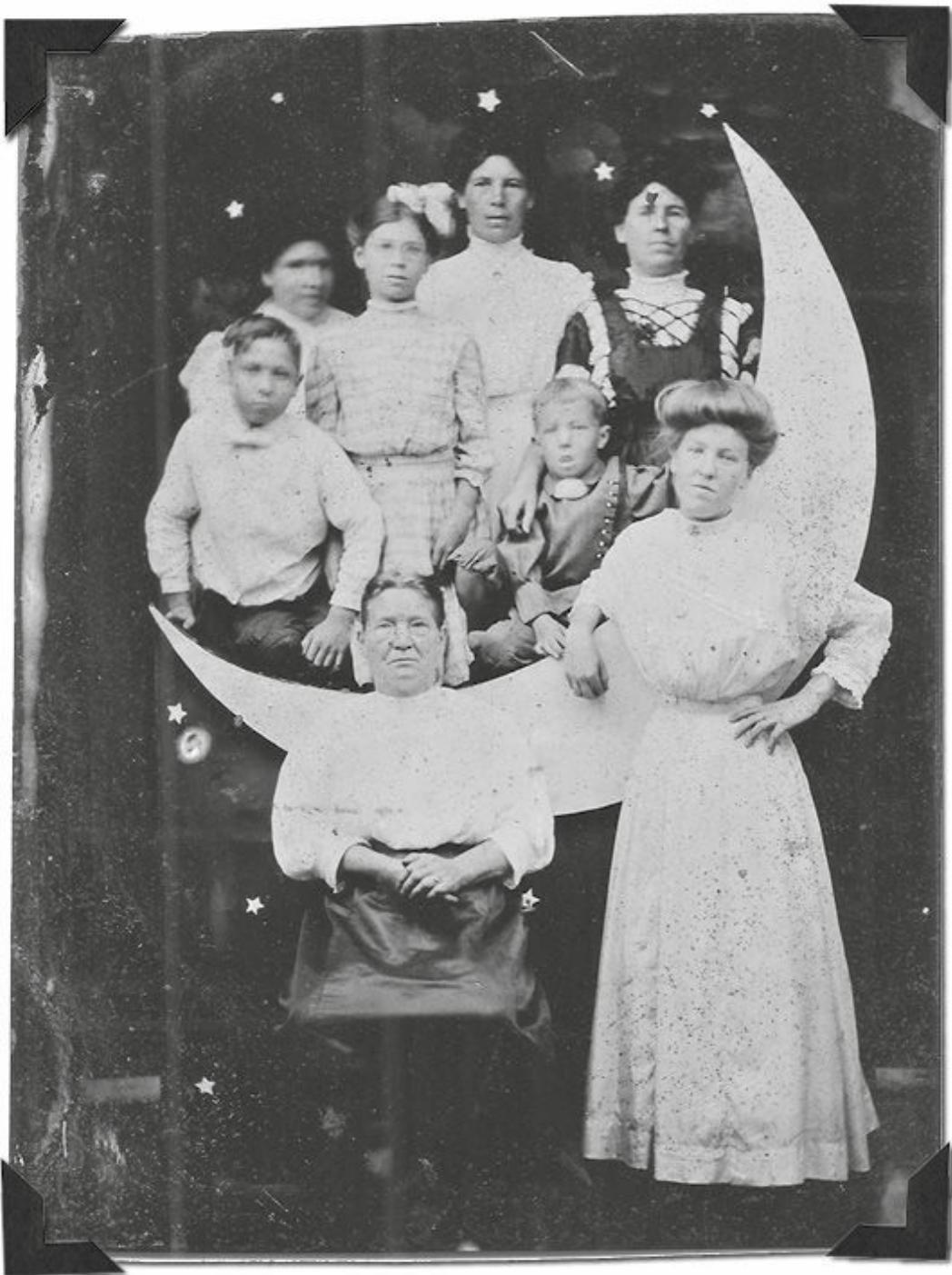
— Então o am anhã nunca chega.

— De certa form a, não — respondeu ela.

Lá fora houve um barulho surdo, que parecia um trovão, e a j anela através da qual o horizonte escurecia estrem eceu na esquadria. A srt. Peregrine ergueu os olhos e sacou outra vez seu relógio.

¹ *Gannet*: ganso-patola; *nightjar*: bacurau ou curiango; *avocet*: alfaiate ou tiziú; *bunting*: calandra ou trigueirão; *treecreeper*: trepadeira-com um ; *finch*: tentilhão. (N. T.)







— Infelizmente esse é todo o tempo que tenho neste momento — disse ela
—, mas espero que fique para o jantar.

Eu disse que ficaria. O fato de que meu pai podia estar se perguntando onde eu estava mal passou pela minha cabeça. Eu me esgueirei para fora da carteira e comentei a seguir a srta. Peregrine até a porta, mas outra pergunta me surgiu, algo que havia muito tempo vinha me incomodando.

— Senhorita Peregrine?

Ela virou-se e olhou para mim, já fora da sala.

— Sim?

— Meu avô estava mesmo fugindo dos nazistas quando veio para cá?

— Estava — respondeu ela. — Muitas crianças chegaram até nós durante aqueles anos terríveis que levaram à guerra. Havia tantas revoltas... — Ela pareceu entristecer-se, como se as memórias ainda estivessem frescas. —

Encontrei Abraham em um campo de refugiados no continente. Ele era um pobre menino torturado, mas tão forte... Percebi no ato que ele pertencia a nós.

Eu me senti aliviado; pelo menos parte da vida dele fora com o eu tinha entendido que era. Havia, porém, mais uma coisa que eu queria perguntar, e não sabia como fazê-lo.

— Ele era, meu avô... era com o...

— Se ele era com o nós?

— Isso.

Ela deu um sorriso estranho.

— Ele era com o você, Jacob. — Em seguida, virou-se e foi me andando na direção da escada.

A srta. Peregrine insistiu que eu lavasse a lama da charneca antes de me sentar para o jantar e me andou que Em me agradece e preparasse um banho. Acho que ela esperava que, conversando um pouco comigo, Em me agradece e se sentir melhor. Mas ela nem olhava para mim. Observei surpreso e em silêncio enquanto ela deixava cair água fria na banheira para depois esquentá-la com as mãos, me exendo até o vapor chegar a subir.

— Isso é incrível! — disse eu, mas ela foi embora sem dizer uma palavra.

Depois de deixar a água totalmente me arrombar, eu me sequei com uma toalha e encontrei uma medida de roupa pendurada atrás da porta: calças *baggy de tweed*, uma camisa de abotoar e um par de suspensórios curtos demais, que eu não consegui descobrir como ajustar. Isso me deixou com a opção de vestir calças na altura do tornozelo, ou na altura do umbigo. Este último, senti, era o menor dos males, então, vestido com um palhaço sem me aquartelar, desci para o que seria provavelmente a refeição mais estranha da minha vida.

O j antar foi um a profusão vertiginosa de nom es e rostos, m uitos deles sem ifam iliares das fotografias e das descrições feitas m uito tem po antes por m eu avô. Quando cheguei à sala de j antar, as crianças, que disputavam com m uito barulho os assentos ao redor da m esa com prida, ficaram im óveis e m e encararam . Tive a sensação de que elas não recebiam m uitos convidados para o j antar. A srt. Peregrine, j á sentada à cabeceira da m esa, se levantou e aproveitou a oportunidade do silêncio repentino para m e apresentar.

— Para aqueles de vocês que ainda não tiveram o prazer de conhecê-lo — anunciou ela —, este é o neto de Abraham , Jacob. Ele é nosso convidado de honra e veio de m uito longe para estar aqui. Espero que vocês o tratem bem . —

Ela apontou para cada pessoa na sala e recitou seu respectivo nom e, a m aioria dos quais esqueci im ediatamente, com o costum a acontecer quando estou nervoso. A isso se seguiu um a saraivada de perguntas das crianças, da qual a srt.

Peregrine conseguiu se desvencilhar com rapidez e eficiência.

- Jacob vai ficar conosco?
- Não que eu saiba.
- Onde está Abe?
- Abe está ocupado nos Estados Unidos.
- Por que Jacob está usando as calças de Victor?
- Victor não precisa m ais delas, e as do senhor Portman estão sendo lavadas.
- O que Abe ainda está fazendo nos Estados Unidos?

Quando ouvi esta pergunta, vi Em m a, que se m antivera som bria a um canto m e olhando com raiva, levantar-se de sua cadeira e ir em bora da sala.

Os outros, aparentemente acostumados a seu tempo eram imprevisíveis, não deram atenção.

— Não importa o que Abe está fazendo — respondeu a sra. Peregrine.

— Quando ele vai voltar?

— Isso também não importa. Agora vamos os comer!

Todos correram para seus lugares. Pensando ter achado uma cadeira vazia, fui me sentar e senti um garfo espetar minha coxa.

— Com licença, este lugar está ocupado! — exclamou Millard. Mas a sra.

Peregrine o fez ceder-lhe a minha cadeira de qualquer jeito, ao me mandá-lo vestir suas roupas.

— Quantas vezes tenho de dizer a você! — ela ralhou. — Pessoas educadas não jantam peladas.

As crianças que tinham tarefas na cozinha trouxeram travessas de comida.

Estavam todas cobertas com tantas pratas reluzentes, de modo que não dava para ver o que havia dentro, levantando em mim todo tipo de especulação bizarra sobre o que teríam os para o jantar.

— Lontra à Wellington! — gritou um garoto.

— Gato salgado com fígado de mignon! — disse outro, ao que as crianças responderam com risos. Mas, quando as tantas pratas foram finalmente levantadas, revelou-se um banquete de proporções reais: havia um ganso assado, sua carne de um modo arromado perfeito; um salmão e um bacalhau inteiros abertos ao meio e enfeitados com rodelas de limão e funcho fresco, cobertos de manteiga derretida; um açaí de m ariscos fumegantes; travessas de legumes

grelhados, pães recém-saídos do forno e todos os tipos de geleias e marmeladas que não reconheci, mas que pareciam deliciosos. Tudo reluzia convidativamente sob a luz tremeluzente das lâmpadas inárias a gás, a uma distância

dos guisados gordurosos de origem indeterminada que eu vinha comendo no Buraco do Padre.

Eu não comia desde o café da manhã, e comentei a devorar o jantar até mesmo em panturras.

Não devia ter ficado surpreso pelo fato de crianças peculiares terem hábitos alinhados entre peculiares, mas entre garfadas glutonas de comida eu me vi olhando de esguelha ao redor da sala. Por exemplo: antes de comer echar a comer, Olive, a menina que levitava, tinha de ser afivelada à sua cadeira apafusada no chão de modo que não fosse parar no teto. Para que o resto de nós não fosse incomodado por insetos durante a refeição, Hugh, o menino que tinha abelhas morando na barriga, comia sob um grande mosquiteiro em uma mesa individual no canto.

Claire, uma menina que parecia uma boneca com seus cachos imaculados, sentava-se ao lado da sra. Peregrine, mas não comia absolutamente nada.

— Você não está com fome? — perguntei a ela.

— Claire não come com a gente — interveio Hugh, deixando uma abelha escapar de sua boca. — Ela fica com vergonha.

— Não fico! — disse ela, encarando-o friamente.

— É? Então com a alguma coisa!

— Ninguém aqui tem *vergonha* de seus dons — disse a sra. Peregrine. — A senhorita Densmore sim plesmente prefere jantar sozinha. Não é verdade, senhorita Densmore?

A menina olhava fixamente para o lugar arrumado e vazio diante dela, claramente desejando que toda atenção termingesse.

— Claire tem uma boca atrás — explicou Millard, que agora estava sentado ao meu lado usando um paletó de *smoking* (e mais nada).

— Um a o quê?

— Vá em frente, m ostre a ele! — disse alguém . Logo todos na m esa pressionavam Claire para com er algo e, finalm ente, só para calá-los, ela o fez.

Puseram um a coxa de ganso diante dela, que se virou, sentou-se ao contrário na cadeira e, segurando seu espaldar, inclinou-se para trás e levou a nuca até o prato. Ouvi um estalo nítido quando ela tornou a erguer a cabeça. Um grande naco havia desaparecido da coxa de ganso. Por baixo de seus cabelos dourados havia um par de m andíbulas com dentes afiados. De repente, com preendi o retrato estranho de Claire que vira no álbum da srta. Peregrine, ao qual o fotógrafo curiosam ente dedicara dois painéis: um para seu rosto de traços bonitos e outro para seus cachos, que m ascaravam com pletam ente a parte de trás de sua cabeça.

Claire virou-se para a frente e cruzou os braços, chateada por ter se deixado convencer a fazer um a dem onstraçāo tão hum ilhante. Ela ficou sentada em silêncio enquanto os outros m e cobriam de perguntas. Depois que a srta.

Peregrine respondeu a algum as delas sobre m eu avô, as crianças se voltaram para outros assuntos. Elas pareciam especialm ente interessadas em com o era a vida no século XXI.

— Que tipos de carro m otorizado voador vocês têm ? — perguntou um adolescente cham ado Horace, em um terno escuro que lhe dava a aparência de um aprendiz de agente funerário.



*claire
tem cachinhos
dourados*

- Nenhum — respondi. — Pelo menos, ainda não.
- Eles construíram cidades na Lua? — perguntou esperançoso outro garoto.
- Deixam os um m onte de lixo e um a bandeira lá, mas foi só.
- A Grã-Bretanha ainda domina o mundo?
- Hum ... não exatamente.

Eles pareceram desapontados. Ao sentir um a oportunidade, a srta.

Peregrine disse:

- Estão vendo, crianças? O futuro não é tão grandioso, no fim das contas.

Não há nada de errado com o velho aqui e agora!

Senti que isso era algo que ela sem pre tentava botar na cabeça deles, com pouco sucesso. Mas isso m e fez pensar: há quanto tem po eles estavam no “velho aqui e agora”?

— Você se im porta que eu pergunte sua idade? — disse eu.

— Tenho 83 — disse Horace.

Olive ergueu a m ão, em polgada.

— Vou fazer 75 e m eio na sem ana que vem ! — proclaim ou.

Eu m e perguntei com o conseguiam m anter controle dos m eses e anos se os dias nunca m udavam .

— Eu tenho 117 ou 118 — disse um garoto de pálpebras pesadas cham ado Enoch. Ele não parecia ter m ais que treze anos. — Vivi em outra fenda antes de vir para cá — explicou.

— Tenho quase 87 — disse Millard, a boca coberta de gordura de ganso, e, enquanto falava, um bolo disso girava em sua m andíbula invisível para que todos vissem . As pessoas soltaram gem idos e cobriram ou desviaram os olhos.

Então chegou a m inha vez. Eu tinha dezesseis anos, contei a eles. Vi os olhos de alguns garotos se arregalarem . Olive riu com surpresa. Para eles, era estranho que eu fosse tão j ovem , m as, para m im , estranho era com o *eles* pareciam j ovens. Eu conhecia m uitas pessoas com m ais de oitenta anos na Flórida, e esses garotos não agiam em nada com o elas. Era com o se a constância da vida deles ali, os dias sem m udanças, aquele verão perpétuo e im ortal, tivesse prendido suas em oções com o fizera com seus corpos, selando-os em j uventude com o Peter Pan e seus Meninos Perdidos.

Um estrondo repentino soou do lado de fora — o segundo naquela noite, m as m ais alto e m ais próxim o que o prim eiro, fazendo trem er os talheres e pratos sobre a m esa.

— Term inem logo, apressem -se todos! — disse a srta. Peregrine, e, assim que ela disse isso, outro abalo sacudiu a casa e fez com que um quadro na parede caísse atrás de m im .

— O que é isso? — perguntei, tentando não m ostrar m eu nervosism o.

— Os m alditos alem ães de novo! — rosnou Olive, batendo o pequeno punho na m esa, sem dúvida num a im itação de algum adulto enfurecido. Os outros riram , e a srta. Peregrine lançou um olhar de advertência para ela. Então ouvi o que soou com o um zum bido em algum lugar ao longe, e de repente percebi o que

estava acontecendo. Era o dia 3 de setem bro de 1940, e em pouco tem po um a bom ba cairia do céu e abriria um buraco gigante na casa. O zum bido era um a sirene que soava no alto da colina.

— Tem os de sair daqui — disse eu, o pânico subindo na garganta. — Tem os de ir antes que a bom ba nos atinj a!

Ouvi m ais risos, só que agora se dirigiam a m im .

— Ele não sabe! — riu Olive. — Acha que nós vam os m orrer.

— É apenas o processo de transição — disse Millard, com um dar de om bros de seu paletó de *smoking*. — Não precisa botar os sapatos de corrida.

— Isso acontece toda noite?

A srta. Peregrine assentiu.

— Toda noite — disse ela. Mas, de algum m odo, não m e senti reconfortado.

— Podem os ir lá fora e m ostrar a Jacob? — disse Hugh.

— É, podem os? — repetiu Claire, repentinam ente entusiasm ada após vinte m inutos de silêncio em burrado. — A transição é sem pre tão bonita!

A srta. Peregrine ficou contrariada e observou que as crianças ainda não tinham term inado o j antar, m as elas im ploraram até que ela cedesse.

— Está bem , desde que todos vocês usem suas m áscaras — disse ela.

As crianças se levantaram apressadas de seus lugares e saíram correndo da sala, deixando a pobre Olive para trás até que alguém ficou com pena e voltou para soltá-la de sua cadeira. Corri atrás deles pela casa. Entram os no salão com paredes forradas de m adeira, onde cada um pegou algum a coisa em um arm ário antes de sair pela porta. A srta. Peregrine tam bém m e deu um a daquelas coisas, e eu fiquei girando aquilo na m ão. Parecia um rosto m urcho de borracha negra, com grandes escotilhas de vidro com o olhos congelados em estado de choque, com um a trom pa pendente que term inava em um a lata perfurada.

— Vá em frente — disse a srta. Peregrine. — Coloque-a. — Então percebi o que era: um a m áscara de gás.

Eu a preendi sobre o rosto e depois segui a srta. Peregrine até o j ardim , onde as crianças estavam de pé, espalhadas com o peças de xadrez em um tabuleiro em branco, anônim as por trás de suas m áscaras viradas para o alto, observando ondas de fum aça negra rolar pelo céu. Topo de árvores queim ava ao longe. O

ronco de aviões invisíveis parecia vir de todos os lados.

Então houve um estrondo abafado que pude sentir no peito com o a pulsação de um segundo coração, seguido por ondas de forte calor, com o se alguém estivesse abrindo e fechando um forno na m inha frente. Eu m e agachava a cada estrondo, m as as crianças nem piscavam . Em vez disso, cantavam , a letra se encaixando perfeitam ente ao ritm o das bom bas.

Pule, coelho, pule, coelho, pam, pam, PAM!

Bum, bum, BUM, fazem o fazendeiro e seu pistolão.

Por isso ele não vai comer esse coelho,

Pule, coelho, pule, coelho, PAM!

Balas traçantes ilum inadas m arcavam os céus enquanto a canção term inava. As crianças aplaudiam com o a plateia de um espetáculo de fogos de artifícios, com vibrantes faixas coloridas refletidas no vidro de suas m áscaras.

Esse ataque noturno tinha se tornado um a parte tão constante de suas vidas que eles pararam de pensar naquilo com o algo aterrorizante — na verdade, a foto que eu tinha visto no álbum da srta. Peregrine estava legendada com o *Nossa bela exibição*. E, de um m odo m órbido, acho que era m esm o.

Com eçou a cair um a chuva fraca, com o se todo aquele m etal voador tivesse perfurado as nuvens. As explosões tornaram -se m enos frequentes. O ataque parecia estar no fim .



Nossa bela exibição

As crianças com eçaram a ir em bora. Apesar de eu achar que voltaríam os para a casa, elas passaram direto pela porta da frente a cam inho de outra parte do j ardim .

— Aonde estam os indo? — perguntei a dois garotos m ascarados.

Eles não disseram nada, mas, parecendo sentir minha ansiedade, me tomaram pela mão com gentileza e me conduziram juntos com os outros.

Contornam os a casa até os fundos, onde todos estavam reunidos em torno de um gigante arbusto esculpido. Esse, porém, não era um a criatura mitológica, mas um homem em descansando na grama, apoiado em um braço enquanto o outro apontava para o céu. Levei um tempo para me dar conta de que era um a réplica em folhas do afresco super famoso de Michelangelo na Capela Sistina. Considerando que era feito apenas de arbustos, era bem impressionante: você quase podia perceber a expressão plácida no rosto de Adam, onde ele tinha duas gardênias azuis no lugar dos olhos.

Vi a garota de cabelos selvagens parada ali perto, as mechas emaranhadas saindo da parte de trás de sua máscara. Ela usava um vestido com estampas florais remendado tantas vezes que parecia quase um patchwork. Com o costume de falar quando estava nervoso, fui até ela e, apontando para o alto, para Adam, disse:

— Foi você quem fez isso?

Ela assentiu.

— Com o?

Ela se abaixou e levou a palma da mão a alguns centímetros da grama.

Poucos segundos depois, uma área na forma de um homem encheu-se de brotos que cresceram até tocarem a palma dela.

— Isso é loucura — disse eu. Sem dúvida não estava em um dos meus momentos entorpecentes mais articulados.

Alguém me pediu silêncio. Todas as crianças aguardavam quietas com o pescoço esticado, apontando para uma área do céu. Ergui os olhos, mas só consegui ver nuvens de fumaça e o tremeluzir alaranjado das chamas refletido nelas.

Então ouvi o som do motor de um único avião destacar-se de todo o resto. Estava perto, e se aproximando mais. Fui tomado de pânico. *Esta é a noite em que*

foram mortos. Não apenas a noite, mas o momento exato. Será que essas crianças m orriam toda noite para ser ressuscitadas pela fenda, com o em algum culto suicida de Sísifo, condenadas a ser pulverizadas e rem endadas por toda a eternidade?

Então algo cinza e pequeno afastou as nuvens e veio veloz em nossa direção.

Um a pedra, pensei, m as rochas não assobiam ao cair.

Pule, coelho, pule, coelho, pam — e eu teria saído dali num pulo, m as agora não havia tem po: tudo o que podia fazer era gritar e m e deitar no chão para m e proteger, m as não havia lugar onde m e esconder, então m ergulhei na gram a e cobri a cabeça com os braços com o se de algum a form a isso fosse m antê-los presos ao m eu corpo.

Cerrei os dentes, fechei os olhos e preendi a respiração, m as, em vez do estrondo ensurdecedor para o qual estava preparado, tudo caiu em um absoluto e com pleto silêncio. De repente, não havia m ais o ronco de m otores nem o silvo de bom bas, nem o pipocar distante de arm as. Era com o se alguém tivesse em udecido o m undo.

Será que eu estava m orto?

Descobri a cabeça e virei-m e devagar para olhar às m inhas costas. Os galhos das árvores envergados pelo vento tinham sido imobilizados. O céu era um a foto estática de cham as lam bendo um grupo de nuvens im óveis. Gotas de chuva estavam suspensas no ar, em form as ovais perfeitas diante de m eus olhos.

E no m eio do círculo de crianças, com o o obj eto de algum ritual arcano, um a bom ba pairava no ar, seu bico parecendo equilibrar-se na ponta do dedo esticado de Adam .

Com o um film e que se queim a dentro do proj etor durante a exibição, um a florescência de calor e perfeita alvura espalhou-se à m inha frente e engoliu tudo.

A primeira coisa que escutei quando consegui ouvir de novo foram risos. O

branco desapareceu e vi que estavam os todos posicionados ao redor de Adam do modo em que nos encontrávam os antes, mas agora a bomba tinha desaparecido e a noite estava silenciosa, sendo a única luz no céu sem nuvens a de um a lua cheia. A srta. Peregrine apareceu acim a de mim e esticou a mão; eu a segurei e me levantei, ainda zonzo.

— Por favor, aceite minhas desculpas — disse ela. — Eu devia tê-lo preparado melhor para isso. — Ela, porém, não conseguia esconder o sorriso, nem os outros garotos enquanto tiravam suas máscaras. Eu tinha quase certeza de que haviam feito uma brincadeira comigo.

Estava aturdido; não entendia nada direito.

— Provavelmente está na hora de ir para casa dormir — disse eu para a srta. Peregrine. — Meu pai vai ficar preocupado. — Então pensei em uma coisa e acrescentei rapidamente: — Posso ir para casa, certo?

— Claro que pode — respondeu ela, e em voz alta pediu um voluntário para me ajudar a voltar ao *cairn*. Para minha surpresa, foi Emily quem levantou o braço e se ofereceu. A srta. Peregrine pareceu satisfeita.

— A senhora tem certeza sobre isso? — me perguntei para a diretora. — Há poucas horas ela queria cortar minha pescoço.

— A senhorita Bloom pode ter a cabeça quente, mas é um de nossos vigilantes mais confiáveis. E acho que vocês dois devem ter algumas coisas para discutir longe de ouvidos curiosos.

Cinco minutos depois, nós dois estávamos a caminho, só que dessa vez minhas mãos não estavam amarradas nem eu espetava as costas com a ponta de uma faca. Algumas das crianças me enoaram nos seguiram até o limiar do jardim. Queriam saber se eu voltaria no dia seguinte. Dei-lhes garantias muito

vagas, pois eu mal podia entender direito o que estava acontecendo ao meu redor naquele instante, muito menos o que aconteceria no futuro.

Passam os sozinhos pela floresta escura e quando a casa desapareceu às nossas costas Em m a ergueu a palm a da m ão e girou o pulso, e um a pequenina bola de fogo acendeu-se para a vida pouco acim a de seus dedos. Ela a conduzia à frente, com o um garçom levando um a bandej a, ilum inando o cam inho e proj etando nossas som bras gêm eas sobre as árvores.

— Já disse a você com o isso é legal? — eu com entei, tentando quebrar um silêncio que a cada segundo ficava m ais desconfortável.

— Não é nem um pouco legal — ela retrucou, e aproxim ou tanto a cham a de m im que pude sentir o calor que irradia. Eu m e encolhi e recuei alguns passos.

— Eu não quis dizer isso — balbuciei. — Quis dizer que é legal você poder fazer um a coisa dessas.

— Se você falasse direito, talvez eu entendesse — respondeu ela, e parou de cam inhar quando percebeu que eu tinha m e detido.

Ficam os parados um de frente para o outro a um a distância cuidadosa.

— Você não precisa ter m edo de m im — disse ela.

— Ah, é? Com o posso saber que você não acha m ais que sou um a criatura do m al, e que tudo isso faz parte de um plano para ficar sozinha com igo e finalm ente m e m atar?

— Não sej a idiota — disse ela. — Você chegou aqui sem ser anunciado, um estranho que não reconheci, e aí saiu correndo atrás de m im com o se fosse um m aluco. O que eu devia pensar?

— Está bem , entendi — disse eu, apesar de não ser totalm ente sincero.

Ela baixou os olhos e com eçou a fazer um buraquinho no cascalho com a ponta da bota. A cham a em sua m ão m udou de cor, indo de laranj a a um azul-escuro m enos caloroso.

— Não é verdade o que eu disse. Eu o reconheci — disse ela, erguendo os olhos e encontrando os m eus. — Você se parece tanto com ele.

- As pessoas às vezes dizem isso.
- Desculpe por ter falado todas aquelas coisas terríveis m ais cedo. Não queria acreditar em você, que você fosse quem dizia ser. Eu sabia o que isso significava.
- Tudo bem — respondi. — Quando eu era pequeno, queria tanto conhecer todos vocês. Agora que finalmente isso está acontecendo... — Sacudi a cabeça.
- Acho chato que tenha sido por esse motivo.

Então ela correu até mim e jogou os braços em volta do meu pescoço, a chamou em sua mão apagando instantes antes que me tocasse, a pele ainda quente onde ela a mim antivera, e, por um tempo, ficam os parados daquele jeito na escuridão repentina, eu e aquela mulher adolescente idosa, a garota linda que amara mim eu avô quando ele tinha a minha idade. Não havia nada que eu pudesse fazer além de abraçá-la também , por isso retribuí, e em pouco tempo acho que estavam os dois chorando. Depois, de modo tão repentino quanto nosso abraço com ele, ela se afastou de mim .

Ouvi-a respirar fundo no escuro e acender de novo a chama na mão.

- Me desculpe por isso — disse ela. — Não costumo...
- Não se preocupe.
- A gente devia ir andando.
- Mostre o caminho — disse eu.

Caminharamos em silêncio pela mata, apesar de não ser mais um silêncio desconfortável. Quando chegaramos à charneca, ela disse:

- Só pise onde eu pisar. — E foi o que fiz, plantando meus pés em suas pegadas, vendo os gases da charneca pantanosa queimarem em piras verdes ao longe enquanto passavam os, com o se sim patizassem com a luz de Em me a.

Quando chegam os ao *cairn*, entram os agachados e rastejam os um atrás do outro até a câmara dos fundos, depois saím os em um m undo envolto em neblina.

Ela m e guiou de volta à trilha e, quando chegaram lá, entrelaçou os dedos nos m eus e os apertou, e ficam os um m om ento em silêncio. Então ela se virou e foi em bora, engolida pela névoa tão rapidamente que por um instante eu m e perguntei se ela tinha realmente estado ali.

De volta à cidade, eu m eio que esperava encontrar carroças puxadas a cavalo pelas ruas. Em vez disso fui recebido pelo ronco dos geradores e o brilho das telas de TV atrás das janelas das casas. Eu estava em casa, tal com o a deixara.

Nenhum dos homens no *pub* pareceu disposto a m e linchar. Kev estava atrás do balcão e ergueu um copo em minha direção quando entrei. Tudo estava certo com o m undo.

Subi e encontrei m eu pai dormindo à m esa, debruçado em cima do *laptop*.

Quando fechei a porta, ele acordou assustado.

— Oi! Ei? Você chegou tarde, não? Que horas são?

— Não sei — respondi. — Antes das nove, acho. Os geradores ainda estão ligados.

Ele se espreguiçou e esfregou os olhos.

— O que você fez hoje? Achei que íam os jantar juntos.

— Explorei umas casas antigas e outros lugares.

— Encontrou alguma coisa legal?

— Ah, na verdade, não — respondi, percebendo que devia ter pensado em um a história mais elaborada para despistar.

Ele me olhou de modo estranho.

— Onde arranjo isso?

— Isso o quê?

— Essas roupas — disse ele.

Olhei para mim mesmo e me dei conta de que tinha me esquecido completamente das calças de tweed e dos suspensórios que eu estava vestindo.

— Encontrei na casa — disse eu, porque não tive tempo de pensar em uma resposta menos estranha. — Não são legais?

Ele fez um a careta.

— Você vestiu roupas que achou por aí? Jake, isso não é higiênico. E o que aconteceu com suas calças e seu casaco?

Eu precisava mudar de assunto.

— Eles estavam supersujos, então eu, ah... — deixei a frase morrer e fiz questão de observar o documento em Word aberto na tela do computador do meu pai.

— Ei? É seu livro? Com o está indo?

Ele fechou rapidamente o *laptop*.

— Meu livro não está em discussão agora — resmungou. — O importante é que as horas que você passe aqui sejam terapêuticas. E não estou certo de que passar os dias sozinho naquela casa velha sejam exatamente o que doutor Golan tinha em mente quando deu sinal verde para esta viagem.

— Ei, você quase bateu o recorde — disse eu.

— O quê?

— O intervalo m ais longo sem m encionar m eu psiquiatra. — Fingi olhar para m eu relógio de pulso inexistente. — Quatro dias, cinco horas e 26 m inutos

— suspirei. — Foi bom enquanto durou.

— Esse hom em tem aj udado m uito — disse ele seriam ente. — Só Deus sabe o estado em que você estaria agora se nós não o tivéssem os encontrado.

— Você tem razão, pai. Doutor Golan m e aj udou. Mas isso não significa que ele tem de controlar todos os aspectos da m inha vida. Quero dizer, nossa, você e a m am ãe tam bém podiam m e com prar um a dessas pulseirinhas que dizem *O*

que Golan faria? Assim eu posso perguntar a m im m esm o antes de fazer qualquer coisa. Antes de ir ao banheiro. Com o doutor Golan gostaria que eu cagasse desta vez? Qual a m aneira m ais psicologicam ente benéfica de fazer cocô? Quero dizer, fala sério! Entendeu?

Ele ficou quieto por alguns segundos. Quando falou, sua voz saiu m uito estranha, m uito baixa e grave, e ele m e disse que no dia seguinte eu ia sair com ele para observar pássaros, quisesse ou não, ao que respondi que ele estava totalm ente enganado e, sem dizer m ais nada, ele se levantou e desceu para o *pub*.

Achei que ia beber algum a coisa, por isso fui trocar de roupa, m as alguns m inutos depois ele bateu à porta do m eu quarto e disse que havia alguém ao telefone que precisava falar com igo.

Achei que fosse m inha m ãe, por isso rangi os dentes e desci atrás dele até a cabine telefônica no canto m ais afastado do *pub*. Ele m e entregou o fone e foi sentar sozinho a um a m esa. Fechei a porta da cabine e disse “alô”. Do outro lado, para m inha surpresa, estava dr. Golan.

— Acabei de falar com seu pai — disse ele. — Ele pareceu um pouco preocupado.

Eu queria dizer ao dr. Golan que ele e m eu pai podiam ir à m erda, m as eu sabia que aquela era um a situação que exigiria tato. Se eu o irritasse, seria o fim da m inha viagem , e eu não ia em bora agora de j eito nenhum , quando havia tanto m ais a descobrir sobre as crianças peculiares. Então entrei no j ogo e disse a ele o que eu andara fazendo — contei tudo, m enos a parte das crianças num a fenda no tem po —, tentando dar a im pressão de que chegava à conclusão de não ter nada

de especial na ilha ou em m eu avô. Foi com o um a m iniconsulta por telefone.

— Espero que você não estej a m e dizendo apenas o que quero ouvir — disse ele. Isso tinha virado seu bordão. — Talvez eu devesse ir até aí para ver você pessoalm ente. Na verdade, um as férias agora, longe do consultório, m e fariam bem . O que acha disso?

Congelei. *Por favor, que seja uma brincadeira! Por favor, por favor!*

— Estou bem , sério — disse eu.

— Pode ficar tranquilo, Jacob, só estou brincando, apesar de ser verdade que eu preciso de um as férias. E, para ser honesto, acredito em você. Você parece bem . Na verdade, acabei de dizer a seu pai que provavelm ente a m elhor coisa que ele pode fazer por você é lhe dar espaço para respirar e resolver as coisas sozinho por um tem po.

— Sério?

— Já faz um bom tem po que eu e seus pais estam os em cim a de você. A partir de certo ponto, isso é contraproducente.

— Bem , agradeço por isso.

Ele disse m ais algum a coisa, m as havia m uito barulho na linha e eu não entendi direito.

— Está difícil escutá-lo — disse eu. — O senhor está num *shopping* ou algo assim ?

— No aeroporto — respondeu ele. — Vim buscar m inha irm ã. Enfim , o que quero dizer é: divirta-se. Explore e não se preocupe dem ais. Vej o você de novo em breve, certo?

— Claro. Obrigado de novo, doutor Golan.

Quando desliguei o telefone, m e senti m al por ter reclam ado dele m ais cedo. Era a segunda vez, agora, que ele ficava do m eu lado quando m eus pais não estavam .

Meu pai estava do outro lado do salão, parado em frente a um copo de cervej a. Parei ao lado da m esa dele antes de subir para o quarto.

— Sobre am anhã... — disse eu.

— Acho que você pode fazer o que quiser.

— Tem certeza?

Ele deu de om bros, chateado.

— Ordens m édicas.

— Volto antes do j antar, prom eto.

Ele apenas assentiu com a cabeça. Eu o deixei no bar e fui para a cam a.

Ao dorm ir, m eus pensam entos viaj aram até as crianças peculiares, e a prim eira pergunta que elas fizeram quando a srta. Peregrine m e apresentou: *Jacob vai ficar conosco?* Claro que não, pensei. Mas por que não? Se eu nunca voltasse para casa, o que ficaria faltando? Pensei em m inha casa escura e cavernosa, em m inha cidade hostil e cheia de lem branças ruins, na vida absolutam ente sem graça que tinha sido traçada para m im . E m e dei conta de que nunca passara por m inha cabeça que eu pudesse abrir m ão de tudo isso

CAPÍTULO SETE

A manhã trouxe chuva, vento e neblina, um tempo opressivo que tornou difícil acreditar que a véspera não passara de um sonho estranho e maravilhoso. Engoli apressadamente o café da manhã e disse ao meu pai que ia sair. Ele me olhou com o se eu estivesse maluco.

— Com esse tempo? Fazer o quê?

— Ver as pessoas... — comecei a dizer sem pensar muito e, então, para continuar a besteira que tinha falado, fingei pigarrear para tirar algo preso da garganta. Mas era tarde demais para voltar atrás. Ele tinha me ouvido.

— Ver que pessoas? Não aqueles *rappers* delinquentes, espero.

O único medo de sair daquele buraco, pensei, seria ir mais fundo.

— Não — respondi. — Você não os conhece; eles moram do outro lado, hum... da ilha, e...

— Sério? Achei que ninguém morava lá.

— Ora, bem, é pouca gente. Pastores de ovelhas, gente assim. Enfim, eles são legais e tomam conta de mim enquanto estou na casa. — Amigos e segurança, duas coisas às quais meu pai jamais poderia se opor.

— Quero conhecê-los — disse ele, tentando demonstrar seriedade. Ele costumava fazer essa cara, fingindo ser o pai enfezado que aspirava ser.

— Claro. Mas nós vamos nos encontrar lá, então fica para a próxima.

Ele assentiu e deu outra garfada no café da manhã. Relaxei um pouco.

Talvez essa manhã não fosse nada demais.

— Quero você de volta antes do jantar.

— Pode ficar tranquilo, pai.

Praticamente corri até a charneca. Enquanto encontrava meu caminho em meio à sua lama traiçoeira, tentando com pouco sucesso me lembrar da

rota de ilhas de gram a sem i-invisíveis que Em m a usara para atravessá-lo, fiquei preocupado em encontrar do outro lado apenas m ais chuva e a casa em ruínas.

Então, foi com grande alívio que em ergi do túm ulo antigo para encontrar o dia 3

de setem bro de 1940 igualzinho a com o eu o deixara: quente, ensolarado e sem névoa, o céu de um azul confiável, com nuvens em form as que pareciam reconfortantem ente fam iliares. Melhor ainda: Em m a estava à m inha espera, sentada na beirada da elevação, j ogando pedras no pântano.

— Já não era sem tem po! — exclam ou, ficando de pé em um salto. —

Vam os, todos estão esperando por você.

— Estão?

— *Es-tão!* — disse ela, revirando os olhos com im paciência. Então tom ou m inha m ão e m e puxou atrás dela. Estrem eci de excitação ao seu toque e ao pensar no dia que havia pela frente, cheio de possibilidades interm ináveis.

Mesm o que de m ilhões de m odos superficiais ele fosse idêntico ao dia anterior —

a m esm a brisa ia soprar, os m esm os galhos cairiam na floresta e as pessoas na cidade fariam as m esm as coisas que tinham feito ontem —, m inha experiência não seria a m esm a. Nem a das crianças peculiares. Eles eram deuses desse pequeno e estranho paraíso, e eu era o hóspede.

Correm os pela charneca e pela floresta com o se estivéssem os atrasados para um com prom isso, e quando chegam os à casa Em m a m e conduziu até os fundos, onde um pequeno palco de m adeira tinha sido m ontado no quintal. As crianças entravam e saíam da casa carregando obj etos de cena, abotoando seus paletós e fechando os zíperes de vestidos de cetim . Um a pequena orquestra se aquecia, apenas um acordeão, um trom bone velho e um serrote m usical que Horace tocava com um arco.

— O que é isso? — perguntei a Em m a. — Vocês vão fazer um a peça de teatro?

— Você vai ver — disse ela.

— Quem vai participar?

— Você vai ver.

— É sobre o quê?

Ela m e deu um beliscão.

Um apito soprou e todos correram para arranjar lugar em um a das fileiras de cadeiras dobráveis armadas diante do palco. Em m a e eu nos sentamos no m om ento em que as cortinas se abriram , revelando um chapéu de palhinha flutuando acima de um paletó listrado de vermelho e branco. Só quando ele com eçou a falar eu percebi o óbvio: era Millard que estava vestido com aquelas roupas.

— Senhooraaas e senhooorees! — anunciou ele. — Tenho o maior prazer em trazer para vocês um espetáculo com o nenhum outro na história! Um show de ousadia e coragem inigualáveis, de magia tão poderosa que vocês sim plesm ente não vão acreditar em seus próprios olhos. Meus caros cidadãos, apresento-lhes a senhorita Peregrine e suas crianças peculiares!

A pequena plateia irrompeu em um grande salvo de palmadas. Millard os saudou com o chapéu.

— Para nossa primeira ilusão, vou fazer a própria senhorita Peregrine aparecer! — Ele se agachou atrás da cortina para, um momento depois, surgir com um lençol dobrado pendurado sobre um braço e um falcão-peregrino em poleirado no outro. Ele acenou com a cabeça para a orquestra, que com eçou a tocar uma espécie de música festiva assobiada.

Em m a m e cutucou com o ombro.

— Preste atenção — sussurrou.

Millard baixou a ave, ergueu o lençol para escondê-la do público e com eçou um a contagem regressiva.

— Três, dois, um !

No *um*, ouvi o bater de asas inconfundível, e então a cabeça da srtá.

Peregrine — sua cabeça *humana* — surgiu de trás do lençol para um a salva de

palm as ainda m ais alta. Seus cabelos estavam despenteados, e eu só podiavê-la dos om bros para cim a, m as ela parecia estar nua atrás do lençol.

Aparentem ente, quando você se transform a em ave, suas roupas não se transform am j unto. Ela segurou as pontas do lençol e o envolveu castamente em torno do corpo.

— Senhor Portm an! — disse ela, olhando para m im do alto do palco. —

Estou tão feliz por tê-lo de volta. Esta é um a pequena apresentação com a qual costum ávam os sair em turnê pelo continente em tem pos m ais tranquilos.

Im aginei que você poderia achá-la educativa! — Então ela deixou o palco com um floreio e sum iu para vestir suas roupas.

Um a atrás da outra, as crianças peculiares saíram da plateia e subiram ao palco, cada um a delas com um núm ero próprio. Millard tirou o *smoking* para ficar totalm ente invisível e fez m alabarism o com garrafas de vidro. Olive tirou os sapatos de chum bo e fez um núm ero de ginástica em barras paralelas que desafiava a gravidade. Em m a produziu fogo, então o engoliu e soprou outra vez, sem se queim ar. Eu aplaudi tudo até com eçar a achar que ficaria com bolhas nas m ãos.

Quando Em m a voltou a se sentar, virei-m e para ela e disse:

— Não entendo... vocês apresentavam isso para as pessoas?

— Claro — respondeu.

— Pessoas *normais*?

— Claro que pessoas normais. Por que os peculiares pagariam para ver coisas que eles mesmos podem fazer?

— Mas isso não pode, digam os, estragar o disfarce de vocês?

Ela riu da minha ingenuidade.

— Ninguém suspeitava de nada — respondeu. — As pessoas vão a apresentações com o resto para ver façanhas, truques e coisas assim, e para todos os efeitos era exatamente isso o que me ostrávam os a elas.

— Então vocês se escondiam em plena vista.

— Esse era o modo com o qual a maioria dos peculiares ganhava a vida.

— E ninguém nunca percebeu nada?

— De vez em quando aparecia algum chato nos bastidores fazendo perguntas enxeridas, por isso sempre tem os um braço forte à mão para chutá-los para longe. Por falar no diabo, olha ela aí agora!

No alto do palco, uma menina de aspecto masculinizado, com o corpo em forma de um hidrante, arrastava uma pedra do tamanho de uma geladeira detrás da cortina.

— Ela pode não ser a coisa mais bonita do mundo — sussurrou Emilia —, mas tem um coração enorme e defenderia seus companheiros até a morte.

Somos muito unidas, Bronwyn e eu.

Alguém tinha passado uma pilha de cartões promocionais que a srta.

Peregrine usava no passado para anunciar seu espetáculo. Quando chegou a mim, o cartão de Bronwyn estava em cima. Ela estava de pé e descalça, desafiando a câmera com um olhar gelado. No fundo, lia-se a inscrição A GAROTA DE FORÇA DESCOMUNAL DE SWANSEA!



— Por que ela não está erguendo um a pedra, se é isso que ela faz no palco?

— perguntei.

— Ela estava de m au hum or porque a Ave a fez se vestir com o um a dam a para a foto. Ela se recusou a levantar até m esm o um a caixa de chapéu.

— Parece que ela se recusou, tam bém , a calçar sapatos.

— Ela norm alm ente faz isso.

Quando Bronwy n term inou de arrastar a rocha até o m eio do palco, houve um m om ento estranho no qual ela apenas encarou a plateia, com o se alguém lhe tivesse dito para fazer um a pausa que aum entasse o efeito dram ático. Depois ela se abaixou e agarrou a rocha com suas grandes m ãos e, lentam ente, ergueu-a acim a da cabeça. Todos aplaudiram e gritaram , as crianças totalm ente entusiasm adas, apesar de, provavelm ente, j á terem visto Bronwy n fazer aquilo m il vezes antes. Era quase com o ir a um a apresentação de alunos de um a escola que você não frequentava.

Bronwy n bocej ou e deixou o palco com a rocha em baixo do braço. Então a garota de cabelos selvagens subiu ao palco. O nom e dela era Fiona, disse Em m a.

A garota parou de frente para a plateia atrás de um vaso cheio de terra, as m ãos erguidas sobre ele com o um m aestro. A orquestra com eçou a tocar *O voo do besouro* — do j eito que conseguiam —, e Fiona acariciou o ar acim a do vaso enquanto fazia expressões torturantes, até que um a fileira de m argaridas proj etou a cabeça para fora da terra e se abriu no ar. Era com o um daqueles vídeos acelerados de plantas brotando, exceto que ela parecia puxar as flores do leito de terra sem eada por m eio de fios invisíveis. As crianças adoraram e pularam da cadeira para aplaudi-la.

Em m a folheou a pilha de cartões até achar o de Fiona.

— O dela é o m eu favorito — disse. — Trabalham os j untas por dias em seu figurino.

Olhei para o cartão.

— O que ela devia parecer? — perguntei. — Um a m endiga m aluca?

Em m a m e beliscou.

— Ela devia parecer *natural*, com o se fosse um a pessoa selvagem . Nós a cham ávam os de Jill das Selvas.

— Ela veio m esm o da floresta?

— Ela é da Irlanda.

— Há m uitas galinhas na floresta?



Ela m e beliscou outra vez. Enquanto sussurrávam os, Hugh se juntou a Fiona no palco. Ele estava parado de boca aberta e soltava abelhas por ela para que polinizassem as flores que Fiona fizera crescer, com o um estranho ritual de acasalamento.

— O que mais Fiona faz crescer além de flores e arbustos?

— Todas essas verduras e legumes — disse Emilia, apontando para canteiros nas extremidades do quintal. — E às vezes árvores.

— Sério? Árvores inteiras?

Ela procurou outra vez na pilha de cartões.

— Às vezes brincam os de Jill e o pé de feijão. Alguém pega um amêndoa na beira da floresta e vem os até que altura Fiona consegue fazê-la crescer enquanto estam os amontados sobre ela. — Emilia chegou à imagem que procurava e a apontou com o dedo. — Bem aqui. Este foi o recorde — disse com orgulho. —

Vinte metros.

— Vocês ficam mesmo muito entediados por aqui, hein?

Ela moveu-se para me beliscar outra vez, mas detive sua mão. Não sou especialista em garotas, mas, quando uma delas o belisca quatro vezes, tenho quase certeza de que está paquerando você.

Havia outros níveis eros, por isso Fiona e Hugh deixaram o palco. Mas as crianças estavam ficando impacientes e logo nos dispersam os para passar o resto do dia em um idílio de verão: bebem os limonadas deitados preguiçosamente ao sol, jogam os croqué, cuidam os dos jardins que, graças a Fiona, mal precisavam de cuidados e discutem as nossas opções para o almoço. Eu queria perguntar à srta. Peregrine mais sobre mim eu avô — um assunto que eu tomava o cuidado de evitar tocar com Emilia, que ficava entristecida e pensativa a qualquer menção de seu nome —, mas a diretora tinha ido para a biblioteca dar algum tipo de aula para as crianças. Parecia, porém, que eu tinha muito tempo, e o ritmo lânguido e o calor do

m eio-dia m inaram m eu desejo de fazer qualquer coisa m ais exigente que circular pela propriedade fascinado, com o se estivesse sonhando.

Após um alm oço pantagruélico de sanduíches de ganso e pudim de chocolate, Em m a com eçou a incitar os garotos m ais velhos para irm os nadar.

— Nem pensar — resm ungou Millard, que estava com o botão superior da calça quase estourando. — Estou tão cheio quanto um peru de Natal recheado. —

Nós estávam os j ogados em m óveis m uito estofados pela sala de estar, cheios a ponto de estourar. Bronwy n estava deitada sobre um divã com a cabeça enfiada entre duas alm ofadas.



— Eu iria afundar direto — ouvi sua voz abafada dizer.

Mas Em m a era persistente. Dez m inutos depois de m uito insistir, ela conseguiu arrancar Hugh, Fiona e Horace de suas sestas e desafiou Bronwyn, que aparentemente não resistia a qualquer tipo de com petição, a um a prova de natação. Quando nos viu todos saindo de casa juntos, Millard nos deu um a bronca por tentar deixá-lo para trás.

O m elhor lugar para nadar era na baía, m as chegar lá significava caminhando pela cidade.

— E esses bêbados m alucos que acham que sou um espião além da questão? — disse eu. — Hoje não me sinto com vontade de ser perseguido com porretes.

— Seu pateta — disse ela. — Isso foi ontem. Eles não vão se lembrar de nada.

— Só se enrole num a toalha para que eles não vejam suas, hum , roupas do futuro — disse Horace. Eu estava vestindo calças jeans e camisa, m eu trajado habitual, e Horace vestia o seu terno preto de costume. Ele parecia seguir a escola de vestuário da srta. Peregrine: m orbidez ultraformal, independentemente da ocasião. A foto dele estava entre as que eu encontrara no baú despedaçado e, num a tentativa de se “em becar” com o sugeriu o retrato, ele tinha exagerado com pletamente: cartola, bengala e m onóculo, um a produção total.

— Tem razão — disse eu, apontando Horace com um gesto de sobrancelha.

— Eu não ia querer ninguém achando que me visto de modo estranho.

— Se está se referindo a m eu paletó — respondeu ele com arrogância —, sim , admite que é um seguidor da moda. — Os outros riram . — Podem ir em frente, rião à custa do velho Horace! — disse ele. — Podem me chamar de dândi se quiserem , m as só o fato de os m oradores do vilarejo não se lembrarem do que você veste não lhe dá o direito de se vestir como um vagabundo! — Dito isso, ele ajustou a lapela, o que só fez com que os garotos rissem com mais força.

Furioso, ele apontou um dedo acusador para as minhas roupas. — E, em relação a ele, Deus nos ajude se essas são todas as roupas que o futuro nos reserva!

Depois que os risos me orreram, puxei Em me de lado e me termurei:

— O que exatamente faz de Horace peculiar, além de suas roupas, quero dizer?

— Ele tem sonhos proféticos — respondeu ela. — Tem esses grandes pesadelos premium onitórios de vez em quando, que têm a perturbadora tendência de se tornar realidade.

— Com que frequência? Muita?

— Pergunte você mesmo a ele.

Mas Horace não estava no clima de responder às minhas perguntas. Quando chegam os à cidade, enrolei um a toalha em volta da cintura e pendurei outra no meu bros, e, apesar de não ser exatamente um a profecia, Horace estava certo sobre uma coisa: ninguém me reconheceu. Desce os direto pela trilha principal e, me esmoro recebendo alguns olhares de estranheza, ninguém me incomodou.

Passam os até pelo gordo que tinha pegado no meu pé no bar — o sujeito estava

enchendo um cachimbo diante da charutaria e discursando sobre política para um a mulher que parecia prestar pouca atenção a ele. Não consegui evitar encará-lo quando passaram. Ele devolveu o olhar, sem sequer um mecumento de reconhecimento.

Era com o se alguém tivesse “reiniciado” a cidade. Eu continuava a perceber coisas que tinha visto no dia anterior: a me esmoro carroça correndo loucamente trilha abaixo, sua roda traseira derrapando no cascalho; as me esmoro mulheres em fila para pegar água no poço; um homem em calafetando o fundo de um barco a remos, não me atrasado em sua tarefa do que 24 horas antes. Eu quase esperava ver me eu sózia correndo pela cidade perseguido por uma turba, mas acho que as coisas não funcionavam assim.

— Cara, vocês devem saber muito do que rola por aqui — disse eu. —

Com o ontem, com os aviões e aquela carroça.

— É Millard que sabe tudo — disse Hugh.

— Isso mesmo — disse Millard. — Na verdade, estou a caminho de completar o primeiro relato completo de um dia na vida de uma cidade, com o que foi experimentado por todos os seus habitantes. Todas as ações, todas as conversas, todos os sons feitos por cada um dos 159 humanos e 332 animais residentes na cidade de Cairnholm, sem nexo a mim, do alvorecer ao pôr do sol.

— Isso é incrível! — falei.

— Não posso fazer outra coisa senão concordar — retrucou Millard. — Em 27 anos observei metade dos animais e quase todos os humanos.



Fiquei boquiaberto.

— Vinte e sete *anos*?

— Ele passou três só com os porcos! — disse Hugh. — Isso significa todos os dias de três anos inteiros tom ando notas sobre *porcos*! Você pode imaginar?

Esse aí fez um m onte de cocô! Aquele disse *oinc-oinc* e depois foi dormir na própria sujeira!

— As anotações são absolutamente essenciais no processo — disse Millard.

— Mas posso entender sua inveja, Hugh. Minha obra promete ser um trabalho sem precedentes na história das pesquisas acadêmicas.

— Não seja mentido — disse Emma. — Tam bém não terá precedentes na história das coisas sem graça. Pode ser a coisa mais sem graça já escrita!

Em vez de responder, Millard começou a apontar coisas antes que acontecessem.

— A senhora Higgins está prestes a ter um acesso de tosse — dizia ele, e então uma mulher na rua começava a tossir com força, até ficar com o rosto vermelho. Ou: — Agora um pescador vai largar a dificuldade de ganhar a vida com seu ofício em tempos de guerra. — E em seguida um homem recostado em uma carroça cheia de redes virou-se para outro homem e disse:

— Tem tantos malditos submaringos na água agora que não é seguro para ninguém jogar suas linhas de pesca por aí!

Fiquei bem impressionado e disse isso a Millard.

— Fico satisfeito por alguém apreciar meu trabalho — respondeu.

Caminharam pela orla da baía até o fim das docas, depois seguiram pela costa rochosa na direção do pontal até chegarem a uma enseada com praia de areia. Nós rapazes tiramos a roupa e fomos de cuecas (todos menos Horace, que tirou apenas os sapatos e a gravata), enquanto as meninas sumiram para se trocar e vestir maiôs recatados e antiguados, e então fomos nadar. Bronwyne e Emma apostaram corrida uma com a outra enquanto o resto ficou só boiando e nadando sem rumo. Quando ficaram os exaustos,

voltam os para a areia e tiram os um cochilo. Depois, com o sol quente demais, voltam os para a água, e, quando o ar frio nos fez tremer, voltam os para a praia, ficando assim até que nossas sombras com eçaram a se projetar com pridas na enseada.

Com eçam os a conversar. Eles tinham um milhão de perguntas para mim, e com a srta. Peregrine longe eu podia respondê-las com franqueza. Com o era m eu mundo? O que as pessoas comiam, bebiam e vestiam? Quando a morte e as doenças seriam dominadas pela ciência? Eles viviam em esplendor, mas estavam famintos por novos rostos e histórias. Contei a eles tudo o que pude, revirando o cérebro em busca de pérolas da história do século XX da aula da sra.

Johnston — a aterrissagem na Lua, o Muro de Berlim! O Vietnã... Mas eram histórias pouco com preendidas.

Foram a tecnologia e o padrão de vida de mim eu temido que os impulsionaram mais. As casas tinham ar-condicionado. Eles tinham ouvido falar em televisão, mas nunca haviam visto um a, e ficaram chocados ao saber

que minha família tinha um dessas caixas de mim agens falantes em praticamente todos os aposentos da casa. Viagens pelo ar eram tão baratas quanto as viagens de trem eram para eles. Nosso exército lutava com aviões guiados por controle remoto. Tínhamos com putadores-telefone que cabiam no bolso; e, mesmo o que o mundo não funcionasse lá (nada eletrônico parecia funcionar), eu o peguei só para me mostrar seu invólucro reluzente e espelhado.

O crepúsculo se aproximava quando finalmente resolvemos voltar. Em mim a grudou-se em mim com o colo, as costas de sua mão se esfregando na minha enquanto andávamos. Quando passamos por uma avenida nos limites da cidade, ela parou para apanhar uma fruta, mas, mesmo na ponta dos pés, a mão a baixa estava fora de seu alcance, por isso fiz o que qualquer cavalheiro faria e a judei, abraçando-a pela cintura e tentando não gemer enquanto a erguia, ela com o alvo braço estendido, os cabelos me olhados brilhando com os reflexos do sol poente. Quando a abaixei, ela me deu um beijo leve no rosto e me entregou a mão açã.

— Aqui — disse ela. — Você fez por mim erecer.

— A mim açã ou o beijo?

Ela riu e saiu correndo para alcançar os outros. Eu não sabia com o chamaram aquilo que acontecia entre nós, mas estava gostando. Era uma sensação tola, frágil e boa. Guardei a mim açã no bolso e fui correndo atrás de Elma.

Quando chegaram os à charneca pantanosa e eu disse que precisava ir para casa, ela fingiu fazer um biquinho.

— Pelo menos me deixe acompanhá-lo — disse ela; então acenaramos, nos despedimos dos outros e seguimos até o túmulo de pedra, enquanto eu fazia o máximo possível para me em orizar o lugar onde ela botava os pés no caminho.

Quando chegaram os lá, eu disse:

— Venha até o outro lado comigo por um motivo.

— Eu não devia. Tenho de voltar ou a Ave vai desconfiar de nós.

— Desconfiar de nós? De quê?

Ela deu um sorriso recatado.

— De... alguma coisa.

— Alguma coisa.

— Ela está sempre à procura de alguma coisa — respondeu Rindo.

Mudei de tática.

— Por que não vem me ver amanhã, então?

— Ver você? Do outro lado?

— Por que não? A senhorita Peregrine não estará por perto para nos ver.

Você podia até conhecer m eu pai. É óbvio que não vam os dizer a ele quem você é. E ele vai relaxar um pouco em relação a onde vou e ao que faço o tem po todo.

Eu saindo com um a garota bonita? Isso seria o m elhor dos sonhos para m eu pai!

Pensei que ela pudesse sorrir à m enção do “garota bonita”, m as em vez disso ela ficou séria.

— A Ave só nos deixa ir ao outro lado por alguns m inutos de cada vez, apenas para m anter a fenda aberta, você sabe.

— Então diga a ela que é isso o que você vai fazer!

Ela deu um suspiro.

— Eu quero. Quero m esm o. Mas é um a m á ideia.

— Ela m antém vocês na coleira.

— Você não sabe o que está dizendo — disse ela de cara fechada. — E obrigada por m e com parar a um cachorro; isso foi brilhante.

Eu m e perguntei com o tinhiam os passado da paquera à discussão tão rapidamente.

— Não quis dizer isso — retruquei.

— Não é que eu não queira ir — disse ela, acalm ando-se. — Sim plesm ente não posso.

— Está bem , vam os fazer um trato. Esqueça o dia inteiro. Só venha por um m inuto, agora m esm o.

— Um m inuto? O que você pode fazer em um m inuto?

Sorri.

— Você vai ficar surpresa.
— Me conte! — disse ela, em purrando-me.
— Tirar seu retrato.

O sorriso dela desapareceu.

— Não estou exatamente com minha melhor aparência — disse ela, avaliando-se com desconfiança.
— O que é isso? Você está ótima. De verdade.
— Só um minuto? Promete?

Deixei que entrasse à minha frente no *cairn*. Ela sacudiu o pulso e um apito pequeno chamado azul se acendeu acima de sua mão, mais que suficiente para iluminar nosso caminho. Quando saímos outra vez, o mundo estava frio e enevoado, apesar de, mais tarde, a chuva ter parado. Saqueei meu celular e adorei ver que minha teoria estava certa — desse lado da fenda, as coisas eletrônicas funcionavam direito.

— Onde está sua câmera? — disse, tremendo. — Vamos acabar logo com isso.

Ergui o celular e tirei uma foto dela. Ela apenas sacudiu a cabeça, com o se nada mais em meu mundo bizarro pudesse surpreendê-la. Então se esquivou e se afastou, e tive de ir atrás dela em volta do *cairn* para conseguir fotografá-la, enquanto nós dois ríamos, eu me agachando para sair da minha vista só para surgir de novo e fazer pose para a câmera. Um minuto depois, eu tinha tirado tantas fotos que a minha bateria do telefone estava quase esgotada.

Em seguida correu até a boca do *cairn* e me soprou um beijo todo teatral.

— Veja você amanhã, garoto do futuro.

Ergui a mão para um aceno de despedida e ela entrou agachada no túnel de pedra.

Corri de volta para a cidade, m olhado e congelando, sorrindo com o um idiota. Ainda estava a várias quadras do *pub* quando ouvi um barulho estranho

surgir acim a do ruído dos geradores — alguém cham ando m eu nom e. Corri na direçao da voz e encontrei m eu pai parado no m eio da rua com o suéter ensopado, a fum aça de sua respiraçao à sua frente, com o a válvula de um a panela de pressão em um a m anhã fria.

— Jacob, eu estava te procurando!

— Você disse para voltar para o j antar, então aqui estou eu!

— Esqueça o j antar. Venha com igo.

Meu pai nunca pulava o j antar. Algo estava definitivam ente errado.

— O que está acontecendo?

— Vam os — disse ele. — Explico no cam inho. — Ele m e olhou com atenção. — Você está todo m olhado! — exclam ou. — Pelo am or de Deus, você perdeu o *outro* casaco tam bém ?

— Eu, hum ...

— E por que seu rosto está verm elho? Você parece queim ado de sol.

Droga. Um a tarde inteira na praia sem usar protetor solar.

— Estou com calor de tanto correr até aqui — respondi, apesar de a pele nos m eus braços estar arrepiada de frio. — O que aconteceu? Alguém m orreu, ou o quê?

— Não, não, não — disse ele. — Bem , algo do tipo. Um a ovelha.

— O que isso tem a ver com a gente?

- Eles acham que crianças fizeram isso. Com o um ato de vandalism o.
- Eles quem ? A polícia das ovelhas?
- Os fazendeiros — respondeu. — Eles basicam ente interrogaram todo m undo com m enos de vinte anos, todo m undo m enos você. E, é claro, estão m uito interessados em saber onde esteve o dia inteiro.

Senti um aperto no estôm ago. Mais um a vez eu não tinha um a desculpa m uito boa e m e apressei a pensar em um a enquanto seguíam os para o Buraco do Padre.

Diante do *pub* havia um a pequena m ultidão reunida em torno de um grupo de criadores de ovelhas m uito furiosos. Um deles usava um m acacão enlam eado e se apoiava am eaçadoram ente sobre um forcado. Outro segurava Verm e pela gola. Verm e estava vestido com calças de agasalho esportivo fluorescentes e um a cam iseta onde se lia *EU ADORO QUANDO ME CHAMAM DE PAIZÃO*.

Ele tinha chorado e havia um a bolota de catota acim a de seu lábio superior.

Um terceiro fazendeiro, m uito m agro e com um a boina de tricô, apontou para m im quando nos aproxim ávam os.

— Por onde você andou, filho?

Meu pai m e deu um tapinha nas costas.

— Conte a eles — disse com confiança.

Tentei agir com o se não tivesse nada a esconder.

— Estava explorando o outro lado da ilha. A casa grande.

O hom em de boina de tricô pareceu confuso.

— Que casa grande?

— Ele está falando daquele m onte de destroços velho na floresta — disse o do forcado. — Só um com pleto idiota poria os pés lá. O lugar é enfeitiçado e tam bém m uito perigoso.

Boina de Tricô apertou os olhos para m e ver m elhor.

— Na casa grande com *quem*?

— Ninguém — respondi, no que m eu pai m e lançou um olhar engraçado.

— Mentira! Acho que você estava j unto com este aqui — disse o hom em que segurava Verm e.

— Eu não m atei ovelha nenhum a! — berrou Verm e.

— Cale a boca! — rosnou o hom em .

— Jake? — disse m eu pai. — E os seus am igos?

— Ah, bobagem , pai.

Boina de Tricô virou-se e cuspiu.

— Seu m entiroso. Eu devia lhe dar um a surra de cinto em frente de Deus e de todo m undo!

— Fique longe dele — disse m eu pai, com sua m elhor voz de progenitor sério. Boina de Tricô praguej ou e deu um passo na direção dele, e os dois se encararam com o se um pudesse socar o outro. Antes que um dos dois fizesse isso, ouvi um a voz familiar.

— Calm a, Dennis. Vam os resolver isso. — E Martin deu um passo à frente do grupo para se m eter entre os dois. — Com ece contando o que quer que seu garoto tenha lhe dito — disse ele para m eu pai.

Meu pai m e lançou um olhar gelado.

— Ele disse que ia ver am igos do outro lado.

— Que am igos? — perguntou Forcado.

Percebi que as coisas iam ficar mais feias assim enos que eu fizesse algo drástico. Obviamente não podia contar a ele sobre as crianças — assim o porque não iam acreditar —, por isso assumi um risco calculado.

— Ninguém — falei, baixando os olhos para fingir vergonha. — Eles são imáginários.

— O que ele disse?

— Ele disse que os am igos são imáginários — repetiu assim eu pai, parecendo preocupado.

Os fazendeiros trocaram olhares intrigados.

— Viram? — disse Vermelho. — O garoto é um psicopata com pleito! Só pode ter sido ele!

— Eu nunca toquei nelas! — disse eu, apesar de ninguém estar realmente escutando.

— Não foi o americano — disse o fazendeiro que segurava Vermelho, puxando com força a camisa do garoto. — Não é de hoje que este aqui tem história. Há uns anos eu vi quando ele chutou um cordeiro num precipício. Eu não teria acreditado se não tivesse visto com meus próprios olhos. Depois que ele fez aquilo, eu perguntei por quê. Ele disse que era pra ver se o bicho podia voar.

Estou dizendo que ele é doente.

As pessoas resmungaram, insatisfeitas. Vermelho não parecia à vontade, mas não negou a história.

— Onde está o peixeiro amigo dele? — perguntou Forcado. — Se esse aí está metido nisso, podem apostar que o outro também está.

Alguém disse ter visto Dylan perto da baía, e um grupo foi enviado para

trazê-lo até ali.

— Não pode ter sido um lobo ou um cão selvagem? — disse m eu pai. —

Meu próprio pai foi m orto por cães.

— Os únicos cães em Cairnholm são pastores — respondeu Boina de Tricô.

— E não é exatam ente da natureza de cães pastores sair por aí m atando ovelhas.

Eu torcia para que m eu pai desistisse e fosse em bora enquanto as coisas estavam bem , porém ele estava m etido no caso com o Sherlock Holm es.

— Mas de quantas ovelhas estam os falando? — perguntou.

— Cinco — respondeu o quarto fazendeiro, um hom em baixo e de rosto zangado que até então não havia falado. — Todas m inhas. Mortas dentro do curral. Pobres coitadas, nem tiveram chance de correr.

— Cinco ovelhas. Quanto sangue acha que há em cinco ovelhas?

— Im agino que um a banheira cheia — disse Forcado.

— Então quem fez isso devia estar coberto de sangue, não?

Os fazendeiros olharam uns para os outros, depois para m im e em seguida para Verm e. Então deram de om bros e coçaram a cabeça.

— É, podem ter sido raposas — disse Boina de Tricô.

— Talvez um bando grande de raposas — disse Forcado, duvidando —, se é que a ilha tem tantas raposas assim .

— Eu ainda acho que os cortes são lim pos dem ais — disse o que segurava Verm e. — Só podem ter sido feitos com um a faca.

— Não pode ser — retrucou m eu pai.

— Então venha ver com seus próprios olhos — disse Boina de Tricô.

Enquanto a multidão com eleava a se dispersar, seguim os fazendeiros em um pequeno grupo à cena do crime e, subindo um a ladeira até um terreno próximo, onde havia um pequeno barraco com arrom e um curral retangular nos fundos. Hesitantes, aproximaram-se os do curral e espiam os pelos vãos da cerca.

A violência lá dentro era quase caricata, com o a obra de algum impulsionista louco que só pintasse com vermelho. A grama pisoteada estava banhada em sangue, bem com os cochos do curral e os próprios corpos brancos e rígidos das ovelhas, jogados pelo chão em posições de agonia submissa. Um a tentara subir pela cerca e ficara com as pernas finas presas em seus vãos. Estava à minha frente em posição estranha, com o ventre aberto do pescoço até as pernas, com o se tivessem sim pressionado aberto seu zíper.

Tive de desviar o olhar. Outros vieram uraram e sacudiram a cabeça, e alguém soltou um assobio baixo. Vermelha e gaguejou e com eleou a chorar, o que foi visto com admisão tácita de culpa: o crime inoso que não conseguia encarar o próprio crime. Ele foi levado para ser trancafiado no museu de Martin, no lugar que costumava ser a sacristia e agora funcionava com o a cela provisória da ilha, até que pudesse ser enviado para a delegacia de polícia no continente.

Deixaram o fazendeiro pensativo, olhando para suas ovelhas mortas, e voltam os para a cidade, caminhando com dificuldade por colinas encharcadas sob uma noite cor de granito. De volta ao quarto, eu sabia que era a hora de o pai severo falar, por isso fiz o possível para desarmá-lo antes que ele pudesse com elevar a pegar pesado comigo.

— Menti para você, pai. Me desculpe.

— É? — disse ele com sarcasmo, enquanto trocava o suéter pelo olhado por outro seco. — Dessa vez você se superou. Diga de que me entira estavam falando.

Eu não consigo acomodar todas.

— Sobre encontrar amigos. Não há mais nenhum garoto na ilha. Inventei isso porque não queria que você se preocupasse quando eu fosse lá sozinho.

— Ora, eu me preocupo até quando o médico diz para eu não me preocupar.

— Eu sei que se preocupa.

— E sobre esses amigos imaginários? Doutor Golan sabe disso?

Sacudi a cabeça.

— Isso também bem foi me entira. Eu só queria que aqueles caras saíssem de cima de mim.

Meu pai cruzou os braços, sem saber no que acreditar.

— É mesmo?

— Melhor que eles acreditassesem que sou um pouco excêntrico do que um assassino de ovelhas, não é?

Eu me sentei à mesainha. Meu pai ficou me olhando por um bom tempo. Eu não estava certo se ele confiava em mim ou não, mas então ele foi até a pia e jogou água no rosto; quando terminei de se secar e se virou outra vez, parecia ter resolvido que seria muito menos comido confiar em mim.

— Tem certeza de que não precisam os ligar de novo para doutor Golan?

— Só se você quiser. Eu estou bem.

— Era exatamente por isso que eu não queria você por aí com esses *rappers*

— disse ele. Precisava se aproximar de algo paternal o suficiente para que aquilo contasse com o um a conversa séria.

— Você tinha razão sobre eles, pai — concordei. Mas por dentro eu não conseguia acreditar que algum deles fosse capaz daquilo. Vermelha e Dylan falavam demais, mas era só isso.

Meu pai se sentou à m inha frente. Ele parecia cansado.

— Eu ainda gostaria de saber com o alguém consegue se queim ar de sol num dia com o este.

Claro. O bronzeado.

— Acho que m inha pele é m uito sensível — falei.

— É? — disse ele secam ente. — Se é você quem diz...

Ele tinha term inado. Fui tom ar um banho e pensei em Em m a. Então escovei os dentes e pensei em Em m a e lavei o rosto e pensei em Em m a. Depois disso fui para o quarto e peguei do bolso a m açã que ela m e dera e a coloquei sobre a m esinha de cabeceira. Com o para m e assegurar de que ela ainda existia, peguei o celular e com ecei a olhar as fotos tiradas naquela tarde. Ainda as olhava quando ouvi m eu pai se deitar no quarto ao lado; continuei olhando quando os geradores se desligaram e m eu abaj ur se apagou, e tam bém quando j á não havia m ais luz em lugar nenhum além do rosto dela naquela telinha. Fiquei ali no escuro, sem conseguir parar de olhar.

CAPÍTULO OITO

N a tentativa de evitar um novo sermão, eu me levantei cedo e saí antes que m eu pai acordasse. Deixei um bilhete em baixo de sua porta e então fui pegar a m açã de Em m a para com er no cam inho, m as ela não estava na m esa de cabeceira onde eu a deixara. Um a busca cuidadosa pelo chão revelou um a grossa cam ada de poeira e um a coisa dura e ressecada que parecia esterco, do tam anho de um a bola de golfe. Estava com eçando a m e perguntar se alguém tinha roubado m inha m açã, quando m e dei conta de que aquele pedaço de esterco *era* a m açã, e que em algum m om ento durante a noite ela tinha se estragado m uito, apodrecendo com o nunca vi um pedaço de fruta apodrecer.

Parecia que tinha passado um ano trancada num desidratador de alim entos.

Tentei pegá-las, e ela se desfez em pedaços na m inha m ão com o um torrão de terra seca.

Intrigado e com o estômago roncando, joguei fora o que restara dela e deixei para trás a chuva que caía em troca do confiável sol da fenda. Dessa vez, porém, não havia garotas bonitas à minha espera do outro lado do *cairn* — nem qualquer outra pessoa, para dizer a verdade. Tentei não ficar muito desapontado, mas estava, um pouco.

Quando cheguei à casa, imediatamente comecei a procurar por Emma, mas a sra. Peregrine me interceptou antes que eu passasse pelo saguão de entrada.

— Um a palavra com você, senhor Portman — disse ela, e me conduziu para a privacidade de sua cozinha, ainda imregnada dos cheiros deliciosos do café da manhã que eu tinha perdido. Eu me senti com o se tivesse sido chamado ao gabinete do diretor.

A sra. Peregrine se acomodou contra o fogão gigante, um equipamento idílico que podia muito facilmente ter cem anos, quando a fenda no topo ainda era nova.

— Está gostando dessa tem porada aqui conosco? — ela perguntou.

Respondi que estava, muito. Meu estômago roncou.

— Que bom — retrucou ela, e então seu sorriso desapareceu. — Soube que passou uma tarde agradável com alguns de meus tutelados ontem. E quem também tiveram uma conversa bem interessante.

— Foi ótimo — disse eu. — Eles são todos muito simáticos. — Tentava me anter a leveza daquela conversa, mas sabia que ela estava me preparando alguma coisa.

— Diga-me, com o descreveria a natureza de sua conversa?

Tentei me lembrar.

— Não sei... conversam os sobre várias coisas. Com o as coisas são aqui.

Com elas são de onde eu venho.

— De onde você vem .

— Isso.

— E você acha inteligente discutir eventos do futuro com crianças do passado?

— Crianças? É isso mesmo o que a senhora pensa deles? — Eu me arrependi de dizer isso antes mesmo de termos a chance de pronunciar as palavras.

— É com os eles também veem a *si mesmos* — disse ela com irritação. —

Do que mais você poderia chamar os?

Levando em conta seu humor, essa não era uma sutileza que eu estava preparado para discutir.

— Crianças, acho...

— Isso mesmo. Agora, com o que eu dizia — prosseguiu ela, enfatizando as palavras com pancadas dadas com a lateral da mão no fogão —, você acha inteligente discutir o futuro com crianças do passado?

Decidi me fazer de bobo.

— Não?

— Ah, mas parece que acha, sim ! Sei disso porque ontem à noite, no jantar, Hugh nos presenteou com um relato fantástico sobre as maravilhas das tecnologias de telecomunicações do século XXI. — A voz dela estava impregnada de sarcasmo. — Você sabia que quando envia uma carta no século XXI ela pode ser recebida quase instantaneamente?

— Acho que a senhora está falando sobre *e-mails*.

— Bem, Hugh sabia *tudo* sobre isso.

— Não entendo. Isso é um problema? — perguntei.

Ela se em pertigou, afastou-se do fogão e deu um passo claudicante em m inha direção. Apesar de ser uns bons trinta centímetros mais baixa que eu, ainda assim ela conseguia ser intimidadora.

— Com o um a *ympbryne*, é m eu dever, sob juramento, m anter essas crianças em segurança — com eçou ela. — E acima de tudo isso significa m antê-las *aqui*, dentro da fenda, nesta ilha.

— Está bem .

— Elas nunca poderão fazer parte de seu mundo, senhor Portman, então de que adianta encher a cabeça delas com grandes discursos sobre as m aravilhas exóticas do futuro? Agora m etade das crianças está im plorando por um a viagem de avião aos Estados Unidos, e a outra m etade sonhando com o dia em que poderão ter um com putador-telefone pessoal, com o o seu.

— Desculpe-m e. Eu não tinha ideia...

— Este é o lar delas. Tento fazer daqui o m elhor lugar que posso. Mas a verdade nua e crua é que elas não podem sair, e eu agradeceria se você não as deixasse com vontade de fazer isso.

— Mas por que elas não podem ? — perguntei.

Ela m e olhou por um instante com os olhos apertados, então sacudiu a cabeça.

— Perdoe-m e. Continuo a subestimar o tamanho de sua ignorância. — A srta. Peregrine, que parecia ser essencialmente incapaz de qualquer instante de ócio, pegou um a frigideira de cima do fogão e com eçou a esfregá-la com um a escova de aço. Eu m e perguntei se ela estava ignorando m inha pergunta ou sim plismente estudando com o sim plificar a resposta.

Quando a frigideira já estava limpa, ela a colocou de volta sobre o fogão e disse:

— Elas não podem permanecer no seu mundo, senhor Portman, porque em pouco tempo iriam envelhecer e m orrer.

— O que quer dizer com m orrer?

— Não sei com o eu poderia ser m ais direta. Eles m orrem , Jacob —

respondeu de m odo direto, com o se deseja superar esse assunto o m ais rapidamente possível. — Você pode achar que encontram os um a forma de enganar a m orte, m as é um a ilusão. Se as crianças ficarem por tem po dem ais do seu lado da fenda, todos os m uitos anos dos quais se abstiveram cairão de um a vez sobre elas, em questão de horas.

Com ecei a im aginar um a pessoa se encolhendo e se desfazendo em poeira.

— Isso é horrível — falei, com um tremor.

— As poucas ocasiões em que tive o desprazer de testemunhar algo assim estão entre as piores m em órias da m inha vida. E posso garantir a você que j á vivi tem po bastante para ver coisas realmente horrorosas.

— Então j á aconteceu antes.

— A um a m oça sob m eus cuidados, infelizm ente, m uitos anos atrás. O nom e dela era Charlotte. Foi a prim eira e últim a vez que fiz um a viagem para visitar um a de m inhas irm ãs *ymbrynes*. Nesse breve período, Charlotte conseguiu escapar das crianças m ais velhas que cuidavam dela e saiu da fenda. Foi em 1985, 1986, eu acho. Charlotte estava vagando sozinha pelo vilarej o quando foi descoberta por um policial. Quando ela não soube explicar quem era ou de onde tinha vindo — pelo m enos não de form a que o satisfizesse —, a coitada da m enina foi m andada para o j uizado de m enores no continente. Dem orei dois dias para encontrá-la e, quando isso aconteceu, ela tinha envelhecido 35 anos.

— Acho que vi um a foto dela. Um a m ulher adulta em roupas de criança — disse eu.

A srta. Peregrine assentiu com ar severo e preocupado.

— Ela nunca m ais foi a m esm a depois disso. Ficou ruim da cabeça.

— O que aconteceu com ela?

— Atualm ente ela vive com a senhorita Nightj ar. A senhorita Nightj ar e a senhorita Thrush cuidam de todos os casos difíceis.

— Mas as crianças não estão confinadas na ilha, não é? — perguntei. —

Elas não poderiam deixá-la *agora*, ainda em 1940?

— Sim , e com eçar a envelhecer de novo, com o pessoas norm ais. Mas com que obj etivo? Serem pegas no m eio de um a guerra feroz? Encontrar pessoas que as tem em e não as com preendem ? E há outros perigos tam bém . Por isso é m elhor ficarem aqui.



— Que outros perigos?

O rosto dela se fechou, com o se estivesse arrependida de ter levantado o assunto.

— Nada com que você deva se preocupar — disse a srta. Peregrine. —

Pelo m enos, não agora.

Com isso ela m e enxotou da casa. Perguntei outra vez o que ela queria dizer com “outros perigos”, m as ela fechou a porta de tela na m inha cara.

— Aproveite a m anhã! — exclam ou, forçando um sorriso. — Vá procurar a senhorita Bloom . Tenho certeza de que ela está louca para vê-lo.

Cam inhei até o jardim m e perguntando com o fazer para tirar da cabeça a im agem daquela m açã ressecada. Mas em pouco tem po consegui. Não a esqueci, ela só parou de m e incomodar. Foi algo bem estranho.

Retom ando m inha m issão original de encontrar Em m a, soube por m eio de Hugh que ela tinha ido fazer com pras no vilarejo, então m e sentei à sombra de um a árvore para esperá-la. Em m enos de cinco m inutos estava quase dormindo sobre a grama, sorrindo com o um idiota, perguntando-m e com serenidade qual poderia ser o cardápio do almoco. Era com o se estar ali tivesse algum a espécie de efeito narcótico sobre m im ; com o se a própria fenda fosse a droga — ao m esm o tem po um estimulante e um sedativo —, e, se eu ficasse lá tem po demais, nunca m ais ia querer sair.

Se isso fosse verdade, porém , podia explicar m uitas coisas, com o por que as pessoas podiam ficar ali por décadas sem enlouquecer. Sim , o lugar era belo e a vida, boa, m as, se todos os dias eram exatamente iguais, e se as crianças não podiam partir, com o dissera a srta. Peregrine, aquele lugar não era apenas um paraíso, e sim um a espécie de prisão. Era tão agradável m ente hipnotizante que podia levar anos para um a pessoa perceber, e então seria tarde demais: sair dali seria m uito perigoso.

Por isso, na verdade, não chega a haver possibilidade de um a decisão. Você fica. Só m ais tarde — anos e anos m ais tarde — você com eça a se perguntar o que teria acontecido se tivesse feito o contrário.

Devo ter cochilado, porque acordei no m eio da m anhã com alguém cutucando m eu pé. Entreabri um olho para descobrir um soldadinho

tentando se esconder dentro de m eu sapato, m as ele se prendeu nos cadarços. Tinha as pernas juntas e rígidas, e era m eio estranho, com uns vinte centímetros de altura e usando trajes militares. Observei-o tentar se livrar por um instante e depois ficar rígido — um brinquedo mecânico cuja corda termínara.

Desam arrei o sapato para soltar o soldado, então o virei de costas em busca da chave para lhe dar corda outra vez. Não encontrei nenhum a. Olhando de

perto, era algo estranho, de aspecto tosco, que tinha um a bola de barro com o cabeça e um a m arca de dedo para assinalar sua face.

— Traga-o aqui! — Ouvi alguém gritar do outro lado do jardim. Havia um garoto sentado sobre um toco de árvore, à beira da floresta, acenando para mim.

Sem qualquer outro com prom isso importante, peguei o soldado de barro e saí andando. Havia outros dispostos em torno do garoto — toda um a coleção de soldadinhos de corda, caminhando de um lado para o outro, com os robôs defeituosos. Quando me aproximei, o que estava em minha mão com eçou a se contorcer, quase com o se tentasse escapar. A corda dele não tinha acabado, afinal de contas. Coloquei-o junto dos outros e limpei a sujeira de barro das minhas calças.

— Eu sou Enoch — disse o garoto. — Você deve ser “ele”.

— Acho que sou — respondi.

— Desculpe se ele o perturbou — Enoch disse, conduzindo o soldado que eu devolvera até os outros. — Sabe, eles têm ideias próprias. Ainda não estão bem treinados. Eu só os fiz na mesma passada. — Ele falava com um leve sotaque londrino. Círculos negros cadavéricos circundavam seus olhos com os de um guaxinim, e seu m acacão, o m esm o que usava nas fotos que eu via, com o um uniforme que nunca tirasse, tinha m arcas de lama e terra. Não fosse seu rosto rechonchudo, ele poderia ser um lindão de charme inesquecível de *Oliver Twist*, mas nenhum a dessas crianças já amavais precisava imparar por seu minguau ou por um a segunda porção de nada.

— Você que os fez? — perguntei, impressionado. — Com o?

— São *homunculi* — respondeu. — Às vezes ponho cabeças de bonecas neles, mas dessa vez estava com pressa e não me dei ao trabalho.

— O que é um *homunculi*?

— Mais de um *homunculus* — respondeu, com o se fosse algo que qualquer imbecil soubesse. — Algumas pessoas acham que o certo é homúnculos, mas acho que isso soa bem idiota, não acha?

— Com certeza.

O homem de barro que eu devolvera a ele saiu andando outra vez, então Enoch o jogou de qualquer jeito junto com os outros. Eles pareciam totalmente confusos, batendo uns nos outros com o se estivessem muito nervosos.

— Lutem, seus frescos! — ele ordenou aos homens de barro errantes, e nesse momento eu me dei conta de que os outros não estavam apenas se esbarrando, mas se socando e se chutando. O homem de barro que tinha fugido, porém, não estava interessado em lutar e, quando ele começou a se afastar outra vez, Enoch o agarrou e arrancou suas pernas.

— É isso o que acontece com desertores do meu exército! — gritou, e jogou o aleijado na grama, onde ficou se contorcendo de modo grotesco enquanto os outros caíam sobre ele.

— Você trata todos os seus brinquedos assim?

— Por quê? Está com pena deles?

— Não sei. Devia estar?

— Não. Eles não estariam vivos se não fosse por mim.

Ri, e Enoch me olhou com expressão séria.

— Qual é a graça?

— Você fez um a piada.

— Você é m eio estúpido, hein? Vej a aqui. — Ele pegou um dos soldados e tirou suas roupas, então o quebrou ao m eio e rem oveu do interior pegajoso de seu peito um coraçãozinho pulsante. O soldado ficou im ediatamente im óvel. Enoch segurou o coração entre o polegar e o indicador para que eu o visse.

— É de um rato — explicou. — É isso o que posso fazer: tomar a vida de um a coisa e dá-la a outra, m esm o que seja de barro com o esta, ou que já tenha estado viva m as não esteja m ais. — Ele guardou o coração gosm ento no m acacão. — Em breve, quando eu descobrir um m odo de treiná-los adequadamente, farei um exército inteiro deles. Só que serão enormes. —

Levantou o braço acima da cabeça para m e m ostrar o tamанho. — O que você sabe fazer? — perguntou ele.



— Eu? Nada. Quero dizer, nada especial com o você.

— É um a pena — respondeu. — Mas você vem m orar com a gente m esm o assim ? — Ele não disse isso com o se desej asse m esm o que eu o fizesse. Só parecia curioso.

— Não sei — respondi. — Não pensei nisso. — Era m entira, claro, eu pensava nisso, m as m ais com o num a espécie de sonho acordado.

Ele m e olhou desconfiado.

— Mas você não *quer*?

— Ainda não sei.

Ele apertou os olhos sem parar de m e encarar e com eçou a balançar lentamente a cabeça, com o se tivesse acabado de m e entender. Então se inclinou para perto de m im e disse em voz baixa:

— Em m a contou a você sobre o Ataque ao Vilarej o, não contou?

— Ataque ao quê?

Ele desviou o olhar.

— Ah, não é nada, só um a brincadeira que alguns de nós fazem os.

Tive a clara sensação de que estavam m e aprontando algum a.

— Ela não m e contou — disse eu.

Enoch veio apressado até o tronco de árvore cortado onde eu estava.

— Aposto que não. Tem *muitas* coisas neste lugar que ela não gostaria que você soubesse.

— Ah, é? Por quê?

— Porque aí você veria que não é tão bom quanto todo m undo quer que você pense que é e não ficaria aqui.

— Que tipo de coisas? — perguntei.

— Não posso contar — respondeu, lançando-m e um sorriso diabólico. — Eu teria sérios problem as.

— Deixa pra lá — retruquei. — Foi você que tocou no assunto.

Eu m e levantei para ir em bora.

— Espere! — exclam ou, segurando a m anga da m inha cam isa.

— Por que esperar se você não vai m e contar nada?

Ele esfregou o queixo, avaliando a situação.

— É verdade, não tenho perm issão de *dizer* nada... m as acho que não posso im pedi-lo de ir lá em cim a e dar um a olhada no quarto no fim do corredor.

— Por quê? O que tem lá? — perguntei.

— Meu am igo Victor — respondeu. — Ele quer conhecer você. Vá lá em cim a conversar com ele.

— Está bem , eu vou.

Saí andando na direção da casa, então ouvi o assobio de Enoch. Ele im itou o gesto de tatear a parte de cim a de um a porta com a m ão. *A chave*, disse com os lábios, sem em itir nenhum som .

— Para que preciso de chave se tem alguém lá dentro?

Ele se virou, fingindo não ter ouvido.

Entrei na casa, fui até as escadas e subi ao andar de cim a com o se tivesse algo im portante a fazer ali e não m e im portasse em ser visto. Cheguei ao segundo andar despercebido, então andei em silêncio até o quarto no fim do corredor e tentei abrir a porta. Estava fechada. Bati, m as ninguém respondeu. Olhando para trás, por cim a do om bro, para m e assegurar de

que ninguém me observava, corri até pelo alto do portal e, claro, encontrei uma chave.

Destranquei a porta e entrei. Era igual aos outros quartos da casa — tinha um armário, uma guarda-roupa, um vaso de flores e uma mesa de cabeceira. O

sol do fim da manhã entrava através de cortinas fechadas cor de mostarda, lançando uma luz amarela por toda parte, de modo que todo o quarto parecia envolto em âmbar. Só depois de ver tudo isso percebi o jovem deitado na cama, de olhos fechados e boca entreaberta, sem ioculto atrás de uma cortina de renda.

Fiquei imóvel, com medo de acordá-lo. Reconheci-o do álbum da sra.

Peregrine — apesar de não tê-lo visto nas refeições e de não termos sido apresentados —, e na foto ele estava dormindo na cama, do mesmo modo que naquele momento. Será que ele estava ali em quarentena, contagiado por alguma doença do sono? Será que Enoch queria que eu pegasse a doença também?

— Oi? — sussurrei. — Está acordado?

Ele não se moveu. Levei a mão à seu braço e o sacudi levemente. Sua cabeça rolou para o lado.

Então algo terrível me ocorreu, e para testar minha teoria levei a mão aberta até sua boca. Não conseguia sentir sua respiração. Meu dedo roçou em seus lábios, que estavam frios como o gelo. Afastei a mão assustado.

Depois ouvi passos e me virei para ver Bronwynd à porta.

— Você não devia estar aqui! — disse em voz baixa.

— Ele está morto — falei, ainda em choque.

Os olhos de Bronwynd foram até o rapaz, e o rosto dela ficou tenso.

— Esse é Victor — disse ela.

De repente m e lem brei onde tinha visto aquele rosto antes. Ele era o garoto que levantava um a rocha nas fotos de m eu avô. Victor era irmão de Bronwy n.

Não era possível dizer há quanto tem po estava m orto. Enquanto a fenda estivesse aberta, podiam ser cinquenta anos e parecer apenas um dia.

— O que aconteceu a ele? — perguntei.

— Talvez eu acorde o velho Victor — disse um a voz às nossas costas. — E você m esm o pode perguntar a ele. — Era Enoch. Ele entrou atrás de Bronwy n e fechou a porta.

Bronwy n olhou para ele através de um a torrente de lágrim as.

— Você o faria despertar? Ah, *por favor*, Enoch!

— Mas eu não devia — respondeu ele. — No m om ento, estou com poucos corações; são necessários m uitos deles para levantar um ser hum ano, m esm o que por apenas um m inuto.

Bronwy n cam inhou até o garoto m orto e com eçou a acariciar seus cabelos com os dedos.

— Por favor — im plorou ela. — Faz m uito *tempo* que não falo com Victor.

— Bem , tenho alguns corações de vaca guardados em conserva, em vidros no porão — disse ele, fingindo pensar seriam ente na possibilidade. — Mas *odeio* usar ingredientes inferiores. Os frescos são sem pre m elhores!

Bronwy n com eçou a chorar. Um a de suas lágrim as caiu sobre o paletó do garoto e ela se apressou a lim pá-la com sua m anga.

— Não precisa chorar desse j eito — disse Enoch. — Você sabe que não suporto isso. De qualquer m odo, acordar Victor é um a crueldade, ele gosta do lugar onde está.



— E onde é isso? — perguntei.

— Quem sabe? Mas, sem pre que o despertam os para bater um papo, ele parece m uito apressado para voltar.

— Crueldade é você brincar com ela desse jeito e me enganar — disse eu.

— E, se Victor está morto, por que sim plesmente não o enterram?

Bronwy n me lançou um olhar de com pleto desprezo.

— Porque assim não poderiam os vê-lo nunca mais — disse ela.

— Isso é um problem a, me eu chapa — disse Enoch, fingindo um a expressão derrotada. — Só falei para subir até aqui porque queria que você

soubesse de todos os fatos. Estou do seu lado.

— É? Então quais são os fatos? Com o Victor m orreu?

Bronwy n ergueu os olhos.

— Ele foi m orto por um ... *aííííí!* — gritou ela ao receber um beliscão de Enoch no braço.

— Quieta! — exclam ou ele. — Você não deve contar!

— Isso é ridículo! — bradei. — Se nenhum de vocês vai m e contar, vou perguntar à senhorita Peregrine.

Enoch rapidam ente se aproxim ou de m im com os olhos arregalados.

— Ah, não, você não pode fazer isso.

— É? Por que não?

— A Ave não gosta que falem os sobre Victor — respondeu ele. — É por isso que ela veste preto o tem po todo, sabia? Enfim , ela não pode saber que estivem os aqui. Ela vai nos pendurar pelo dedinho do pé!

Com o se fosse um a deixa, ouvim os o som inconfundível da srt. Peregrine subindo as escadas. Bronwy n ficou branca e saiu correndo pela porta, m as, antes que Enoch conseguisse escapar, bloqueei seu cam inho.

— Saia da frente! — rosnou ele.

— Me conte o que aconteceu com Victor!

— *Não posso!*

— Então m e conte sobre o Ataque ao Vilarej o.

— Tam bém não posso falar sobre isso! — Ele m e em purrou para tentar passar, m as, quando percebeu que não ia conseguir, desistiu. — Está bem . Feche a porta que eu conto baixinho para você.

Fechei a porta no m om ento em que a srta. Peregrine chegou ao segundo andar. Ficam os parados em silêncio com os ouvidos encostados na porta por um m om ento, tentando escutar algum sinal de que tinham os sido apanhados. Os passos da diretora vieram em direção a nós e depois pararam . Um a porta abriu e depois fechou.

— Ela foi para o quarto — Enoch sussurrou.

— Certo — disse eu. — O Ataque ao Vilarej o.

Ele parecia arrependido de ter levantado o assunto, m as m e conduziu para longe da porta. Eu o segui, agachado, para que ele pudesse sussurrar em m eu ouvido.

— Com o eu disse, é um a brincadeira nossa. Funciona exatam ente com o diz o nom e.

— Você quer dizer *atacar* o vilarej o de verdade?

— Quebrar tudo, perseguir gente, pegar o que der vontade, incendiar as coisas. É um a grande diversão.

— Mas isso é terrível!

— Tem os de praticar nossas habilidades de algum a form a, não é? No caso de um dia precisarm os nos defender. De outro m odo, ficariam os m uito enferruj ados. Além do m ais, há regras. Não podem os m atar ninguém . Só assustá-los um pouco, sabe? E se alguém se m achucar, bem , estará novinho em folha no dia seguinte e não vai se lem brar de nada.

— Em m a tam bém participa?

— Não. Ela é com o você. Diz que é *maldade*.

— E é m esm o.

Ele revirou os olhos.

— Vocês dois se m ercem .

— O que quer dizer com *isso*?

Ele se levantou, em todo o seu um metro e sessenta, e me teu um dedo no meu peito.

— Quero dizer que é melhor você não ficar com raiva e se meter a valentão *comigo*, parceiro, porque, se não atacássemos os oito aldito vilarejo de vez em quando, a maior parte desse grupo teria enlouquecido há muito tempo, inclusive sua amiguinha. — Ele caminhou para a porta, levou a mão à mão açaneta e virou-se para mim e encarar. — E, se você acha que *somos* malvados, espere só até conhecer os outros.

— Os outros *quem*? De quem diabos está falando?

Ele ergueu um dedo para que eu fizesse silêncio, depois saiu do quarto.

Fiquei sozinho de novo. Meus olhos foram atraídos para o garoto na cama. O

que aconteceu com você, Victor?

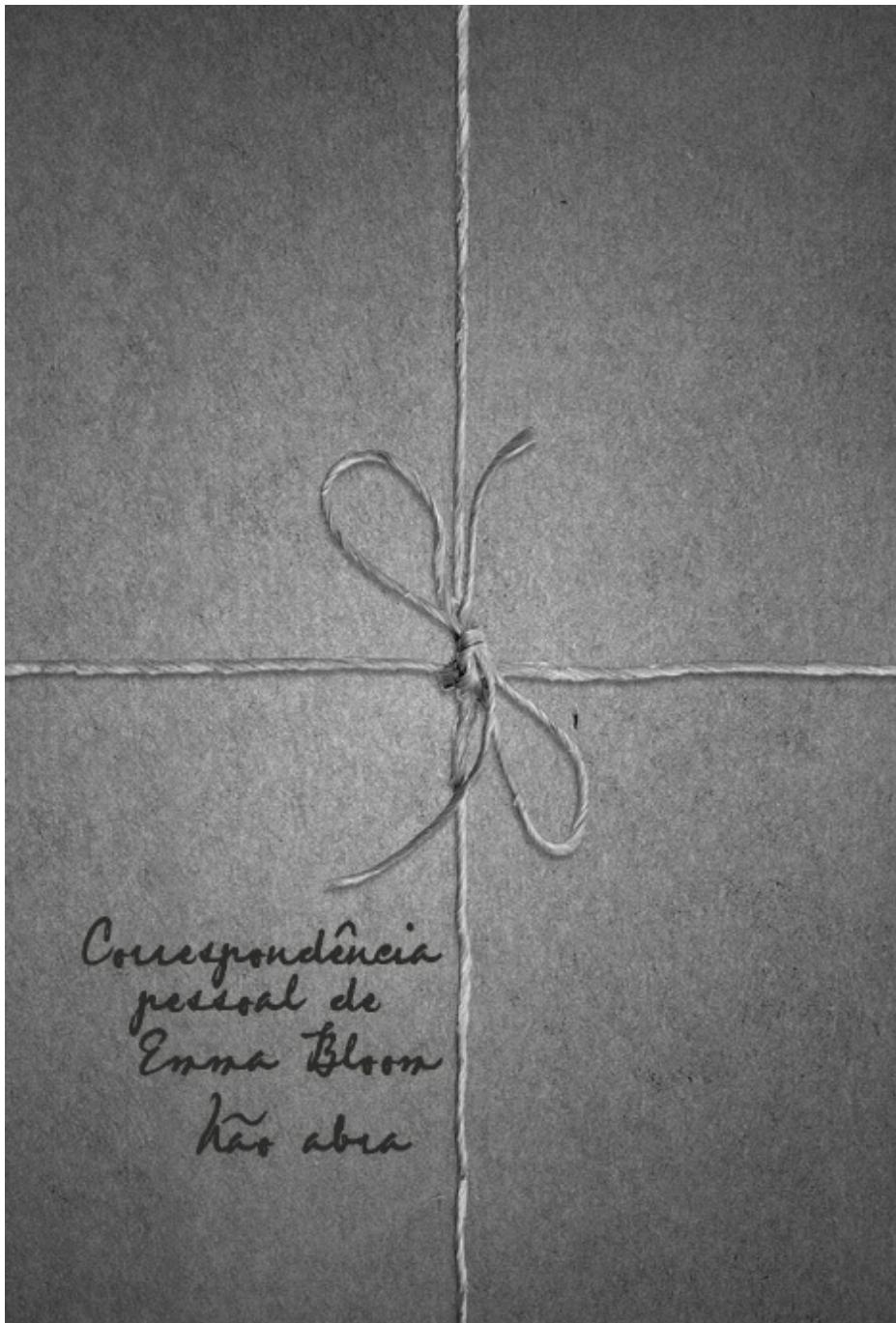
Talvez ele tenha enlouquecido e se matado, tenha ficado tão cheio dessa eternidade alegre mas sem futuro que tomou veneno de rato ou pulou de um despenhadeiro de paraquedas. Ou talvez tivessem sido eles, os outros “perigos”

mencionados de modo tão misterioso pela sra. Peregrine.

Sai do quarto e, no corredor, quando começava a me encaminhar para a escada, ouvi a voz da sra. Peregrine por trás de uma porta entreaberta. Entrei no quarto mais próximo e me escondi atrás da porta; cinco segundos depois ela passou me ancando por mim no corredor. Fiquei escondido até que ela terminasse de descer a escada. Enquanto estava ali agachado, meus olhos examinaram o quarto. Havia duas camas muito bem arrumadas encostadas à parede, uma em frente à outra. Ao pé de uma delas havia um par de botas de couro. Eu as reconheci imediatamente: eram de Emilia. Aquele era o quarto dela.

Eu me arrisquei e saí de onde estava para olhar melhor. Havia um arca com gavetas e um espelho grudados a uma parede, e uma escrivaninha com uma cadeira colada a outra. Era o quarto de uma garota organizada sem nada a esconder, ou pelo menos era o que parecia, até que encontrei uma caixa de sapatos dentro do armário. Ela estava amarrada com barbante e havia as

seguintes palavras escritas com giz de cera:



Sentei-me com a caixa no colo e desam arrei o barbante. Estava bem cheia, com cem ou mais cartas, e todas, todas elas do meu avô. Meu coração se acelerou. Era exatamente o tipo de mina de ouro que eu esperava encontrar na velha casa em ruínas. Eu me senti mal por estar bisbilhotando, mas, se as pessoas ali insistiam em esconder as coisas de mim, bem, eu precisava encontrar tudo por conta própria.

Queria ler todas, mas tinha medo de ser descoberto por alguém, por isso eu as folheei rapidamente para ter uma visão geral. Muitas cartas eram do início dos anos 1940, durante o período em que vovô Portman esteve no exército. Uma carta aleatória revelou que eram cartas longas e sentimentais, cheias de declarações de amor dele e estranhas descrições da beleza de Emilia no inglês capenga do meu avô na época. (“Você, bela com o flor, tem bom perfume e tanto bem; posso colhê-la?”) Em outra ele incluiu uma foto dele sentado com uma jovem sobre um bom banco, com um cigarro pendurado nos lábios.

Com o tempo, as cartas dele foram ficando mais curtas e menos frequentes.

Da década de 1950, havia mais ou menos uma por ano. A última era datada de abril de 1963 e não havia sequer uma carta no envelope, apenas algumas fotos.

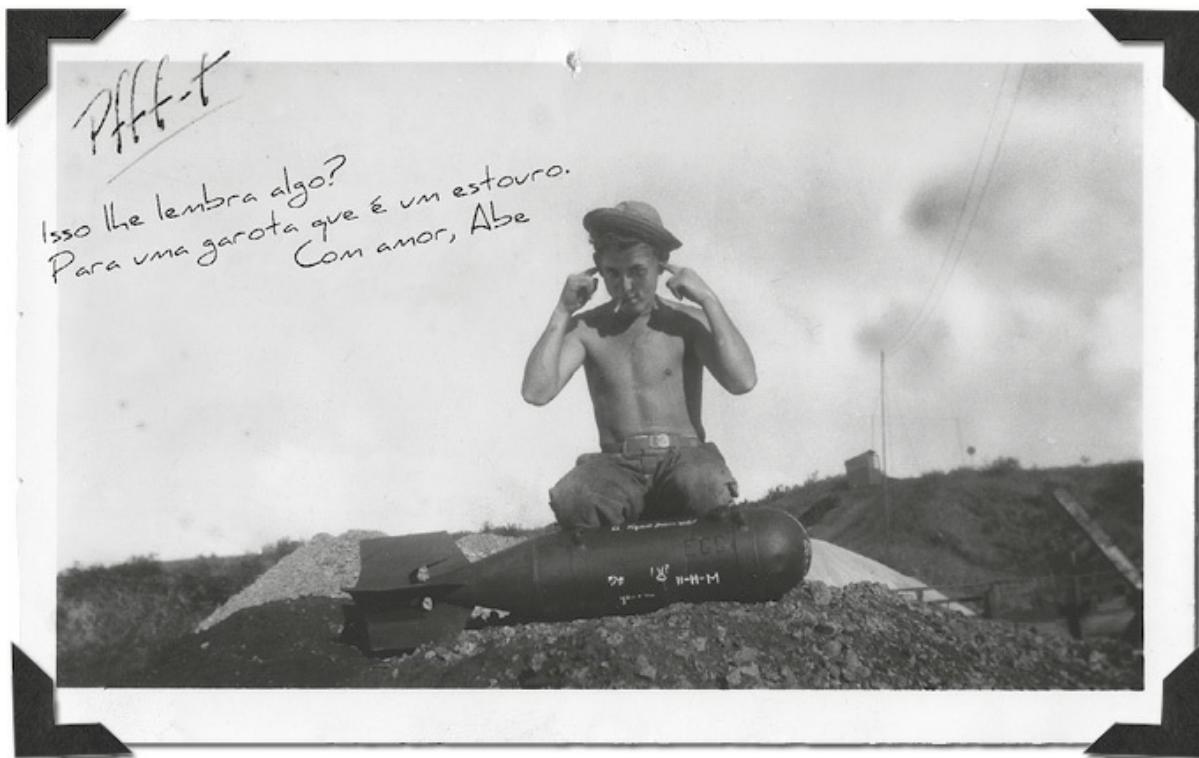
Duas eram de Emilia, fotos que ela mesma havia enviado a ele ao longo dos anos. Ele as tinha devolvido. A primeira era bem antiga, uma foto que fazia uma brincadeira com aquela que havia enviado, dela descascando batatas enquanto fingia fumar um dos cachimbos da sra. Peregrine. A segunda também era com pose, mas mais triste, e imaginei que ela havia enviado depois de meu avô passar muito tempo sem escrever. A última foto, na verdade a última coisa que ele enviou a ela, era de meu avô na meia-idade, com uma garotinha no colo.

Precisei olhar por um ou dois minutos para a última foto para perceber quem era a garotinha — minha tia Susie, talvez com quatro anos na época.

Depois disso, as cartas terminaram. Eu me perguntei por quanto tempo mais a coitada da Emilia havia continuado a escrever para meu avô sem receber resposta — e o que ele fizera com as cartas dela. Tinha jogado fora? Escondido em algum lugar, sem respondê-las? Sem dúvida havia sido uma das cartas —

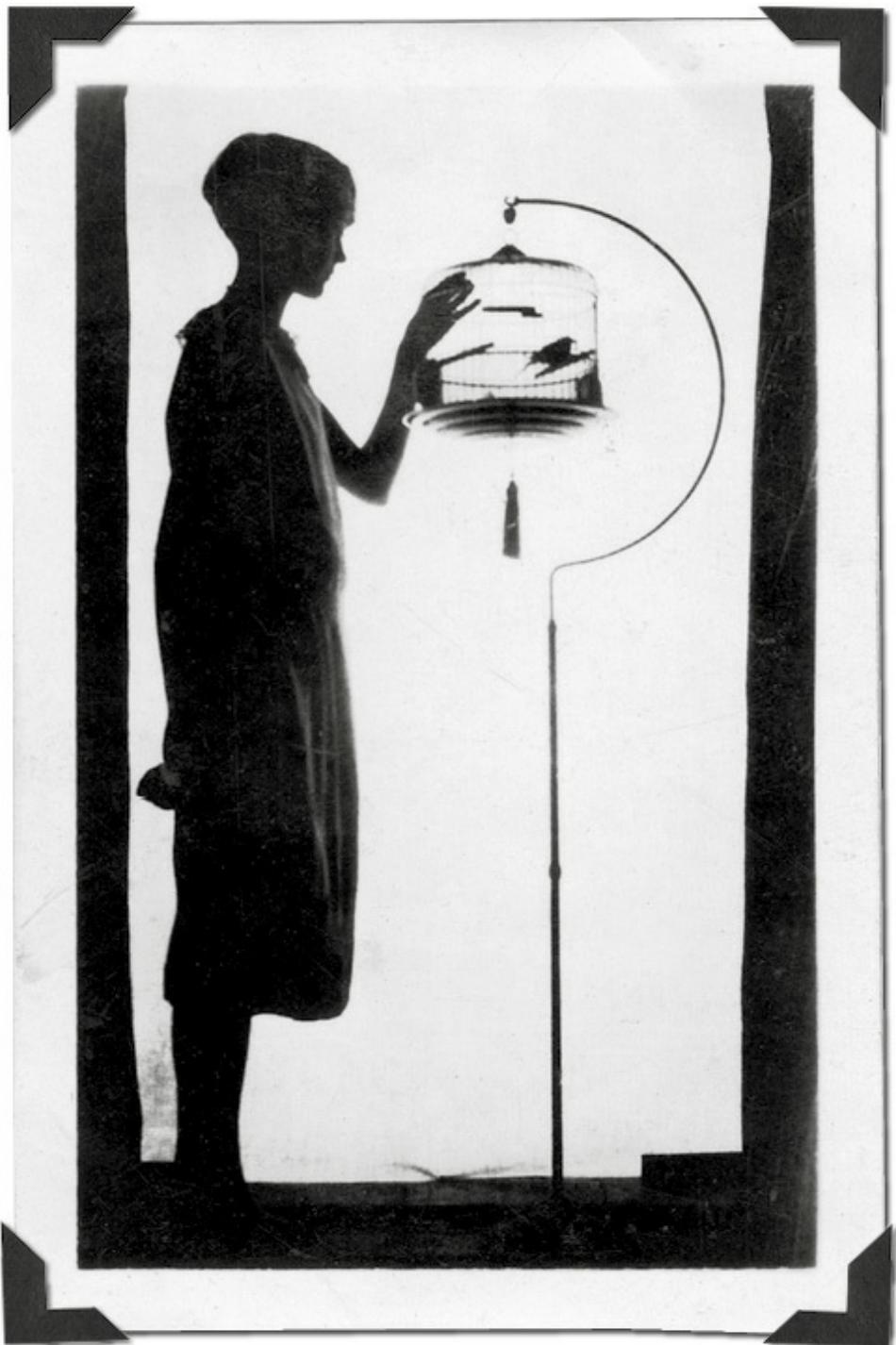
sentimentais, saudosas e transbordantes de um amor desesperado e carente

que m eu pai e m inha tia encontraram quando crianças, um a carta que os fizera achar que seu pai era m entiroso e adúltero. Com o estavam errados.





Descascando batatas e pensando em você. Volte logo para casa.
Com amor, sua batatinha





Sinto-me engaiolada sem você.
Não vai escrever mais? Fico tão
preocupada. Beijos, Emma



É por causa disso

Então escutei alguém pigarrear atrás de mim, olhei para trás e deparei com
Em mim a mão e olhando da porta. Tentei apressadamente arrumar as cartas,
com o rosto vermelho, mas era tarde demais: eu tinha sido pego.

— Desculpe. Eu não devia estar aqui.

— Eu sei muito bem disso — disse ela. — Mas, por favor, não quero de jeito
nenhum interromper sua leitura. — Ela caminhou com passos largos
até a cômoda, puxou uma gaveta e jogou no chão, fazendo um tremendo
barulho.

— Já que está aqui, por que não espia minhas calcinhas também?

— Sinto muito, mas esmoreci — repetiu. — Eu nunca faço coisas assim.

— Ah, isso não é surpresa. Você deve estar sempre ocupado demais
espiando pelas janelas das mulheres, imbecil!

Ela parou acima de mim, tremula de raiva, enquanto eu lutava para
colocar todas as cartas de volta naquela caixa atulhada.

— Isso tem um sistema, sabia? Me dê aqui, você está bagunçando tudo! —

Sentou-se e me afastou para o lado, então esvaziou a caixa no chão e começou
de novo, organizando as cartas em pilhas com a velocidade e a praticidade
de um funcionário dos correios. Achei melhor ficar com a boca fechada por
um tempo e observar docilmente enquanto ela trabalhava.

Depois de algum tempo, quando tinha se acalmado um pouco, ela disse:

— Você quer saber sobre Abe e mim, é isso? Você podia sim perguntar.

— Jamais quis me interrogar.

— Isso agora é um detalhe irrelevante, não?

— Acho que sim.

— Então, o que você quer saber?

Pensei no assunto. Não tinha muita certeza de por onde começar.

— Só... o que aconteceu?

— Está bem, vamos os deixar os detalhes para lá e ir direto ao ponto. Na verdade, é simples: ele foi embora. Disse que me amava e prometeu voltar um dia. Mas nunca voltou.

— Mas ele tinha de ir, não? Para lutar?

— *Tinha?* Não sei. Acho que tinha. Ele disse que não ia conseguir viver consigo mesmo se ficasse sentado durante a guerra enquanto seu povo era caçado e assassinado. Disse que era seu dever. Acho que o dever significava mais para ele do que eu. Mas mesmo assim eu esperei. Esperei preocupada durante toda aquela maldita guerra, imaginando que cada carta que chegava trazia a notícia de sua morte. Então, quando a guerra finalmente terminou, ele disse que não tinha com o regressar. Disse que enlouqueceria. Contou que tinha aprendido a se defender no exército e não precisava mais de um babá com o a Ave para cuidar dele, por isso ia para os Estados Unidos montar uma casa para a gente e depois mandaria me buscar. Então esperei mais. Esperei por tanto tempo que, se fosse realmente ficar com ele, eu teria quarenta anos de idade. E nessa época ele já estava casado com uma mulher, e isso, com o dizer por aí, foi o

fim.

— Sinto muito. Eu não fazia ideia.

— É uma história antiga. Já não ligo muito para ela.

— Você o culpa por ter ficado preso aqui?

Ela me lançou um olhar penetrante.

— Quem disse que estou presa? — Ela deu um suspiro. — Não. Na verdade, não. Só sinto falta dele, é tudo.

— Ainda?

— Todo dia.

Ela term inou de arrum ar as cartas.

— Pronto — disse ela, fechando a tam pa da caixa sobre a correspondência.

— Toda a história da m inha vida am orosa em um a caixa em poeirada dentro de um arm ário. — Ela respirou fundo, fechou os olhos e apertou a ponta do nariz, e por um instante eu quase consegui ver a m ulher velha escondida por trás de seus traços suaves. Meu avô tinha pisado em seu pobre coração com prom etido e a ferida ainda era recente, m esm o tantos anos depois.

Pensei em passar o braço em torno dela, m as algo m e deteve. Lá estava aquela garota bonita, divertida e fascinante — e, o m ilagre dos m ilagres m ais intrigantes, ela parecia m esm o *gostar* de m im —, m as agora eu tinha entendido que não era de m im que ela gostava. Estava desesperada e sofrendo de ciúm e de outra pessoa, de quem eu era um m ero e pálido substituto: m eu avô. Isso é o bastante para fazer um a pessoa recuar. Não im porta quanto estej a entusiasm ado.

Conheço caras que não gostam nem de sair com a ex de um *amigo*. Segundo esse padrão, sair com a ex de seu avô seria praticam ente incesto.

Quando percebi, a m ão de Em m a estava em m eu braço. Então ela pousou a cabeça em m eu om bro e senti seu queixo se aproxim ar lentam ente do m eu rosto.

Isso significava “beij e-m e” em linguagem corporal, se é que essa linguagem j á existiu. Em um m inuto nossos rostos estariam no m esm o nível e eu teria de escolher entre beij á-la ou afastá-la, ofendendo-a seriam ente neste últim o caso, algo que eu j á havia feito um a vez. Não é que eu não quisesse — m ais que tudo, eu queria, Deus é testem unha —, m as a ideia de beij á-la a m eio m etro de um a caixa com cartas de am or de m eu avô obsessivam ente preservadas fazia com que eu m e sentisse estranho e nervoso.

Seu rosto se encostou no m eu, e eu sabia que tinha de apertar o botão de em urgência. Era agora ou nunca. Resolvi dizer a prim eira coisa que m e veio à cabeça para quebrar o clim a.

— Tem algo rolando entre você e Enoch?

Ela se afastou no ato, olhando-m e com o se eu sugerisse que com êssem os filhotinhos de cachorro no j antar.

— O quê? Não! De onde você tirou um a ideia m aluca com o essa?

— Dele m esm o. Ele parece um pouco am argo quando fala de você, e eu tive a clara sensação de que ele não m e quer por aqui, com o se eu estivesse m e introm etendo na área dele ou algo assim .

Os olhos dela ficavam cada vez m ais arregalados.

— Antes de m ais nada, ele não tem área nenhum a na qual você possa se introm eter, isso eu garanto. Ele é um bobo, cium ento e m entiroso.

— É m esm o?

— É o quê?

— Mentirosa.

Ela apertou os olhos.

— Por quê? Com que tipo de besteira ele andou enchendo sua cabeça?

— Em m a, o que aconteceu com Victor?

Ela ficou pálida, sacudiu a cabeça e m urm urou:

— Garoto egoísta, desgraçado!

— Tem algum a coisa aqui que ninguém quer m e contar, e eu quero saber o que é.

— Eu não posso — disse ela.

— É só isso o que eu escuto! Não posso falar do futuro. Vocês não podem falar do passado. A senhorita Peregrine tem todos nós sob seu controle, e isso é ridículo. O últim o desejo de m eu avô foi que eu viesse aqui para descobrir a verdade. Será que isso não significa nada?

Ela segurou m inha m ão, levou-a até o colo e baixou o olhar para ela.

Parecia estar à procura das palavras certas.

— Você tem razão — disse finalmente. — Há um a coisa.

— Conte-m e.

— Aqui não — sussurrou ela. — Esta noite.

Com binam os de nos encontrar m ais tarde naquela noite, quando m eu pai e a srta. Peregrine estivessem dormindo. Em m a insistiu que era a única m aneira de aquilo acontecer, porque “as paredes têm ouvidos” e era im possível que os dois escapassesem juntos de dia sem levantar suspeitas. Para com pletar a ilusão de que não tinham os nada a esconder, passam os o resto da tarde no jardim , à vista de todos, e quando o sol com eçou a se pôr fui em bora sozinho na direção da charneca.

Era outra noite chuvosa no século XXI, e quando cheguei ao *pub* estava grato por entrar em um lugar seco. Encontrei m eu pai sozinho a um a m edante de um a cerveja, puxei um a cadeira e com ecei a contar histórias inventadas sobre m eu dia enquanto secava o rosto com guardanapos. (Com eçava a descobrir um a coisa sobre m entir: quanto m ais eu m entia, m ais fácil ficava.) Mas ele m al m e escutava.

— Hum — dizia. — Interessante. — E então seu olhar se perdia e ele tom ava outro gole da cerveja e suspirava am argurado.

— O que aconteceu com você? Ainda está com raiva de m im ? — perguntei.

— Não, nada disso. — Ele estava prestes a me explicar, mas mudou de assunto com um aceno de mão. — Ah, é bobagem.

— Pai, pode me contar.

— É só... esse cara que apareceu há uns dias. Outro observador de aves.

— Alguém que você conhece?

Ele sacudiu a cabeça.

— Nunca o vi antes. No início, achei que fosse apenas um amador apaixonado que fizesse isso por hobby, mas ele sempre retorna aos mesmos locais, às mesmas áreas de nidificação, sempre tomando anotações. Não há dúvida de que ele sabe o que está fazendo. E hoje eu o vi com um alçapão e um par de Predators, por isso sei que é profissional.

— Predators?

— Binóculos profissionais. E dos bons. — Ele tinha dobrado as bordas da bolacha de chope e as arrumou três vezes, num tique nervoso. — É só que eu achava que fosse o único a estudar essa população de aves, sabe? Queria muito que este livro fosse algo especial.

— E então esse babaca aparece.

— Jacob.

— Quero dizer, esse filho da puta do meu pai.

Ele riu.

— Obrigado, filho, já basta.

— Ele vai ser especial — falei.

Ele deu de om bros.

— Não sei. Espero que sim. — Mas ele não parecia muito seguro de si.

Eu sabia exatam ente o que estava prestes a acontecer. Era parte desse ciclo patético pelo qual m eu pai sem pre passava. Ele ficava com pletam ente apaixonado por um proj eto, falava sobre isso sem parar por m eses. Então, inevitavelm ente, algum pequeno problem a aparecia e j ogava areia em tudo, m as em vez de lidar com isso ele ficava com pletam ente devastado. Depois, a prim eira coisa que qualquer pessoa ouvia sobre o assunto era que o proj eto seria abandonado e que ele em barcaria em outro, e o ciclo recom eçava. Ele ficava desestim ulado com m uita facilidade. Era por isso que tinha um a dúzia de m anuscritos inacabados trancados em sua escrivaninha, e tam bém o m otivo de a loj a de pássaros que tentou abrir com tia Susie nunca ter tido para a frente, e tam bém por isso que era form ado em línguas asiáticas e nunca fora à Ásia. Ele tinha 46 anos e ainda tentava se encontrar; ainda tentava provar que não precisava do dinheiro da m inha m ãe.

Ele precisava de palavras de estím ulo que eu não m e sentia qualificado para lhe dizer. Em vez disso, tentei m udar de assunto.

— Onde esse introm etido está hospedado? — perguntei. — Achei que estavam os nos únicos quartos da cidade.

— Suponho que estej a acam pado — respondeu m eu pai.

— Com esse tem po?

— É um a espécie de ornitologia radical praticada por *nerds*. Quanto m ais difícil sua situação, m ais perto de seu obj eto de pesquisa você chega, física e psicologicam ente.

Ri e disse:

— Então por que *você* não está lá fora? — E im ediatam ente desejei não ter dito isso.

— Pelo m esm o m otivo que m eu livro provavelm ente não vai sair — disse ele de m odo m elancólico. — Sem pre há alguém m ais dedicado que eu.

Eu m e m exi na cadeira com desconforto.

— Eu não quis dizer isso. O que quis dizer foi que...

— Sshhh! — Meu pai se retesou inteiro e lançou um olhar furtivo para a porta. — Olhe rápido, mas não dê bandeira. Ele acabou de entrar.

Escondi o rosto com o cardápio e espiei por cima dele. Um sujeito de barba e aparência desmazelada estava parado à porta. De óculos escuros, ele usava chapéu para chuva e o que pareciam ser vários casacos sobrepostos, fazendo-o parecer como quem tem o tempo gordo e vagamente um andarilho.

— Adoro esse ar de Papai Noel sem-teto que ele tem — sussurrei para meu pai. — Não é fácil se vestir assim. Vai ser minha hora na próxima estação.

Ele me ignorou. O homem foi até o bar, e as conversas ao seu redor baixaram de tom um ou dois pontos. Kev perguntou o que ele desejava, o homem disse algo e Kev desapareceu na cozinha. Ele olhava direto para a frente enquanto esperava, e um minuto mais tarde Kev voltou e entregou a ele uma mala em balagem de viagem. Ele a pegou, jogou algumas notas no balcão e se dirigiu para a porta. Antes de sair, porém, virou-se lentamente para examinar o salão.

Então, depois de um longo instante, ele partiu.

— O que ele pediu? — gritou meu pai quando a porta se fechou.

— Uns bifes — respondeu Kev. — Disse que não se importava com eles estivessem, então ele os levou muito, muito malpassados. Sem reclamações.

As pessoas começaram a murmurar e a especular, e o volume das conversas começou a subir outra vez.

— Bife cru — disse eu para meu pai. — Você tem de reconhecer que, mesmo para um ornitólogo, isso é estranho.

— Talvez seja um desses adeptos de comidas cruas — retrucou meu pai.

— Pode ser. Ou talvez tenha cansado de se banquetejar com o sangue de ovelhas.

Meu pai revirou os olhos.

— É óbvio que o hom em tem um fogareiro de acam pam ento.

Provavelmente só prefere cozinhar ao ar livre.

— Em baixo de chuva? E, m esm o assim , por que você o está defendendo?

Achei que ele fosse seu arquirrival.

— Não espero que você entenda, m as seria m elhor se não zom basse de m im — disse ele. Depois se levantou e foi até o bar.

Algum as horas m ais tarde m eu pai subiu cam baleante as escadas, fedendo a álcool, e caiu na cam a. Ele apagou instantaneamente, em itindo roncos m onstruosos. Peguei um casaco e saí para m e encontrar com Em m a, sem ter de fazer isso escondido.

As ruas estavam desertas e tão silenciosas que era possível ouvir o sereno caindo. Nuvens se esticavam finas pelo céu, deixando passar luz da lua suficiente apenas para ilum inar m eu cam inho. Quando cheguei ao alto da colina, fui

tom ado por um a sensação estranha. Parei para olhar ao redor e vi um hom em m e observando do alto de um afloram ento rochoso ao longe. Suas m âos estavam sobre o rosto, e os cotovelos, abertos com o se estivesse observando através de binóculos, e a prim eira coisa que pensei foi *Droga, me pegaram!* , supondo que fosse um dos criadores de ovelhas em vigília noturna, brincando de detetive. Mas então por que ele não se aproximava para m e confrontar? Em vez disso, apenas ficou parado m e olhando enquanto eu tam bém o observava.

Finalmente cheguei à conclusão de que, *se fui pego, já era*, porque, se eu voltasse agora ou continuasse em frente, a história chegaria a m eu pai de qualquer jeito. Por isso ergui o braço, fiz um a saudação com o dedo m édio e desci, entrando no nevoeiro frio do outro lado do m orro.

Quando saí do *cairn*, parecia que as nuvens tinham sido arrancadas e a lua pulsava com o um a roda grande e reluzente, tão brilhante que eu quase tive

de sem icerrar os olhos. Alguns m inutos m ais tarde, Em m a chegou, cam inhando com dificuldade pela charneca, desculpando-se e falando a cem quilôm etros por hora.

— Desculpa pelo atraso. Levou horas para que todos fossem para a cam a!

Daí, quando eu estava de saída, esbarrei com Hugh e Fiona se beij ando no jardim , m as não se preocupe: eles prom eteram ficar quietos se eu tam bém não dissesse nada!

Ela j ogou os braços em torno do m eu pescoço.

— Senti sua falta — disse ela. — Desculpe por hoj e cedo.

— Eu tam bém — disse eu, dando tapinhas em suas costas sem m e sentir à vontade. — Bom ... vam os conversar.

Ela saiu andando.

— Aqui não. Há um lugar m elhor para ir. Um lugar especial — disse ela.

— Não sei...

Ela tom ou m inha m ão.

— Não fique assim . Você vai adorar, prom eto. E quando chegarm os lá vou lhe contar tudo.

Eu estava quase certo de que aquele era um plano nada sutil para que eu a beij asse, e se eu fosse um pouco m ais velho ou m ais sábio, ou um desses caras para quem ficar com as garotas fosse algo tão frequente que se tornava um ato inconsequente, poderia ter tido força em ocional suficiente para exigir que ela parasse com aquilo e m e contasse tudo ali m esm o e naquela hora. Mas eu não era nenhum a dessas coisas — e, além disso, havia o m odo com o m e olhava, toda sorrisos, e a form a com o um sim ples gesto recatado, com o aj eitar o cabelo, m e fazia desejar segui-la, aj udá-la, fazer qualquer coisa que ela pedisse —, e em pouquíssim o tem po estava irrem ediavelmente derrotado.

Eu vou, mas não vou beijá-la, disse para mim mesmo. Repeti isso com o um m antra enquanto ela me conduzia pela charneca pantanosa. A namorada do vovô, a namorada do vovô, não a beije!

Seguim os em direção à cidade, pegam os o rumo da praia rochosa que dava para o farol e descem os pela trilha íngrem e até a areia.

Ao chegar à beira da água, ela disse:

— Espere aqui. — E saiu correndo para buscar algo.

Fiquei parado observando o facho de luz do farol girar e passar por cima de tudo — um milhão de aves marinhas adormecidas nos penhascos cheios de buracos; rochas gigantescas expostas pela maré baixa, reluzindo com o óculos de olhados; um bote apodrecido se afundando na areia. Quando ela voltou, vestia sua roupa de baixo e segurava um par de máscaras de mergulho com *snorkel*.

— Ah, não — disse eu. — Sem chance.

— Você pode ficar só com a roupa de baixo — disse ela, olhando desconfiada para meus jeans e meu casaco. — Seu trajeto não é nada apropriado para nadar.

— É porque eu não vou nadar! Concordei em dar uma escapada para mim e encontrar com você no meio da noite, tudo bem, mas só para conversar, não para...

— Nós vamos conversar — insistiu ela.

— Em baixo d'água. E eu de cuecas.

Ela chutou areia em mim e com isso a se afastar, mas depois se virou.

— Não vou atacar você, se é isso o que o está deixando tão preocupado.

Não seja tão convencido.

— Não sou.

— Genial, então pare de enrolar e tire logo essas malditas calças! — Ela me atacou, me derrubou no chão e lutou para arrancar meu cinto com um das mãos enquanto esfregava areia na minha cara com a outra.

— Argh! — exclam ei, cuspido areia. — Você já oga sujo, você já oga sujo!

— Eu não tinha escolha além de devolver o favor com um punhado de areia tam bém , e em pouco tempo as coisas tomaram as proporções de um a guerra de areia descontrolada e sem limites. Quando terminei, nós dois estávamos os rindo e tentando sem sucesso tirar toda a areia dos cabelos.

— Bem , agora você precisa de um banho, então entre logo nessa droga de água, por favor.

— Certo, eu vou.

Caminhava dentro d'água para além das rochas com suas piscinas cheias de vida se movendo nos esconderijos rasos entre elas, e subim os em um a canoa que ela havia escondido num a pequena angra isolada. Em mim a me entregou um remo e me mandou remar, e seguimos rumo ao farol. A noite estava quente e o mar, calmo, e por alguns minutos eu me perdi completamente no ritmo agradável de nossos remos batendo na água e na brisa da noite. Então, a uns cem metros do farol, Em mim a parou de remar e desceu do barco para a água.

Entretanto, para mim surpresa, não afundou nas ondas, mas ficou de pé, com água apenas até os joelhos.

— É tão raso assim ? — disse eu.

— Não — respondeu, então pegou um a âncora dentro da canoa e a jogou na água. Ela afundou cerca de um metro e parou de repente com um clang metálico. No momento seguinte o facho de luz do farol passou por nós e eu pude ver o casco de um navio que se estendia para todos os lados a nossa volta.

— Um naufrágio! — exclam ei. — Era isso que você queria me mostrar?

— Quase — respondeu, ainda toda m isteriosa. — Vam os, estam os quase lá,

e traga sua m áscara. — E saiu andando pelo casco do navio afundado.

Saí da canoa com cuidado e fui atrás dela. Para qualquer um que nos visse da m argem pareceria que estávam os cam inhando sobre a água. Andam os até a canoa ficar bem pequena às nossas costas.

— Mas, afinal, de que tam anho é essa coisa? — perguntei.

— Enorm e. É um navio de guerra aliado. Acertou um a m ina am iga e afundou bem aqui.

Ela parou.

— Pare de olhar para o farol por um m inuto — disse ela. — Deixe que seus olhos se acostum em à escuridão.

Então ficam os parados olhando para a orla e esperam os que as pupilas se dilatassem , com m arolas batendo nas coxas. Depois de algum tem po, ela disse:

— Tudo bem , agora m e siga e respire bem fundo. — Em seguida, ela andou até um buraco escuro no casco do navio (pela aparêncie, um a porta), sentou-se em sua borda, j ogou as pernas para dentro e m ergulhou.

Isso é loucura! , pensei. Mas coloquei a m áscara que ela tinha m e dado e a segui.

A água se fechou sobre m inha cabeça. Olhei para a escuridão envolvente entre m eus pés e vi Em m a se afastar e descer cada vez m ais por um a escada.

Agarrei os prim eiros degraus e a segui, descendo lentam ente até parar em um a superfície de m etal, onde ela m e esperava. Pareciam os ter descido até um a espécie de com partim ento de carga, apesar de estar escuro dem ais para dizer m ais do que isso.

Toquei seu cotovelo e apontei para m inha boca. *Preciso respirar, idiota.* Ela deu um tapinha condescendente em m eu braço, esticou a m ão e pegou um tubo plástico que estava pendurado ali perto, ligado a um cano que subia j untam ente com a escada até a superfície. Ela pôs o tubo na boca e respiro por ele, soltando bolhas pelo nariz ao expirar, depois o passou para m im . Botei os lábios em torno do tubo e enchi os pulm ões de ar com a m aior das alegrias. Estávam os a uns sete m etros de profundidade, dentro de um velho navio de guerra, e respirávam os.

Em m a apontou um a porta a nossa frente, pouco m ais que um buraco negro.

Sacudi a cabeça. *Não quero.* Mas ela m e pegou pela m ão, com o se faz com um a criança pequena assustada, e m e arrastou naquela direção, levando com a gente o tubo com prido.

Passam os pela porta e entram os na escuridão profunda. Por algum tem po apenas ficam os ali, passando o tubo de respiração um para o outro, e não havia nenhum som além das bolhas de nossa respiração subindo e ruídos abafados obscuros de peças quebradas do navio se chocando por causa da corrente. Não poderia estar m ais escuro, m esm o que eu fechasse os olhos. Éram os astronautas flutuando em um universo sem estrelas.

Mas então algo intrigante e m agnífico aconteceu. Um a a um a, surgiram as estrelas, lam pej os verdes no escuro, aqui e ali. Sem dúvida eu estava tendo alucinações. Só que m ais estrelas se acenderam , e depois m ais, até haver toda um a constelação se agitando à nossa volta com o um m ilhão de estrelas verdes piscando, ilum inando nossos corpos, refletindo em nossas m áscaras. Em m a esticou a m ão e m oveu o pulso, m as, com o seu fogo não se acendia em baixo

d'água, a m ão brilhou com um halo azul cintilante em torno do qual as estrelas verdes se aglutinaram , brilhando e girando, seguindo seus m ovim entos com o um cardum e de peixes. Só aí m e dei conta de que elas eram exatam ente isso.

Perdi com pletam ente a noção do tem po. Ficam os ali pelo que pareceram horas, enfeitiçados, apesar de provavelm ente terem se passado apenas

alguns minutos. Em determinado momento, eu me cutucou, voltei para a porta e subi as escadas. Quando surgi de novo na superfície, a primeira coisa que vi foi a grande faixa larga da Via Láctea pintada no céu acima de nós, e imaginei que, juntos, os peixes e as estrelas formavam um sistema com pleno, partes coincidentes de algum todo antigo e misterioso.

Subi de novo no casco e tiramos as máscaras. Por algum tempo, ficamos apenas sentados ali, sem se moverem, as pernas encostadas e sem falar.

Finalmente eu disse:

- O que era aquilo?
- Nós os chamamos de peixes-lanterna.
- Nunca tinha visto um desses antes.
- A maioria das pessoas nunca vê — disse ela. — Porque eles se escondem.
- .
- Eles são lindos.
- São.
- E muito peculiares.

Em seguida abriu um sorriso.

- Também são isso, sim.

Nesse momento, a mão dela deslizou até o meu olho. Deixei que ficasse ali, porque seu toque era quente e agradável na água fria, e tentei ouvir a voz em minha cabeça que tinha passado a noite inteira me dizendo para não beijá-la, mas ela estava em silêncio.

Então nos beijamos. A magnitude do fato de nossos lábios se tocarem, de nossas línguas se moverem juntas uma contra a outra e de minha mão envolver seu rosto branco e perfeito repelia qualquer pensamento de certo ou errado, ou de devo ou não devo, ou qualquer momento em ória do momento que

e fizera, para com eçar, segui-la até ali. Nós nos beij am os, nos beij am os, e de repente term inou. Quando ela afastou o rosto, eu o segui com o m eu. Ela pôs a m ão em m eu peito, um gesto ao m esm o tem po gentil e firm e.

— Preciso respirar — disse ela, rindo.

— Está bem .

Ela pegou m inhas m ãos e m irou-m e nos olhos, e eu a encarei em resposta.

Apenas olhar era quase tão intenso quanto os beij os. Então ela disse:

— Você devia ficar.

— Ficar — repeti.

— Aqui. Com a gente.

Aos poucos com ecei a com preender a realidade do que ela estava dizendo, e a m agia pulsante do que transpirara entre nós dois foi se esm aecendo.

— Eu tenho vontade — respondi. — Mas acho que não posso.

— Por que não?

Pensei no assunto. O sol, as festas, os am igos que eu teria — e a m esm ice, os dias perfeitam ente idênticos. Mas você pode enj oar de qualquer coisa se tiver doses dem ais, com o todos os luxos insignificantes que m inha m ãe com prava e dos quais se cansava.

Mas Em m a. Havia Em m a. Talvez não fosse tão estranho o que nós podíam os ter. Talvez eu pudesse ficar apenas por um período e am á-la, e depois voltar para casa. Mas não; quando eu resolvesse voltar seria tarde dem ais. Ela era um a isca convidativa, um a sereia. Eu tinha de ser forte.

— É a ele que você quer, não a m im . Não posso ser para você quem não sou.

Ela afastou os olhos, sentida.

— Não é por isso que você deve ficar — disse ela. — Você pertence a este lugar, Jacob.

— Não pertenço. Não sou com o vocês.

— É, sim — insistiu ela.

— Não sou. Sou com um , com o era o m eu avô.

Em m a sacudiu a cabeça.

— É isso m esm o o que você pensa?

— Se eu pudesse fazer algo espetacular com o você, não acha que eu j á teria percebido?

— Eu não devia lhe contar isso — disse ela. — Mas pessoas com uns não podem passar pelas fendas de tem po.

Refleti sobre aquilo por um instante, m as não fazia o m enor sentido.

— Não há nada peculiar em m im . Sou a pessoa m ais com um que você vai conhecer.

— Duvido m uito disso — retrucou ela. — Abe tinha um talento m uito raro e peculiar, algo que quase m ais ninguém podia fazer.

Ela m e olhou nos olhos e com pletou:

— Ele podia ver os m onstros.

CAPÍTULO NOVE

Ele podia ver os monstros. No momento em que ela disse isso, todos os horrores que eu acreditava ter deixado para trás voltaram num a enxurrada. Eles eram reais. Eram reais e tinham m atado m eu avô.

— Eu tam bém posso vê-los — disse a ela, sussurrando com o se fosse um segredo vergonhoso.

Seus olhos se encheram de lágrim as, e ela m e abraçou.

— Sabia que havia algo peculiar em você — disse ela. — E digo isso com o o m aior dos cum prim entos.

Sem pre soube que eu era estranho. Nunca sonhei que fosse peculiar. Mas isso explicava por que Ricky não tinha visto nada na m ata na noite em que m eu avô foi m orto. Não, eu não era louco nem tinha alucinações, nem tive um a reação ao estresse; a sensação de pânico no estôm ago sem pre que eles estavam por perto — isso, e ver sua aparência aterradora —, eis o m eu dom .

— E você não consegue vê-los de j eito nenhum ? — perguntei a ela.

— Só suas som bras, e é por isso que eles caçam principalm ente à noite.

— O que os im pede de vir aqui e m atar todos vocês agora m esm o? — perguntei, e em seguida m e corrigi. — Quero dizer, todos nós.

Isso fez com que ela desse um sorriso, m as depois ficou séria.

— Eles não sabem onde nos encontrar — respondeu. — Tem tam bém o fato de eles não poderem entrar nas fendas. Por isso estam os seguros na ilha, m as não podem os sair.

— Mas Victor saiu.

Ela assentiu com tristeza.

— Ele disse que estava enlouquecendo aqui. Disse que não aguentava m ais.

Coitada da Bronwy n. Meu Abe tam bém partiu, m as pelo m enos ele não foi assassinado por etéreos.

Fiz força para olhar para ela.

— Eu sinto muito por ter de lhe contar isso — disse eu.

— O quê? Ah, não...

— Eles me convenceram de que eram animais selvagens. Mas, se o que você está dizendo é verdade, meu avô também bem foi morto por eles. A primeira e única vez em que vi um desses monstros foi na noite em que ele morreu.

Ela abraçou os joelhos e fechou os olhos, e um minuto se passou até recuperar a fala. Eu a envolvi com o braço, e ela inclinou a cabeça e a apoiou na minha.

— Eu sabia que um dia eles iam pegá-lo — murmurou. — Ele me garantiu que estaria em segurança nos Estados Unidos. Que podia se proteger. Mas nós nunca estamos seguros, nenhum de nós, não de verdade.

Ficam conversando ali, sentados no casco do navio naufragado, até a lua ficar baixa no céu, a água alcançar nosso pescoço e eu me comêr a tremer.

Então demos as mãos e andamos pela água de volta até a canoa. Enquanto remavam para a praia, ouvimos vozes que chamavam nosso nome. Vim os Hugh e Fiona parados na areia, acenando para nós. Mesmo a distância, estava claro que havia algo errado.

Arraramos a canoa e corremos para encontrá-los. Hugh estava ofegante, e as abelhas voavam ao seu redor em estado de agitação.

— Aconteceu uma coisa! — disse ele. — Vocês precisam voltar conosco!

Não havia tempo para discussões. Eu me vesti as roupas por cima do traje de banho e entrei em minha calça, toda cheia de areia. Hugh me olhou desconfiado.

— Ele não. Isso é sério.

— Não, Hugh — disse Em m a, entrelaçando seu braço no m eu. — A Ave tinha razão, ele é um de nós.

Ele a encarou boquiaberto, depois a m im .

— Você *contou* a ele?

— Tive de contar. De qualquer m odo, ele praticam ente descobriu tudo sozinho.

Hugh pareceu surpreso por um instante, m as logo se virou e m e deu um aperto de m ão decidido.

— Então, bem -vindo à fam ília — disse.

Eu não sabia o que dizer, por isso respondi apenas:

— Obrigado.

A cam inho da casa, j untam os pedaços de histórias sem m uitos detalhes do que tinha acontecido contadas por Hugh, m as na m aior parte do tem po apenas correm os. Quando param os na floresta para tom ar fôlego, ele nos inform ou:

— É um a das am igas *ymbryne* da Ave. Ela saiu voando há um a hora num estado lastim ável, berrando loucam ente e tirando todo m undo da cam a, m as, antes que conseguíssem os entender qual era o problem a, ela desm aiou e apagou com pletam ente. — Ele apertava as m ãos, o que lhe dava um ar de total desespero e im potência. — Ah, sim plesm ente *sei* que algo horrível aconteceu.

— Espero que você estej a errado — disse Em m a, e voltam os a correr.

Dentro da casa, no vestíbulo adjacente à porta fechada da sala de estar, as crianças, vestindo pij am as am arrotados, estavam agitadas ao redor de um lam pião a querosene e trocavam rum ores sobre o que podia ter acontecido.

— Talvez tenham se esquecido de reiniciar a fenda — disse Claire.

— Aposto que foram os etéreos — disse Enoch. — Aposto que com eram um m onte deles até as botas!

Claire e Olive choravam e escondiam o rosto com as m ãozinhas. Horace se aj oelhou ao lado delas e disse com um a voz reconfortante:

— Calm a, calm a, não deixem que Enoch encha a cabeça de vocês com bobagens. Todos sabem que os etéreos preferem os m ais j ovens. É por isso que soltaram a am iga da senhorita Peregrine: ela tem gosto de pó de café velho!

Olive deu um a espiada pela fresta entre seus dedos.

— Qual é o gosto dos m ais novos?

— Fram boesa silvestre — disse ele m uito sério, e as garotas com eçaram a chorar de novo.

— Deixe-as em paz! — berrou Hugh, e um enxam e de suas abelhas expulsou Horace dali aos gritos.

— O que está acontecendo aí fora? — ralhou a senhorita Peregrine da sala de estar. — É a voz do senhor Apiston que estou ouvindo? Onde estão a senhorita Bloom e o senhor Portman?

Em m a ficou tensa de m edo e lançou um olhar nervoso para Hugh.

— Ela sabe?

— Quando descobriu que vocês não estavam aqui, ela surtou, achou que tinham sido raptados por acólitos ou algum a outra em urgência. Desculpe, Em m a, eu tive de contar a ela.

Em m a sacudiu a cabeça, m as não havia nada que pudéssem os fazer além de entrar lá e enfrentar o que nos esperava. Fiona nos deu um leve aceno, com o se para nos desejar sorte, e nós abrim os a porta.

Dentro da sala de estar, a única luz vinha da lareira que proj etava nossas som bras trêm ulas contra a parede. Enoch e Bronwy n cam inhavam ansiosam ente em torno de um a senhora de idade que se balançava sem iconsciente em um a cadeira, enrolada num cobertor com o um a m úm ia. A srt. Peregrine estava sentada em um a otom ana, alim entando-a com colheradas cheias de um líquido escuro.

Em m a congelou ao ver o rosto da m ulher.

— Oh, m eu Deus — sussurrou ela. — É a senhorita Avocet.

Só então eu a reconheci, apesar de não totalm ente, da foto que a srt.

Peregrine m e m ostrara dela quando m oça. A srt. Avocet aparentava ser tão forte e segura no retrato, m as agora parecia fraca e frágil. Tinha envelhecido terrivelm ente.

Enquanto observávam os ali parados, a srt. Peregrine levou um frasco de prata aos lábios da srt. Avocet e o virou, e por um instante a velha *ymbryne* pareceu reviver, sentando-se ereta, os olhos brilhantes, m as logo depois sua expressão ficou em botada outra vez e ela afundou de novo na poltrona.

— Senhorita Bruntley — disse a srt. Peregrine para Bronwy n —, vá e arrum e a *chaise longue* para a senhorita Avocet, e depois vá buscar um a garrafa de vinho de coca e outra de conhaque.

Bronwy n saiu às pressas, cum prim entando-nos solenem ente com um aceno de cabeça ao passar, e a srt. Peregrine se voltou para nós.

— Estou extrem am ente decepcionada com você, senhorita Bloom .

Extrem am ente — disse ela sem levantar a voz. — E, entre tantas noites, deu sua escapada logo nesta.

— Sinto m uito, senhorita Peregrine, m as com o eu podia saber que algo ia acontecer?

— Eu devia castigá-la, m as, dadas as circunstâncias, o esforço não parece valer a pena. — Ela ergueu a m ão e aj eitou o cabelo branco de sua m

entora. —

A senhorita Avocet nunca teria deixado seus pupilos para vir até aqui a menos que algo grave tivesse acontecido.

O fogo crepitante fez gotas de suor irromperem em minha testa, mas, em sua poltrona, a sra. Avocet tremia. Será que ela ia me orrer? Será que a cena trágica que se desenrolou entre mim e meu avô ia se repetir entre a sra.

Peregrine e sua professora? Eu a visualizei: eu com o corpo de meu avô nos braços, apavorado e confuso, sem suspeitar da verdade sobre ele, ou sobre mim.

Essa situação, pensei, nada tinha a ver com o que se passara comigo. A sra.

Peregrine sempre soubera quem eu era.

Esse não parecia o momento certo para tocar no assunto, mas eu estava com raiva e não consegui me conter.

— Senhorita Peregrine? — disse eu, e ela olhou para mim. — Quando ia me contar?

Ela estava prestes a perguntar o quê, mas seu olhar se moveu até mim, a, no rosto de quem ela pareceu ler a resposta.

— Logo, meu jove — respondeu ela. — Mas, por favor, entenda, já ogar toda a verdade sobre você na primeira vez em que nos encontram os teria sido um choque terrível. Seu comportamento era imprevisível. Poderia ter ido embora, para nunca mais voltar, um risco que eu não podia correr.

— Então, em vez disso, tentou me seduzir com a ida e garotas enquanto me antinha em segredo todas as coisas ruins?

Em mim a quase perdeu o fôlego.

— *Seduzir?* Por favor, não pense isso de mim, Jacob, eu não poderia suportar.

— Tem o que você tenha nos interpretado muito mal — disse a srta.

Peregrine. — E, quanto a seduzi-lo, o que viu aqui é com o vivem os. Não houve nenhum amentira, apenas amissão de alguns detalhes-chave.

— Bem, aqui está um detalhe-chave para vocês — disse eu. — Um dessas criaturas matou meu avô.

A srta. Peregrine em palideceu por um instante, mas pareceu se recuperar.

— Sinto muito por isso — disse ela.

— Eu vi um deles com meus próprios olhos, mas, quando contei às pessoas, elas tentaram me convencer de que eu estava louco. Mas eu não estava, nem meu avô. Durante toda a vida ele me contou a verdade, e eu não acreditei nele. — Sentia-me envergonhado. — Se tivesse acreditado, talvez ele ainda estivesse vivo.

A srta. Peregrine percebeu que meus pés hesitavam e que eu estava atordoado, e pediu que me sentasse. Eu me joguei na poltrona em frente à da srta. Avocet.

Em seguida se agachou ao meu lado.

— Ele devia saber que você era peculiar — disse ela — e devia ter um a boa razão para não contar isso a você.

— Ele sabia, sim — disse a srta. Peregrine. — Ele contou isso em uma carta.

— Não entendo — disse eu. — Se era tudo verdade, todas as histórias dele, e se ele sabia que eu era com o ele, por que guardar segredo até o último minuto de sua vida?

A srta. Peregrine deu mais uma colherada de conhaque na boca da srta.

Avocet, que gemeu e se ergueu um pouco, antes de se afundar outra vez na poltrona.

— Só posso imaginar que ele quisesse protegê-lo — disse a sra. Peregrine, agora com voz mais tranquila. — Nossas vidas podem ser cheias de provações e privações. A vida de Abe duas vezes mais, porque ele nasceu judeu na pior época possível. Ele encarou um genocídio duplo, dos judeus pelos nazistas e dos peculiares pelos etéreos. Ele vivia atormentado pela ideia de que estava aqui escondido enquanto seu povo, tanto judeus quanto peculiares, estava sendo massacrado.

— Ele costumava contar que tinha ido para a guerra para lutar contra os monstros — disse eu.

— E foi mesmo — disse Emma. — Dos dois tipos.

— A guerra acabou com o dom único nazista, mas os etéreos saíram dela mais fortes que nunca — prosseguiu a sra. Peregrine. — Por isso, com muitos peculiares, nós nos mantivemos escondidos. Mas seu avô voltou um homem mudado. Tinha se transformado em um guerreiro e estava determinado a construir para si uma vida fora da fenda. Ele se recusou a se esconder.

— Imordei que ele não fosse para os Estados Unidos — disse Emma. —

Todos imaginam ploram os.

— Por que os Estados Unidos? — perguntei a eles.

— Havia poucos etéreos por lá naquela época — respondeu a sra.

Peregrine. — Depois da guerra houve um pequeno êxodo de peculiares para os Estados Unidos. Durante algum tempo, alguns conseguiram passar por pessoas comuns, com o fez seu avô. Seu maior desejo era ser comum, viver uma vida comum. Ele sempre dizia isso em suas cartas. Tenho certeza de que foi por isso que escondeu a verdade de você por tanto tempo: ele queria que você tivesse o que ele nunca poderia ter.

— Ser comum — disse eu.

A sra. Peregrine assentiu.

— Mas ele nunca pôde escapar de sua peculiaridade. Sua habilidade única, aliada ao talento desenvolvido na guerra com o caçador de etéreos, tornou-o muito valioso. Ele era sempre pre forçado a agir; sempre lhe pediam para erradicar bolsões problemáticos de etéreos. Ele tinha um a natureza tal que raramente se recusava.

Pensei sobre as longas viagens de caça que o vovô Portm an costumava fazer. Minha família tinha um a foto dele durante um a delas, apesar de eu não saber quem tinha feito a foto, nem quando, já que ele quase sempre ia sozinho, mas sempre achei aquilo a coisa mais engraçada, porque na foto ele vestia um terno. Quem usa terno num a viagem de caça?

Agora eu tinha minha resposta: alguém que está à caça de mais do que apenas animais.

Fiquei com oido com essa nova imagem de meu avô, não um m aníaco por armas e paranoico, nem um adúltero m entiroso, tam pouco um homem que nunca estava presente para sua família, mas um cavaleiro andante que arriscava a vida pelos outros, vivendo em carros e hotéis baratos, na perseguição de sombras m ortais, e que voltava para casa com algumas dúzias de balas amarradas e feridos entes que nunca explicou direito, além de pesadelos sobre os quais não podia falar. E, por esses muitos sacrifícios, tudo o que recebia era desprezo e desconfiança daqueles que amava. Acho que por isso ele escreveu tantas cartas para Emilia e a sra. Peregrine. Elas com preendiam.

Bronwy n voltou com um decantador de vinho de coca e outra garrafa de conhaque, e a sra. Peregrine m isturou os dois em um a xícara. Então dispensou Bronwy n e, depois que ela saiu, com eçou a dar tapinhas carinhosas no rosto cheio de veias azuis da sra. Avocet.

— Esmeralda — disse ela. — Esmeralda, você precisa se levantar e beber este tônico que preparei.

A sra. Avocet soltou um gemido. A sra. Peregrine ergueu a xícara até seus lábios. A senhora de idade tomou alguns goles e então cuspiu e tossiu, mas a maior parte do líquido arroxeadão desapareceu em sua garganta. Por um momento

om ento, ficou encarando o nada com olhar vazio, com o se estivesse prestes a afundar de volta em seu estupor, m as depois se aprum ou na poltrona, a vida voltando a seu rosto.

— Nossa — disse a srt. Avocet, e sua voz era com o um arranhão seco. —

Eu dorm i? Que falta de educação a m inha. — Ela olhou para cada um de nós com leve surpresa, com o se tivésssem os acabado de surgir do nada. — Alm a? É

você?

A srt. Peregrine segurou e m assageou as m âos ossudas daquela senhora.

— Esm erelda, você veio de m uito longe para nos ver no m eio da noite.

Você deixou a todos nós nervosos e preocupados.

— Deixei? — disse apertando os olhos e franzindo o cenho, e seus olhos pareceram se fixar na parede em frente, viva com som bras trem eluzentes. Então um a expressão de m edo tom ou seu rosto. — É — disse —, eu vim avisá-la, Alm a. Vocês devem ficar em alerta. Não podem se deixar tom ar de surpresa, com o eu fiz.

A srt. Peregrine parou a m assagem .

— Tom ar de surpresa pelo quê? — disse ela.

— Só podiam ser acólitos. Dois deles chegaram à noite, disfarçados de m em bros do conselho. Não há hom ens no conselho, é claro, m as aquilo enganou m eus vigias sonolentos por tem po bastante para que os acólitos os am arrassem e levasssem .

A srt. Peregrine perdeu o fôlego.

— Oh, Esm erelda!

— A senhorita Bunting e eu fom os acordadas por seus gritos de pavor —

prosseguiu. — Mas estavam os todos presos dentro de casa. Levou algum tempo para forçar as portas e, quando conseguim os, seguim os o fedor dos acólitos até o exterior da fenda, onde havia um bando de bestas-sombras à nossa espera do

outro lado. Elas caíram sobre nós, uivando, cobertas de sangue...

Ela parou, esforçando-se para segurar as lágrimas.



— E as crianças?

A srta. Avocet sacudiu a cabeça. Toda a luz pareceu fugir de seus olhos.

— As crianças serviram apenas de isca — disse ela.

Em seguida deslizou a mão até a minha e a apertou, e vi o rosto da srta.

Peregrine reluzindo à luz da lareira.

— Eles queriam m esm o era a m im e à senhorita Bunting. Eu consegui fugir, m as a senhorita Bunting não teve a m esm a sorte.

— Ela foi m orta?

— Não... raptada. Do m esm o m odo com o a senhorita Cam baxirra e a senhorita Treecreeper há duas sem anas, quando suas fendas de tem po foram invadidas. Eles estão capturando as *ympbrynes*, Alm a. É algum tipo de esforço coordenado. Eu estrem eço só de im aginar o propósito disso.

— Então eles vêm atrás de nós tam bém — disse em voz baixa a srta.

Peregrine.

— Se puderem encontrá-la — retrucou a srta. Avocet. — Seu esconderij o é m elhor do que o da m aioria, m as você deve estar preparada, Alm a.

A srta. Peregrine assentiu. A srta. Avocet lançou um olhar desconsolado para as próprias m âos. Elas trem iam em seu colo, e a voz saiu com dificuldade.

— Ah, m inhas crianças queridas. Elas agora estão todas sozinhas — disse ela, chorando e virando o rosto para escondê-lo de nós.

A srta. Peregrine puxou o cobertor até o pescoço daquela m ulher de idade avançada e se levantou. Saím os atrás dela e deixam os a srta. Avocet com sua tristeza.

Quando saím os, vim os todas as crianças encolhidas em torno da porta da sala de estar. Mesm o que não tivessem ouvido tudo o que fora dito pela srta.

Avocet, tinham entendido o m ais im portante, o que ficara evidente pela expressão em seus rostos pálidos e cansados.

— Coitada da senhorita Avocet! — choram ingou Claire, os lábios trêm ulos.

— Coitadas das crianças da senhorita Avocet! — disse Olive.

— Elas vêm ficar com a gente agora, senhorita Peregrine? — perguntou Horace.

— Vam os precisar de arm as! — gritou Millard.

— Machados de guerra! — disse Enoch.

— Bom bas! — disse Hugh.

— Parem com isso! — gritou a srta. Peregrine, levantando a mão para pedir silêncio. — Todos devem os perm anecer calm os. Sim , o que aconteceu com a senhorita Avocet foi trágico, extrem am ente trágico, mas foi um a tragédia que não vai necessariam ente se repetir aqui. Entretanto, tem os de ficar em alerta. A

partir de agora, vocês só podem sair da casa com m eu consentim ento, e sem pre em dupla. Se notarem alguém desconhecido, m esm o que pareça peculiar, venham m e inform ar im ediatam ente. Vam os discutir estas e outras m edidas preventivas de m anhã. Até lá, vão todos para a cam a! Isso não é hora para um a reunião.

— Mas senhorita Pe... — tentou Enoch.

— Para a cam a!

As crianças foram correndo para seus quartos.

— E em relação ao senhor, senhor Portman, não gosto m uito da ideia de você voltar sozinho. Acho que talvez sej a m elhor ficar, pelo m enos até as coisas se acalm arem um pouco.

— Não posso sim plesm ente desaparecer assim . Meu pai ia surtar.

— É claro — disse ela. — Nesse caso, insisto que pelo m enos passe a noite aqui.

— Eu fico — falei —, se a senhora m e contar tudo o que sabe sobre as criaturas que m ataram m eu avô.

Ela inclinou a cabeça e ficou m e observando, com a expressão de quem quase achava graça.

— Está bem , senhor Portm an, não vou desprezar essa sua necessidade de saber. Instale-se no divã para dorm ir e discutim os isso assim que acordarm os.

— Não — retruquei. Ela m e lançou um olhar severo, m as eu tinha esperado dez anos para saber a verdade e não podia esperar m ais nem um m inuto. — Tem de ser agora.

— Às vezes, m eu j ovem , você anda num a linha m uito tênu entre ser um rapaz interessante de personalidade forte e um cabeça-dura terrível. — Ela se virou para Em m a. — Senhorita Bloom , poderia buscar m inha garrafa de vinho de coca? Parece que não vou dorm ir esta noite, então terei de m e perm itir isso, j á que tenho de m e m anter acordada.

A biblioteca era perto dem ais do quarto das crianças para um a conversa na m adrugada, então eu e a srta. Peregrine fom os para um a estufa que ficava no lim iar da floresta. Sentam os sobre vasos virados de cabeça para baixo em m eio a rosas em crescim ento, com um lam pião a querosene entre nós, antes de o am anhecer rom per através das paredes de vidro. A srta.

Peregrine pegou um cachim bo do bolso e se inclinou para acendê-lo na chama do lam pião. Deu algum as baforadas pensativas, soltando espirais de fum açá azul, e depois com eçou:

— Em épocas rem otas, as pessoas nos tom avam por deuses — com eçou ela

—, m as nós, peculiares, não som os m enos m ortais que as pessoas com uns. As fendas de tem po apenas retardam o inevitável, e o preço que pagam os por usá-las é considerável: um divórcio irrevogável do presente real. Com o você sabe, pessoas que passam m uitos anos dentro das fendas podem ficar pouquíssim o

tem po no presente, senão m urcham e m orrem . Essa tem sido a ordem das coisas desde eras im em oriais.

Deu outra baforada e continuou.

— Há alguns anos, por volta da virada do último século, surgiu um dissidente entre nosso povo, um grupo de peculiares descontentes e com ideias perigosas. Eles acreditavam ter descoberto um método pelo qual a função das fendas de tempo podia ser corrompida para conferir ao usuário uma espécie de imortalidade, não apenas a suspensão do envelhecimento, mas sua reversão. Eles falavam de juventude eterna, que seria desfrutada fora dos limites das fendas, de viajar de um lado para o outro entre o presente e o passado imponente, sem sofrer qualquer efeito colateral, que sempre lhes pediu tamanha irresponsabilidade.

Em outras palavras: domínar o tempo sem ser dominado pela morte. Toda a ideia era loucura, um completo absurdo, uma refutação das leis em píricas que tudo governam!

Ela fez uma pausa para se recompor.

— De qualquer modo, os dois irmãos, tecnicamente brilhantes, mas um pouco sem juízo, foram arrebatados por essa ideia. Tiveram até a coragem de me pedir que os ajudasse a torná-la realidade. “Vocês estão falando em se transformarem em deuses”, eu disse. “Isso não pode ser feito. Eu, mesmo o que pudesse, não deveria ser feito.” Mas nada conseguia detê-los. Criados entre as *ymbrynes* em treinamento da senhorita Avocet, eles sabiam um pouco mais sobre nossa arte única do que a maioria dos achados peculiares, mas o suficiente, eu temia, para serem perigosos. Apesar dos avisos e até das ameaças do conselho, no verão de 1908 os irmãos e centenas de outros membros dessa facção renegada, entre eles muitas *ymbrynes* poderosas, todos traidores, viajaram para a tundra siberiana para levar a cabo seu experimento odioso. Escolheram uma velha fenda sem nome, que estava havia séculos sem uso. Esperavam os que eles voltassem em menos de um ano, com o rabo entre as pernas, humilhados pela condição imutável da natureza. Em vez disso, o resultado foi muito mais dramático: houve uma explosão catastrófica que fez estremecer janelas em lugares tão distantes quanto os Açores. Qualquer pessoa num raio de quinhentos quilômetros deve ter pensado que era o fim do mundo. Acharam os que todos tinham medido e que aquele estrondo obsceno, de dimensão planetária, tinha sido seu último discurso coletivo.

— Mas eles sobreviveram — arrisquei.

— De certa forma. Outros podem chamar o estado que eles assumiram em seguida de um a espécie de maldição vivente. Semanas depois comecou uma série de ataques peculiares efetuados por criaturas horrorosas que, exceto por suas sombras, não podiam ser vistas, a não ser por peculiares com o você. Foram nossos primeiros conflitos contra os etéreos. Demorou um tempo até percebermos que aquelas abomas inações com tentáculos na boca eram, na verdade, nossos irmãos rebeldes, que tinham escapado se arrastando da cratera fumegante deixada por seu experimento. Em vez de se tornarem deuses, eles se transformaram em demônios.

— O que deu errado?

— Isso ainda é tema de discussões. Uma teoria é que eles revertem seu processo de envelhecimento até uma época anterior à própria concepção de suas almas, e por isso eles chamam a si mesmos de *etéreos*, porque seus corações, suas almas, são vazios. Num ironia cruel, eles alcançaram imortalidade que buscavam, no fim das contas: acreditava-se que os etéreos podem viver milhares de anos, mas é uma vida de termos físicos constantes e fome insaciável pela carne de seus antigos semelhantes, porque nosso sangue é sua única esperança de salvação. Se um etéreo devora um número suficiente de peculiares, ele se torna um acólito.

— Essa palavra de novo. Quando nos conhecemos, Eu também acusou de ser um deles.

— Talvez eu suspeitasse da mesma coisa, se não o tivesse observado antes.

— O que são eles?

— Se ser um etéreo é viver um inferno, e quase certamente é mesmo, ser um acólito seria o correspondente a viver num purgatório. Acólitos são quase comuns. Eles não têm habilidades peculiares, mas, com o tempo, podem passar por muitos anos, vivem para servir a seus irmãos etéreos, atuando como batedores, espiões e caçadores de carne. É uma hierarquia de malditos que alimenta um dia transformar todos os etéreos em acólitos e todos os peculiares em cadáveres.

— Mas o que os im pede de fazer isso? Se eles eram peculiares, eles não conhecem todos os seus esconderijos?

— Eles não parecem guardar nenhum segredo de sua vida passada. E, apesar de os acólitos não serem tão fortes nem terem aparência tão assustadora, eles costumam ser igualmente perigosos. Diferentemente dos etéreos, eles agem mais por instinto e costumam ser capazes de se misturar à população em geral.

Pode ser difícil identificá-los entre pessoas comuns, apesar de haver alguns indicadores. Os olhos, por exemplo... Curiosamente, os acólitos não têm pupilas.

Fiquei arrepiado ao lembrar do vizinho de olhos brancos que vi regando a gramada alta do jardim, na noite em que meu avô foi morto.

— Eu vi um deles. Tenho quase certeza. Mas pensei que fosse um velho cego — disse eu.

A sra. Peregrine assentiu e tomou um gole de sua garrafinha.

— Os acólitos são adeptos de andar por aí sem ser percebidos. Costumam adotar identidades invisíveis para a sociedade: o homem de terno cinza no metrô; o indigente que mendiga nas ruas; apenas rostos na multidão, apesar de alguns terem sido conhecidos por se arriscarem à exposição ao se colocar em posições de maior destaque, com os médicos, políticos, clérigos, e assim interagir com um número maior de pessoas, ou ter algum poder, para conseguir descobrir com mais facilidade peculiares que possam estar escondidos entre as pessoas comuns, com o Abe estava.

A sra. Peregrine pegou um álbum de fotos que trouxera da casa. Enquanto o folheava, ela disse:

— Essas fotos foram reproduzidas e distribuídas a peculiares por toda parte, com os cartazes de pessoas procuradas. Veja aqui. Este acólito foi descoberto trabalhando em uma loja de departamentos norte-americana no Natal. Ele foi capaz de interagir com muitas crianças em um período excepcionalmente curto.

Tocou-as e interrogou-as em busca de sinais de peculiaridade.

Ela apontou a foto de duas meninas montadas sobre um anel falso, com um Papai Noel assustador, de olhos vazios, observando por detrás de seus chifres.

E virou a página para revelar a foto de um dentista de aparência sádica.

— Este acólito trabalhava com o cirurgião-dentista. Não seria surpresa para mim descobrir que o crânio que aparece na foto pertencia a um de suas vítimas peculiares.

Ela tornou a virar a página, dessa vez até a foto de uma garotinha toda encolhida diante de um sombra enorme e que se projetava em sua direção.

— Esta é Marcie — disse a srta. Peregrine. — Ela nos deixou há trinta anos para viver com uma família com um no campo. Eu chorei que ficasse, mas ela estava totalmente decidida. Não muito tempo depois, foi levada por um acólito enquanto esperava pelo ônibus escolar. Encontraram no local um câmera com filme, que, revelado, mostrou essa foto.

— Quem a tirou?

— O próprio acólito. Eles adoram gestos teatrais e invariavelmente deixam para trás algum alimento para provocação de lembrança.

Estudei as fotos enquanto um tempo pequeno e familiar se revirava dentro de mim.

Quando não suportei mais olhar para elas, fechei o álbum.

— Estou contando isso tudo a você porque saber é um direito seu de nascença — disse a srta. Peregrine —, mas também é porque preciso de sua ajuda. Você é o único entre nós que pode sair da fenda sem levantar suspeitas.

Enquanto estiver conosco e insistir em viajar de um lado para o outro, preciso que observe a chegada de qualquer pessoa na ilha e venha aqui me contar.

— Outro dia chegou alguém — disse eu, pensando no ornitólogo que tinha chateado m eu pai.

— Você conseguiu ver os olhos dele? — perguntou ela.







— Na verdade, não — respondi. — Ele estava de óculos escuros.

Com o cenho franzido, a srta. Peregrine m astigou de leve a pele que cobria o nó do dedo.

— Por quê? Acha que poderia ser um deles?

— É im possível ter certeza sem ver os olhos — disse ela —, m as a possibilidade de que você tenha sido seguido até a ilha m e preocupa m uito.

— O que a senhora quer dizer? Por um acólito? — perguntei.

— Talvez o m esm o que você descreveu ter visto na noite da m orte de seu avô. Isso explicaria por que eles resolveram poupar sua vida — para que pudesse conduzi-los a um prêm io m uito m aior: este lugar.

— Mas com o eles sabiam que eu era peculiar? Nem *eu* sabia!

— Se eles sabiam sobre seu avô, pode ter certeza de que sabiam sobre você tam bém .

Eu m e lem brei de todas as vezes que os senti perto de m im nas semanas após aqueles acontecim entos, certo de que havia algo m e observando por um a j anela escura ou do outro lado de um a rua m ovim entada. Quantas vezes eles tiveram a oportunidade de m e m atar? A que distância será que fiquei da m orte?

Eu m e senti fraco e afundei a cabeça entre os j oelhos, estupefato.

— Suponho que não m e daria um gole daquele vinho — disse.

— Absolutam ente não.

De repente senti m eu peito se apertar.

— Eu nunca estarei em segurança, não é verdade?

A srta. Peregrine tocou m eu om bro.

— Aqui você está em segurança — disse ela. — E pode viver aqui pelo tempo que quiser.

Tentei falar, m as gaguej ei.

— Mas eu não... não... não posso... m eus pais...

— Eles podem am á-lo — sussurrou ela —, m as nunca vão entender.

Quando voltei para a cidade, o sol da m anhã proj etava as prim eiras som bras sobre o telhado das casinhas; os hom ens que tinham virado a noite bebendo paravam para tom ar fôlego em bancos a cam inho de casa, algo que faziam com dificuldade; os pescadores desciam para a baía com grandes botas pretas; e m eu pai com eçava a se m exer saindo de um sono profundo. Quando ele rolou para fora da cam a, eu estava m e deitando na m inha. Puxei as cobertas sobre m inhas roupas sujas de areia apenas segundos antes que ele abrisse a porta do quarto para ver se estava tudo certo.

— Está se sentindo bem ?

Soltei um gem ido e virei de costas para ele, que foi em bora. Acordei só à tarde e encontrei um bilhete sim pático e um a caixa de rem édios para gripe na m esinha da sala que dividíam os. Então com ecei a m e preocupar com ele, andando lá fora por pontais rochosos com seus binóculos e um caderninho, bem possivelmente na com panhia de um louco m atador de ovelhas.

Esfreguei os olhos para espantar o sono, vesti rapidamente um a capa de chuva, dei a volta por trás da cidade e cam inhei por penhascos e praias próximas, na esperança de ver m eu pai ou o estranho ornitólogo — e observar seus olhos com atenção —, m as não encontrei nenhum dos dois. Estava quase anoitecendo quando finalmente desisti de procurar e voltei para o Buraco do Padre, onde encontrei m eu pai no bar, bebendo um a cerveja com os frequentadores de sem pre. A julgar pelo número de garrafas vazias em torno dele, fazia tem po que estava ali.

Eu m e sentei ao seu lado e perguntei se ele tinha visto o ornitólogo em algum lugar. Ele disse que não.

— Bem , se o vir, m e faça o favor de ficar longe dele, está bem ?

Meu pai m e olhou de um m odo estranho.

— Por quê?

— Eu não fui com a cara dele. E se for um m aluco? E se foi *ele* quem m atou aquelas ovelhas, e não Verm e?

— De onde tirou essas ideias bizarras?

Eu quis contar a ele. Quis explicar tudo, para que ele dissesse que entendia e m e oferecesse um pouquinho de conselho paterno. Quis, naquele m om ento, que tudo voltasse a ser do j eito que era antes que viéssem os para cá; antes que eu tivesse encontrado aquela carta da srtá. Peregrine, quando eu era apenas um tipo norm al e bagunceiro de m enino rico do subúrbio. Em vez disso, sentei perto do m eu pai por algum tem po e falei sobre am enidades, e tentei lem brar da m inha vida naquela época incom ensuravelm ente distante que era quatro sem anas, ou im aginar com o poderia ser daqui a quatro sem anas — m as não consegui. Depois de algum tem po, ficam os sem ter sobre o que falar, pedi licença e subi para ficar sozinho.

CAPÍTULO DEZ

N a terça-feira à noite, a maior parte do que eu acreditava saber sobre mim m esm o se revelou estar errada. Na m anhã de dom ingo, m eu pai e eu deveríam os fazer as m alas e voltar para casa. Só restavam quatro dias para resolver o m eu futuro. Com o seria possível que eu ficasse aqui? Por outro lado, com o poderia ir para casa?

Não tinha ideia do que fazer. Para piorar, não havia ninguém com quem eu pudesse conversar sobre o assunto. Meu pai estava fora de questão. Em m a expunha apaixonadam ente e com m uita frequênciargum entos a favor de que eu ficasse, nenhum dos quais fazia referência à vida que eu estaria abandonando se o fizesse — por pior que ela pudesse parecer —, ou com o o súbito e inexplicável desaparecim ento de seu filho único poderia afetar m eus pais, ou a pressão sufocante que a própria Em m a tinha adm itido sentir dentro da fenda. Ela diria apenas:

— Com você aqui vai melhorar.

A srta. Peregrine ainda me enos. Sua única resposta era que não podia tomar a decisão com aquela por mim, apesar de eu apenas querer conversar sobre o assunto. Mas era óbvio que ela queria que eu ficasse. Além e acim de minha segurança, minha presença ali deixaria todos os outros na fenda mais seguros. Porém não sim patizava com a ideia de passar a vida com o cão de guarda deles. Com eçava a suspeitar de que meu avô tinha achado o mesmo e que essa era parte da razão de sua recusa em voltar depois da guerra.

Juntar-me às crianças peculiares também bem significava não termos o ensino médio nem ir para a faculdade ou fazer coisas normais que as pessoas fazem enquanto crescem. Mesmo assim, precisava me lembrar sempre de que eu *não era normal* e que, enquanto os etéreos estivessem à minha caça, qualquer vida fora da fenda de tempos provavelmente seria, de qualquer modo, eliminada antes que eu chegasse à faculdade. Eu passaria o resto dos meus dias com medo, olhando para trás, atormentado por pesadelos, à espera do dia em que eles voltariam para finalmente acabar comigo. Isso parecia bem pior do que não ir para a faculdade.

Então pensei: *Será que não há uma terceira opção? Será que eu não poderia ser como meu avô Portman, que por cinco décadas viveu, trabalhou e combateu os etéreos fora da fenda?* Era aí que a voz autodepreciativa em minha cabeça com eçava a falar: *Ele teve treinamento militar, seu idiota. Era um cara frio e durão. E tinha um armário cheio de escopetas de cano serrado. O homem era um Rambo em comparação a você.*

Minha parte otimista dizia que eu devia me inscrever em aulas de tiro.

Aprender caratê. Malhar.

Está brincando? Você não conseguia se proteger nem no colégio! Tinha de subornar aquele caipira para fazer isso em seu lugar. E você molharia as calças só de apontar um revólver para alguém.

Não, eu não.

Você é fraco. É um fracassado. É por isso que ele nunca lhe contou quem realmente era. Ele sabia que você não ia segurar a onda.

Cale a boca! Cale a boca!

Durante dias m eus pensam entos iam e voltavam desse jeito. Ficar ou partir?

Estava constantemente obcecado sem chegar a uma conclusão. Enquanto isso, meu pai perdeu completamente a em polgação com seu livro. Quanto menos trabalhava, mais desanimado ficava e, quanto mais desanimado, mais tempo passava no bar. Nunca o tinha visto beber daquele jeito — seis, sete cervejas por noite — e não gostava de estar perto quando ele fazia isso. Ele ficava taciturno e, quando não ficava quieto e pensativo, me contava coisas que eu não queria saber.

— Um dia desses sua mãe vai me deixar — disse certa noite. — Se eu não fizer algo acontecer em breve, acho que ela vai me esmolar.

Com esse a evitá-lo. Não tenho certeza de se ele percebeu. Tornou-se fácil, de um modo deprimente, me entregar sobre minhas idas e vindas.

Na casa, a sra. Peregrine instituiu um isolamento praticamente completo.

Era como se houvesse sido declarada lei marcial: as crianças e os enredos não podiam ir a lugar nenhum sem companhia, os maiores velhos andavam em duplas e a sra. Peregrine tinha de saber onde todos estavam o tempo inteiro. Só conseguir permissionado para sair da fenda já era um sacrifício.

Sentinelas eram convocadas e postas para trabalhar em turnos para vigiar a frente e os fundos da casa. Durante todo o dia e na maior parte da noite, era possível ver rostos entediados espiando das janelas. Se as crianças viam alguém chegando, tinham de puxar uma corrente que tocava um sino no quarto da sra.

Peregrine, o que significa que sempre que eu chegava ela estava à espera na porta para me interrogar. O que estava acontecendo fora da fenda? Eu tinha visto algo estranho? Tinha certeza de que não havia sido seguido?

Não foi surpresa as crianças terem ficado m eio piradas. Os m enores ficaram barulhentos, os m ais velhos tornaram -se m eio insensíveis, reclam ando das novas regras em voz alta o bastante apenas para serem ouvidos por quem estava perto. Suspiros altos irrom piam no ar, norm alm ente a única pista de que Millard tinha entrado no aposento. Os insetos de Hugh voavam soltos e picaram várias pessoas até serem banidos da casa, depois do que Hugh com eçou a passar todo o tem po na j anela, apenas vendo suas abelhas do outro lado do vidro.

Olive, alegando ter perdido seus sapatos de chum bo, com eçou a se arrastar pelo teto com o um a m osca, pregando peças nas pessoas, deixando cair grãos de arroz em suas cabeças até que olhassem para cim a, quando então ela dava um a gargalhada tão forte que sua levitação vacilava e ela tinha de se agarrar a um lustre ou trilho de cortina para evitar cair. O m ais estranho de todos era Enoch, que desapareceu em seu laboratório no porão para experim entar em seus

soldadinhos de barro cirurgias que fariam corar o doutor Frankenstein — am putar os m em bros de dois para fazer um hom em -aranha assustador, por exem plo, ou j untar o coração de quatro galinhas em um a única cavidade torácica num a tentativa de fazer um super-hom em de barro que nunca ficasse sem energia —

até que, um a um , seus pequenos corpos cinzentos sucum biram ao esforço e o porão ficou parecido com um hospital de guerra.

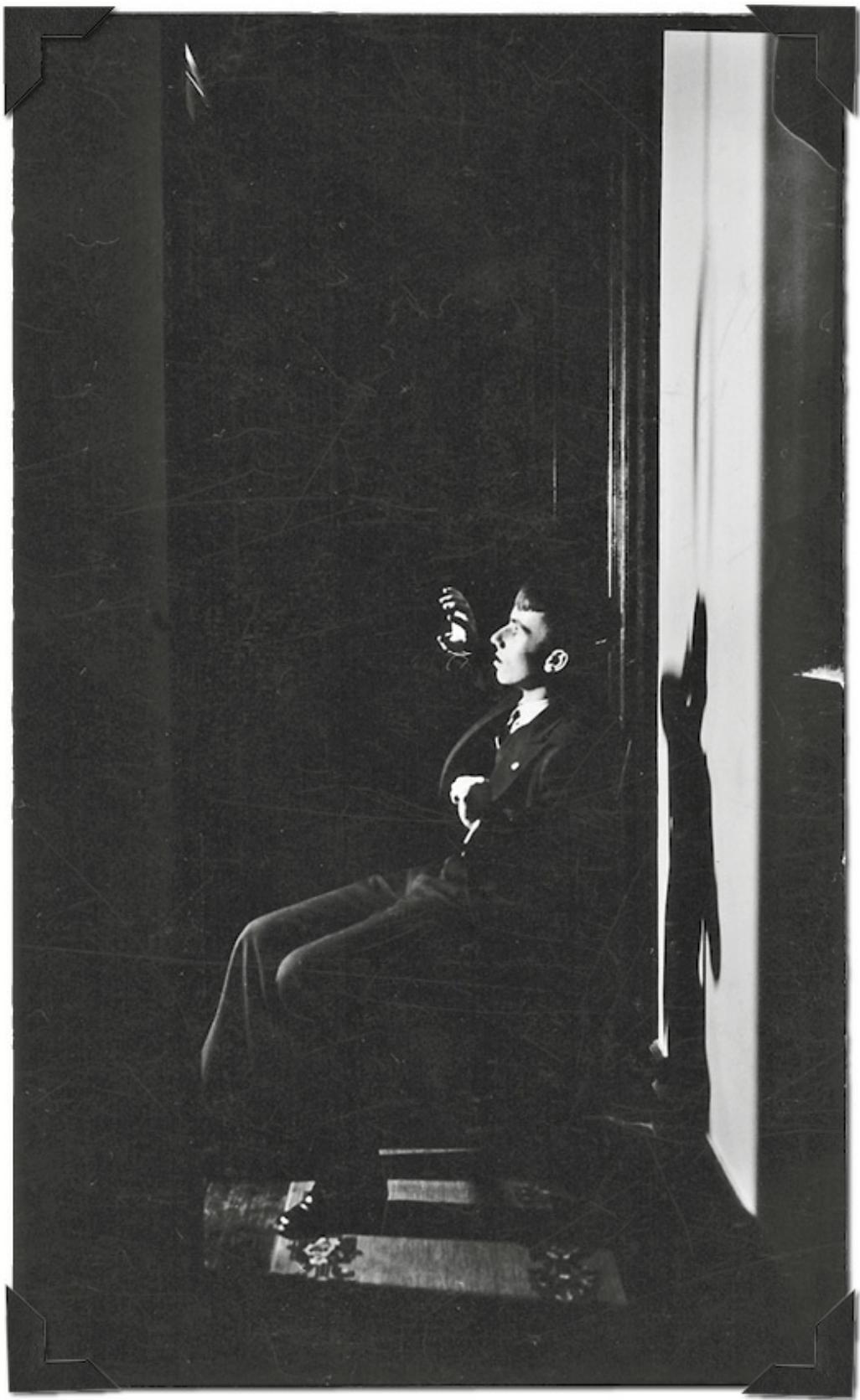
De sua parte, a srta. Peregrine perm anecia em um estado de m ovim ento constante, fum ando seu cachim bo sem parar enquanto claudicava de quarto em quarto para ver com o estavam as crianças, com o se elas pudessem desaparecer no instante que sum issem de seu cam po de visão. A srta. Avocet continuou por lá, saindo de seu torpor de vez em quando para perambular sem rum o pelos corredores, cham ando com voz triste o nom e de seus tutelados abandonados e depois desmoronando nos braços de alguém para ser novam ente levada para a cam a. Seguiu-se grande quantidade de especulação paranoica sobre a experiência trágica da srta. Avocet e por que os etéreos iam querer raptar *ymprynes*, com teorias que iam do bizarro (para criar a m aior fenda de tem po da história, grande o bastante para engolir todo o planeta) ao ridiculam ente otim ista (para fazer com panhia aos

etéreos — ser um monstro horrível devorador de almas pode ser bem solitário depois de algum tempo).

Por fim, um silêncio mórbito se abateu sobre a casa. Dois dias de confinamento deixaram todos letárgicos. Acreditando que a rotina era a melhor defesa contra a depressão, a srta. Peregrine tentava manter as crianças interessadas nas lições diárias que ela dava, na preparação das refeições cotidianas e também na limpeza e arrumação da casa, mas, sem prever que não estavam sob ordens diretas para fazer alguma coisa, as crianças se afundavam pesadamente nas poltronas e ficavam olhando pela janela para o vazio, folheavam livros velhos sem realmente lê-los ou apenas dormiam.

Eu não tinha visto o talento peculiar de Horace em ação até que, certa noite, ele começou a gritar. Um grupo correu até o sótão, onde ele estava de sentinela, para encontrá-lo rígido em uma cadeira, em meio ao que parecia ser um pesadelo terrível, tentando agredir o ar com olhos aterrorizados e vazios. No início, seus gritos eram apenas isso: gritos; mas de repente ele começou a articular palavras, berrando sobre marés fervilhantes e cinzas chovendo do céu, e uma cortina de fumaça sem fim cobrindo a Terra. Após alguns minutos desses pronunciamentos apocalípticos, ele pareceu se esgotar e caiu num sono inquieto.

Os outros já tinham visto isso acontecer antes — o bastante para haver fotos de seus ataques no álbum da srta. Peregrine — e sabiam o que fazer. Sob as ordens da diretora, eles o carregaram pelos braços e pelas pernas até a cama, e, quando despertou algumas horas depois, afirmou que não se lembrava do sonho, e os sonhos de que não se lembrava raramente se tornavam realidade. Os outros aceitaram isso porque já havia muita coisa com que se preocupar. Senti que ele estava escondendo algo.



Quando alguém desaparece em um a cidade tão pequena com o Cairnholm , as pessoas percebem . Por isso, quando Martin não apareceu para abrir seu m useu na m anhã de quarta, nem passou no Buraco do Padre para seu drinque noturno habitual, as pessoas com eçaram a se perguntar se ele estaria doente — e, quando a m ulher de Kev foi procurá-lo e encontrou a porta de sua casa escancarada e sua carteira e seus óculos sobre a pia da cozinha, m as não o encontrou, as pessoas com eçaram a im aginar que ele pudesse estar m orto. No dia seguinte, com o ele tam bém não apareceu, um grupo de hom ens foi enviado para abrir velhos barracões de pesca e investigar em baixo de barcos virados, procurando em qualquer lugar onde um hom em solteiro e apreciador de uísque poderia pensar em dorm ir para curar um porre, m as as buscas m al tinham com eçado quando receberam um a cham ada pelo rádio de ondas curtas: o corpo de Martin havia sido pescado no oceano.

Eu estava no bar com m eu pai quando o pescador que o encontrou entrou.

Ainda não passara do m eio-dia, m as ele pediu um a cervej a antes de m ais nada e depois de alguns m inutos estava nos contando sua história.

— Eu estava lá em Gannet’s Point puxando m inhas redes — com eçou o pescador. — Elas estavam m uito pesadas, o que era estranho, j á que tudo o que costum o pegar por lá são peixinhos pequenos, cam arões e coisas assim . Achei que elas tinham ficado presas em algum a arm adilha para caranguej os, então peguei o arpão e enfiei por baixo do barco até que ele se prendeu a algo.

Todos nos aproxim am os dele sem sair de nossos bancos, com o se fosse a hora da historinha em um j ardim de infância incrivelmente m órbido.

— Era o Martin, sim . Parece que caiu de um precipício e foi atacado por tubarões. Deus sabe o que ele estava fazendo no alto dos penhascos tarde da noite só de roupão e cuecas.

— Ele não estava vestido? — perguntou Kev.

— Talvez vestido para dorm ir — disse o pescador. — Não para andar no m olhado.

Preces breves pela alm a de Martin foram m urm uradas, e as pessoas com eçaram a trocar teorias. Em m inutos, o lugar tinha se transform ado no gabinete enfum açado de Sherlockes Holm es bêbados.

— Ele podia estar bêbado — arriscou um suj eito.

— Ou, se estava perto dos precipícios, talvez tenha visto o m atador de ovelhas e estivesse atrás dele — disse outro.

— E esse cara novo? — disse o pescador. — O que está acam pado?

Meu pai se aprum ou em seu banco.

— Eu esbarrei nele há duas noites — disse.

Eu m e virei para ele, surpreso.

— Você não m e contou.

— Eu estava correndo, tentando chegar à farm ácia antes que fechasse, e esse cara seguia no outro sentido, para fora da cidade. Ele estava m uito apressado. Esbarrei em seu om bro quando passou, só para irritá-lo. É, eu tinha

bebido algum as. Ele parou e m e encarou. Não disse nada. Falei que queria saber sobre seu trabalho, sabe, o que ele estava fazendo aqui, qual sua especialidade, porque as pessoas aqui falam sobre si m esm as, eu quis dizer.

— E o que ele respondeu? — perguntou Kev. O lugar estava em silêncio, todos os olhos em m eu pai.

— Nada, absolutam ente nada. Parecia prestes a m e dar um soco, m as depois saiu andando. Acho que estava com m edo de briga.

Vários hom ens tinham perguntas a fazer — sobre o que faz um ornitólogo e por que o suj eito estaria acam pando, e outras coisas que eu j á sabia. Eu só tinha um a pergunta, que estava louco para fazer a m eu pai desde que ele com eçou a contar a história.

— Você viu os olhos dele?

Meu pai pensou por um segundo.

— Não — respondeu. — Ele estava de óculos escuros.

— À noite?

— Que coisa mais estranha...

Fui tomado por um mal-estar súbito e me perguntei quanto meu pai passara perto de algo muito pior do que uma troca de socos. Será que o cara podia ser um acólito? Eu não tinha certeza, mas sabia que tinha de contar sobre ele à srta.

Peregrine... e logo.

— Ah, droga! — disse Kev. — Não tem os um assassinato em Cairnholm há cem anos. E, além disso, por que alguém ia querer me atar o velho Martin? Não faz sentido. Aposto um a rodada com todos vocês que quando sair sua autópsia vai constar que ele foi comido até me orrar de prazer.

— Podem ter sido as primeiras ondas da tempestade — disse o pescador de modo grave e sombrio. — Tem uma tempestade se aproximando agora. A Capitania dos Portos diz que vai ser das fortes. A pior deste ano.

— A Capitania dos Portos... — zombar Kev. — A Capitania não sabe nem se está chovendo *agora*!

Os ilhéus costumavam fazer pronunciamentos sombrios sobre o que a Mão da Natureza tinha reservado para Cairnholm — afinal de contas, estavam todos à mercê do clima, e eram naturalmente pessimistas —, mas desta vez seus piores temores se confirmaram. O vento e a chuva que tinham fustigado a ilha durante toda a semana ficaram mesmo fortes naquela noite e se transformaram em um bando sinistro de nuvens de tempestade que se aproximavam, negras, no céu e transformavam em espuma as águas do mar. Em meio a essas horas sobre Martin ter sido assassinado e sobre o clima, a cidade se

fechou de m odo m ais ou m enos sem elhante à casa onde viviam as crianças. As pessoas ficaram confinadas em suas residências. As janelas foram fechadas e as portas, bem trancadas e bloqueadas. Os barcos batiam contra seus atracadouros com as ondas pesadas, m as nenhum deixou a baía; sair para o mar naquele clim a seria suicídio. E, com o

a polícia do continente não podia recolher o corpo de Martin até que o mar se acalmasse, ele foi guardado no gelo, nos fundos da peixaria.

Eu estava sob ordens estritas de m eu pai para não deixar o Buraco do Padre, m as tam bém tinha instruções de contar qualquer acontecimento estranho à srta.

Peregrine, e, se um a m orte suspeita não fosse um acontecimento estranho, nada m ais seria. Por isso naquela noite fingi que estava m eio gripado e m e tranquei no quarto, então saí pela janela e desci pela calha até o chão.

Ninguém m ais seria idiota o bastante para estar fora de casa, por isso saí correndo pela trilha principal sem m edo de ser visto, com o capuz da capa de chuva bem preso em torno do rosto para m e proteger da chuva de vento.

Quando cheguei à casa, a srta. Peregrine olhou para m im e logo soube que havia algo errado.

— O que aconteceu? — perguntou, com os olhos intençados fixos em m im .

Contei tudo a ela, um resum o de todos os fatos e rum ores que escutara, e seu rosto em palideceu. Ela apressou-se a m e levar para a sala de estar, onde, em pânico, reuniu todas as crianças que pôde encontrar e, em seguida, saiu andando a passos largos para procurar as poucas que, aparentemente, ignoraram seus gritos. O restante foi deixado ali, sem saber o que estava acontecendo.

Em m a e Millard m e deram um a prensa.

— Por que ela está tão nervosa assim ? — perguntou Millard.

Contei a eles sobre Martin em voz baixa e cautelosa. Millard inspirou fundo e Em m a cruzou os braços, preocupada.

— É m esm o tão ruim assim ? — perguntei. — Quero dizer, não podem ter sido etéreos; eles só caçam peculiares, certo?

— Você conta a ele ou quer que eu faça isso? — resm ungou Em m a.

— Os etéreos preferem peculiares a pessoas com uns — explicou Millard

—, m as eles com em praticam ente qualquer coisa para se sustentar, desde que sej a fresco e tenha carne.

— É um a das m aneiras de saber se há etéreos por perto — disse Em m a.

—
Os corpos vão se am ontoando. É por isso que eles são essencialm ente nôm ades.

Se eles não m udassem sem pre de lugar, seria sim ples rastreá-los.

— Com que frequênci a — perguntei, com um frio subindo pela espinha —
eles precisam com er?

— Com m uita frequênci a — disse Millard. — Arranj ar as refeições dos etéreos tom a a m aior parte do tem po dos acólitos. Eles procuram peculiares quando podem , m as um a enorm e porção de sua energia e trabalho é gasta em busca de vítim as com uns para os etéreos, tanto anim ais quanto hum anos, e depois para esconder a suj eira. — O tom de Millard era acadêm ico, com o se discutisse os padrões reprodutivos de um a espécie ligeiram ente interessante de roedor.

— Mas os acólitos nunca são pegos? — perguntei. — Quero dizer, se eles aj udam a *assassinar* pessoas, é de esperar que...

— Às vezes são — disse Em m a. — Aposto que você j á ouviu falar de alguns deles, se acom panha o noticiário. Um suj eito foi encontrado com cabeças hum anas guardadas na geladeira e pedaços de tripas e entranhas em um a panela sobre fogo baixo, com o se estivesse preparando um a ceia de Natal. Na sua época, não deve ter sido há m uito tem po.

Eu me lembro vagamente de um especial de TV sensacionalista que passou num dia trágico sobre um assassino canibal em série, de Milwaukee, que tinha sido preso em circunstâncias parecidas.

— Você deve estar falando de... Jeffrey Dahmer?

— Acho que era esse, sim, o nome do cavalheiro — disse Millard. — Um caso fascinante. Mas parece que ele nunca perdeu o gosto por comida fresca, apesar de não ser mais um etéreo havia muitos anos.

— Pensei que não deviam saber sobre o futuro — disse eu.

Em seguida abriu um sorriso astuto.

— A Ave só esconde de nós as coisas boas do futuro, mas pode apostar que sobem os de todas as histórias ruins.

Então a sra. Peregrine voltou, arrastando consigo Enoch e Horace pela manga da camisa. Todos pararam para prestar atenção.

— Acabam de ser informados de um ameaça — anunciou ela, que me cumprimentou com um aceno de cabeça em agradecimento. — Um homem estava na fenda da porta sob circunstâncias muito suspeitas. Não temos certeza da causa nem se isso representa uma ameaça real à nossa segurança, mas devem agir com o se representasse. Até segunda ordem, ninguém pode deixar a casa, nem para colher verduras ou trazer ganso para o jantar.

Um gemido coletivo foi ouvido, acima de todos a sra. Peregrine levantou a voz.

— Estes últimos dias têm sido muito desafiadores para todos nós. Eu imploro a vocês que tenham paciência.

Mãos se ergueram por toda a sala, mas ela rejeitou todas as perguntas e saiu para ver se as portas estavam bem trancadas. Corri atrás dela em pânico. Se havia mesmo algo perigoso na ilha, podia me matar no instante em que eu pudesse os pés fora da fenda. Mas, se eu ficasse ali, deixaria meu pai

indefeso, sem m encionar que estaria m orto de preocupação por m inha causa. De algum m odo, isso parecia ainda pior.

— Preciso ir — disse, quando alcançava a srta. Peregrine.

Ela m e puxou para um quarto vazio e fechou a porta.

— Não levante a voz — ordenou. — E você vai obedecer às m inhas regras.

O que eu disse tam bém se aplica a você. Ninguém sai desta casa.

— Mas senhorita...

— Até agora eu perm iti a você um grau de autonom ia sem precedentes para ir e vir à vontade, em respeito a sua situação singular, m as você j á pode ter sido seguido até aqui, e isso coloca em risco a vida de m eus protegidos. Não vou m ais perm itir que ponha a eles, além de você, em perigo.

— Mas a senhora não entende? — praguej ei. — Os barcos não estão saindo.

As pessoas na cidade estão presas. Meu *pai* está preso. Se realm ente há um acólito, e se ele é quem penso que é, ele e m eu pai j á quase com eçaram a brigar um a vez. Se ele acabou de dar um estranho de com ida aos etéreos, im aginem atrás de quem ele vai agora?

O rosto dela estava com o pedra.

— Não vou pôr em risco os m eus protegidos. Por ninguém .

— Não são apenas os habitantes da cidade, é m eu *pai*! Acha m esm o que algum as portas vão m e im pedir de ir?

— Talvez não, m as se insistir em sair daqui vou insistir para que nunca m ais retorne.

Fiquei tão chocado que tive de rir.

— Mas vocês *precisam* de m im ! — disse eu.

— É, precisam os — respondeu ela. — Precisam os m uito.

Subi correndo as escadas e fui até o quarto de Em m a. O interior era um a im agem de frustração que podia m uito bem ter saído de um a obra de Norman Rockwell, se Norman Rockwell retratasse pessoas cum prindo pena na cadeia.

Bronwy n, inerte, olhava pela janela. Enoch estava sentado no chão, m exendo num pedaço de argila endurecida. Em m a, em poleirada na beira de sua cama, rasgava folhas de papel de um caderno e as incendiava entre os dedos.

— Você voltou! — disse Em m a quando entrei.

— Nem cheguei a ir — respondi. — A senhorita Peregrine não ia deixar. —

Todos escutaram enquanto eu m e sentei e expliquei m eu dilema. E a ameaça da srta. Peregrine.

— Serei banido se tentar sair — contei a eles.

O caderno inteiro de Em m a pegou fogo.

— Ela não pode fazer isso! — gritou, alheia às chamas que lambiam sua mão.

— Ela pode fazer o que quiser — disse Bronwy n. — Ela é a Ave.

Em m a jogou o caderno no chão e o pisoteou para apagar o fogo.

Eu m e levantei.

— Só vim aqui dizer a vocês que eu vou, quer ela queira ou não. Não serei m antido com o prisioneiro e não vou enterrar a cabeça na areia enquanto m eu pai pode estar correndo perigo de verdade.

— Então eu vou com você — disse Em m a.

— Você não está falando sério! — retrucou Bronwy n.

— Estou — disse ela.

— Você é burra, é? — disse Enoch. — Vai virar um a am eixa seca velha... e por quê? Por ele?

— Não vou — disse Em m a. — É preciso ficar fora da fenda de tem po por horas e horas antes que isso aconteça, e não vai dem orar tanto assim , vai, Jacob?

— É um a m á ideia.

— O *que* é um a m á ideia? — disse Enoch. — Ela não sabe nem para que estará arriscando a vida.

— A diretora não vai gostar — disse Bronwy n, afirm ando, para variar, o óbvio. — Ela vai nos *matar!*

Em m a se levantou e fechou a porta.

— *Ela* não vai nos m atar — disse. — Essas *coisas* é que vão. E, se não m atarem , viver desse j eito por m uito m ais tem po pode ser pior que a m orte. A

Ave nos m antém num a rédea tão curta que a gente m al pode respirar, e tudo porque ela não tem disposição para encarar sei a lá o que estiver lá fora.

— Ou o que não está lá fora — disse Millard, que eu não havia notado estar na sala com a gente.

— Mas ela não vai gostar disso — repetiu Bronwy n.

Em m a deu um passo belicoso na direção da am iga.

— Por quanto tem po você ainda vai se esconder debaixo da barra da saia dessa m ulher?

— Já esqueceu o que aconteceu com a senhorita Avocet? — disse Millard.

— Só quando os protegidos dela saíram da fenda eles foram mortos e a senhorita Buntin, raptada. Se eles tivessem ficado no lugar, nada de morto teria acontecido.

— Nada de morto? — disse Ema, desconfiada. — É verdade que os etéreos não conseguem entrar nas fendas de tempo, mas os acólitos conseguem, e foi por isso que os garotos foram enganados e convencidos a sair. Será que a gente deve ficar com a bunda sentada aqui esperando que eles entrem pela porta da frente?

E se, desta vez, em vez de um disfarce inteligente, eles trouxerem armas?

— Era isso o que eu faria — disse Enoch. — Esperaria que todos dormissem, então desceria pela chaminé com o Papai Noel e BAM! — Ele disparou um revólver imaginário no travesseiro de Ema. — Miolas na parede!

— Obrigado por essa — suspirou Millard.

— Temos de atacá-los antes que eles descubram que sabem os que estão aqui — disse Ema. — Enquanto temos o elemento surpresa.

— Mas não sabem os se eles estão aqui! — disse Millard.

— Vamos descobrir.

— E como sugere fazer isso? Andando por aí até encontrar um? E aí?

Desculpe, nós queríamos saber quais seriam suas intenções em relação a nos devorar.

— Nós temos Jacob — disse Bronwyne. — Ele pode ver os etéreos.

Senti um nó na garganta, consciente de que, se essa expedição de caça se formasse, de algum modo eu seria responsável pela segurança de todos.

— Até hoje só vi um — alertei-os. — Por isso não diria que sou um especialista.

— E se ele não vir nenhum? — disse Millard. — Isso pode significar que não há nenhum para ser visto, ou que eles estão escondidos. Você continuaria na mesma situação em que está agora.

O quarto encheu-se de expressões sérias e pensativas. O que Millard disse fazia sentido.

— Bem, parece que a lógica venceu mais uma vez — disse ele. — Vou lá fora buscar meus amigos para jantarmos, se algum de vocês, amotinados, quiser se juntar a mim. Ao contrário de vocês, eu bem que gosto de meus amigos.

As mesmas ondas das camas rangeram quando Millard se levantou e se dirigiu à porta. Mas, antes que ele saísse, Enoch se levantou com um pulo e berrou:

— Descobri!

Millard parou.

— Descobri o quê?

Enoch se virou para mim.

— O sujeito que pode ou não ter sido devorado por um etéreo. Você sabe onde o puseram?

— Acho que na peixaria.

Ele esfregou as mãos.

— Então eu sei com o podem os ter certeza.

— E o que farem os? — Millard indagou.

— Vão perguntar a ele.

Um a equipe expedicionária foi montada. Iriam se juntar a mim. Em minha, que se recusou termos inantemente a mim e deixar ir sozinho, Bronwyn, que

estava contrariada porque ia deixar a srta. Peregrine com raiva, mas insistiu que precisavam os de sua proteção, e Enoch, cujo o plano nós íam os executar. Millard, cuja invisibilidade podia ajudar bastante, não quis tomar parte naquilo e teve de ser subornado só para que não nos entregasse.

— Se todos formos — raciocinou Emilia —, a Ave não poderá banir apenas Jacob. Terá de banir todos nós.

— Mas eu não quero ser banida! — disse Bronwy n.

— Ela nunca faria isso, Wy n, essa é a questão. E, se conseguirmos voltar para casa antes da hora de dormir, talvez ela nem perceba que saímos.

Eu tinha minhas dúvidas quanto a isso, mas todos concordaram que valia a pena arriscar.

Tudo ocorreu com o um a fuga de prisão. Depois do jantar, quando a casa estava mais caótica e a srta. Peregrine mais distraída, Emilia fingiu que ia para a sala de estar, eu, para a biblioteca, e alguns minutos depois nos encontramos no fim do corredor do segundo andar, onde um pedaço do teto tinha sido puxado para revelar uma escada. Emilia subiu e eu a segui, fechando a escada atrás de mim. Estavam os no espaço pequeno e escuro do sótão. De um lado, havia uma saída de ventilação — cujos parafusos foram retirados com facilidade —, que dava para uma área plana do telhado.

Saímos para o ar da noite e vimos os que os outros já estavam à nossa espera.

Bronwy n deu um abraço esmagador em cada um de nós e nos entregou capas de chuva pretas que pegara num armário. Sugeriu que as vestíssemos com o módico de proteção contra a forte tempestade do outro lado da fenda. Estava prestes a perguntar com o desceríamos os até o chão quando Olive surgiu flutuando na beira do telhado.

— Quem quer brincar de paraquedas? — disse ela, com um largo sorriso.

Estava descalça: deixara os sapatos de chumbo em algum outro lugar, e havia uma corda amarrada em torno de sua cintura que estava presa em algo lá em baixo. Curioso para saber a que ela estava presa, debrucei-me

para fora do telhado e vi Fiona acenando para mim de um a j anela, com a corda na outra mão.

— Você prim eiro — disse Enoch.

— Eu? — retruquei, afastando-m e nervoso da beirada. — Eu prim eiro o quê?

— Abrace Olive e pule — disse Em m a.

— Não lem brava que o plano incluía essa parte em que eu estraçalho a espinha.

— Não vai acontecer nada, bobinho, se você não largar Olive. É muito divertido. Já fazem os isso um m onte de vezes. — Então ela parou e pensou por um instante. — Bem , um a vez.

Não parecia haver alternativa, por isso tomei coragem e me aproximei da beira do telhado.

— Não tenha medo! — disse Olive.

— É fácil para você dizer, já que não cai — respondi.

Ela esticou os braços e me abraçou; eu a abracei também , e ela sussurrou:

— Tudo bem , vam os!

Fechei os olhos e saltei para o vazio. Em vez de cair com o eu temia, desci os flutuando lentamente até o chão, com o um balão que vazasse hélio.

— Foi divertido — disse Olive. — Agora me solte!

Eu a soltei e ela subiu com o um foguete até o telhado, gritando *Uhuuuuuu!*

pelo caminho. Os outros quase enlouqueceram para fazê-la ficar quieta, e um depois do outro a abraçaram e pairaram até o chão para se juntar a mim

.

Quando estavam os todos reunidos, saím os furtivam ente na direção da floresta, enquanto Fiona e Olive acenavam para nós. Pode ter sido m inha im aginação, m as, com a brisa, as criaturas esculpidas em arbustos no j ardum pareciam acenar tam bém , e o próprio Adam fazia um som brio gesto de despedida.

Quando param os na beira da charneca para tom ar fôlego antes da travessia, Enoch tirou de seu grosso casaco pacotes em balados em gaze de algodão.

— Aqui, peguem — disse ele. — Não vou ficar carregando todos.

— O que é isso? — disse Bronwy n, desdobrando o tecido para revelar um pedaço de carne am arronzada, com pequenos tubos se projetando dela. — Eca, que *fedor!* — exclamou, afastando aquilo do rosto.

— Calm a, é só um coração de ovelha — disse ele, e enfiou algo m ais ou m enos das m esm as dim ensões em m inhas m ãos. Aquilo fedia a form ol, e m esm o através do tecido era possível sentir um a um idade noj enta.

— Vou vom itar até as tripas se tiver de carregar isso — alertou-o Bronwy n.

— Eu ia gostar de ver isso — disse Enoch, parecendo ofendido, com o se ela am eaçasse derramar um a taça de vinho que ele tivesse acabado de lhe servir.

— Enfie na capa de chuva e vam os em bora.

Seguim os a faixa oculta de solo bom através do terreno alagadiço. Eu j á passara por ali tantas vezes que tinha quase m e esquecido de com o podia ser perigoso. Quantas vidas o lam açal engolira ao longo dos séculos? Quando subim os a elevação do túmulo de pedra, disse a todos que abotoassem bem as

capas.

— E se virm os alguém ? — perguntou Enoch.

— Apenas aí a naturalmente — disse eu. — Vou dizer que vocês são mesmo amigos dos Estados Unidos.

— E se vierem os um acólito? — perguntou Bronwynden.

— Corra.

— E se Jacob vir um etéreo?

— Nesse caso — disse Emma —, corra com o se o diabo estivesse atrás de você.

Um a um, entram os agachados no *cairn* e desaparecem os com pletam ente daquela calma noite de verão, com o se nunca tivessem os estado ali. Tudo estava quieto até que chegam os à câmara final, e então, num instante, a pressão do ar e a tempestade caíram e a tempestade rugia alto, com todas as suas forças.

Viram os na direção do som, estremecem os e por um instante ficam os ali parados apenas, ouvindo a tempestade fervilhar e uivar na boca do túnel. Parecia o som de um animal enjaulado ao qual tinham acabado de morder seu jantar. Não havia nada a fazer além de nos oferecermos a ela.

Nós nos ajoelhamos e entramos engatinhando no que parecia ser um buraco negro. As estrelas estavam perdidas atrás de um amontanha de nuvens carregadas, um temporal e um vento congelante que penetrava em nossos agasalhos. Raios riscavam o céu e nos iluminavam, deixando-nos brancos com os ossos e fazendo com que a escuridão que vinha depois parecesse ainda mais escura. Em cada tentou fazer um fogo, mas ela parecia um isqueiro no fim da vida útil. Toda faísca que saía de suas mãos se extinguia antes de virar fumaça, e nos enrolamos nas capas de chuva e corremos encurvados contra a ventania e o terreno pantanoso encharcado que sugava nossas pernas, orientando-nos pela mão em ória e pela visão.

Na cidade, a chuva batia em todas as portas e já anelava, mas ninguém aparecia. Todos permaneciam trancados e protegidos em suas casinhas enquanto corriam os desapercebidos pelas ruas que se enchiam de água, passavam os por telhas arrancadas e espalhadas pelo vento, por um a ovelha

solitária, cega pela chuva, perdida e balindo, e por um banheiro externo derrubado, que transbordava na estrada, até chegar à peixaria.

A porta estava trancada, mas com dois poderosos chutes de Bronwy não ela se abriu. Em seguida secou a mão no interior do agasalho e finalmente conseguiu produzir uma chama. Enquanto estavam os olhos esbugalhados nos encaravam de dentro do balcão frigorífico, eu os conduzi pela loja até o outro lado da bancada, onde Dylan passava seus dias praguejando e escamando peixes, e por um momento a porta cheia de molas de ferrugem. Lá dentro havia um pequeno frigorífico antigo, apenas um barraco de madeira, chão de terra e telhado de zinco, com paredes feitas de tábuas mal cortadas que lembravam dentes podres e deixavam passar a chuva pelos espaços entre elas. O lugar estava tomado por umas dúzia de grandes tinas retangulares, apoiadas em cavaletes e cheias de gelo.

— Ele está em qual?

— Não sei — respondi —, mas, se não se importar, prefiro não perguntar ao peixeiro.

Em seguida iluminou o caminho enquanto andavam os meios às tinas, tentando adivinhar qual poderia guardar mais que cadáveres de peixes, mas todas pareciam iguais à primeira vista, apenas caixões de gelo sem tampas. Teríam os de procurar em todas até achar.

— Eu não — disse Bronwy. — Não quero vê-lo. Não gosto de coisas mortas.

— Nem eu, mas temos de fazer isso — disse Emilia. — Estamos nessa juntinhos.

Cada um escolheu uma tina e com eçou a escavá-la com o um cão em um canteiro de flores perdidas, nossas mãos jogando malontes de gelo no chão. Eu tinha esvaziado metade de uma e com eçava a perder a sensibilidade nos dedos quando ouvi Bronwy soltar um grito do outro lado do barracão, e me virei para vê-la se afastar de sua tina aos tropeços, com as mãos na boca.

Nós nos aglomerávamos em torno para ver o que ela tinha descoberto.

Proj etando-se do gelo no local onde ela escavara, via-se um a m ão congelada e com os nós dos dedos cobertos de pelos.

— Arriscaria dizer que você encontrou nosso hom em — disse Enoch, e através de frestas entre os dedos o resto de nós observou enquanto ele tirava m ais gelo, aos poucos revelando um braço, depois um tronco e finalm ente todo o corpo destroçado de Martin.

Era um a visão horrível. Seus m em bros estavam retorcidos em posições im prováveis. O tronco tinha sido cortado ao m eio e esvaziado, e o gelo enchia a cavidade onde antes ficavam suas entranhas. Quando seu rosto surgiu, todos levaram um susto. Metade eram faixas de um a contusão arroxeadas que parecia um a m áscara rasgada. A outra estava lim pa o bastante apenas para reconhecê-lo: um queixo coberto por barba, parte de um a bochecha e da testa, e um olho verde, aberto e encarando fixam ente o vazio. Ele vestia apenas cuecas sam ba-canção e trapos rasgados de um roupão atoalhado. Era im possível que ele tivesse andado até os penhascos, à noite, vestido daquele j eito. Alguém , ou algum a coisa, o arrastara até lá.

— Ele j á está m orto há m uito tem po — disse Enoch, enquanto avaliava Martin com o um cirurgião faria com um paciente desenganado. — Tenho que dizer: isso pode não funcionar.

— Tem os que tentar — disse Bronwy n, unindo-se a nosso am ontoado de gente. — Já que viem os até aqui, pelo m enos tem os que tentar.

Enoch abriu a capa e pegou num bolso interno um dos corações em brulhados. Parecia um a luva de beisebol m arrom dobrada em volta de si m esm a.

— Se ele acordar — disse Enoch —, não vai estar satisfeito. Então se afastem e não digam que não avisei.

Todos nós dem os um passo generoso para trás, exceto Enoch, que se debruçou sobre a tina, enfiou o braço no gelo que enchia o peito de Martin e revirou a m ão lá dentro com o se estivesse procurando um a lata de refrigerante num isopor. Pareceu encontrar algo e, com a outra m ão, ergueu o coração de ovelha acim a da cabeça.

Um a convulsão repentina atravessou todo o corpo de Enoch, e o coração de ovelha com eçou a bater, borrifando um a névoa fina de sangrenta solução de conservação. A respiração de Enoch se acelerou. Ele estava canalizando algo.

Estudei o corpo de Martin em busca de um sinal de m ovim ento — as partes dele que eu conseguia olhar —, m as ele perm anecia im óvel.

Aos poucos, a pulsação do coração nas m ãos de Enoch foi perdendo força e sua cor foi esm aecendo e transform ando-se em um cinza-escuro com o o de carne deixada por tem po dem ais no *freezer*. Enoch o j ogou no chão e esticou a m ão vazia em m inha direção, e eu peguei o coração que estava guardado no m eu bolso e o entreguei a ele, que repetiu o m esm o procedim ento. O coração palpitou e pulsou por algum tem po antes de parar com o o anterior. Ele repetiu aquilo pela terceira vez com o coração que dera a Em m a.

O coração de Bronwy n era o últim o, portanto a derradeira chance de Enoch. Seu rosto assum iu nova intensidade quando ele o ergueu acim a do caixão grosseiro de Martin, apertando-o com o se quisesse atravessá-lo com o dedo.

Quando o coração com eçou a se m over e a trem er com o um m otor afogado, Enoch gritou para Martin com o um pregador religioso de tem pos antigos:

— Levante-se, m orto, levante-se!

Percebi um vislum bre de m ovim ento. Algo se m overa sob o gelo. Inclinei- m e o m ais perto do corpo que ousava chegar, em busca de qualquer sinal de vida. Por um longo m om ento não aconteceu nada, m as então o corpo se reforceu com tanta força e tão repentinam ente, com o se tivesse recebido um choque de um desfibrilador, e todos pulam os para trás e gritam os de susto. Quando baixei os braços para ver de novo, a cabeça dele tinha virado em m inha direção, com um olho vazado girando loucam ente ao redor até se fixar, aparentem ente, em m im .

— Ele está vendo você! — disse Enoch. — Chegue perto, ele quer falar!

Eu me inclinei sobre ele. O morto fedia a terra revirada, sal e coisa pior.

Caía gelo de sua mão, que se ergueu trêmula no ar por um instante, atormentada e azulada, antes de descansar em meu braço. Lutei muito contra o imenso pulso de tirá-la dali.

Seus lábios se separaram e o morto axilar se abriu lentamente, mas não havia nada a ouvir. *Claro que não há; seus pulmões foram destruídos!* Foi o que pensei, mas então ele emitiu um som baixinho e eu me aproximei, minha orelha quase tocando seus lábios congelados. Pensei, estranhamente, na chuva correndo na calha da minha casa, onde, se você encosta a cabeça nos canos e espera um a pausa no tráfego, prestando atenção, percebe um sussurro de um a corrente subterrânea, enterrada quando a cidade foi construída, ainda correndo, mas presa em um mundo de noite eterna.

Os outros se juntaram ao redor da tina, mas eu era o único que podia ouvi-lo. A primeira coisa que o morto disse foi meu nome.

— Jacob.

Fiquei gelado de medo.

— Sim — respondi.

— Eu estava morto. — As palavras saíam lentamente, escorrendo com o medo. Ele se corrigiu. — Estou morto.

— Conte o que aconteceu — disse eu. — Você se lembra?

Houve uma pausa. O vento assobiou pelas frestas na parede e ele disse algo que eu não entendi.

— Diga de novo. Por favor, Martin.

— Ele me matou — sussurrou o morto.

— Quem?

- O meu Velho.
- Está falando de Oggie, seu tio?
- Meu Velho — repetiu. — Ele cresceu. E ficou grande, muito grande.
- Quem fez isso, Martin?

Os olhos dele se fecharam e temi que ele tivesse partido de vez. Olhei para Enoch, que assentiu com a cabeça. O coração em sua mão ainda pulsava.

O olho de Martin estremeceu sob a pálpebra. Ele recomeçou a falar, lenta e firmemente, com o se recitasse algo.

— Através de seus tecidos e peles, os sumos do inverno o digeriram. As raízes iletradas refletiram e me orreram no vazio de seu estômago. Jazia à espera no fundo de cascalho, o cérebro escurecendo, um a enorme ninhada ferm entando sob a terra, e se ergueu das trevas, ossos partidos, os pontos soltos, pequenos brilhos na margem.

Martin fez uma pausa. Seus lábios tremiam, e no breve silêncio Em me olhou para mim e me surpreendeu:

- O que ele está dizendo?
- Não sei — respondi —, mas acho que é um poema.

Ele voltou a falar, a voz agora aguda e vacilante, alta o bastante para que todos ouvissem .

— Com o se vertesse alcatrão, ele parece chorar o rio negro de si mesmo. A textura de seus pulsos é igual ao carvalho das charnecas, seu calcanhar, um ovo de basalto. Os quadris parecem a concha de um marisco, a espinha, um enguia presa sob uma camada de lamina reluzente.

Enquanto falava, eu me lembrei de onde tinha ouvido aquilo antes. Ele recitara o poema para mim em seu museu, diante da vitrine onde o Garoto do Pântano estava em exposição.

— Oh, Jacob. Eu cuidei tanto dele! Lim pei-o, rem ovi toda a sua suj eira e criei um lar para ele, com o se fosse m eu próprio bebezão ferido. Eu cuidei tão bem dele, m as...

— Está falando do Garoto do Pântano? Do Velho?

— Me m ande de volta! — ele im plorou. — Isso dói. — Sua m ão fria acariciou m eu om bro e sua voz com eçou a desaparecer outra vez.

Olhei para Enoch em busca de aj uda e ele apertou m ais o coração, m as sacudiu a cabeça.

— Rápido agora, parceiro — disse ele.

Então m e dei conta de que ele descrevia o Garoto do Pântano, m as não fora o Garoto do Pântano quem o m atara. *Eles só ficam visíveis para nós quando estão comendo*, disserra-m e a srta. Peregrine, o que significa: quando é tarde demais.

Martin tinha visto um ser etéreo — à noite, em baixo de chuva e enquanto o m onstro o rasgava em pedaços — e o confundira com a peça m ais preciosa de seu m useu.

O velho m edo voltou a pulsar, envolvendo m inhas entradas com um calor am argo. Eu m e virei para os outros.

— Foi um etéreo que fez isso com ele — afirm ei. — Ele está em algum lugar da ilha.

— Pergunte a ele onde — disse Enoch.

— Martin, onde? Preciso saber onde você o viu.

— Por favor, isso dói.

— Onde você o viu?

— Ele veio até m inha porta.

— O Velho?

Então sua respiração ficou difícil, de um modo estranho. Era terrível olhar para ele, mas eu forcei a fazê-lo e segui o movimento de seus olhos, que pareceram se focar em algo às minhas costas.

— Não — disse. — Foi *ele*.

Então um facho de luz projetou-se sobre nós e uma voz alta berrou:

— *Quem está aí?*

Em seguida fechou a mão e a chama apagou, e todos nos viraram os para ver um homem parado à porta com uma lanterna apontada em nossa direção, na outra mão trazendo uma pistola.

Enoch rapidamente puxou seu braço do gelo enquanto eu e Bronwy não se juntaram no meio da aglomeração para encobrir a visão de Martin.

— Não queríam os invadir — disse Bronwy. — Já estavam os saindo, é sério.

— Fiquem onde estão! — gritou o homem. A voz dele era dura, sem sotaque. Não conseguia ver seu rosto por trás do facho de luz, mas os muitos casacos que usava em cada identificavam no ato: era o ornitólogo.

— Moço, a gente não come nada o dia inteiro — disse Enoch, pela primeira vez parecendo um garoto de doze anos. — Só viem os ver se pegávam os um ou dois peixinhos.

— É isso mesmo? — disse o homem. — Parece que vocês já escolheram um. Vam os ver de que espécie. — Ele agitou a lanterna de um lado para o outro com o se quisesse nos separar com seu facho de luz. — Afastem-se!

Jogou a luz sobre o corpo de Martin, uma extravagante paisagem devastada.

— Meu Deus, que peixe esquisito, hein? — disse ele, sem qualquer emocião.

— Deve ser fresco, ainda está se m exendo! — A luz da lanterna se deteve sobre o rosto de Martin. Seus olhos viraram para trás e seus lábios se m overam sem som em um a paródia m edonha de fala, apenas um vislum bre, enquanto a vida que Enoch lhe dera se esvaía.

— Quem é você? — perguntou Bronwy n.

— Isso depende de para quem você está perguntando — retrucou o hom em .

— E não é nem de perto tão im portante quanto o fato de que eu sei quem são vocês. — Ele apontou a lanterna para cada um de nós e falou com o se citasse um dossiê secreto. — Em m a Bloom , um a centelha, abandonada num circo quando seus pais não conseguiram vendê-la para um . Bronwy n Bruntley, um a fúria, bebedora de sangue, não conhecia a própria força até a noite em que quebrou o pescoço de seu padrasto canalha. Enoch O'Connor, nascido em um a fam ília de agentes funerários que não conseguiam entender por que seus clientes insistiam

em fugir. — Vi cada um deles em palidecer um pouco. Depois ele j ogou a luz sobre m im . — E Jacob. Em que com panhia peculiar você tem andado esses dias!

— Com o sabe m eu nom e?

Ele pigarreou e, quando tornou a falar, sua voz tinha m udado tão radicalm ente que parecia a de outra pessoa.

— Já m e esqueceu tão rápido assim ? — disse ele com sotaque da Nova Inglaterra. — Só um pobre m otorista de ônibus, acho que não se lem bra.

Parecia im possível, m as de algum m odo aquele hom em estava fazendo um a im itação m uito boa do m otorista do m eu ônibus escolar, o sr. Barron, um hom em tão desprezível, tão m al-hum orado, tão roboticam ente inflexível que no últim o dia de aula da oitava série nós arrancam os seu retrato no livro do ano da escola e o prendem os com gram pos, com o um a efígie, no encosto de sua cadeira. Estava m e lem brando do que ele costum ava falar sem pre que eu descia do ônibus à tarde, quando o hom em diante de m im disse o que eu pensava:

— Fim da linha, Portm an!

— Senhor Barron? — disse eu, desconfiado, esforçando-m e para conseguir ver seu rosto por trás da luz da lanterna.

O hom em riu, então pigarreou e tornou a m udar de sotaque.

— Ou ele ou o j ardineiro — disse com um forte sotaque da Flórida. — Suas árvores precisam de um a poda. Cobro baratinho!

Era a voz, idêntica em cada sílaba, do hom em que cuidou do j ardilho e da piscina da m inha fam ília por anos.

— Com o você faz isso? — questionei. — Com o conhece todas essas pessoas?

— Porque eu *sou* essas pessoas! — retrucou ele, agora sem qualquer sotaque. Ele riu, desfrutando do horror esm agador que desabava sobre m im .

Algo m e ocorreu. Será que algum a vez eu vira os olhos do sr. Barron? Na verdade, não, ele estava sem pre usando aqueles óculos escuros enormes e grosseiros na cara. O j ardineiro tam bém usava óculos escuros e um chapéu de aba larga. Será que algum a vez cheguei a olhar para eles com atenção? Quantos outros papéis em m inha vida esse cam aleão tinha interpretado?

— O que está acontecendo? — disse Em m a. — Quem é esse hom em ?

— Cale a boca! — ele interrom peu. — Vai chegar a sua vez.

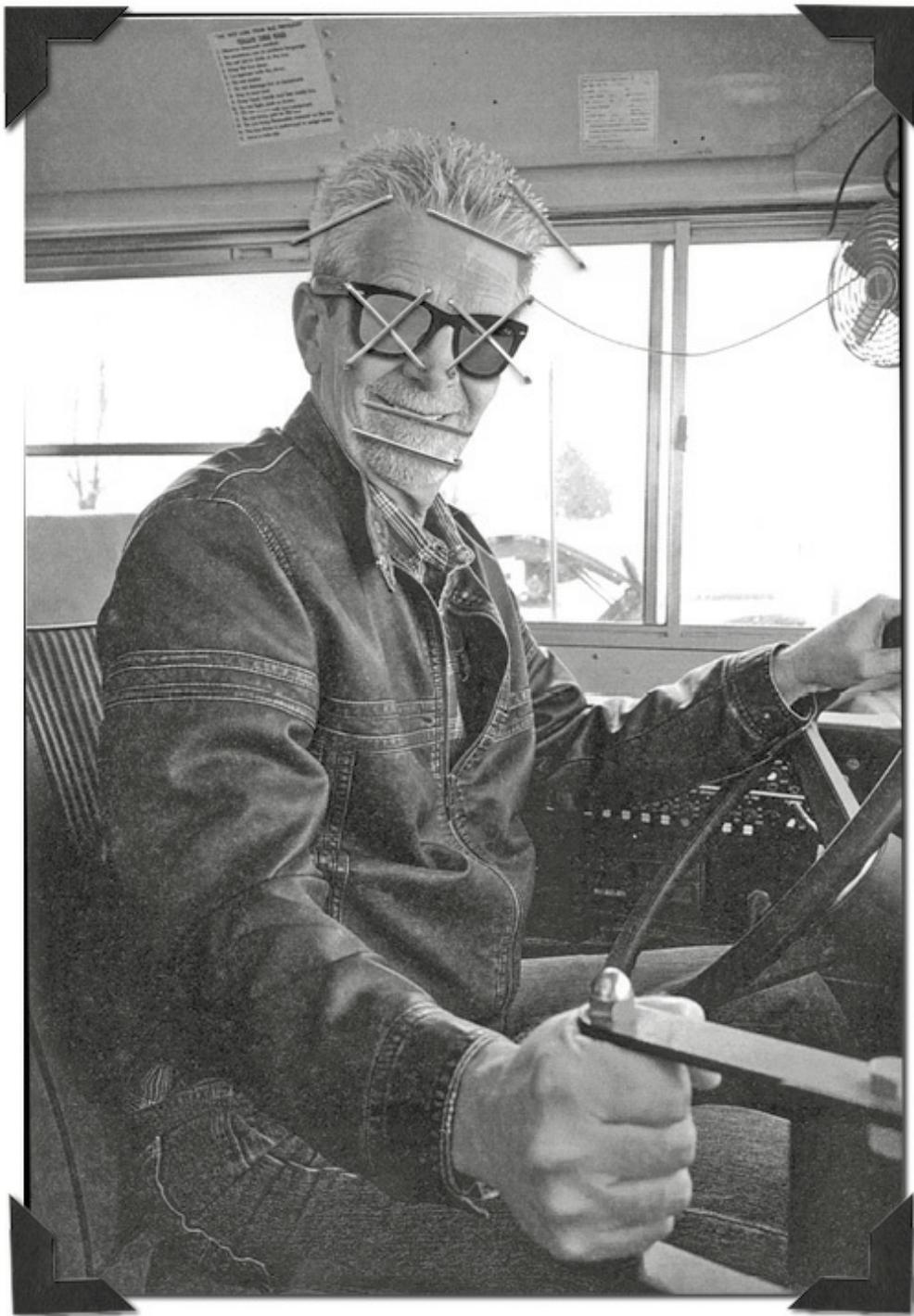
— Você estava m e observando — disse eu. — Matou aquelas ovelhas.

Matou Martin.

— Quem , eu? — disse com ar inocente. — *Eu* não m atei ninguém .

— Mas você é um acólito, não é?

— Essa é um a palavra criada por *eles* — disse com desprezo.



Eu não conseguia entender. Eu não via o jardineiro desde que minha mãe o substituíra três anos atrás, e o sr. Barron sumiu da minha vida após a oitava série.

Será que eles, quero dizer, ele realmente estivera me seguindo?

— Com o sabia onde m e encontrar?

— Ora, Jacob! — respondeu, com a voz m udando pela terceira vez. —

Você m esm o m e contou. Em sigilo, é claro. — Era um sotaque am ericano padrão, suave e culto. Ele baixou a lanterna para que a luz ilum inasse seu rosto. A barba que eu o vira usar no outro dia tinha sumido. Agora não havia com o confundi-lo.

— Doutor Golan! — exclam ei, m inha voz sendo um sussurro engolido pelo barulho da chuva forte. — Ah, m eu Deus!

Pensei na conversa que tivéram os ao telefone alguns dias antes. Aquele ruído no fundo... ele disse que estava no aeroporto. Mas não tinha ido buscar a irmã. Estava vindo atrás de m im .

Recuei e m e encostei na tina onde estava Martin. Um torpor tom ava conta de m eu corpo.

— O vizinho — falei. — O velho que regava o jardim na noite em que m eu avô m orreu. Tam bém era você.

Ele apenas sorriu.

— Mas seus olhos... — disse eu. — Eles são...

— Lentes de contato — respondeu, e tirou um a delas com o polegar, revelando um a órbita vazia. — É im pressionante o que eles fabricam hoj e em dia. E deixe-m e antecipar m ais algum as de suas perguntas estupefatas: sim , sou um psiquiatra de verdade. A m ente das pessoas com uns sem pre m e fascinou. E

não, apesar do fato de nossas sessões terem um a m entira com o base, não acho que foram um a com plena perda de tem po. Na verdade, talvez eu consiga continuar a ajudá-lo, ou m elhor, talvez consigam os aj udar um ao outro.

— Por favor, Jacob — disse Em m a —, não dê ouvidos a ele!

— Não se preocupe — respondi. — Confiei nele um a vez. Não vou cometer o mesmo erro de novo.

Golan agia com o se não estivesse me escutando.

— Posso lhe oferecer segurança, dinheiro. Posso lhe devolver sua vida. Só o que precisa fazer é trabalhar com a gente.

— A gente?

— Malthus e eu — ele falou, então se virou e chamou alguém que estava às suas costas. — Venha dar um alô, Malthus.

Um som brusco surgiu à porta atrás dele, e no instante seguinte fomos tomados por um bafo fétido. Bronwynn gaguejou e eu dei um passo para trás, vendo os punhos de Emma se fecharem, com o se ela estivesse pensando em atacar.

Toquei seu braço e falei com os lábios: *Espere*.

— Isto é o que eu estou lhe propondo — prosseguiu Golan, tentando parecer sensato. — Ajude-nos a encontrar mais gente com o você. Em troca, não terá o que temer de Malthus ou outros com o ele. Pode viver em casa. Em seu tempo

livre, pode vir comigo conhecer o mundo, e vamos pagá-lo muito bem. Podem os dizer a seus pais que você é meu pesquisador-assistente.

— Se eu concordar, o que acontece com meus amigos?

Ele fez um gesto de desprezo com a arma.

— Eles fizeram sua escolha muito tempo atrás. O importante é que há um grande plano em ação, Jacob, e você será parte dele.

Será que eu realmente considerei a possibilidade? Acho que sim, nem que por apenas um instante. Dr. Golan estava me oferecendo exatamente o que eu procurava, uma terceira opção, um futuro que não era nem *ficar para sempre aqui* nem *ir embora e morrer*. Mas apenas uma olhada em meus amigos bastou para eliminar qualquer tentação que pudesse ter me balançado.

— Bem? — disse Golan. — Qual é a sua resposta?

— Prefiro morrer a fazer qualquer coisa para ajudá-lo.

— Ah — disse ele —, mas você já me ajudou. — Ele saiu andando rumo à porta. — É uma pena que não vamos ter mais nenhum a sessão juntos, Jacob, apesar de isso não ser um desperdício total, eu acho. Vocês quatro juntos podem ser o bastante para finalmente tirar o velho Malthus da forma degradante em que ele está preso há tanto tempo.

— Meu Deus! — choramingou Enoch. — Não quero ser devorado!

— Não chore, é humilhante! — disparou Bronwyn. — Nós só temos de matá-los; é tudo.

— Eu gostaria de ficar para ver — disse Golan da porta. — Adoro observar!

Então ele foi em bora e ficam os sozinhos com aquilo. Eu podia ouvir a respiração da criatura no escuro, um chiado im pertinente que lem brava encanamento com defeito.

— Preciso de luz — sussurrei para Emilia, que estava tão apavorada que tinha se esquecido de seus próprios poderes.

A mão dela se acendeu, e em milhas som bras trem eluzentes que ela projetou eu o vi, escondido em milhas tinas de gelo: milha pesadelo. Ele estava ali, agachado, sem pelos e nu, com a pele pintada de cinza e preto pendurada no esqueleto em pregas soltas com o um terno muito grande, os olhos envoltos em putrefação aquosa, as pernas arqueadas, os pés tortos e as mãos retorcidas em garras inúteis — cada parte dele enrugada e envelhecida com o de um homem inacreditávelmente velho, com a exceção de um detalhe. As mandíbulas desproporcionais eram a principal característica de seu rosto: uma arcada dentária protuberante, com dentes tão grandes e afiados que lem bravam pequenas facas de cortar carne, algo que sua boca não tinha condições de conter, por isso seus lábios estavam permanentemente escancarados em um sorriso pervertido.

Os dentes horrorosos se separaram. As mandíbulas se abriram e exibiram três línguas com pridas no ar, cada uma das delas da grossura do meu pulso. Elas se projetaram até o milho do barracão, uns três metros ou mais, e ficaram assim, serpenteando no ar, enquanto a criatura respirava ruidosamente através de um par de orifícios repugnantes na cara, com o se provasse nosso cheiro, pensando no melhor modo de nos devorar. O fato de sermos tão fáceis de matar era a única razão por que ainda não tinhamos sido mortos. Com o um *gourmand* diante de

uma refeição sofisticada, não havia motivo para apressar as coisas.

Os outros não podiam vê-lo com o eu, mas reconheceram sua sombra na parede, e as sombras iguais a cordas de suas línguas. Em milha flexionou o braço e observou atenta enquanto sua chama brilhava com mais força.

— O que ele está fazendo? — sussurrou ela. — Por que ainda não veio para cima da gente?

— Ele está brincando. Sabe que não tem os saída — respondi.

— Não é verdade — m urm urou Bronwy n. — Só preciso de um a chance para acertar a cara dele. Vou quebrar todos os seus dentes.

— Se eu fosse você, não chegava perto desses dentes de j eito nenhum — disse eu.

O etéreo deu alguns passos trôpegos à frente para com pensar os que déram os para trás. As línguas se projetaram um pouco mais e se separaram.

Um a veio em minha direção, outra, na de Enoch, e a terceira, na de Emilia.

— Saia da frente! — berrou Emilia, atacando com a mão com o se fosse um a tocha. A língua se retorceu e fugiu da chama, depois voltou a avançar lentamente, com o um a cobra se preparando para o bote.

— Precisam os tentar alcançar a porta! — gritei. — O etéreo está ao lado da terceira tina à esquerda, então m antenham a direita.

— Nunca vam os conseguir! — gritou Enoch; então um a das línguas tocou seu rosto, e ele berrou.

— A gente corre no três! — berrou Emilia. — Um ...

Nesse momento, Bronwy n se lançou contra a criatura, gritando com o um *banshee*. A criatura soltou um guincho e recuou, com toda a pele pregueada do corpo esticada. Quando estava prestes a lançar seu tridente de línguas na direção dela, Bronwy n se jogou contra a tina de gelo de Martin com todo o peso do corpo, enfiou os braços por baixo dela, ergueu-a e a arremessou, e a coisa toda, cheia de gelo, peixes e Martin, voou pelo ar e caiu em cima do etéreo com um estrondo incrível.

Bronwy n girou o corpo e veio em nossa direção.

— ANDEM! — berrou ela, jogando-se contra a parede do meu lado. Tive de m e afastar, e ela, com um chute, abriu um buraco nas tábuas apodrecidas.

Enoch, o menor de nós, foi o primeiro a sair por ali, depois Emma o seguiu.

Bronwynn gritou comigo e, antes que eu pudesse protestar, ela me jogou lá fora no meio da noite chuvosa. Caí de cara em um a poça d'água. O frio foi um choque, mas eu estava feliz e aliviado por sentir qualquer coisa que não fosse a língua do etéreo em volta do pescoço.

Emma e Enoch me ajudaram a ficar de pé e nós saímos correndo. Logo em seguida, Emma chamou o nome de Bronwynn e parou, e nos viram os e vimos que ela não tinha vindo atrás de nós.

Gritaramos por ela e a procuramos pela escuridão tempestuosa, sem coragem suficiente para voltar. Enoch gritou:

— Ali! — Olhamos e vimos Bronwynn apoiada contra o canto do barracão frigorífico.

— O que ela está fazendo?! — disse Emma. — BRONWYN! CORRA!

Parecia que ela abraçava o barracão. Então ela deu um passo para trás, saiu correndo e golpeou a viga de sustentação com o ombro, e, com o um a casa feita de palitos de fósforo, tudo desmoronou no chão, levantando uma nuvem de gelo pulverizado e lascas de madeira, lançando na rua um alufada de ar.

Todos vibravam e comemoravam enquanto Bronwynn corria em nossa direção com um sorriso quase pervertido no rosto. Sob a chuva forte, nós a cercamos e a abraçamos, rindo. Não demorou muito, porém, para nosso humor ficar novamente sombrio, com o sentimento de que acabara de acontecer com eçasse a fazer efeito. Emma olhou para mim e fez a pergunta que todos deviam ter em mente.

— Jacob, com esse acólito sabia tanto sobre você? E sobre nós?

— Você o chamou de doutor — disse Enoch.

— Ele era meu psiquiatra.

— Psiquiatra! — exclamou Enoch. — Só faltava essa! Não bastou nos trair com um acólito. Além disso, ele é louco de pedra!

— Não fale um a bobagem dessas! — berrou Ema. Ela o em purrou, e ele estava prestes a em purrá-la tam bém quando eu me enfiei entre eles.

— Parem com isso! — disse eu, em purrando os dois. Virei-me para Enoch.

— Você está errado — disse para ele. — Não sou me aluço. Ele me fez acreditar que estava louco, apesar de, provavelmente, durante todo o tempo saber que eu era um peculiar. Mas você tem razão em um ponto. Eu realmente os traí. Conte os segredos de meu avô para um estranho.

— Não é culpa sua — disse Ema. — Você não tinha com o saber que nós éramos reais.

— Claro que tinha! — gritou Enoch. — Abe contou tudo a ele, chegou até a me ostrar nossos retratos!

— Golan sabia de tudo, me enos com o encontrá-los — falei —, e eu o trouxe direto para cá.

— Mas ele o enganou — disse Bronwy.

— Só quero que saibam que sinto muito.

Ema me abraçou.

— Está tudo bem. Estão os vivos — disse ela.

— Por enquanto — disse Enoch. — Mas aquele me aníaco ainda está solto por aí e, considerando com o ele estava ansioso para nos transformar em comida de etéreo, há uma grande possibilidade de que ele tenha descoberto por conta própria com o penetrar na fenda de tempo.

— Meu Deus, tem razão! — exclamou Ema.

— Bem, então é melhor a gente chegar lá antes dele.

— E antes *dele* tam bém — acrescentou Em m a. Nós nos viram os e a vim os apontar para os destroços do barracão, onde tábuas partidas se m oviam na pilha de entulho. — Acho que ele vem direto atrás da gente. E acabaram as casas para j ogar em cim a dele.

Alguém gritou: *Corram!* Mas j á estavam os num a carreira desabalada pela trilha, rum o ao único lugar em que o etéreo não podia nos alcançar: a fenda de tem po. Saím os correndo da cidade e adentram os a escuridão de breu da noite, e as silhuetas azuladas indistintas de casinhas aos poucos davam lugar aos cam pos no pé da colina. Subim os na direção do cum e, com m uita água descendo e

correndo entre nossos pés, tornando a trilha perigosa.

Enoch escorregou e caiu. Nós o levantam os e continuam os a correr. Quando estavam os quase no topo, os pés de Bronwy n tam bém vacilaram e ela caiu, deslizando m ais de cinco m etros até conseguir parar. Em m a e eu correm os para aj udá-la, e quando seguram os seus braços eu m e virei na esperança de conseguir vislum brar o etéreo, m as não havia nada além da chuva forte e negra. Meu talento para localizar etéreos não adiantava m uito quando não havia luz paravê-los.

Logo chegam os ao topo, quase sem fôlego. Houve, então, um relâm pago súbito, e eu m e virei e o vi. Ainda estava lá em baixo, a boa distância, m as subia rápido, as línguas ágeis se enfiando na lam a para aj udá-lo na escalada, com o se fosse um a aranha.

— *Andem!* — gritei, e todos nós descem os correndo pelo outro lado da colina, os quatro aos tropeções, escorregando e deslizando sentados na lam a até chegar ao sopé, onde o terreno era plano e podíam os correr norm alm ente.

Houve outro relâm pago. Ele estava atrás de nós, ainda m ais perto do que antes. Naquele ritm o, não havia chance de vencê-lo na corrida. Em vez disso, tinhama os de despistá-lo.

— Se nos alcançar, vai m atar todos nós! — gritei. — Mas, se nos separarm os, ele terá de escolher. Vou ver se consigo atrai-lo pelo cam inho m ais

longo, que faz a volta, para tentar despistá-lo na charneca. Enquanto isso, corram para a fenda o mais rápido possível!

— Você está louco! — berrou Emilia. — Se alguém vai ficar para trás, devo ser eu. Posso lutar com meu fogo.

— Não com essa chuva — disse eu. — E não sem conseguirvê-lo.

— Não vou deixar que faça isso! — ela exclamou.

Mas não havia tempo para discussão, então Bronwyne e Enoch saíram correndo na frente enquanto Emilia e eu saímos da trilha torcendo para que a criatura nos seguisse, o que ela de fato fez. Agora estava tão perto que eu não precisava de um relâmpago para saber onde estava. O nó em meu estômago bastava.

Corremos os braços dados, tropeçando por um descampado repleto de valas e buracos, caindo e segurando um ao outro num a dança epilética. Eu estava examinando o solo encharcado à procura de pedras para enfrentar a criatura quando, a nossa frente, saída da escuridão, surgiu uma estrutura, um pequeno barraco em ruínas com janelas quebradas e sem portas que, em pânico, não reconheci.

— Precisam os nos esconder! — disse, ofegante.

Por favor, que essa criatura seja burra! , rezei enquanto aceleravam os passos para o casebre. *Por favor, por favor, que ela seja burra!* Fizemos os últimos a grande volta na esperança de conseguirmos entrar sem ser vistos e assim despistar o monstro.

— Espere! — disse Emilia enquanto davam os a volta pelos fundos. Ela pegou, dentro da capa de chuva, um pedaço da gaze de algodão que envolvia o coração de ovelha, amarrou-o rapidamente em volta de uma pedra e o arremessou longe da gente. Ele aterrissou a boa distância, no meio da charneca, e reluzia de leve no escuro.

— Para despistá-lo — Emilia explicou, então viraram os e seguiram os para nos esconder nas sombras do casebre.

Passam os por um a porta pendurada nas dobradiças e entram os em um m ar de podridão escura e fedorenta. Quando pisam os no chão, nossos pés afundaram naquela im undície noj enta, e aí m e dei conta de onde estavam os.

— O que é isso? — m urm urou Em m a, e foi quando o som da respiração de um anim al nos deu um grande susto. O lugar estava cheio de ovelhas, que, com o nós, buscavam abrigo naquela noite pouco am istosa. Conform e nossa vista se acostum ou com a escuridão, vim os o brilho baço nos olhos delas, que nos m iravam . Dúzias e dúzias delas.

— Isto é o que acho que é? — perguntou Em m a, levantando um pé cuidadosam ente.

— Não pense nisso — retruquei. — Vam os, precisam os nos afastar da porta.

Tom ei-a pela m ão e entram os na casa, serpenteando em m eio a um labirinto de anim ais nervosos que se esquivavam ao nosso toque. Seguim os por um corredor estreito e chegam os a um a sala com um a j anela alta e um a porta ainda presa ao batente e fechada contra a noite, que era m elhor do que todos os outros aposentos. Fom os até o canto m ais distante e nos agacham os para esperar e escutar, escondidos atrás de um m uro de ovelhas inquietas.

Tentam os não afundar dem ais na suj eira do chão, m as na verdade não havia com o evitá-la. Após um m inuto sem conseguir ver nada, com ecei a distinguir algum as form as ali dentro. Havia caixas e caixotes em pilhados num canto e ferram entas enferruj adas apoiadas contra a parede às nossas costas.

Procurei algo afiado o bastante para servir de arm a. Vi algo parecido com um a tesoura gigante e m e levantei para apanhá-lo.

— Está pensando em tosquiari algum a ovelha? — disse Em m a.

— É m elhor que nada.

Quando eu pegava a tesoura da parede, ouvi um barulho do outro lado da janela. As ovelhas recuaram assustadas e, nervosas, não paravam de balir. Então um a língua negra e com prida penetrou pela m oldura sem vidro. Agachei-m e no m aior silêncio possível. Em m a pôs a m ão na boca para silenciar sua respiração.

A língua examinou o aposento com o se fosse um periscópio. As ovelhas se encolhiam para longe dela. A língua parecia provar o ar à nossa procura. Por sorte, tinham os nos escondido no aposento m ais fedorento da ilha. Todo o odor das ovelhas deve ter m ascarado o nosso cheiro, porque, após um m inuto, a língua pareceu desistir, enrolou-se para fora da janela outra vez, e ouvimos os passos da criatura se afastando.

Nós dois soltamos a respiração ao m esm o tempo.

— Quero que saiba um a coisa — disse eu. — Se escaparm os desta, vou ficar aqui.

Ela apertou m inha m ão.

— Está falando sério?

— Não posso voltar para casa, não depois do que aconteceu. E depois, eu devo a vocês toda a ajuda possível e m uito m ais. Vocês estavam perfeitamente seguros até eu chegar aqui.

— Se passarm os por isso — disse ela, inclinando-se para m im —, eu não m e arrependerei de nada.

Então algum ímã estranho fez com que nossos rostos se atraíssem e com eçam os a nos beijar. Por um m om ento tudo pareceu parar e m e esqueci de onde estavam os agachados e da criatura que estava em nosso encalço. Podíam os estar em qualquer lugar, ela e eu, duas pessoas já não distantes, com os lábios grudados, até que nosso m om ento foi estilhaçado por balidos agudos e aterrorizados vindos do outro aposento. Nós nos afastamos no m om ento em que o barulho apavorante agitou as ovelhas ao nosso redor, fazendo-as se chocar um as contra as outras e nos imprensar contra a parede.

Com certeza a fera não era tão burra quanto eu esperava.

Podíam os ouvi-la atravessando a casa em nossa direção. Se havia temor para correr, esse momento tinha passado. Nós nos enfiamos na lama fétida para nos esconder e torcemos para que a sombra da morte não nos percebesse.

Então senti seu cheiro, ainda mais forte que os outros fedores da casa, e percebi que ela estava na entrada do nosso aposento. Todas as ovelhas se afastaram da porta num átimo, mordendo-se juntas com o um cardume e eu nos imobilizando contra a parede com tamanha força que ficam os sem ar.

Agarraram-nos um ao outro com força, mas não ousam os falar, e por um momento insuportável ente tenso não se ouviu nenhum som além do balido das ovelhas e o ruído de cascos no chão. Então escutaram os um berro mais alto, repentino e desesperado, que foi silenciado de modo igualmente brusco. Em seguida ouviram os o ruído pavoroso de carne se rasgando e ossos se partindo.

Sabia, sem precisar ver, que uma ovelha tinha sido dilacerada.

O caos tomou conta do lugar. Animais em pânico ricocheteavam uns nos outros, jogando-nos contra a parede tantas vezes que fiquei tonto. O etéreo soltou um grito agudo de arrebentar os timpanos e com ele couve a levar uma ovelha atrás da outra até suas mandíbulas salivantes. Dava um a mordida sangrenta em cada um delas e em seguida as jogava de lado, com o se fosse um rei glutão se em panturrando em um banquete medieval. Fez isso repetidas vezes, mordendo tudo o que o estivesse impedindo de nos alcançar. Estavam os paralisados de medo.

Não sei explicar direito o que aconteceu em seguida. Todos os meus instintos gritavam para que eu ficasse escondido, para me afundar ainda mais na lama imunda, mas aí um a nítida ideia veio à minha mente e se fez ouvir acima de toda a estática: *Não vou permitir que a gente morra nesta casa cheia de merda!*

Em purrui em me para trás da maior ovelha que achei e saí correndo para a porta.

Ela estava fechada e a uns três metros de distância, e havia muitos animais entre mim e ela, mas abri espaço entre as ovelhas com o um jogador de futebol americano e, quando atingi a porta, eu a golpeei com o ombro e ela se abriu.

Caí do lado de fora no meio da chuva.

— Venha me pegar, seu filho da mãe horrendo com o cão! — gritei, e soube que tinha atraído sua atenção, porque a criatura soltou um uivo aterrorizante, e as ovelhas começaram a sair aos montes pela porta e passaram por mim. Conseguí ficar de pé, e quando tive certeza de que ela estava atrás de mim e não de mim, saí correndo na direção da charneca.

Podia sentir o monstro atrás de mim. Eu conseguia correr mais rápido, mas ainda carregava a tesoura de tosquia — não sei por que não conseguia deixá-la para trás —, o que significava que tinha de correr mantendo-a longe do corpo para não me em palar. Quando o chão sob meus pés ficou molado, soube que tinha chegado à charneca alagadiça, então ergui a tesoura acima da cabeça e segui em frente com passadas altas como se fosse um fuzileiro atravessando um fosso de lava.

Enquanto corria pela charneca, duas vezes o etéreo se aproximou o bastante para que suas línguas atingissem minhas costas. Mas nas duas vezes, quando eu tinha certeza de que uma delas estava na minha intenção de me laçar pelo pescoço e apertá-lo até arrancar minha cabeça, ele tropeçou num buraco na lava e caiu de costas. Só consegui chegar ao *cairn* com a cabeça ainda presa ao pescoço por um único motivo: eu sabia exatamente onde pôr os pés. Tinha seguido mim a tantas vezes que podia correr pelo caminho certo mesmo o num a noite sem lua e em meio a um furacão.

Enquanto subia a elevação do *cairn*, fiz a volta até a entrada de pedra e mergulhei em seu interior. Lá dentro, estava escuro com o breu, mas isso não me importava. Eu só precisava chegar à câmara para alcançar a segurança.

Engatinhei em frente porque não podia perder tempo, coisa que eu não tinha de sobra, sequer para me levantar. Quando estava na metade do caminho, comendo a lava e sentir cautelosamente otimista em relação às minhas

chances de sobrevivência, de repente não consegui mais avançar. Uma das línguas me agarrara pelo tornozelo.

O etéreo usara duas de suas línguas para se agarrar às pedras da entrada do túnel e usá-las com o apoio para evitar a lama, e cobriria a entrada com o corpo com o se fosse a tampa de um vidro. A terceira língua me puxava em sua direção. Eu era um peixe fisigado por um anzol.

Tentei me agarrar ao chão, mas só havia cascalho e meus dedos passavam através dele. Eu me virei de costas e tentei agarrar as pedras do túnel com a mão livre, mas deslizava depressa demais e não conseguia me segurar. Então ataquei a língua com a tesoura, mas ela era forte e resistente, um cabo de músculos sinuosos, e a tesoura estava totalmente cega. Apertei bem os olhos porque não queria que me andíbulas abertas fossem a última coisa que eu veria na vida, e segurei a tesoura com as duas mãos, apontada para a frente, o tempo parecendo se estender, com o me disse que acontece em batidas de carro, acidentes de trem e durante a queda livre de aviões. A primeira coisa que senti em seguida foi um a colisão de partir os ossos quando me choquei contra o etéreo.

Fiquei completamente sem ar e ouvi a criatura gritar. Voaram os juntos túnel afora e desceram rolando a elevação do túmulo de pedra até cair no terreno enlameado da charneca, e quando tornei a abrir os olhos vi que a tesoura estava enterrada no globo ocular da fera, que berrava com dez porcos sendo castrados,

retorcendo-se e se debatendo na lama amolecida pela chuva, enquanto expelia um rio negro de si mesmo, um fluido viscoso que escorria pelo cabo enferrujado da tesoura.

Eu podia sentir que ela estava me orrendo, que sua vida se esvaía, e a língua em torno de mim me tornozelo se afrouxava. Também sentia uma diferença em mim. O nó de medo no estômago me enfraquecia a se desfazer enquanto a vida deixava de eu inimigo. Finalmente ele ficou invisível e sumiu de vista. A lama com ele fechou a se fechar sobre sua cabeça e o sangue negro e espesso que jáorrava na superfície era o único sinal de que ele um dia estivera ali.

Senti que o terreno pantanoso me sugava já unto. Quanto mais eu lutava contra ele, mais ele parecia me querer. Que descoberta estranha nós seríamos os daqui a dois mil anos, preservados já untos na turfa.

Tentei remar na direção do terreno sólido do *cairn*, mas só consegui me afundar ainda mais. A lama parecia subir por cima de mim. Escalou meus braços, meu peito e envolveu meu pescoço com o se fosse um laço.

Gritei por ajuda e mal ilagrosamente ela chegou, em uma forma a que, de início, pensei ser de um libélula, um brilho veloz voando em minha direção.

Então a ouvi me chamar e respondi.

Um galho de árvore pousou na água. Eu o agarrei e em seguida o puxei. Quando finalmente saí da lama acal, tremia tanto que não conseguia me manter de pé.

Em seguida se agachou ao meu lado e cai em seus braços.

Eu o matei. Eu o matei mesmo. E eu tinha passado tanto tempo com medo!

Meu Deus, nunca sonhei que realmente pudesse matar um deles!

Aquilo fez com que me sentisse poderoso. Agora eu podia me defender.

Sabia que nunca seria tão forte quanto meu avô, mas tanto pouco era um fracote covarde. Eu podia matá-los.

Testei as palavras.

— Está me orto. Eu o matei!

Gargalhei. Em seguida abraçou, pressionando sua bochecha contra a minha.

— Sei que ele teria orgulho de você — disse ela.

Nós nos beijamos, e foi um beijo terno e gostoso, com a chuva pingando do nariz e escorrendo quente para dentro de nossas bocas entreabertas. Mas

cedo demais ela se afastou e sussurrou:

- O que você disse antes... estava falando sério?
- Eu vou ficar — respondi. — Quero dizer, se a senhorita Peregrine deixar.
- Sei que ela vai. Eu vou me assegurar disso.
- Antes de nos preocuparmos com esse assunto, temos de encontrar nosso psiquiatra e pegar a armadura dele.
- Certo — disse ela, assumindo um ar com penetrado. — Então não temos tempo a perder.

Deixam os a chuva para trás e ressurgem os em um a paisagem de fumaça e barulho. A fenda de tempo ainda não tinha sido reiniciada. A charneca estava salpicada de buracos de bombardeio, aviões zuniam no céu e os uros de chamas laranja avançavam rumo às árvores. Estava prestes a sugerir que esperassem os até que hoje virasse ontem e tudo aquilo desaparecesse antes de prosseguirmos, quando dois braços me orenos me agarraram.

- Vocês estão vivos! — gritou Bronwynden. Enoch e Hugh também estavam lá, e, quando ela me largou, eles vieram apertar minha mão e ver como eu estava.
- Me desculpe por chamá-lo de traidor — disse Enoch. — Fico feliz em ver que você não me orreu.
- Eu também — respondi.
- Está inteiro? — perguntou Hugh.
- Dois braços e duas pernas — falei, dando chutes no ar para mostrar que estavam inteiras. — E vocês não têm mais que se preocupar com o etéreo, nós o matamos.

— Ah, não sej a m odesto! — disse Em m a cheia de orgulho. — Você o m atou!

— Isso é brilhante — disse Hugh, m as nem ele nem os outros dois conseguiam abrir um sorriso.

— Qual é o problem a? — perguntei. — Espere, por que vocês não estão em casa? Onde está a senhorita Peregrine?

— Desapareceu — disse Bronwy n, com os lábios trêm ulos. — A senhorita Avocet tam bém . Ele levou as duas.

— Ah, m eu Deus! — disse Em m a. — Chegam os tarde dem ais!

— Ele apareceu com um a arm a — disse Hugh, enquanto exam inava m eu estado de im undície. — Tentou tom ar Claire com o refém , m as ela o m ordeu com a boca da nuca, então ele m e pegou em seu lugar. Tentei lutar, m as ele m e bateu na cabeça com a arm a. — Ele tocou a nuca e seus dedos ficaram sujos de sangue. — Trancou todo m undo no porão e disse que, se a diretora e a senhorita Avocet não se transform assem em aves, ele iria fazer um buraco a m ais em m inha cabeça, então elas obedeceram e ele m eteu as duas num a gaiola.

— Ele tinha um a gaiola? — disse Em m a.

Hugh assentiu.

— Pequena, tam bém , para que não pudessem fazer nada, com o se transform arem de volta ou saírem voando. Eu achava que ia m orrer, m as ele m e jogou no porão com os outros e fugiu com as aves.

— Foi assim que os encontram os quando chegam os — disse Enoch com am argura. — Escondidos lá em baixo com o um bando de covardes.

— Nós não estavam os nos escondendo! — exclam ou Hugh. — Ele nos trancou lá! Ia nos m atar!

— Esqueça isso — interrom peu Em m a. — Para onde ele poderia fugir? Por que não foram atrás dele?

— Não sabem os onde ele foi — Bronwy n disse. — Esperávam os que o tivessem visto.

— Não, não o vim os — disse Em m a, chutando um a pedra do *cairn* em frustração. Então Hugh sacou algo da cam isa. Era um a fotografia pequena.

— Ele m eteu isso no m eu bolso antes de ir em bora. Disse que se tentássem os ir atrás dele era isso o que ia acontecer.

Bronwy n tom ou a foto das m ãos de Hugh.

— Ah, m eu Deus! — surpreendeu-se. — É a senhorita Raven?

— Acho que é a senhorita Crow² — disse Hugh, esfregando o rosto com as m ãos para não chorar.

— É isso. Elas vão m orrer m esm o — lam entou Enoch. — Eu sabia que um dia isso ia acontecer.

— Nunca devíam os ter saído da casa — disse Em m a, cheia de tristeza. —

Millard tinha razão.

Um a bom ba caiu do outro lado da charneca e um a explosão m uda foi seguida por um a chuva distante de lam a revirada.

— Esperem aí — disse eu. — Antes de tudo, não sabem os se essa é a senhorita Crow ou a senhorita Raven. Pode m uito bem ser a foto de um corvo com um . E, se Golan queria m atar a senhorita Peregrine e a senhorita Avocet, por que se daria ao trabalho de raptá-las? Se ele as quisesse m ortas, elas j á estariam m ortas. — Virei-m e para Em m a. — E, se nós não tivéssem os saído daqui, teríam os sido trancados no porão com o todos os outros, e ainda haveria um etéreo andando por aí.

² *Crow*: gralha; *Raven*: corvo. (N. T.)



Gli Gli Gli

— Não tente fazer com que eu me sinta melhor! — disse ela. — Isso está acontecendo por sua culpa!

— Há dez minutos você estava me agradecendo! — exclamou.

— Há dez minutos a senhorita Peregrine não tinha sido raptada! — respondeu ela aos berros.

— Parem com isso! — interveio Hugh. — O que importa agora é que a Ave sumiu e precisam os trazê-la de volta.

— Isso mesmo — disse eu. — Então vamos os pensar. Se vocês fossem acólitos, para onde levariam duas *ymbrynes* raptadas?

— Depende do que eu quisesse fazer com elas — respondeu Enoch —, e isso nós não sabemos.

— Antes de tudo, seria preciso tirá-las da ilha — disse Em m a. — Nesse caso, eu precisaria de um barco.

— Mas *que* ilha? — perguntou Hugh. — Dentro ou fora da fenda?

— Lá fora a ilha está em baixo de um a tem pestade — falei. — Ninguém consegue ir longe de barco por lá.

— Então ele deve estar deste lado — disse Em m a, com eçando a parecer esperançosa. — O que estam os fazendo aqui parados? Vam os até as docas!

— *Talvez* ele estej a nas docas — resm ungou Enoch —, se é que ainda não foi em bora. E, m esm o que não tenha ido e a gente consiga encontrá-lo no m eio dessa escuridão toda, sem serm os esburacados por estilhaços de bom bas no cam inho, ainda tem os de nos preocupar com a arm a dele. Vocês enlouqueceram ? Preferem que a Ave seja a sequestrada ou m orta a tiros na nossa frente?

— Está bem ! — exclam ou Hugh. — Vam os desistir e voltar para casa, com binado? Quem quer um a xícara quentinha de chá antes de dorm ir? Droga, j á que a Ave não está em casa, podem os preparar um drinque! — Ele chorava, e enxugou os olhos num gesto enfurecido. — Com o vocês podem deixar de sequer *tentar*, depois de tudo o que ela fez por nós?

Antes que Enoch pudesse responder, ouvim os alguém na trilha gritando por nós. Hugh se adiantou, tentando ver o que era, e depois de um instante sua expressão ficou estranha.

— É Fiona — disse ele.

Até aquele m om ento, eu não tinha ouvido Fiona dar nem um pio. Era, porém , im possível entender o que ela dizia em m eio ao barulho de aviões e explosões distantes, por isso fom os correndo pelo lam açal até ela.

Quando chegam os à trilha, estavam os ofegantes, e Fiona, rouca de tanto gritar, seus olhos tão estranhos quanto seu cabelo. Ela im ediatam ente com eçou a nos puxar, a nos arrastar na direção da trilha para a cidade, gritando em tam anho frenesi com seu sotaque irlandês que nenhum de nós conseguia

entender o que dizia. Hugh a segurou pelos om bros e lhe disse para ir m ais devagar.

Ela respirou fundo, trem endo com o vara verde, e apontou para trás.

— Millard o seguiu! — disse ela. — Ele estava escondido quando o hom em trancou todos nós no porão, e, quando foi em bora, Millard foi atrás dele.

— Para onde? — perguntei.

— Ele pegou um barco.

— Viram ?! As docas! — exclam ou Em m a.

— Não — disse Fiona. — Era o seu barco, Em m a, que você achava ser um segredo, o que você esconde naquela sua prainha.

— Oh — disse ela baixinho.

— Ele partiu no barco com a gaiola, m as com eçou a rem ar em círculos. E, quando a correnteza ficou forte dem ais, ele desem barcou na rocha do farol, e é lá que ainda está.

Correm os o m ais rápido possível até o farol. Quando chegam os aos penhascos de onde podíam os vê-lo, descobrim os o resto das crianças perto da beirada, atrás de um capinzal.

— Abaixem -se! — sussurrou Millard. — Querem que ele nos vej a?

Nós nos agacham os e engatinham os até eles. Estavam todos encolhidos j untos atrás do capim alto, revezando-se para espiar o farol. Eles pareciam desnorteados, principalm ente os m ais novos, com o se ainda não tivessem com preendido toda a extensão do pesadelo que se desenrolava. Nem tinham registrado que nós havíam os acabado de sobreviver a um pesadelo.

Eu m e arrastei pelo capim até a beira do penhasco para observar. Além do local do navio naufragado, vi um bote a rem o am arrado às rochas do farol.

Golan não estava à vista.

— O que ele está fazendo lá? — perguntei.

— Não sabem os — disse Millard. — Ou está esperando que alguém vá buscá-lo, ou que o mar se acalme para ir em bora remando.

— No mar eu barquinho? — disse Ema, desconfiada.

— Com o já disse, não sabem os.

Ouvim os três estrondos ensurdecedores seguidos, e todos nos abaixam os enquanto o céu brilhava, alaranjado.

— Há bom barco caindo por aqui, Millard? — Ema perguntou.

— Minha pesquisa concentra-se apenas no com portamento de hum anos e animais — respondeu ele. — Não em bom barco.

— Que grande ajuda vai ser para a gente agora — disse Enoch.

— Vocês têm outros barcos escondidos por aqui? — perguntei a Ema.

— Infelizmente não — respondeu ela. — Acho que terem os de ir até lá nadando.

— Nadar até lá e depois o quê? — disse Millard. — Levar um tiro?

— Vão pensar em alguma coisa — respondeu ela.

Millard deu um suspiro.

— Ah, querida. Suicídio im provisado.

— Então? — Ema encarou cada um de nós. — Alguém tem alguma ideia melhor?

— Se eu estivesse com meus soldados... — comentei Enoch.

— Eles iam se desfazer na água — disse Millard.

Enoch baixou a cabeça. Os outros silenciaram .

— Bom , está resolvido — disse Em m a. — Quem vai nessa?

Eu levantei a m ão. Bronwy n tam bém .

— Vocês vão precisar de alguém que o acólito não consiga ver — disse Millard. — Se quiserem , vou com vocês.

— Quatro bastam — disse Em m a. — Espero que todos vocês sejam bons nadadores.

Não havia tempo para pensar duas vezes, nem para despedidas demoradas.

Os outros nos desejaram sorte, e nós partimos.

Tiram os as capas negras e fomos correndo em meio ao capim , agachados com o soldados de um a tropa de elite, até chegar à trilha que descia rumo à praia.

Escorregam os sentados, com pequenas avalanches de areia deslizando juntamente com nossos pés e entrando pelas calças.

Então ouvimos o barulho de cinquenta metros serras no céu e nos agachamos quando um avião passou roncando, criando uma ventania que agitou nossos cabelos e levantou uma tempestade de areia. Apertei os dentes à espera do estrondo de um bom barulho que iria nos destruir, mas ele não veio.

Continuam os andando. Quando alcançaram a praia, Emma nos reuniu em um grupo com pacto.

— Há um navio naufragado entre onde estamos e o farol — disse ela. —

Sigam -me até lá. Fiquem abaixados na água. Não deixe que ele veja vocês.

Quando chegaram ao navio, procurarem os nossos homens e decidirem o que fazer depois.

— Vamos resgatar nossas *ymbrynes*! — disse Bronwy n.

Rastejam os até a água e entram os de bruços no mar gelado. No início foi fácil, mas, quanto mais nos afastavam os da praia, mais a corrente tentava nos em purrar de volta. Outro avião zuniu acima de nós e levantou um a cortina de água gelada.

Finalmente chegam os ao navio naufragado e descansam os sobre os restos de seu casco até que nossa respiração voltasse ao normal. Estavam os apenas com a cabeça para fora d'água. Olham os para o farol e a ilhota inóspita onde se erguia, mas não vim os sinal de meu terapeuta malvado. Um a lua cheia pairava baixa no céu, sem ioculta por camadas de fumaça de bom bar, mas surgindo de vez em quando para brilhar com o um a imitação fantasmagórica da luz do farol.

Avançam os pelo casco com o se rastejásem os sobre ele. Quando chegam os ao seu fim, tinham os de nadar menos de cinquenta metros em mar aberto para chegar às rochas do farol. Em mar parou e nos reunim os em volta dela.

— Acho que devem os fazer o seguinte — disse ela. — Ele já conhece a força de Wyman, por isso é ela quem corre o maior risco. Jacob e eu vamos encontrar Golan e atrair sua atenção enquanto Wyman tenta surpreendê-lo pelas costas e derrubá-lo com uma pancada na cabeça. Enquanto isso, Millard tenta pegar a gaiola. Algum objeção?

Com o se fosse um a resposta, ouvimos um tiro. Não percebem os de imediato o que era; não parecia com os tiros que estavam os acostumados a ouvir, distantes e poderosos. Esse era de pequeno calibre, um *tac* mais do que um *bum*.

E só quando ouvimos o segundo, que levantou água pertinho de nós, percebem os que Golan atirava.

— Cuidado! — gritou Emma, e nós nos levantamos e voltamos correndo pelo casco.

Ouvíam os os tiros às nossas costas. Corremos até o casco faltar sob nossos pés, e então mergulhamos e emergimos juntos um a um depois, já quase sem ar.

— E nós que achávam os que iam os pegá-lo de surpresa! — disse Millard.

Golan tinha parado de atirar, mas podíam os vê-lo de guarda ao lado da porta do farol, a armada não tão.

— Ele pode ser um filho da mãe do mal, mas não é burro — disse Bronwyn. — Sabia que vinham os atrás dele.

— Agora não tem mais com o fazer isso! — disse Emma, batendo na água com frustração. — Ele vai matar a gente a tiros!

Millard ficou de pé sobre o casco.

— Ele não pode atirar no que não consegue ver. Eu vou lá.

— Você não é invisível na água, bobo! — disse Emma, e era verdade.

Quando nadava, abria-se na água um buraco na forma de seu tronco.

— Mais do que você — respondeu ele. — De qualquer modo, eu o segui pela ilha e ele não foi o mais sábio dos homens. Acho que posso conseguir por mais uns mestres.

Era difícil discutir, já que as únicas opções que nos restavam eram desistir ou correr sob uma saraivada de tiros.

— Tudo bem — disse Emma. — Se você realmente acha que pode fazer isso...

— Alguém tem que ser o herói — ele replicou, e saiu pelo outro lado do casco.

— Famosas últimas palavras — murmurou.

Na distância enevoada, vi Golan, na porta do farol, se ajustar o olhar e mirar, apoiando o braço no corrimão.

— Cuidado! — gritei, mas era tarde demais.

Um tiro ecoou e ouvimos o grito de Millard.

Todos subim os pelos destroços e corremos na direção dele. Eu tinha certeza absoluta de que ia levar um tiro a qualquer momento, e por um instanteachei que o barulho de nossos pés na água era uma saraivada de balas sobre nós. Mas os tiros pararam — *recarregando*, eu pensei —, e tínhamos um a breve janela de tempo.

Quando alcançaramos Millard, ele estava no mesmo lugar em que tinha sido baleado, atônito, enquanto o sangue escorria por seu corpo. Pela primeira vez vi a verdadeira forma do corpo dele, que estava tingido de vermelho.

Em马上 o segurou pelo braço.

— Millard! Você está bem? Diga alguma coisa!

— Preciso me desculpar — disse ele. — Parece que arranjei um jeito de levar um tiro. — Ele caminhou e caiu de joelhos na água.

— Precisam estancar o sangue! — disse Em马上. — Temos de levá-lo de volta para a margem!

— Não podem fazer isso — disse Millard. — O sujeito nunca mais vai deixar que cheguem tão perto dele como estavam agora. Se a gente recuar, com certeza a senhorita Peregrine estará perdida.

Mais tiros soaram. Senti uma bala passando zunindo perto do meu ouvido.

— Por aqui! — gritou Em马上. — Mergulhem!

No início, não sabia o que ela queria. Estavam os uns trinta metros da extremidade do navio. Mas então vi para onde ela estava correndo. Era o buraco negro no casco, a porta para o comércio de carga.

Bronwy e eu pegamos Millard e fomos atrás de Em马上. Ouvímos o barulho das balas acertando o casco em nossa volta. Parecia o barulho de alguém chutando uma lata de lixo.

— Prenda a respiração — disse para Millard; chegam os ao buraco e mergulham os de pé.

Descem os alguns degraus pela escada e ficam os ali. Tentei m anter os olhos abertos, m as a água salgada ardia dem ais. Sentia o gosto do sangue de Millard na água.

Em m a m e entregou o tubo de ar e nós o passam os um para o outro. Eu estava cansado e sem fôlego depois de correr, e um a única inspiração com intervalo de alguns segundos não era o bastante. Meus pulm ões doíam e com ecei a ficar zonzo.

Senti um puxão em m inha cam isa. *Suba!* Subi lentam ente pela escada e em pouco tem po Bronwy n. Em m a e eu surgim os na superfície por tem po suficiente apenas para respirar e trocar algum as palavras enquanto Millard estava em segurança alguns m etros abaixo, com o tubo só para ele.

Falam os aos sussurros, sem perder o farol de vista.

— Não podem os ficar aqui — disse Em m a. — Millard vai sangrar até m orrer.

— Pode dem orar uns vinte m inutos para levá-lo de volta para a m argem — falei. — Ele pode m uito bem m orrer no m eio do cam inho.

— Não sei o que m ais podem os fazer!

— O farol está perto — disse Bronwy n. — Vam os levá-lo para lá.

— Aí Golan vai fazer *todos* nós sangram os até m orrer.

— Não vai não — retrucou Bronwy n.

— Por que não? Você é à prova de bala?

— Talvez — respondeu ela de m odo m isterioso, depois respirou fundo e sumiu escada abaixo.

— Do que ela está falando? — perguntei.

Em m a parecia preocupada.

— Não tenho ideia. Mas, sej a lá o que for, é m elhor que ela se apresse.

Olhei para baixo para tentar ver o que Bronwy n estava fazendo. Em vez disso, percebi Millard na escada em baixo de nós, cercado por peixes-lanterna curiosos. Então senti o casco vibrar sob m eus pés e no instante seguinte Bronwy n reapareceu na superfície segurando um a placa retangular de m etal de aproxim adam ente um m etro e m eio por um m etro, com um furo de rebite no alto. Ela tinha arrancado a porta do com partim ento de carga das dobradiças.

— E o que vai fazer com isso? — perguntou Em m a.

— Vou até o farol — respondeu Bronwy n. Levantou-se e ergueu a porta à sua frente com o se fosse um escudo.

— Wy n, ele vai atirar em você! — exclam ou Em m a, e então ouvimos um tiro, que ricocheteou na porta.

— Isso é incrível! — disse eu. — É um escudo!

Em m a riu.

— Wy n, você é um gênio!

— Millard pode m ontar em m inhas costas! — disse ela. — Vocês vêm atrás.

Em m a tirou Millard da água e pôs seus braços em torno do pescoço de Bronwy n.

— Lá em baixo é m agnífico! — disse ele. — Em m a, por que você nunca m e contou sobre os anj os?

— Que anj os?

— Os lindos anj os verdes que vivem aí em baixo. — Ele trem ia dem ais, a voz parecia distante e oca. — Eles tiveram a gentileza de se oferecer para m e levar para o céu.

Em m a ficou preocupada.

— Ninguém vai para o céu agora — disse ela. — Você se segure firm e em Bronwy n, está bem ?

— Tudo bem — respondeu ele sem convicção.

Em m a estava atrás de Millard e o segurava contra as costas de Bronwy n, para que ele não escorregasse e caísse, e eu seguia atrás de Em m a, no fim do nosso bizarro trenzinho. Assim , com eçam os a avançar por cim a do naufrágio rum o ao farol.

Éram os um alvo grande, e Golan im ediatam ente esvaziou seu revólver em nós. O barulho dos tiros ricocheteando na porta era ensurdecedor, m as de algum m odo reconfortante, e, depois de tentar um as dez vezes m ais ou m enos, ele parou. Mas eu não estava otim ista o bastante para acreditar que tivesse ficado sem balas.

Quando chegam os ao fim do navio, Bronwy n nos guiou com cuidado para as águas profundas, com a preocupação de m anter a enorm e porta erguida à nossa frente. Nosso trenzinho virou um a fila de gente nadando estilo cachorrinho, um grupo estranho que seguia atrás dela, enquanto Em m a conversava com Millard e o fazia responder a perguntas para que não perdesse a consciência.

— Millard, quem é o prim eiro-m inistro?

— Winston Churchill — respondeu. — Você ficou doida?

— Qual é a capital da Birm ânia?

— Sei lá, não tenho a m enor ideia. Rangum ?

— Isso! Quando é o seu aniversário?

— Você podia parar de gritar e me deixar sangrar em paz?

Não demorou muito para cobrir os距a distância entre o naufrágio e o farol.

Enquanto Bronwy não subia pelas pedras me antendo o escudo à nossa frente, Golan disparou mais algumas vezes, e o impacto bastou para que ela perdesse o equilíbrio. Enquanto nos agachávamos atrás dela, Bronwy tropeçou, perdeu o equilíbrio nas pedras escorregadias e quase caiu para trás, o que, somando-se o peso dela ao da porta, teria nos esmagado. Mas Em me agarrou as mãos no alto das costas dela, em purrou-a e finalmente Bronwy não e a porta cam balearam até a terra seca. Subim os nos arrastando atrás dela e fomos nos agachando, tremendo no ar frio da noite.

Com largura máxima de cinquenta metros, aquilo era tecnicamente uma ilha, mas mal merecia esse nome. Na base enferrujada do farol havia um lance de escadas que levava a uma porta aberta, de onde Golan apontava a pistola em nossa direção.

Arrisquei dar uma espiada nele pelo buraco na porta. Ele tinha uma gaiola pequena na mão. Dentro dela, havia duas aves se debatendo, tão apertadas que eu mal conseguia diferenciar uma da outra.

Uma bala passou zunindo e eu me abaixei.

— Cheguem mais perto e eu me ato as duas! — gritou Golan, sacudindo a gaiola.

— É mentira — disse eu. — Ele precisa delas.

— Você não tem certeza — disse Em me. — Afinal de contas, ele é louco.

— Bem, não podem os ficar parados sem fazer *nada*.

— Vamos atacá-lo! — disse Bronwy não. — Ele não vai saber o que fazer.

Mas, para funcionar, só se a gente for AGORA!

E, antes que tivessem a chance de fazer qualquer comércio, Bronwy não saiu correndo na direção do farol. Não tinham outras alternativas exceto segui-la,

afinal de contas, nossa proteção estava com ela, e no instante seguinte ouvimos o barulho metálico de balas batendo na porta e também o ruído de rochas lascando em torno de nossos pés.

Era com o se pendurar na traseira de um trem em alta velocidade. Bronwy n gritava com o um bárbaro; as veias em sua cabeça estavam inchadas e havia sangue de Millard espalhado por todo o seu pescoço, braços e costas. Naquele instante, fiquei bem satisfeito por não estar do outro lado da porta.

Quando estavam os perto do farol, Bronwy n berrou:

— Fiquem atrás do meu uro!

Em ma e eu agarraram os Millard e viram os à esquerda para nos proteger atrás da extremidade mais distante do farol. Enquanto corriam os, vi Bronwy n levantar a porta sobre sua cabeça e jogá-la em direção a Golan.

Houve um estrondo muito forte, logo seguido por um grito, e num instante Bronwy n se juntou a nós atrás do meu uro.

— Acho que o acertei! — disse ela em polgada.

— E as aves? — disse Em ma. — Você por acaso pensou nelas?

— Ele as derrubou, elas estão bem .

— Bem , você podia ter nos perguntado antes de surtar e botar em risco nossa vida! — reclamou Em ma.

— Silêncio — sussurrei. Os outros pararam de falar. Aos poucos, notaram o um leve rangido metálico. — O que é isso?

— As escadas — respondeu Em ma. — Ele está subindo.

— É melhor vocês irem atrás dele — resmungou Millard. Surpresos, olhamos para ele, que estava apoiado contra o meu uro.

— Não antes de cuidar de você — disse eu. — Quem sabe fazer um torniquete?

Bronwy n se agachou e arrancou o pano da perna de sua calça com prida.

— Eu sei — disse ela. — Vou estancar esse sangram ento, vocês pegam o acólito. Eu o acertei com força, m as não acabei com ele. Não lhe deem chance de recuperar o fôlego.

Eu m e virei para Em m a.

— Está pronta?

— Se isso significa que vou derreter a cara desse acólito — disse ela, com pequenos arcos de fogo pulsando entre as m ãos —, então com certeza estou.

Em m a e eu subim os pela porta do navio, que estava em penada e j ogada em cim a da escada onde aterrissara, e adentram os o farol. Ele consistia principalm ente de um aposento estreito, escuro e extrem am ente vertical, basicam ente apenas um vão de escada, dom inado pelos degraus esqueléticos que subiam em espiral do chão até um a plataforma no alto, a m ais de trinta m etros de altura, onde ficavam abrigadas as lentes giratórias do farol. Podíam os ouvir os passos de Golan subindo a escada, m as estava escuro dem ais para dizer a que distância do topo ele estava.

— Pode vê-lo? — perguntei, olhando para cim a, observando a altura vertiginosa da escadaria.

A resposta foi um tiro que ricocheteou num a parede próxim a, rapidam ente seguido por outro que acertou o chão aos m eus pés. Pulei para trás, o coração batendo forte.

— Aqui! — gritou Em m a, que segurou m eu braço e m e puxou ainda m ais para o interior do farol, para o único lugar onde Golan não poderia atirar em nós: exatam ente sob a escada.

Subim os alguns degraus, que j á estavam balançando com o um barco em um m ar tem pestuoso.

— Essa escada é assustadora! — exclamou Emilia, apertando com força o corrimão. — E, mesmo que a gente consiga chegar lá no alto sem cair, ele vai atirar!

— O que mais a gente pode fazer? Temos de segui-lo.

Estiquei o pescoço para fora da proteção dos degraus para procurar Golan, na esperança de que meus olhos já estivessem ajustados o bastante para captar um vislumbre dele. Em vez disso, percebi uma série de suportes finos de metal que prendiam a escada na parede. Eram a única coisa que a mantinha no lugar.

— Se não conseguimos subir, talvez possam os derrubá-lo — disse eu, e comeci a balançar de um lado para o outro onde estava, puxando o corrimão com força e batendo os pés, enviando ondas de choque escada acima. Emilia logo captou a ideia e começou a se sacudir comigo, e em pouco tempo a escada balançava com o louca, estremecendo tanto que deu início a uma chuva de porcas e parafusos.

— E se a coisa toda despencar de uma vez? — gritou Emilia.

— Vamos torcer para que isso não aconteça!

Encolhemos a cabeça para nos proteger da chuva de pedaços de metal e balançamos com ainda mais força. Eu mal conseguia continuar a segurar o corrimão, que sacudia de um lado para o outro com muita violência. Nesse momento ouvi Golan gritar uma série espetacular de palavrões, depois algo caiu pelas escadas com um estrondo, batendo nos degraus até despencar no chão perto de onde estávam os.

Corri depressa até lá para procurar o que quer que Golan tivesse deixado cair. Temia achar uma gaiola de passarinho despedaçada.

— O que está fazendo?! — berrou Emilia. — Ele vai atirar em você!

— Não vai, não! — disse eu, a arma de Golan erguida em triunfo.

Ela pesava em m inha m ão e estava quente devido a todos os tiros disparados por Golan. Eu não tinha ideia de se ainda estava carregada ou de com o, naquela penum bra, conferir esse detalhe. Tentei sem sucesso m e lem brar de algo útil das aulas de tiro que m eu avô tivera a perm issão de m e dar, m as por fim apenas subi correndo os degraus de volta até onde estava Em m a.

— Ele está preso lá no alto — disse eu. — Vam os m ais devagar, tentar negociar, ou quem sabe o que ele pode fazer com as aves.

— Vou é “negociar” com ele lá de cim a até o chão! — falou Em m a entre os dentes.

Com eçam os a subir. A escada era tão estreita que só podíam os avançar em fila indiana, agachados para que nossas cabeças não batessem nos degraus de cim a. Eles balançavam dem ais. Era com o escalar um a m ola. Rezei para que nenhum dos parafusos ou porcas que tinham os soltado fosse responsável por sustentar algum a parte im portante.

Quando nos aproxim ávam os do topo, reduzim os o ritm o. Eu não ousava olhar para baixo. Havia apenas m eus pés nos degraus, a m ão que deslizava pelo corrim ão bam bo e outra segurando a arm a. Não havia nada m ais.

Eu m e preparei para receber um ataque surpresa, m as nada aconteceu. A escada acabava em um a porta acim a de nossas cabeças, na plataform a de concreto onde os degraus term inavam , e através dela eu sentia o frio gelado do ar noturno e ouvia o silvo do vento. Enfiei o revólver pelo vânio e em seguida a cabeça, tenso e pronto para lutar, m as não vi Golan. De um lado, a gigantesca luz girava — e era cegante àquela proxim idade, por isso tinha de fechar os olhos quando ela passava por m im —, abrigada atrás de vidro m uito grosso; do outro, havia um a fina grade de proteção. Além dela, o vazio: dez andares de ar e depois rochas e o branco do m ar encapelado. Eu não podia olhar sem ser inteiram ente tom ado por surtos de eletricidade apavorante.

Parei na plataform a entre a parede e a grade, e m e virei para dar a m ão a Em m a. Ficam os parados ali, encostados no vidro quente que protegia a lâm pada, de frente para o vento frio.

— A Ave está por perto. Eu posso senti-la — sussurrou Em m a.

Ela girou o pulso e um a bola de fogo surgiu acim a de sua m ão. Quase se apagou com o vento, m as Em m a flexionou o braço e o fogo retornou com ainda m ais força. Algo em sua cor e intensidade deixava claro que desta vez ela não invocara um a luz, m as um a arm a.

— Vam os nos separar — disse eu. — Você vai por um lado e eu vou pelo outro. Assim ele não vai conseguir passar por nós.

— Estou com m edo, Jacob.

— Eu tam bém , m as ele está ferido e estam os com seu revólver.

Ela assentiu e tocou m eu braço, depois virou as costas para m im e lentam ente com eçam os a nos afastar um do outro. Dei a volta na lâm pada bem devagar, com o revólver talvez carregado na m ão, e aos poucos a vista do outro lado com eçou a se revelar.

Encontrei Golan de cócoras, com a cabeça baixa, as costas apoiadas na grade de proteção e a gaiola entre os j oelhos. Sangrava m uito por um corte no alto do nariz, e os fios de sangue que desciam por seu rosto quase pareciam lágrim as.

Havia um a luzinha vermelha presa às barras da gaiola. Ela piscava com um intervalo de poucos segundos.

Avancei m ais um passo e ele levantou a cabeça para m e observar. Seu rosto estava coberto de sangue seco; o olho branco, vermelho e inj etado; e havia saliva nos cantos da boca.

Ele se levantou de m odo oscilante, a gaiola em um a das m ãos.

— Ponha a gaiola no chão — disse eu, avançando m ais um passo em sua direção.

Ele ficou de pé, cam baleante, a gaiola na m ão.

— Eu disse para pôr no chão.

Ele se abaixou com o se fosse fazê-lo, então tentou m e dar um drible de corpo e saiu correndo. Gritei e fui atrás, m as, assim que ele desapareceu do outro lado do farol, vi o brilho da chama de Em m a reluzir através do concreto, e Golan gritou e voltou, trôpego, em m inha direção, os cabelos fumegantes e um braço sobre o rosto.

— Pare! — gritei, e ele viu que não tinha saída; estava encurralado. Então levantou a gaiola para se proteger e balançou-a com um ar de maldade. As aves piavam alto e tentavam bicar a mão dele, apesar de não conseguirem alcançá-lo através das barras.

— É isso que você quer? — berrou Golan. — Vá em frente, atire! As aves vão morrer tam bém! Mate-m e eu joga as duas lá em baixo!

— Não se eu acertar a sua cabeça!

Ele riu.

— Você não conseguiria atirar nem que quisesse. Esqueceu? Sou intamente familiar com a sua pobre e frágil psique. Isso lhe provocaria pesadelos.

Tentei imaginar aquilo: envolver o gatilho com o dedo e apertá-lo; o recuo e o resultado terrível. O que havia de tão difícil nisso? Por que minha mão tremia só de pensar nesse ato? Quantos acólitos seria que m eu avô tinha matado? Dúzias?

Centenas? Se fosse ele aqui em meu lugar, Golan já estaria morto, abatido no primeiro instante, enquanto eu estava atordoado, apoiado contra o gradil. Era uma oportunidade que eu já havia desperdiçado; uma fração de segundo de indecisão covarde que poderia custar a vida das *ymbrynes*.

A lâmpada gigante passou por nós e nos iluminou, transformando-nos por um instante em silhuetas brancas e reluzentes. Golan, que estava de frente para ela, fez uma careta e teve de desviar o rosto. *Acabei de desperdiçar outra oportunidade.*

— Ponha a gaiola no chão e venha com a gente — disse eu. — Ninguém mais precisa se machucar.

— Não sei — disse Em m a. — Se Millard não sobreviver, eu posso não concordar com isso.

— Quer m e m atar? — disse Golan. — Tudo bem , acabe logo com isso, m as vai apenas adiar o inevitável, sem falar em tornar as coisas piores para vocês m esm os. Agora sabem os com o encontrá-los. Outros com o eu virão, e posso garantir que o efeito colateral que vão desencadear fará com que o que provoquei a seu am igo pareça um ato de bondade.

— Acabar logo com isso? — disse Em m a, a cham a em sua m ão em itindo fagulhas pulsantes para cim a. — Quem disse que seria rápido?

— Eu j á falei que vou m atá-las — disse ele, levando a gaiola até a altura do peito.

Ela deu um passo em sua direção.

— Tenho 88 anos — disse ela. — Acha que eu preciso de duas babás? — A expressão dela estava m uito séria e indecifrável. — Não sei com o dizer a você há quanto tem po estam os loucos para sair de sob as asas dessa m ulher. Juro, isso seria um grande favor.

Golan, nervoso, balançava a cabeça para a frente e para trás, estudando-nos. *Será que ela está falando sério?* Por um m om ento ele pareceu realm ente apavorado, depois soltou um a risada.

— Isso é m entira! — ele exclam ou.

Em m a esfregou as m ãos e depois as afastou lentam ente, criando um laço de cham as.

— Vam os descobrir — ela retrucou.

Eu não sabia até onde Em m a iria com aquilo, ou se ela tinha perdido com pletam ente o controle, m as eu tinha de intervir antes que as aves ou fossem incineradas ou caíssem lá em baixo.

— Conte-nos o que quer fazer com essas *ymbrynes* e talvez ela alivie sua situação — falei, com expressão séria.

— Só querem os term inar o que com eçam os — disse ele. — É só o que sem pre quisem os.

— Está falando do experim ento? — disse Em m a. — Vocês j á tentaram um a vez, e vej a o que aconteceu: transform aram -se todos em m onstros!

— É, m as com o a vida seria sem graça se nós sem pre conseguíssem os as coisas na prim eira tentativa. — Ele sorriu, e as aves com eçaram a entrar em pânico e a piar. Golan berrou m ais alto do que elas. — Desta vez vam os reunir os talentos de todos os m elhores m anipuladores de tem po do m undo, com o estas duas senhoras aqui! Não vam os fracassar um a segunda vez! Tivem os um sécul o para descobrir o que deu errado! Tudo de que precisávam os era um a reação m aior!

— Um a reação *maior*? — exclam ei. — Da últim a vez vocês explodiram m etade da Sibéria!

— Se é para fracassar, que seja um fracasso espetacular! — disse ele.

De repente, eu m e lem brei do sonho de Horace com nuvens de cinzas e terra arrasada, e m e dei conta do que ele tinha visto. Se os acólitos e etéreos fracassassem de novo, iam destruir bem m ais que m il quilôm etros de florestas desertas. Se obtivessem sucesso, por outro lado, e se tornassem os sem ideuses im ortais que sem pre sonharam ser, isso era algo que m e fazia trem er só de pensar. Viver sob o j ugo deles seria um verdadeiro inferno.

A luz fez a volta e cegou Golan por um instante. Fiquei tenso, pronto para pular em cim a dele, m as o m om ento passou rápido dem ais.

— Não im porta — disse Em m a. — Pode raptar todas as *ymbrynes* que quiser, elas nunca vão aj udá-los.

— Vão, sim . Farão isso ou vam os m atá-las um a a um a. E, se isso não funcionar, vam os m atar vocês um a um , diante dos olhos delas.

— Você é louco — disse eu.

Os pássaros com eçaram a entrar em pânico e a guinchar. Golan gritou m ais alto que eles.

— Não! — disse ele, voltando a sacudir a gaiola. — O que é *realmente* loucura é com o vocês peculiares se escondem do m undo quando poderiam governá-lo, e deixam o lixo genético da raça hum ana em purrás-los para a clandestinidade quando poderiam tão facilmente transformar todos em seus escravos, com o deveria ser. — Ele pronunciava cada frase com um a sacudidela na gaiola. — Isso sim é loucura.

— Pare! — gritou Em m a.

— Então você se im porta! — Ele sacudiu a gaiola com m ais força ainda.

De repente, a luz vermelha presa às suas barras com eçou a brilhar duas vezes m ais forte, e Golan girou a cabeça de um lado para o outro exam inando a escuridão. Depois voltou a encarar Em m a. — Você quer isto? Pegue! — Ele balançou a gaiola na direção do rosto dela.

Em m a gritou e se abaixou, e, com o um arremessador de disco, ele continuou a girar a gaiola até rodá-la bem alto, e depois a soltou. Ela voou de suas m âos por cim a do gradil e m ergulhou de cabeça na noite.

Eu praguej ei, e Em m a gritou e se jogou contra a grade, agarrando o vazio enquanto a gaiola caía na direção do m ar. Naquele m om ento de confusão, Golan pulou em cim a de m im e m e derrubou no chão. Ele m e deu um soco no estômago e depois outro no queixo.

Fiquei zonzo e não conseguia respirar. Ele tentou agarrar o revólver e precisei de todas as m inhas forças para evitar que o pegasse, e então eu soube, por ele querer tanto a arma, que ela devia estar carregada. Eu a teria jogado por cim a da grade, m as agora ele estava quase conseguindo arrancá-la e eu não podia soltá-la. Em m a com eçou a gritar *Filho da mãe! Seu filho da mãe!*, e as m âos delas, com luvas de chamas, vieram por trás e o agarraram pelo pescoço.

A carne dele chiou com o um bife frio jogado num a chapa quente. Golan gritou e rolou para longe de m im , os cabelos ralos pegando fogo com o a cabeça de um palito de fósforo. Então ele agarrou Em m a pelo pescoço, com

o se não se im portasse em se queim ar, desde que conseguisse tirar sua vida. Levantei com um pulo, segurei o revólver com as duas m ãos e m irei.

Tinha, por um instante, a chance de acertá-lo. De dar um bom tiro. Tentei esvaziar a m ente e m e concentrar em firm ar os braços, criando um a linha im aginária que se estendia de m eu om bro, passava pela alça de m ira e ia até o

m eu alvo: a cabeça dele. A cabeça de um hom em . Não, de um hom em , não, m as da im itação corrom pida de um . Um a coisa. Um a força que preparara a m orte de m eu avô e explodira tudo o que eu hum ildem ente cham ava de vida, por m ais m al aproveitada que pudesse ser. Um a força que m e trouxera até este lugar e este m om ento, de um m odo m uito parecido com o que forças m enos m alignas e violentas faziam com m inha vida e decidiam por m im desde que eu tinha idade o bastante para decidir qualquer coisa. *Relaxe as mãos, inspire e prenda a respiração.* Agora eu tinha um a chance, um a chance m ínim a que eu j á sentia com eçar a m e escapar, de responder à altura.

Agora aperte.

A pistola deu um coice em m inhas m ãos e seu barulho soou com o se o m undo estivesse se partindo ao m eio, tão estrondoso e repentino que fechei os olhos. Quando tornei a abri-los, tudo parecia estranham ente congelado no lugar.

Golan estava por trás de Em m a segurando-a com um a chave de braço, forçando-a na direção do gradil, m as era com o se eles tivessem sido fundidos em bronze. Até o vento parara. Será que um a das *ymbrynes* tinha virado hum ana outra vez e estava fazendo algum a m agia com a gente? Mas então Em m a deu um safanão, livrou-se dele, e Golan com eçou a cam balear para trás, sem forças, tropeçando e caindo sentado pesadam ente sobre a grade. Encarando-m e com ar de surpresa, ele abriu a boca para falar algo, m as percebeu que não podia. Pôs a m ão sobre o buraco do tam anho de um a m oedinha que eu fizera em sua garganta. Sangue escorria entre seus dedos e descia pelos braços. E sua força se esvaiu. Ele caiu de costas e m orreu.

No momento em que Golan desapareceu de vista, foi esquecido. Em seguida apontou para o mar e gritou:

— Ali, ali!

Segui seu dedo e esforcei-me para ver no escuro até vislumbrar o brilho de um LED vermelho pulsando nas ondas à distância. Nós dois corremos até a porta e descemos os apressados a escadas bambas que parecia não ter fim, sem esperanças de alcançar a gaiola antes que ela afundasse, mas de qualquer modo histéricos na tentativa de fazê-lo.

Saímos do farol e vim os Millard com um torniquete e Bronwy n ao seu lado, e Millard gritou algo que eu não entendi direito, mas foi o suficiente para me assegurar de que estava vivo. Agarrei o ombro de Emilia e disse:

— O barco! — E apontei para onde o barco a remo roubado tinha sido arrastado a uma rocha, mas ele estava longe demais, do lado errado do farol, e não havia tempo. Em vez disso, Emilia me puxou na direção do mar aberto, e saímos correndo, mergulhando.

Mal sentia o frio. Tudo em que pensava era alcançar a gaiola antes que desaparecesse sob as águas. Rasgamos a água com braçadas, batendo as pernas, cuspidos e engasgando quando as ondas negras batiam no rosto. Era difícil dizer a que distância estava o sinal luminoso, apenas um pontinho de luz em um oceano agitado de escuridão. Ele balançava, subia, descia, ia e vinha, e duas vezes o perdemos de vista e tivemos de parar e olhar em volta freneticamente até localizá-lo outra vez.

A forte corrente arrastava a gaiola para o oceano e nos levava juntos. Se não a alcançássemos logo, nossos músculos não iam aguentar e nos afogaríam.

Guardei para mim esse pensamento no óbito o máximo que pude, mas, quando o sinal luminoso desapareceu pela terceira vez, e nós procuramos por ele durante tanto tempo que já não tínhamos certeza nem da área do mar negro e agitado em que ele desaparecera, berrei:

— Temos de voltar!

Em m a não m e deu atenção. Seguiu nadando à m inha frente, cada vez m ais para dentro do oceano. Agarrei seus pés, e ela m e chutou para se livrar.

— Já era! Não vam os conseguir achá-las!

— Cale a boca, cale a boca! — gritou, e senti por sua respiração difícil que ela estava tão exausta quanto eu. — Só cale a boca e procure!

Eu a agarrei e gritei com ela, e ela m e deu um chute. Quando não conseguiu se soltar, com eçou a balbuciar e a chorar, apenas uivos de desespero sem formar palavras com pletas.

Tentei arrastá-la de volta para o farol. Ela parecia um a pedra na água, puxando-m e para o fundo.

— Você precisa nadar! — gritei. — Nade ou vam os nos afogar!

Então eu vi o m ais leve trem eluzir de um a luz verm elha. Estava perto e logo abaixo da superfície. No início eu não disse nada, tem endo ter im aginado aquilo, m as ela surgiu um a segunda vez.

Em m a gritou de alegria. Parecia que a gaiola aterrissara sobre outro escom bro de naufrágio, m as com o ela poderia ter parado num lugar tão raso?

Mas, com o a gaiola tinha acabado de afundar, disse a m im m esm o que era possível que as aves ainda estivessem vivas.

Nadam os em sua direção, preparando-nos para m ergulhar atrás da gaiola, apesar de eu não saber de onde viria o fôlego, j á que nos restava m uito pouco ar, m as, estranham ente, a gaiola parecia subir em nossa direção.

— O que está acontecendo? — gritei. — É um naufrágio?

— Não pode ser. Aqui não tem nenhum !

— Então que diabos é *aquilo*?

Parecia um a baleia prestes a em ergir, com prida, enorm e e cinza, ou algum navio fantasm a vindo do além em nossa direção. De repente, form ou-se um

a onda poderosa que se ergueu do fundo e nos em purrou para longe. Tentam os nadar em sentido contrário, mas não tivem mais sucesso do que um destroço de naufrágio levado pela maré, e aquilo se chocou contra nossos pés e nos levantou, mantados em suas costas.

Ele saiu da água, de baixo de nós, chiando e emitindo ruídos metálicos com o um monstruoso metânico gigante. Fomos pegos por uma a repentina onda de espuma que corria em todas as direções e jogados sobre uma a superfície de grades metálicas. Engancharamos os dedos nas grades para não ser varridos para o ar.

Esforcei-me para enxergar através dos borrifos salgados e vi que a gaiola estava parada entre o que pareciam ser duas barbatanas que se projetavam do dorso do monstruoso, uma pequena e a outra grande. E então a luz do farol passou por nós, e com seu brilho me dei conta de que não eram de jeito nenhum barbatanas, mas sim uma torre de com ando e um canhão gigante fixo. Não estavam mantados em um monstruoso, ou em um navio, ou em um a baleia...

— É um submarino! — gritei. E não era coincidência que ele tivesse em ergido bem debaixo de nossos pés. Era ele que Golan esperava encontrar.

Em que já estava de pé e correndo pelo convés em movimento na direção da gaiola. Lutei para ficar de pé e, quando comecei a correr, uma onda varreu o convés e nos derrubou de novo.

Então ouvi um grito, não de quem a, mas de outra pessoa. Quando levantei os olhos, vi um homem de uniforme cinza surgir de uma escotilha na torre de com ando e apontar um a armada para nós.

Choveram balas, que acertaram o convés. A gaiola estava longe demais e seriam cortados em pedaços antes mesmo de conseguir alcançá-la. Mas percebi que quem a ia tentar de qualquer jeito.

Eu corri e a derrubei, e nós dois caímos na água pela lateral do submarino.

O mar negro fechou-se sobre nós, e eu, mesmo embaixo d'água, pude ver balas passando pela gente, deixando uma trilha de bolhas.

Quando voltam os à superfície novam ente, ela m e agarrou e gritou:

— Por que fez aquilo? Eu quase consegui!

— Ele estava prestes a m atar você! — disse, lutando para m e afastar. E então m e ocorreu que ela não o havia visto, que estivera concentrada na gaiola.

Apontei para o convés, por onde o atirador caminhava.

Ele pegou a gaiola e a sacudiu. A porta dela parecia aberta, e pensei ter visto um m ovim ento lá dentro, algum a razão para ter esperança. Então a luz do farol ilum inou tudo e vi por inteiro o rosto do hom em , que tinha a boca retorcida em um sorriso atravessado, os olhos opacos e vazios. Ele era um acólito.

O acólito enfiou a m ão na gaiola, puxou um a única ave encharcada e j ogou o obj eto de grades fora. Da torre de com ando, outro soldado fez um sinal para o acólito, que voltou para a escotilha com a ave que se debatia.

O subm arino com eçou a chiar e a fazer ruídos m etálicos. A água ao nosso redor borbulhou com o se fervesse.

— Nade, ou ele vai nos sugar para o fundo com ele! — gritei para Em m a.

Mas ela não ouviu. Seus olhos estavam fixos em outro lugar, num a faixa de água escura perto da popa do subm arino.

Ela nadou em sua direção. Tentei detê-la, m as ela conseguiu se soltar de m im , e então, acim a do barulho do subm arino, ouvi um pio alto e agudo: a srta.

Peregrine.

Nós a encontram os boiando nas ondas, lutando para m anter a cabeça fora d'água, um a asa batendo, a outra aparentem ente quebrada. Em m a a puxou.

Gritei que tinhiam os de ir.

Nadam os para longe com o restinho de forças que ainda tinhiam os. Atrás de nós, abria-se um rodam oinho, toda a água deslocada pelo subm arino correndo de volta para preencher o vazio deixado enquanto ele afundava. O m ar estava se consum indo e tentando nos consumir tam bém , m as agora tinhiam os um sím bolo de vitória alado e piante, o que era pelo m enos m eia vitória, e ela nos deu forças para lutar contra a corrente artificial até que ouvimos Bronwy n cham ar por nós.

Nossa forte amiga veio correndo através das ondas para nos puxar de volta rum o à segurança.

Ficam os deitados nas rochas sob o céu que com eçava a clarear, recuperando o fôlego e tentando superar a exaustão. Millard e Bronwy n tinham perguntas. Não tinhiam os, porém , fôlego para respondê-las. Mas eles haviam visto o corpo de Golan cair e o subm arino em ergir e afundar, e a srta. Peregrine sair da água, m as não a srta. Avocet; entenderam o que era preciso. Eles nos abraçaram até pararm os de trem er, e Bronwy n tam bém colocou a diretora em baixo de sua camisa, para aquecê-la contra a barriga. Quando tinhiam os nos recuperado um pouco, entram os no barco a rem o de Em m a e fom os para a praia.

Quando chegam os lá, todas as crianças entraram na água para nos receber.

— Nós ouvimos os tiros!

— O que era aquele barco estranho?

— Onde está a senhorita Peregrine?

Descem os do barco e Bronwy n levantou a camisa para revelar a Ave escondida ali. Todas as crianças se aglomeraram em volta dela, e a srta.

Peregrine levantou o bico e piou para elas, para m ostrar que estava cansada m as bem . Todos comemoraram aos gritos.

— Vocês conseguiram ! — berrou Hugh.

Olive fez um a dancinha e cantarolou:

— A Ave, a Ave, a Ave! Em m a e Jacob salvaram a Ave!

Mas a celebração foi curta. A ausência da srta. Avocet foi logo percebida, assim com o a condição alarm ante de Millard. Seu torniquete estava apertado, m as ele perdera m uito sangue e estava fraco. Enoch lhe deu seu casaco, Fiona, seu chapéu de lã.

— Vam os levar você para ver o m édico na cidade — disse Em m a a ele.

— Bobagem — retrucou Millard. — O hom em nunca botou os olhos num garoto invisível e não saberia o que fazer se visse um . Ou ia esterilizar o m em bro errado ou sairia correndo aos gritos.

— Não im porta que ele saia correndo aos gritos — disse ela. — Depois que a fenda de tem po for reiniciada, ele não vai se lem brar de nada.

— Olhem ao redor de vocês. A fenda devia ter sido reiniciada há um a hora.

Millard tinha razão. O céu estava calm o, a batalha havia term inado, m as colunas de fum aça de bom bas subiam e se m isturavam com as nuvens.

— Isso não é nada bom — Enoch disse, e todos ficaram em silêncio.

— De qualquer form a — prosseguiu Millard —, todo o m aterial de que preciso está em casa. Apenas m e deem um pouco de láudano e lim pem a ferida com álcool. Só acertou a carne do m eu braço. Em três dias estarei bem de novo.

— Mas ele ainda está sangrando — disse Bronwy n, apontando gotas verm elhas que pontilhavam a areia em baixo de Millard.

— Então aperte m ais esse m aldito torniquete!

Foi o que ela fez, e Millard engasgou de um j eito que fez todo m undo se encolher de m edo, depois desm aiou nos braços dela.

— Ele está bem? — perguntou Claire.

— Só desmaiou, mas nada — disse Enoch. — Ele não está tão bem quanto quer parecer.

— O que devem os fazer?

— Pergunte à senhorita Peregrine! — disse Olive.

— Isso. Ponham-na no chão para que ela possa se transformar — disse Enoch. — Ela não pode dizer para a gente o que fazer enquanto é um a ave.

Então Bronwynd colocou num a faixa seca de areia e nós nos afastamos e esperamos. A sra. Peregrine pulou para cima e para baixo algumas vezes e bateu a asa boa, depois girou a cabeça em pluma e piscou para nós. Mas foi tudo. Ela continuou um a ave.

— Talvez ela queira um pouco de privacidade — sugeriu Emma. — Vamos todos virar de costas.

Foi o que fizeram, formando um círculo ao redor dela com todos olhando para o outro lado.

— Agora está em segurança senhorita Peregrine. — disse Olive. —

Ninguém está olhando!

Depois de um minuto, Hugh deu uma espiada e disse:

— Nada, ainda é um a ave.

— Talvez ela esteja cansada e com frio demais — sugeriu Claire, e, com a maioria concordou que isso parecia plausível, o grupo decidiu voltar para casa, cuidar de Millard com os remédios que tivessem e torcer para que, com algum tempo de repouso, a diretora e sua fenda de tempo voltassem ao normal.

CAPÍTULO ONZE

*M*archamos pela trilha íngreme e descemos a encosta do outro lado da colina com o um a com panhia de veteranos de guerra exaustos, em fila indiana e com a cabeça baixa. Bronwy n carregava Millard nos braços e a srta. Peregrine se acomodara na coroa que lembrava um ninho nos cabelos de Fiona. A paisagem estava m arcada por crateras fumegantes e terra revirada espalhada por todo lado, com o se um cachorro gigante tivesse passado por ali e cavado loucamente.

Todos nós nos perguntávam os o que nos aguardava na casa, m as ninguém ousava falar nada.

Tivem os nossa resposta antes m esm o de sair da floresta. Enoch chutou algo e se abaixou para ver o que era: um tijolo m eio chamuscado.

O pânico foi imediato, e as crianças saíram correndo pela trilha. Quando chegaram ao jardim, seus piores temores se confirmaram: a bomba não tinha parado sobre o dedo de Adam com o costume de fazer. Ela continuou a cair, cortou-o ao meio e explodiu. Um dos cantos da parte de trás da casa estava reduzido a ruínas, um a pilha fumegante de destroços. Pequenos focos de incêndio queimavam na casca chamuscada que restara de dois quartos. Onde ficava Adam, havia um a grosseira cratera profunda o bastante para enterrar um a pessoa de pé em seu interior. Agora era fácil visualizar em que esse lugar ia se transformar um dia: a paisagem decrépita que eu descobrira algumas semanas antes. A casa do pesadelo.

A srta. Peregrine saltou dos cabelos de Fiona e com eçou a correr sem rumo pela grama queimada, piando e gritando alarmada.

— Diretora, o que foi? — disse Olive. — Por que a transformação não aconteceu?

A srta. Peregrine só conseguia piar em resposta. Ela parecia tão perdida e assustada quanto o resto de nós.

— Por favor, volte ao que era antes! — imorreu Claire, ajoelhando-se diante dela. — Por favor, ajude-nos!

A srta. Peregrine agitou as asas, pulou e pareceu estar fazendo esforço, m as ainda permanecia um a ave. As crianças se reuniram ao seu redor,

preocupadas.

— Tem algum a coisa errada — disse Em m a. — Se ela pudesse virar hum ana, j á teria feito isso a essa hora.

— Talvez sej a essa a razão da falha na fenda de tem po — sugeriu Enoch.

— Lem bram daquela história antiga sobre a senhorita Kestrel, [3](#) de quando andava de bicicleta e foi atropelada? Ela bateu com a cabeça e perm aneceu na form a de ave por um a sem ana inteira. Foi quando a fenda de tem po dela falhou.

— O que isso tem a ver com a senhorita Peregrine?

Enoch deu um suspiro.

— Talvez ela tenha só m achucado a cabeça e tem os apenas que esperar um a sem ana até ela recuperar os sentidos.

— Um cam inhão correndo é um a coisa — disse Em m a. — Sofrer na m ão de acólitos é com pletam ente diferente. Não tem os com o saber o que o filho da m ãe fez com a senhorita Peregrine antes que a gente chegasse lá.

— Acólitos? No plural?

— Foram acólitos que levaram a senhorita Avocet — disse eu.

— Com o sabe disso? — perguntou Enoch.

— Eles estavam trabalhando com Golan, não estavam ? Eu vi os olhos de um que atirou em nós. Não há dúvida.

— Ela j á era — disse Hugh. — Com certeza vão m atá-la.

— Talvez não — retruquei. — Pelo m enos não im ediatam ente.

— Se tem um a coisa que eu sei sobre acólitos — disse Enoch —, é que eles m atam peculiares. É a natureza deles. É o que fazem .

— Não, Jacob tem razão — disse Em m a. — Antes de m orrer, o acólito nos contou por que estavam sequestrando tantas *yrbrynes*. Eles vão obrigá-las a recriar a reação que originalmente criou os etéreos, só que m aior. Muito m aior.

Todos ficaram em silêncio quando com preenderam o que aquilo significava. Alguém com eçou a chorar. Olhei ao redor à procura da srt.

Peregrine e a vi em poleirada, triste e desam parada, à beira da cratera de Adam .

— Precisam os detê-los — disse Hugh. — Tem os de descobrir para onde estão levando as *yrbrynes*.

— Com o? — perguntou Enoch. — Seguindo um subm arino?

Alguém atrás de m im pigarreou com força para cham ar atenção e nos viram os para ver Horace sentado no chão de pernas cruzadas.

— Eu sei para onde eles estão indo — disse em voz baixa.

— Com o assim , você sabe?

— Não interessa com o ele sabe, ele *sabe* — disse Em m a. — Para onde a estão levando, Horace?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sei o nom e — respondeu ele —, m as eu j á vi o lugar.

— Então faça um desenho — falei.

Ele pensou por um instante, levantou-se e parou. Com o aspecto de um pastor pobre naquele terno preto em farrapos, ele se arrastou até um a pilha de cinzas que caíra do buraco na casa e se abaixou para apanhar um punhado de fuligem . Então, sob a suave luz da lua, com eçou a pintar sobre um a parede destruída, com largas pinceladas de cinza.

Nós nos juntam os em volta dele para ver. Ele fez um a fileira de listras encimadas por espirais estreitas, com o cercas de aram e farpado. De um lado, havia a m ancha de um a floresta escura. Havia neve no chão desenhado em negro. E era tudo.

Quando ele terminou, afastou-se e sentou na grama dura com uma expressão vazia e distante nos olhos. Em seguida o segurou gentilmente pelo ombro e disse:

— Horace, o que mais você sabe sobre esse lugar?

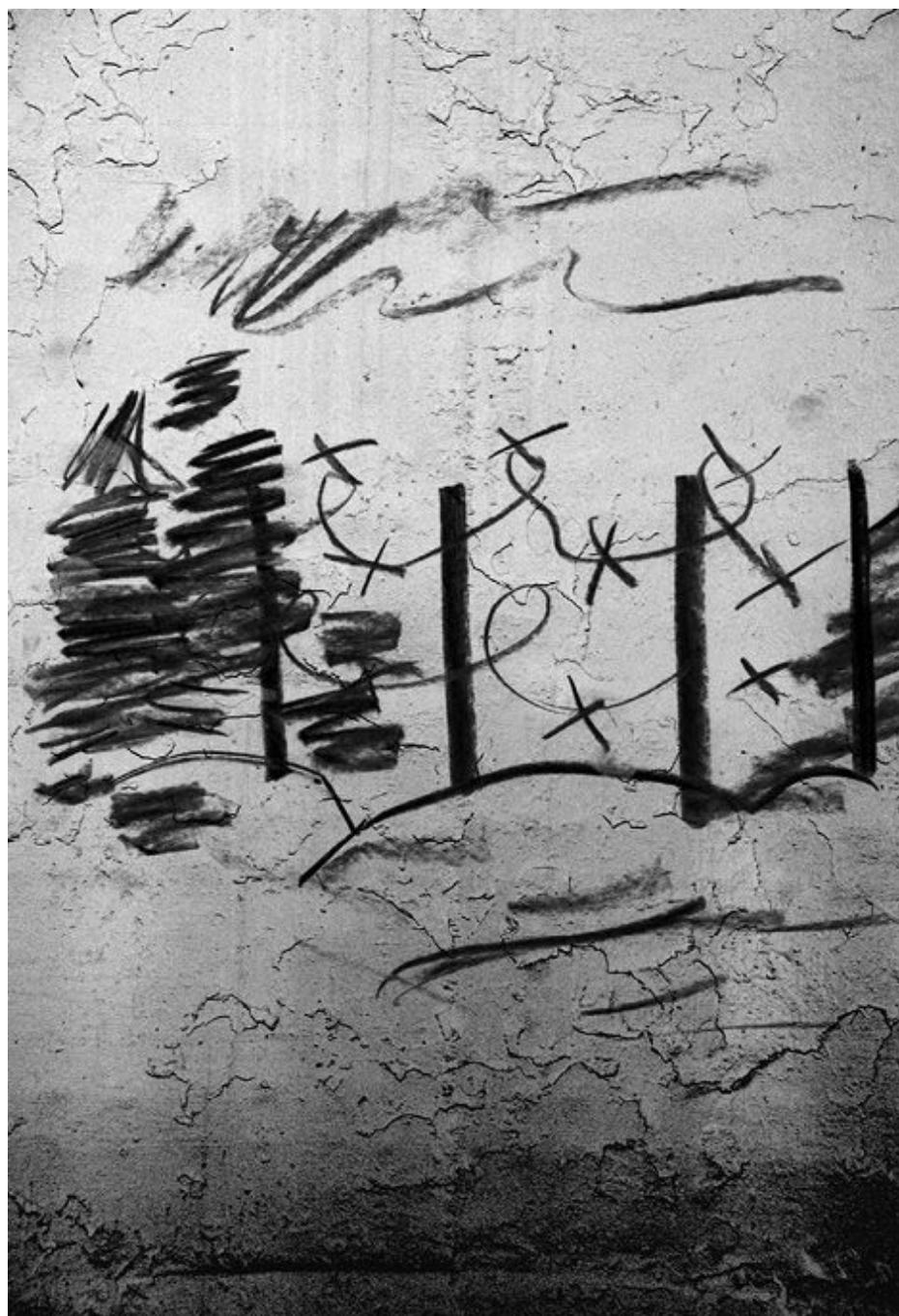
— É um lugar frio.

Bronwy n se aproximou para estudar os traços feitos por Horace. Ela segurava Olive nos braços, e a cabeça da garotinha descansava de modo terno em seu ombro.

— Para mim parece um a prisão — disse Bronwy n.

Olive levantou a cabeça.

3 Espécie de gavião. (N. T.)



— E então? — disse com sua vozinha de criança. — Quando partirem os?

— Para onde? — disse Enoch, jogando os braços para cima. — Isso não passa de um monte de rabiscos!

— É em *algum lugar* — disse Emma, virando-se para encará-lo.

— Não podem os sim plesm ente ir a um lugar onde tenha neve e procurar um a prisão.

— E tam bém não podem os ficar aqui.

— Por que não?

— Olhe para o estado deste lugar. Olhe para a diretora. Passam os um a época m uito boa aqui, m as acabou.

Enoch e Em m a ficaram indecisos por um tem po. As pessoas tom aram partido. Enoch argum entava que estavam havia tem po dem ais fora do m undo, que seriam m ortas na guerra ou apanhadas por acólitos, e que era m elhor arriscar a sorte ali m esm o, onde pelo m enos conheciam o território. Os outros insistiam que a guerra e os etéreos tinham vindo atrás *deles* agora , e que não havia opção: os acólitos e os etéreos iam voltar atrás da srta. Peregrine, em núm ero m uito m aior. E havia a própria srta. Peregrine para ser levada em conta.

— Vam os encontrar outra *ymbryne* — sugeriu Em m a. — Se alguém pode saber com o aj udar a diretora, é um a de suas am igas.

— Mas e se todas as outras fendas tiverem sido fechadas tam bém ? — disse Hugh. — E se todas as *ymbrynes* j á tiverem sido sequestradas?

— A gente não pode pensar assim . Deve ter sobrado *alguma*.

— Em m a tem razão — disse Millard, deitado no chão com um pedaço arrancado da parede da casa com o travesseiro. — Se a alternativa é ficar sentado e só torcer para que não apareçam m ais etéreos e a diretora m elhore, eu digo que não tem os alternativa.

Os dissidentes finalm ente ficaram constrangidos e concordaram . A casa seria abandonada. Íam os em pacotar nossos pertences. Precisariam os requisitar alguns barcos na baía para nos transportar e de m anhã todos partiriam .

Perguntei a Em m a com o eles iam se orientar. Afinal, nenhum a das crianças tinha saído da ilha em quase oitenta anos, e a srta. Peregrine não

podia falar, nem m esm o voar.

— Existe um m apa — ela m e contou, e virou a cabeça devagar para olhar a casa fum egante. — Quero dizer, se não foi queim ado.

Eu m e ofereci para aj udá-la a encontrá-lo. Enrolam os roupas m olhadas sobre o rosto e nos aventuram os no interior da casa, entrando pela parede dem olida. As j anelas estavam estilhaçadas, o ar cheio de fum aç, m as com a luz brilhante da cham a na m ão de Em m a conseguim os chegar à biblioteca. Todas as prateleiras tinham caído um as sobre as outras com o dom inós, m as nós as em purram os para o lado e procuram os entre os livros espalhados pelo chão, bem agachados para evitar o pior da fum aç. Tivem os m uita sorte. Foi fácil achar o livro. Era o m aior da biblioteca. Em m a soltou um grito de alegria e o ergueu no ar.

Na saída, encontram os álcool, láudano e ataduras apropriadas para Millard.

Assim que acabam os de lim par e fazer um curativo no ferim ento, sentam os para examinar o livro. Era m ais um atlas do que um m apa, encadernado em couro forrado e tingido de vinho-escuro, cada página cuidadosam ente ilustrada à m ão sobre o que parecia pergaminho. Era m uito bonito e m uito antigo, e grande o suficiente para cobrir as pernas de Em m a.

— Cham a-se o Mapa dos Dias — disse Em m a. — Ele m ostra todas as fendas cuj a existênciá é conhecida.

A página à nossa frente parecia ser um m apa da Turquia, apesar de não haver a indicação de estradas nem fronteiras desenhadas. Em vez disso, o m apa tinha pequenas espirais espalhadas por ele, que percebi serem a localização das fendas de tempo. No centro de cada um a havia um símbolo único que correspondia a um a legenda no pé da página, onde os símbolos reapareciam ao lado de um a lista de números separados por travessões. Apontei para um onde se lia 29-3-316/?-?-399 e disse:

— O que é isso, algum tipo de código?

Em m a passou o dedo sobre o local da fenda.

— Esta fenda era o dia 29 de março do ano 316 d.C. — explicou. — Ela existiu até algum momento no ano 399, apesar de a data certa ser desconhecida.

— O que aconteceu em 399?

Ela deu de mortos.

— Não diz.

Estiquei o braço por cima do livro e virei a página. Era um mapa da Grécia, ainda mais cheio de espirais e números.

— Mas qual o sentido de registrar todas elas? — perguntei. — Com os vocês poderiam chegar a essas fendas antigas?

— Saltando entre as fendas — respondeu Millard. — É uma coisa muito difícil e perigosa de se fazer, mas, quando saltam os de uma fenda para outra, para um dia há cinquenta anos, por exemplo, você vê que tem acesso a todas as fendas extintas nos últimos cinquenta anos, se tiver os meios necessários para fazê-lo. Dentro delas, há outras fendas, e isso segue se multiplicando.

— Isso é viajar no tempo — disse eu, assombrado. — Viajar no tempo *de verdade*.

— Acho que é, sim.

— Então esse lugar... — disse eu, apontando para a pintura feita por Horace com cinzas na parede. — Não basta descobrir *onde* fica, mas também temos de saber *quando*?

— Infelizmente, sim, e se a senhorita Avocet está mesmo nas mãos dos acólitos, que são conhecidos praticantes do salto entre fendas, então é extremamente provável que o lugar para onde ela e as outras *ympynes* foram levadas seja em algum ponto do passado. Assim seria muito mais difícil encontrar nossos amigos, e ainda mais perigoso chegar lá. A localização dessas fendas históricas é bem conhecida deles, que costumam ficar à espreita perto da entrada delas.

— Ora, ainda bem então que vou com vocês — disse eu.

Em m a virou-se e olhou para m im .

— Isso é m aravilhoso! — ela exclam ou, e m e abraçou. — Tem certeza?

Disse a ela que sim . Mesm o cansadas com o estavam , as crianças assobiaram e aplaudiram . Algum as vieram m e abraçar. Até Enoch apertou m inha m ão. Mas, quando olhei outra vez para Em m a, seu sorriso tinha sum ido.

— Qual o problem a? — perguntei.

Ela m udou de posição, incom odada.

— Há algo que deve saber — disse ela —, e tem o que isso o fará desistir de ir consoco.

— Não fará — assegurei.

— Quando sairm os daqui, essa fenda vai se fechar atrás de nós. É possível que você nunca m ais consiga voltar à época de onde veio, pelo m enos não com facilidade.

— Não tem nada que m e prenda lá — respondi rápido. — Mesm o que eu pudesse voltar, não estou certo de se gostaria.

— Você diz isso agora. Preciso que estej a bem seguro disso.

Assenti e m e levantei.

— Aonde você vai? — ela perguntou.

— Dar um a cam inhada.

Não fui longe, só fiz a volta no perímetro do jardim bem cuidado, a passos arrastados e lentos, observando o céu, que agora estava lim po, com um bilhão de estrelas espalhadas por toda a sua vastidão. As estrelas tam bém eram viaj antes do tem po. Quantos daqueles pontos de luz antigos eram ecos

de sóis atualm ente m ortos? Quantas tinham nascido, m as sua luz ainda não chegara tão longe? Se todos os sóis m enos o nosso fossem destruídos hoje, quantas gerações se passariam até que percebessem os estar sozinhos? Sem pre soube que o céu era cheio de m istérios, m as só naquela noite eu m e dei conta da quantidade deles que havia na Terra tam bém .

Cheguei ao ponto onde a trilha saía da floresta. Em um a direção ficava m inha casa e tudo o que eu conhecia, sem m istérios, com um e relativam ente seguro.

Só que *não era assim*. Não totalm ente, não m ais. Os m onstros m ataram vovô Portm an e tinham vindo atrás de m im . Cedo ou tarde, iam voltar. Será que um dia eu ia chegar em casa para encontrar m eu pai sangrando até a m orte no chão? Minha m ãe?

Na outra direção, enquanto isso, as crianças se reuniam em pequenos grupos, tram ando e fazendo planos para o futuro, pela prim eira vez que qualquer um a delas pudesse se lem brar.

Voltei até onde estava Em m a, ainda debruçada sobre o livro. A srtta.

Peregrine estava pousada ao lado dela, indicando com o bico diferentes pontos no m apa. Em m a ergueu os olhos quando m e aproxim ei.

Disse a ela que tinha certeza e ela abriu um sorriso.

— Estou contente.

— Só tenho de fazer um a coisa antes de ir.

Cheguei de volta à cidade pouco antes do am anhecer. A chuva tinha finalm ente dim inuído e o início de um dia de céu azul anunciava-se no horizonte.

A trilha principal parecia um braço com as veias arrancadas, com valas com pridas onde a enxurrada lavara o cascalho.

Atravessei o bar vazio e subi até nossos quartos. As persianas estavam abaixadas e a porta de m eu pai, fechada, o que era um alívio, porque eu ainda não tinha ideia de com o contar o que precisava contar para ele em voz alta. Em vez disso, sentei-m e com bloco e caneta e lhe escrevi um a carta.

Tentei explicar tudo. Escrevi sobre as crianças peculiares e os etéreos, e com o todas as histórias do vovô Portm an tinham se revelado ser verdadeiras.

Contei a ele o que tinha acontecido com a srt. Peregrine e a srt. Avocet e tentei fazê-lo entender por que eu tinha de ir. Im plorei que não se preocupasse.

Então parei, reli o que tinha escrito, am assei o papel e o j oguei no lixo. Ele nunca acreditaria. Ia achar que eu tinha enlouquecido de vez com o o vovô, ou que eu tinha fugido ou sido sequestrado, ou pulado de algum penhasco. De qualquer j eito, eu estava prestes a acabar com a vida dele.

— Jacob?

Eu m e virei na cadeira. Meu pai estava apoiado no batente da porta de seu quarto, com olhos baços, os cabelos despenteados após o sono, vestido com *jeans* e um a camisa suja de lama.

— Oi, pai.

— Vou fazer a você um a pergunta sim ples e direta, e gostaria de um a resposta sim ples e direta. Onde você esteve a noite passada?

Eu podia ver que ele estava se esforçando para m anter a com postura.

Resolvi que não ia m ais m entir.

— Com m eus am igos — respondi.

Foi com o se eu tivesse puxado o pino de um a granada.

— SEUS AMIGOS SÃO IMAGINÁRIOS! — gritou ele. Veio em m inha direção, o rosto se encolerizando. — Queria que sua m ãe e eu nunca tivéssem os nos deixado convencer por aquele terapeuta m aluco a trazer

você aqui, porque isso tem sido um com pleto *desastre*! Você m entiu para m im pela últim a vez!

Agora vá para o seu quarto e com ece a fazer as m alas. Vam os em bora na prim eira barca!

— Pai?

— E quando chegarm os você só vai sair de casa quando acharm os um psiquiatra que não sej a um *imbecil* com pleto!

— Pai!

Por um instante pensei que talvez tivesse de fugir dele correndo. Visualizei m eu pai m e segurando no chão e gritando por aj uda, e, em seguida, m e enfiando na barca preso num a cam isa de força.

— Eu não vou com você.

Ele apertou os olhos e inclinou a cabeça, com o se não tivesse ouvido direito.

Eu ia com eçar a repetir quando alguém bateu à porta.

— Vá em bora! — gritou m eu pai.

Ouvim os outra batida, dessa vez m ais insistente. Ele correu até lá e a abriu, e ali, no alto das escadas, estava Em m a, com um a pequena bola de cham a azul

dançando acim a da m ão, e Olive.

— Olá — disse Olive. — Viem os aqui falar com Jacob.

Ele ficou atônito, olhando fixam ente para as duas.

— O que é isso...

As garotas passaram por ele e entraram .

— O que vocês estão *fazendo* aqui? — chiei com elas.

— Só queríam os nos apresentar — respondeu Em m a, abrindo um largo sorriso para m eu pai. — Nós conhecem os seu filho e tem os nos visto m uito ultim am ente, por isso acham os que seria apropriado fazer um a visita am igável.

— Tudo bem — disse m eu pai, seu olhar m ovendo-se sem parar entre as duas.

— Ele é m esm o um rapaz e tanto — disse Olive. — Tão coraj oso!

— E bonito! — acrescentou Em m a, piscando para m im . Ela com eçou a girar a cham a entre as m ãos com o se fosse um brinquedo. Meu pai não conseguia desviar os olhos, hipnotizado.

— É, s-sim . Ele é m esm o — balbuciou.

— Im porta-se que eu tire os sapatos? — perguntou Olive, e sem esperar pela resposta ela os tirou e logo flutuou até o teto, onde se sentou de cabeça para baixo e ficou olhando para a gente. — Obrigada. Assim é m uito m ais confortável.

— Essas são m inhas am igas, pai, de quem eu estava falando. Esta é Em m a e essa no teto é Olive.

Ele cam baleou para trás.

— Ainda estou dorm indo — disse de m odo vago. — Estou tão cansado...

Um a cadeira saiu do chão e flutuou até ele, seguida por um a atadura am arrada com habilidade que oscilava no ar.

— Não quer se sentar? — disse Millard.

— Está bem — respondeu m eu pai, e sentou.

— O que veio fazer aqui? — m urm urei para Millard. — Você não devia estar descansando?

— Eu estava por perto. — Ele me mostrou um vidro de comprimidos de aparência moderna. — Tenho de reconhecer que fazem pílulas maravilhosas contra a dor no futuro!

— Pai, este é Millard. Você não pode vê-lo porque ele é invisível.

— É um prazer conhecê-lo.

— O prazer é meu — disse Millard.

Fui até meu pai e me ajoelhei ao lado de sua cadeira. A cabeça dele balançava levemente.

— Eu vou embora, pai. Você pode ficar um bom tempo sem me ver.

— Ah é? Para onde você vai?

— Viajar.

— Um a viagem — ele repetiu. — Quando vai voltar?

— Não sei, na verdade.

Ele balançou a cabeça.

— Exatamente com o seu avô. — Millard colocou água da torneira em um copo e trouxe para ele. Meu pai estendeu a mão e o pegou, com os copos flutuantes não fossem nada incomuns. Acho que ele realmente pensou que estivesse sonhando.

— Bem, boa-noite. — disse ele, e se levantou, apoiando-se na cadeira, voltando caminhante para o quarto. Parou na porta, virando-se para mim e encarar.

— Jake?

— Sim, pai.

— Toma cuidado, está bem?

Assenti. Ele fechou a porta. No momento seguinte eu o ouvi cair na cama.

Eu me sentei e esfreguei o rosto. Não sabia o que sentir.

— Nós ajudaramos? — perguntou Olive, ainda em poleirada no teto.

— Não tenho certeza — respondi —, mas acho que não. Ele vai acordar mais tarde achando que sonhou com todos vocês.

— Você podia escrever uma carta — sugeriu Millard. — Diga o que quiser, ele não será capaz de nos seguir.

— Eu cheguei a escrever uma carta, mas isso não é prova.

— Ah, sim — retrucou ele —, entendo seu problema.

— Um belo problema para se ter — disse Olive. — Eu queria que minha mãe me amasse o bastante para se preocupar quando fui embora de casa.

Emilia levantou o braço e apertou a mão dela, depois disse:

— Talvez eu tenha uma prova.

Ela tirou uma carteira pequena da cinta do vestido, e, de seu interior, uma foto, que entregou a mim. Era um retrato de Emilia e eu avô quando ele ainda era jovem. Toda a atenção dela se concentrava nele, que parecia estar com a cabeça em outro lugar. Era triste e bonito, e parecia resumir o que eu sabia de sua relação.

— Foi tirada pouco antes de Abe partir para a guerra — disse Emilia. —

Seu pai vai me reconhecer nela, não vai?

Sorri para ela.

— Você não parece ter envelhecido nem um dia — disse eu.

— Maravilha! — disse Millard. — Aí está sua prova.

— Sempre a leva com você? — perguntei, devolvendo-a.

— Levo, m as não preciso m ais dela. — Ela foi até a m esa, pegou m inha caneta e com eçou a escrever no verso da foto. — Com o se cham a o seu pai?

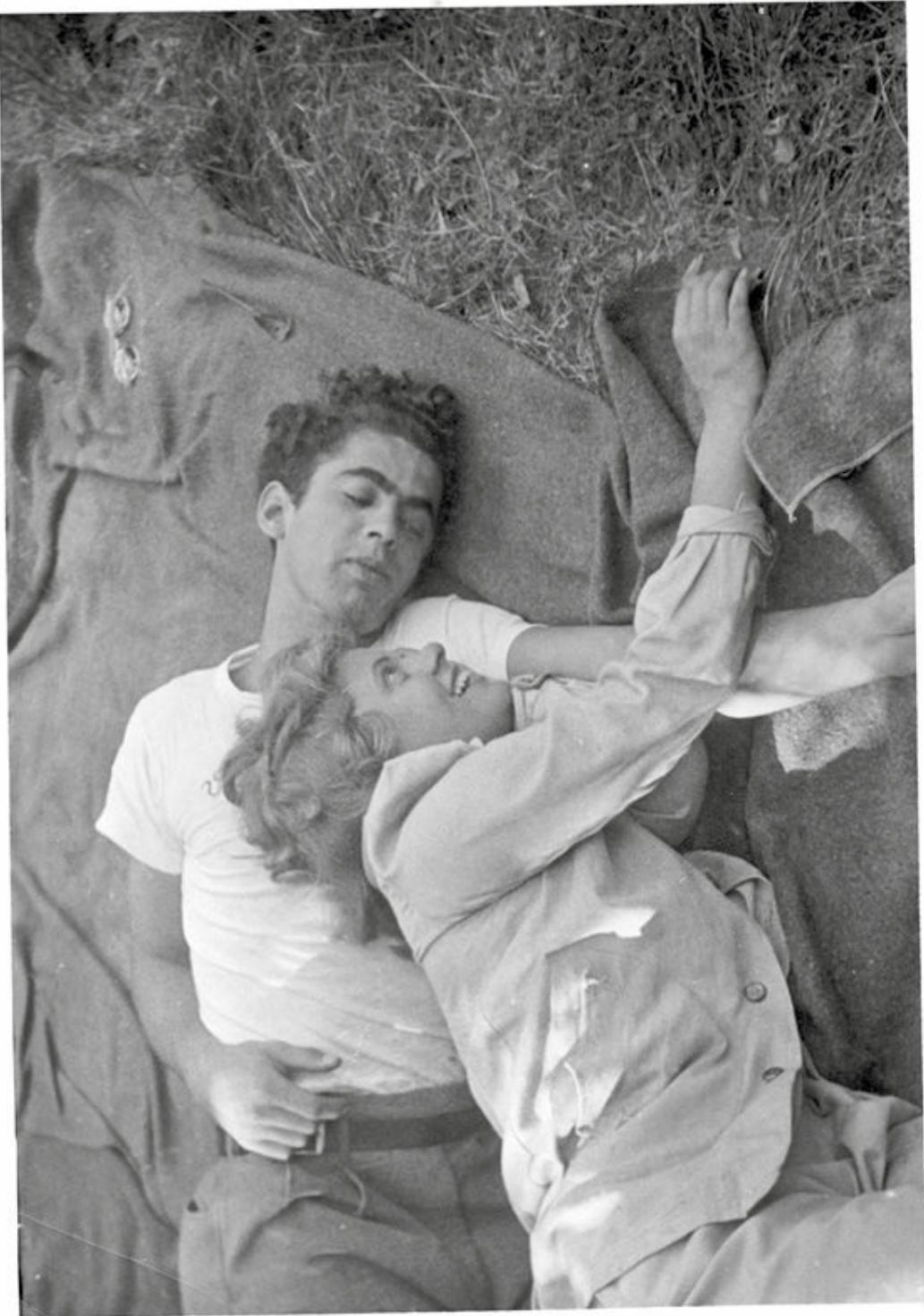
— Franklin.

Quando term inou de escrever, ela m e deu a foto. Olhei nos dois lados, então pesquei m inha carta no lixo, desam assei-a e a deixei sobre a m esa em baixo da fotografia.

— Prontos para partir? — perguntei.

Meus am igos estavam na porta à m inha espera.

— Só depende de você — respondeu Em m a.



Caro Franklin,

Foi um grande prazer conhecê-lo. Esta é uma foto minha com seu pai, tirada quando ele vivia aqui. Espero que seja o suficiente para convencê-lo de que ainda estou entre os vivos e que as histórias de Jacob não são fantasia.

Jacob vai viajar comigo e com meus amigos durante algum tempo. Vamos tomar conta uns dos outros, para garantir que todos tenham a maior segurança possível. Um dia, quando o perigo tiver passado, ele voltará para você. Sou minha palavra.

Muito cordialmente,

Emma Bloom

P.S.: Sabe que você pode ter descoberto uma carta que enviei a seu pai há muitos anos. Não foi algo apropriado, e garanto que tampouco foi solicitada, e ele não a respondeu. Seu pai foi um dos homens mais horrados que eu conheci.

Partim os na direção da colina. No ponto perto do cum e onde eu sem pre parava para olhar para trás e ver a distância j á percorrida, dessa vez não parei.

Acho que estava com m edo de fazê-lo.

Quando chegam os ao *cairn*, Olive deu tapinhas nas pedras com o se fossem um bichinho de estim ação.

— Adeus, velha fenda — disse ela. — Você foi um a fenda m uito boa e vam os sentir m uito sua falta.

Em m a apertou seu om bro, e as duas se agacharam e entraram .

Na últim a câm ara, Em m a aproxim ou sua cham a da parede e m e m ostrou algo que eu não vira antes. Havia um a longa lista de datas e iniciais riscadas na rocha.

— São todas as outras vezes que as pessoas usaram esta fenda — explicou ela. — Todos os outros dias em que a fenda foi aberta.

Olhei com atenção e identifiquei um *P.M. 3-2-1853* e um *J.R.R. 1-4-1797*, além de um quase ilegível *X.J. 1580*. Perto do chão havia alguns sinais que não consegui decifrar.

— Inscrições rúnicas — disse Em m a. — Me disseram que são m uito antigas.

Millard tateou o chão de cascalho até encontrar um a pedra pontuda, e usando outra pedra com o m artelo talhou na pedra sua própria inscrição em baixo das outras. Ela dizia *A.P. 3-9-1940*.

— Quem é A.P.? — perguntou Olive.

— Alm a Peregrine — disse Millard, e em seguida deu um suspiro. — Era ela quem devia estar escrevendo isso, não eu.

Olive passou a m ão pelas m arcas grosseiras.

— Acha que outra *ympbryne* virá aqui um dia criar um a fenda?

— Espero que sim — disse ele. — Espero muito que sim.

Enterram os Victor. Bronwy não levantou a cam a inteira e a levou para fora com Victor ainda nela, e com todas as crianças reunidas no gramado ela puxou os lençóis e o cobriu, com um último beijo de despedida em sua frente. Nós, rapazes, pegamos os cantos da camada com o se carregássemos um caixão e o levamos até a cratera aberta pela bomba, então todos saímos lá de dentro, menos Enoch, que tirou do bolso um homenzinho de barro e o colocou com cuidado sobre o peito do garoto.

— Este é o meu melhor homem enzinho — falou. — Para lhe fazer companhia.

— A figura de barro se sentou e Enoch a empurrou com o polegar para que voltasse a se deitar, e o homem enzinho virou de lado com um braço sob a cabeça, aparentemente pronto para dormir.

Quando a cratera estava cheia, Fiona jogou alguns arbustos e trepadeiras sobre a terra revirada e com elas a fazê-las crescer. Quando o resto de nós tinha terminado de empacotar o que precisariam para a viagem, Adam estava de volta em seu lugar de sempre outra vez, só que agora marcava a sepultura de Victor.

Depois que as crianças se despediram da casa, algumas levando lascas de telhados ou flores do jardim com o lençol branco, cruzaramos a ilha pela última vez.

Passamos pela floresta queimada e ainda fumegante e pela charneca plana marcada por buracos de bomba, subimos a colina, descemos do outro lado e atravessamos o vilarejo imponente pregado de fumaça de turfa, onde os moradores descansavam nas varandas e soleiras, tão cansados e atordoados com o choque que mal pareciam notar o pequeno desfile de crianças de aspecto peculiar que passava.

Estávam os em silêncio, m as anim ados. As crianças não tinham dormido, m as não dava para perceber só de olhar para elas. Era 4 de setem bro, e pela prim eira vez em m uito tem po os dias estavam avançando de novo. Alguns disseram sentir a diferença; o ar em seus pulm ões m ais pleno, o fluxo de sangue nas veias m ais rápido. Eles se sentiam m ais vivos, m ais reais.

E eu tam bém .

Eu costum ava sonhar em fugir da m inha vida com um , m as m inha vida nunca havia sido com um . Sim plesmente não conseguira notar com o ela era extraordinária. Da m esm a forma, nunca im aginei que m inha casa poderia ser algo de que eu sentisse falta, m as, quando estavam os carregando nossos barcos ao am anhecer, à beira de um grande abismo de Antes e Depois, pensei em tudo o que estava prestes a deixar para trás: m eus pais, m inha cidade, m eu antigo, m elhor e único am igo. E percebi que partir não seria com o eu havia im aginado, com o m e livrar de um fardo. A lem brança deles era algo tangível e pesado, e eu a levaria sem pre com igo.

Mas era im possível voltar para m inha antiga vida da m esm a forma que para a casa bom bardeada dos garotos. A porta de nossas gaiolas havia explodido.

Agora estavam os j untos naquele abismo.

Dez crianças peculiares e um a ave peculiar conseguiram se arrumar em apenas três grandes barcos a rem o, deixando m uita coisa para trás no cais.

Quando term inam os, Em m a sugeriu que um de nós dissesse algo, que fizesse um discurso para m arcar a j ornada que tinham os pela frente, m as, quando ninguém pareceu pronto para essas palavras, Enoch levantou a gaiola da srta. Peregrine, e ela em itiu um piado alto e agudo. Respondem os com nossos próprios gritos, um brado de vitória e, ao m esm o tem po, um lam ento, por tudo o que fora perdido e que ainda seria ganho.

Hugh e eu rem am os no prim eiro barco. Enoch nos observava sentado na proa, pronto para quando chegasse sua vez, enquanto Em m a, com um chapéu,

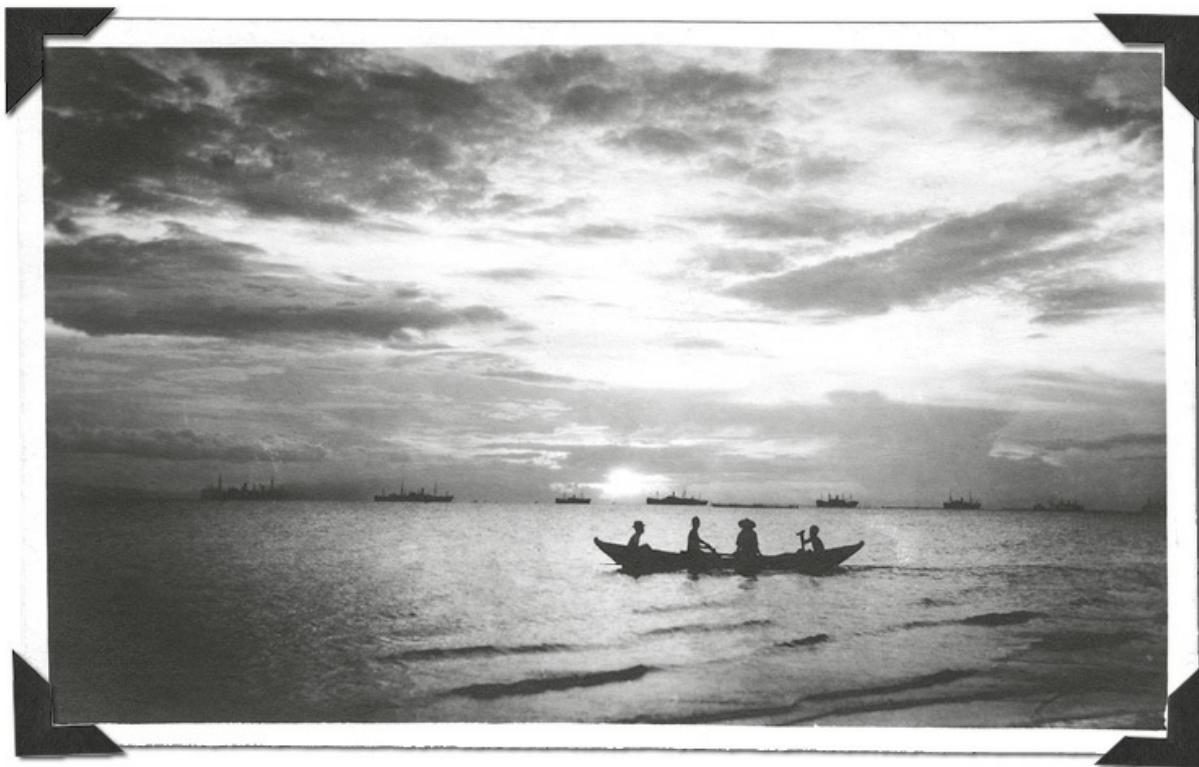
estudava a ilha que se afastava, com o Mapa dos Dias pronto no colo. O mar era um a ondulante lâmina de vidro verde que se estendia sem fim à nossa frente. O

dia estava quente, mas soprava uma brisa fresca vindas da água, e eu poderia ter dormido por horas alegremente. Não entendia como aquela calma sagrada podia existir em um mundo em guerra.

No outro barco vi Bronwynd acenar e levar a câmera da sra. Peregrine aos olhos. Sorri para ela. Não tinham os trazido nenhum dos velhos álbuns de retratos; talvez essa fosse a primeira foto para um novo. Era estranho pensar que um dia eu talvez tivesse minha própria pilha de fotos amareladas para mostrar a crianças céticas, e minhas próprias histórias fantásticas também.

Então Bronwynd baixou a câmera e levantou o braço, apontando para algo à nossa frente. Eu me virei e vi uma procissão silenciosa de navios de guerra pontilhando o horizonte, negros e fúnebres contra o sol nascente.

Com eça de remos mais rápido.



Todas as imagens deste livro são fotografias antigas autênticas e, com a exceção de algumas que passaram por leve tratamento, não foram alteradas.

Elas foram emprestadas de arquivos pessoais de dez colecionadores, pessoas que passaram anos e horas incontáveis revirando caixas gigantes de retratos de todos os tipos em brechós, feiras de antiguidade e vendas de garagem para encontrar umas poucas fotos transcendentais, resgatando imagens de significado histórico e extraíndo beleza da obscuridade — e, muitas vezes, provavelmente, do lixo. Sua obra é um trabalho de amor sem *glamour*, e acho que eles são heróis anônimos do mundo da fotografia.

PÁGINA TÍTULO

DA

COLEÇÃO

DE

14

O menino

Robert

invisível

Jackson

15

A garota que

Yefim

levita

Tovbis

16

Menino

Robert

erguendo

Jackson

rocha

17

A cabeça

Robert

pintada

Jackson

23

Abe

Robert

cochilando

Jackson

45

A menina na

Robert

garrafa

Jackson

46

O bebê

Peter

flutuante

Cohen

47

O menino com Robert

cara de

Jackson

cachorro

48

A

Robert

contorcionista Jackson

49

As bailarinas

Robert

mascaradas

Jackson

58

Silhueta da

Robert

srita.

Jackson

Peregrine

84

Menino

Robert

fantasiado de

Jackson

coelho

108

Meninas na

Arquivo

praia

Thanatos

109

O reflexo no

Peter

lago

Cohen

110

Um menino e

Robert

sus abelhas

Jackson

111

Bailarinas

Robert

comendo

Jackson

114

Emma no

Muriel

escuro

Moutet

117

O túnel do

Martin

cairn

Isaac

129

Caças

Robert

Jackson

138

Srta.

do autor

Peregrine

150

Srta. Finch

Roselyn

Leibowitz

151

Srta. Avocet e Julia

susas crianças

Lauren

152

A fenda de

Roselyn

tempo da srta. Leibowitz

Finch

157

Os cachinhos

David

dourados de

Bass

Claire

161

Nossa bela

Robert

exibição

Jackson

175

Bronwyn

Robert

Bruntley

Jackson

177

Menina com

John Van

galinha

Noate

179

Jill e o pé de

Robert

feijão

Jackson

182

Um seguidor

Robert

da moda

Jackson

198

Srta. Nightjar

do autor

pega todos os

casos difíceis

202

Os bonecos

David

de Enoch

Bass

206

Victor

Robert

Jackson

212

Meu estouro

Peter

Cohen

213

Descascando

Robert

batatas

Jackson

214

A silhueta de

Robert

Emma

Jackson

216

É por causa

Robert

disso

Jackson

239

Uma viagem

do autor

de caça

246

Papai Noel de do autor

loja de

departamentos

247

Dentista

Arquivo

vitoriano

Thanatos

248

Marcie e o

Robert

acólito

Jackson

276

A visão

Peter

Cohen

291

Gli, gli, gli

Roselyn

Leibowitz

328

Abe e Emma

Robert

Jackson

333

Nós remamos

Robert

mais rápido

Jackson

Índice

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

Document Outline

- [Ficha Técnica](#)
- [PRÓLOGO](#)
- [CAPÍTULO UM](#)
- [CAPÍTULO DOIS](#)
- [CAPÍTULO TRÊS](#)
- [CAPÍTULO QUATRO](#)
- [CAPÍTULO CINCO](#)
- [CAPÍTULO SEIS](#)
- [CAPÍTULO SETE](#)
- [CAPÍTULO OITO](#)
- [CAPÍTULO NOVE](#)
- [CAPÍTULO DEZ](#)
- [CAPÍTULO ONZE](#)